

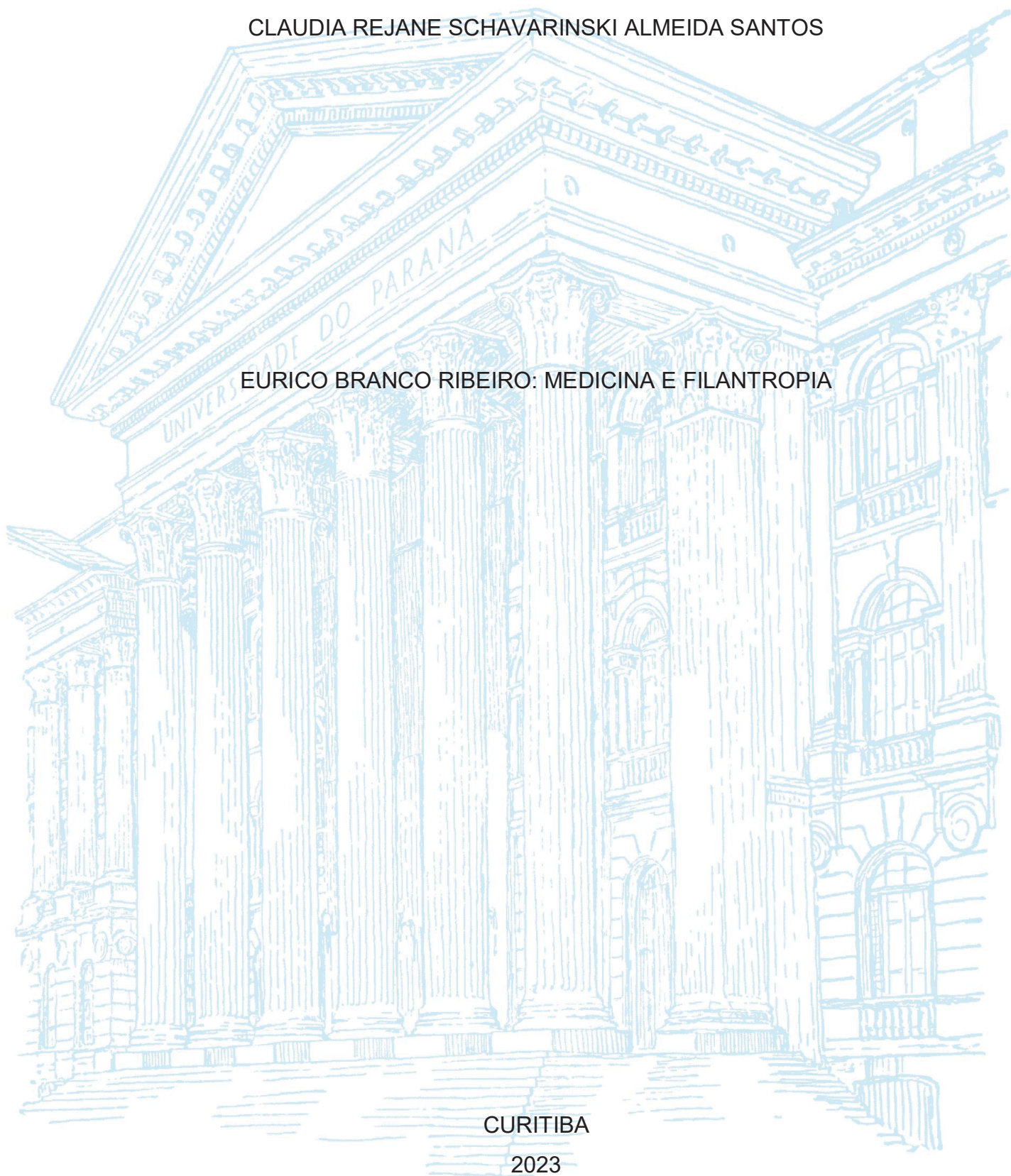
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLAUDIA REJANE SCHAVARINSKI ALMEIDA SANTOS

EURICO BRANCO RIBEIRO: MEDICINA E FILANTROPIA

CURITIBA

2023



CLAUDIA REJANE SCHAVARINSKI ALMEIDA SANTOS

EURICO BRANCO RIBEIRO: MEDICINA E FILANTROPIA

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Santos, Claudia Rejane Schavarinski Almeida
Eurico Branco Ribeiro : medicina e filantropia. / Claudia Rejane
Schavarinski Almeida Santos. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia.

1. Ribeiro, Eurico Branco, 1902-1978. 2. Humanitarismo.
3. Medicina - História - Paraná. 4. Modernidade – Aspectos sociais.
I. Rasia, José Miguel, 1949-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CLAUDIA REJANE SCHAVARINSKI ALMEIDA SANTOS** intitulada: **EURICO BRANCO RIBEIRO: MEDICINA E FILANTROPIA**, sob orientação do Prof. Dr. **JOSÉ MIGUEL RASIA**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa. A Banca examinadora recomenda a sua publicação
A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Julho de 2023.


JOSE MIGUEL RASIA

Presidente da Banca Examinadora



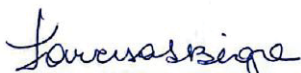
LEIDE DA CONCEIÇÃO SANCHES

Avaliador Externo (FACULDADES PEQUENO PRÍNCIPE)



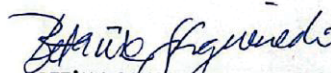
RICARDO COSTA DE OLIVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



MARIA TARCISA SILVA BEGA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



BETÂNIA GONÇALVES FIGUEIREDO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)

Dedico esta tese a David, Tamiris, Valentina e Helena por seu amor, encorajamento e compreensão. Obrigado por me apoiarem incondicionalmente em cada etapa da minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Esta tese representa a maior e mais desafiadora empreitada da minha vida acadêmica até o momento. A conclusão deste trabalho só foi possível graças ao apoio inestimável de diversas pessoas, às quais manifesto agora meus agradecimentos.

Ao Prof. José Miguel Rasia, estimado orientador, que desempenhou um papel fundamental nos desafios enfrentados, principalmente no período de isolamento devido à pandemia de Covid- 19. Nos quatro anos de pesquisa, mantivemos uma linha de comunicação aberta, que resultou em suporte acadêmico e emocional, espaço para discutir preocupações, dúvidas e ansiedades relacionadas à pesquisa e no estabelecimento de metas realistas. Minha mais profunda admiração.

Ao grupo de Pesquisa Sociologia da Saúde, meu sincero agradecimento pelo apoio inestimável durante a escrita da tese. Através das discussões e debates enriquecedores realizados em nossas reuniões, pude aprofundar meu entendimento sobre o campo da Sociologia da Saúde e fortalecer minha pesquisa.

Aos colegas de comissão, do XII Seminário Nacional de Sociologia&Política, quero expressar minha gratidão pela amizade e companheirismo que estabelecemos ao longo do processo de organização do seminário. Além de colegas de pesquisa, vocês se tornaram parte da minha rede de apoio e enriqueceram minha vida acadêmica e pessoal. Sinto-me honrada e privilegiada por ter feito parte desse grupo tão excepcional.

Aos professores da banca de qualificação, Maria Tarcisa Silva Bega e Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski e Ricardo Costa de Oliveira. A atenção cuidadosa ao meu trabalho e suas contribuições críticas foram essenciais para o aprimoramento final da minha pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e estimados professores, meu profundo agradecimento pelo apoio e dedicação ao longo da minha jornada acadêmica no programa. Aos coordenadores do programa pela oportunidade de fazer parte dessa comunidade acadêmica. Aos professores, por compartilharem seu conhecimento e experiência. Suas aulas foram verdadeiras fontes de inspiração, desafiando-me a questionar e aprofundar minha compreensão sobre os conceitos e teorias sociológicas.

A Luciane e Katiano que, com sua dedicação e eficiência, nas questões burocráticas e administrativas tornaram a minha experiência no programa produtiva e leve.

Aos colegas de turma que, ao longo desses anos, se tornaram grandes amigos e parceiros de estudo. As discussões e debates estimulantes que tivemos enriqueceram minha experiência no programa, permitindo-me aprofundar minha compreensão da Sociologia. Em especial a Priscila Costa Pedroso, Eduardo da Silva, Fernanda Ribas Bohler e Marco Aurélio Barbosa, pelo apoio, pela amizade e pela conexão que estabelecemos ao longo desse período.

A Bruno Zavataro, amigo querido, em memória de sua presença em minha trajetória acadêmica. Embora você não esteja mais fisicamente ao nosso lado, seu impacto e influência continuam vivos em minhas lembranças. Agradeço as risadas compartilhadas e as conversas profundas. Seu senso de humor único, suas perspectivas e reflexões sobre a vida me inspiraram e me ajudaram a enxergar as coisas de uma maneira mais ampla.

A Wagner Fiuza e Marco Schmeing amigos de longa data, por sempre estarem disponíveis para me ouvir, mesmo em momentos em que tinham seus próprios compromissos e desafios pessoais.

A Micheli Rosa pela ajuda fundamental na coleta de fontes no Centro de documentação de Guarapuava.

A Débora Almeida Santos que acompanha minha trajetória de pesquisa desde o mestrado.

A querida amiga Ingrid pela leitura atenta e cuidadosa deste texto, pelas palavras de incentivo e por estar sempre disponível quando precisei.

A Isabel, Larissa, Renê e Richard, minha profunda apreciação por todo o apoio e estímulo que vocês me proporcionaram durante a fase final da minha tese. Suas palavras de ânimo e incentivo me deram a confiança necessária para perseverar e superar os desafios

Ao Prof. José Maia, pela generosidade em revisar e fornecer feedback sobre os capítulos da minha tese. Sua gentileza e conhecimento contribuíram significativamente para o amadurecimento do meu trabalho.

A Meg, pela disposição em ajudar, oferecer sugestões e compartilhar seus conhecimentos. Você foi incansável em revisar minuciosamente cada capítulo, melhorando a estrutura e fornecendo sugestões valiosas.

A Keissy, pelo seu apoio essencial na revisão e adequação da tese. Sua expertise e conhecimento sobre as diretrizes acadêmicas foram fundamentais para garantir a conformidade do meu trabalho com os requisitos estabelecidos.

Aos responsáveis pelos fundos documentais que fizeram parte da tese: Em Guarapuava: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Casa da Cultura Eurico Branco Ribeiro, em São Paulo: Museu Histórico da Faculdade de Medicina e Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Aos colegas do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, pelo apoio valioso que me ofereceram durante a escrita da minha tese.

Aos colegas da Secretaria de Tecnologia, Ciência e Ensino Superior, pelas palavras de estímulo e o incentivo constante, que foram fundamentais para me manter motivada, confiante e conseguisse finalizar a escrita da tese.

Aos preciosos estagiários, Laísia, Lara, Pedro, Maria Eduarda, Gabrielle Thalita e Guilherme, cada momento de descontração que tivemos juntos foram uma pausa revigorante em meio ao trabalho árduo. Vocês tornaram essa jornada acadêmica mais leve, divertida e memorável. Agradeço pelas risadas compartilhadas e pelos momentos de compreensão e empatia.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao programa de bolsas da CAPES, sem o qual seria praticamente impossível realizar essa pesquisa.

Todo caminho da gente é resvaloso.
Mas também, cair não prejudica demais.
A gente levanta, a gente sobe, a gente volta!
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e
daí afrouxa. Sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
(Guimarães Rosa, 1994).

RESUMO

Esta tese tem como objeto a trajetória do médico Eurico Branco Ribeiro, fundada na perspectiva da Sociologia Histórica e dos estudos biográfico-sociológicos. A análise tem como corpus empírico o conjunto de textos por ele escrito, bem como textos produzidos sobre ele. Tais fontes permitiram conhecer experiências inexploradas do médico-cirurgião e filantropo. Destas experiências, destacam-se sua contribuição para o desenvolvimento da medicina e da filantropia no contexto do projeto de modernização do Brasil, especialmente da cidade de São Paulo. A tese privilegia sua participação na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, no Rotary Club e no Sanatório São Lucas. Ao mesmo tempo em que Eurico Ribeiro se torna um cirurgião reconhecido no cenário médico nacional e internacional, torna-se responsável pela publicação da Revista de Medicina, do Boletim do Sanatório São Lucas e de estudos sobre técnica cirúrgica. No âmbito do ensino médico, funda a Residência Médica no Sanatório São Lucas, no qual supervisionou e treinou em cirurgia médicos recém-formados do Brasil e do exterior. Em sua trajetória, destaca-se também a filantropia, que assumirá significado importante através da associação entre a medicina praticada no Sanatório São Lucas e assistência social. O Sanatório São Lucas, criado em 1939 por Eurico Ribeiro, foi o lugar para onde convergiram suas ações voltadas para a filantropia, a medicina e o ensino médico. O Sanatório, em 1959, transforma-se em Fundação para o Progresso da Cirurgia. A filiação de Eurico Ribeiro ao Rotary Club de São Paulo foi fundamental para o desenvolvimento de suas ações tanto no ensino médico, quanto na filantropia. No Rotary assumiu diversas funções, tendo sido editor da revista Vida Rotarya e Presidente do Club. No Rotary Club, Eurico, com outros membros da elite médica, comercial e industrial de São Paulo, fundam o Colégio Rio Branco, voltado para a formação das elites, e o Lar Escola, voltado para a educação de jovens pobres, para quem forneciam formação escolar primária e inserção no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Eurico Branco Ribeiro; medicina; filantropia; modernidade.

ABSTRACT

This thesis has as its object the trajectory of Doctor Eurico Branco Ribeiro, based on the perspective of Historical Sociology and biographical-sociological studies. The analysis has as an empirical corpus the set of texts written by him, as well as the texts produced by him. Such sources allowed us to know the uncharted experiences of the physician-surgeon and philanthropist. These experiences, highlight their contribution to the development of medicine and philanthropy in the context of the modernization project of Brazil, especially in the city of São Paulo. The thesis privileges his participation in the Faculty of Medicine and Surgery of São Paulo, the Rotary Club and the Sanatorio São Lucas. At the same time that Eurico Ribeiro became a recognized surgeon in the national and international medical scene, he became responsible for publishing the Journal of Medicine, the Sanatorio São Lucas Bulletin and studies on surgical technique. Within the scope of medical education, he founded the Medical Residence in Sanatorio São Lucas, in which he supervised and trained newly graduated medical surgeons from Brazil and abroad. In its trajectory is also highlighted philanthropy, which assumed important significance through the association between the medicine practiced in Sanatorio San Lucas and the social assistance. The Sanatorio São Lucas, created in 1939 by Eurico Ribeiro, was the place where his actions focused on philanthropy, medicine and medical education converged. In 1959, the Sanatorium became the Foundation for the Progress of Surgery. Eurico Ribeiro's membership in the Rotary Club of São Paulo was fundamental to the development of his actions in both medical education and philanthropy. At Rotary, he has held various roles, being editor of the Rotary magazine Vida Rotarya and President of the Club. At the Rotary Club, Eurico, along with other members of the medical, commercial and industrial elite of São Paulo, founded the Colégio Rio Branco, aimed at the formation of elites, and the Home School, oriented towards the education of poor young people, for whom they provided primary school education and insertion in the world of work.

Keywords: Eurico Branco Ribeiro; medicine; philanthropy; modernity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – GENEALOGIA DE EURICO BRANCO RIBEIRO LIGADA AO CORONEL JOSÉ DE FREITAS SALDANHA	36
FIGURA 2 – A NAÇÃO ANNO I, 12-10-1912, N. 17	39
FIGURA 3 – A NAÇÃO ANNO V. 6-10-1912. N. 16	39
FIGURA 4 – A TESOURA ANO II JAN. 1921.	43
FIGURA 5 – FORMANDO DA 10ª TURMA DA FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO.....	46
FIGURA 6 – EURICO BRANCO RIBEIRO	48
FIGURA 7 – ALMOÇO REALIZADO NO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO EM HOMENAGEM AO PRETEXTO DE UMA SÉRIE DE 30.000 INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS E AO DR. BENEDICTO MONTENEGRO	48
FIGURA 8 – LEMA DE HIPÓCRATES	56
FIGURA 9 – MATÉRIA SOBRE A CONFERÊNCIA QUE O ROTARY CLUB DE SÃO PAULO PROMOVERIA ENTRE 19 E 23 DE MARÇO DE 1946	160
FIGURA 10 – CONFERÊNCIA ROTARIANA DE EDUCAÇÃO	161
FIGURA 11– XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL	179
FIGURA 12 – XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL	180
FIGURA 13 – O IDEAL DE BEM SERVIR.	181
FIGURA 14 – O SR. EURICO BRANCO RIBEIRO FALA AO DIÁRIO DA NOITE .	182
FIGURA 15 – A MESA DIRETORA DOS TRABALHOS NA PRIMEIRA SESSÃO DA PLENÁRIA.....	186

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – OPERAÇÕES REALIZADAS A PARTIR DE ABRIL DE 1933 200

QUADRO 2 – SANATÓRIO SÃO LUCAS / MOVIMENTO CIRÚRGICO DE 1955 . 217

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PESQUISAS PUBLICADAS DÉCADA DE 1950	218
TABELA 2 – PESQUISAS PUBLICADAS NA DÉCADA DE 1960.....	220

LISTA DE SIGLAS

ABE	- Associação Brasileira de Educação
ACL	- Academia Cristã de Letras
AME-SP	- Associação Médico-Espírita de São Paulo
APL	- Academia Paulista de Letras
APM	- Academia Paulista de Medicina
CAOC	- Centro Acadêmico Oswaldo Cruz
CAPFESP	- Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários do Estado de São Paulo
CEDOC/G	- Centro de Documentação
DNSP	- Departamento Nacional de Saúde Pública
FMCSF	- Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo
FMUSP	- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
FR	- Fundação Rockefeller
IP	- Instituto Pinheiros
IHSP	- Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
RC	- Rotary Club
RI	- Rotary Internacional
RM	- Revista de Medicina
SBEM	- Sociedade Brasileira de Escritores Médicos
SOBRAMES	- Sociedade Brasileira de Médicos Escritores
USP	- Universidade do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	AS TRILHAS, OS LUGARES.....	26
2	EURICO BRANCO RIBEIRO: DA ELITE CAMPESTRE PARANAENSE PARA A ELITE MÉDICA PAULISTA (1902-1978).....	32
2.1	DA FAZENDA PARA A VILA: FAMÍLIA E INFÂNCIA NO “CORACÃO DO PARANÁ”.....	34
2.2	BANCOS ESCOLARES E MESAS DE CIRURGIA: A FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICO-CIENTÍFICA EM SÃO PAULO	40
2.3	GABINETES, SALÕES E FESTAS: A ATUAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL DE EURICO BRANCO RIBEIRO EM SÃO PAULO	47
3	FILANTROPIA, MEDICINA E MODERNIDADE NO BRASIL.....	59
3.1	O CUIDADO COMO PRÁTICA POLÍTICA NAS EXPERIÊNCIAS LUSO- BRASILEIRA E ANGLO-SAXÃ	60
3.2	A ASSISTÊNCIA COMO ATUAÇÃO DAS ELITES NA MODERNIDADE BRASILEIRA	70
3.3	O ETHOS CRISTÃO, MEDICINA E FILANTROPIA.....	76
3.3.1	A Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo	86
3.3.2	Rotary Club como lugar do fazer Filantrópico	93
4	A CONSTRUÇÃO DE EURICO COMO “FILANTROPO DA NAÇÃO”	101
4.1	O ESTUDANTE: REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CIENTÍFICAS NA FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO	102
4.1.1	Eurico Branco Ribeiro e o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.....	103
4.1.2	A Revista de Medicina e as contribuições de Eurico Branco Ribeiro	112
4.2	EURICO BRANCO RIBEIRO E O SANITARISMO	124
4.3	O FILANTROPO DA NAÇÃO: O PROTAGONISMO DE EURICO	137
5	ROTARY CLUB: LUGAR DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS FILANTRÓPICAS.....	144
5.1	O LUGAR DE EURICO BRANCO RIBEIRO NO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO	146
5.1.1	O Colégio Rio Branco e o Lar Escola Rotary	153
5.1.2	A Revista Vida Rotária.....	166

5.2	EURICO BRANCO RIBEIRO E A ADMINISTRAÇÃO DO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO	170
5.2.1	O rosto rotariano na imprensa de São Paulo	178
5.2.2	REGULAMENTOS DA MENSAGEM ROTÁRIA	187
6	DO SANATÓRIO SÃO LUCAS À FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA (1939-1959).....	193
6.1	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA EM SÃO PAULO: O PAPEL DOS SANATÓRIOS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	195
6.2	O SANATÓRIO SÃO LUCAS: TRAJETÓRIA E ASSOCIATIVISMO MÉDICO NO CONTEXTO PAULISTA.....	203
6.2.1	Difundir a ciência e modernizar a medicina: Boletim do Sanatório São Lucas	211
6.3	A FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA: UM PARADIGMA DO ENSINO MÉDICO E DA FILANTROPIA	222
7	CONCLUSÕES	232
	FONTES	239
	REFERÊNCIAS	244
	APÊNDICE – CAPÍTULO 1	260
	ANEXO 1 – CAPÍTULO 3.....	274
	ANEXO 2 - CAPÍTULO 4.....	286

1 INTRODUÇÃO

A Casa da Cultura, onde se localiza a Biblioteca Municipal de Guarapuava/PR, leva o nome do médico Eurico Branco Ribeiro. A prática de reificar as elites locais como ilustres filhos da terra gravando seus nomes em ruas, estátuas e praças funciona como reconhecimento e como instituição desses nomes na cena pública. Em 2017, nas comemorações aos 40 anos de fundação desta casa, esse nome também ganhou um rosto, com a inauguração de um busto. Nele, os óculos e o paletó compõem o olhar de um homem que emerge de um livro. No seu pedestal, a placa indica a homenagem conjunta da Prefeitura Municipal de Guarapuava e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

A primeira vez que tomei contato com as fontes, estava a serviço do Arquivo Municipal de Guarapuava, que funciona em conjunto com o Centro de Documentação e Memória ligado à Universidade Estadual do Centro-Oeste. O contato com aquela documentação rica, porém fragmentada em acervos de Guarapuava e de São Paulo, resultou na minha dissertação de mestrado. Nessa primeira pesquisa, deparei-me com Eurico Branco Ribeiro, homem, nascido em Guarapuava, radicado médico em São Paulo, autor do texto “A higiene nos internatos: estudo das condições sanitárias dos internatos de São Paulo”, apresentado por ele na I Conferência Nacional de Educação em 1927 e do estudo sanitário intitulado “O Coração do Paraná”. A documentação foi analisada como um valioso documento sobre o cenário sanitário e epidemiológico daquela cidade, naquele tempo.

Entretanto, mesmo colocando aqueles documentos em perspectiva da sociologia histórica, era necessário preencher a lacuna principal, qual seja: compreender Eurico Branco Ribeiro a partir de uma biografia sociológica. Nascido na residência da família no Largo da Matriz, em 29 de março de 1902 (Begliomini, 1999; 2014); (Campagna, 1999), filho da paranaense D. Hermínia Saldanha Branco e do paulista Arlindo Ribeiro, o que lhe garantiu o pertencimento a uma família muito bem-posicionada da classe dominante tradicional paranaense, com capital econômico, social e político e lugar de destaque na genealogia paranaense (Neirão, 1927). Além disso, seu pai, Arlindo Martins Ribeiro, tinha parentes entre os industriais paulistas em São Paulo, para onde Eurico Ribeiro foi enviado para dar continuidade aos estudos escolares. Fez a sua matrícula na 10ª Turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 14 de março de 1922.

Como se procura demonstrar nesta tese, Eurico Ribeiro foi um homem que habitou o limiar de fronteiras sociais. Entre a burguesia paulista e a sociedade tradicional campeira paranaense, o título escolar consagrou seu lugar na elite médica e social do período. Mais do que isso, entendemos que a principal chave de leitura para sua biografia é que a visibilidade social de Eurico não se limita ao campo médico, mas também abrange o exercício da assistência social e da filantropia, esta última direcionada ao ensino cirúrgico e à divulgação científica da medicina. Assim, a proposta que se apresenta é a de compreender a trajetória de Eurico Ribeiro na medicina e na filantropia, bem como as relações que estabeleceu em São Paulo, sobretudo com os diversos grupos e instituições dos quais participou.

As leituras e as discussões propostas pelas disciplinas ministradas pelo Prof. Dr. Ricardo Costa de Oliveira possibilitaram a reflexão sobre a sociedade e o poder no Paraná através do estudo das relações entre estruturas de parentesco e poder político no Brasil, permitindo, assim, observar a centralidade exercida pelas famílias e a genealogia dos processos sociais e políticos, especialmente no Paraná. Também contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa a disciplina ministrada pelo prof. Dr. José Miguel Rasia, a qual propiciou o entendimento interno do processo de construção do campo das Ciências Sociais através do estudo detalhado de Monografias clássicas da Sociologia Brasileira produzidas entre os anos 1950 e 1980.

Esse movimento nos faz refletir sobre os elementos que sustentam o seu *ethos* filantropo, com especial atenção às ações que culminam na execução de sua obra filantrópica e sua contribuição para o desenvolvimento da medicina em São Paulo, e, por que não, no Brasil. Ao mesmo tempo, o objetivo é, ao analisar a trajetória de Branco Ribeiro, contribuir para a compreensão do projeto de transformação do Brasil em um país moderno.

Na dissertação de mestrado, ao analisar a contribuição do estudante de medicina Eurico Branco Ribeiro para o movimento sanitarista no Brasil, busquei mostrar o contexto social da vida desse médico, sobretudo os aspectos relacionados à dimensão familiar e à sua ida para capital paulista para dar continuidade aos estudos e ingressar na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1922. Dessa maneira, nos deparamos com a necessidade de compreender a formação médica que recebeu e os princípios da medicina que norteavam a sociedade dos anos 1920. Assim, apresentar os fundamentos das discussões da pauta sanitarista foi

uma maneira de perceber as discussões sobre as políticas sanitárias e as formas de atuação social dos médicos. A presente e constante atividade de Eurico em várias instituições mostra as facetas da formação e da integração na vida paulista, na medida em que se engaja no projeto de transformação do Brasil em um país moderno e no projeto paulista de Nação.

As fontes pesquisadas para a dissertação, que corroboram a ideia do papel fundamental da filantropia e a contribuição de Eurico Branco Ribeiro para o desenvolvimento da cirurgia, indicaram novas questões que nos ajudam a compreender a relação entre ciência, filantropia e a modernização do país a partir do projeto por ele defendido. Dado que, na dissertação, o foco foi reconstruir a trajetória social do estudante de medicina Eurico Branco Ribeiro e mostrar seu envolvimento com o movimento sanitarista e com o modo de pensar sobre as questões de saúde pública a partir da Escola Paulista, retomamos a filiação de Branco Ribeiro, já médico, no movimento de formação de uma Nação moderna. Isto nos permitiu examinar, nesta tese, a articulação entre medicina, filantropia e a construção da Nação, principalmente no contexto paulista da primeira metade do século XX.

Na obra intitulada “Médicos Intérpretes do Brasil”, Hochmann e Lima (2015), além de discutirem o papel político efetivo desempenhado por vários médicos intelectuais no processo de modernização do país, ressaltam que eles “não apenas interpretaram, mas, sobretudo, participaram da construção simbólica e material da sociedade brasileira.” (HOCHMANN; LIMA, 2015, p. XXIV). Sendo assim, é crucial compreender que, “mais do que fontes, a medicina e os médicos devem ser lidos como constituintes, como partícipes ativos de vertentes interpretativas sobre o Brasil e a sociedade brasileira.” (HOCHMANN; LIMA, 2015, p. XXI).

A compreensão das configurações sociais das quais Eurico Branco fez parte permitiu explorar as relações estabelecidas entre ele e seus pares. Assim, priorizou-se debater as atividades desenvolvidas nas diversas instituições com as quais teve contato, como, por exemplo, a Faculdade de Cirurgia e Medicina de São Paulo e o Rotary Club de São Paulo, instituições que ajudaram a dar relevo ao seu perfil filantrópico.

Dessa maneira, essa tese segue a argumentação de Norbert Elias (1993;1994) de que a biografia se situa na intersecção entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, entre o tempo da história do indivíduo e o tempo da história da sociedade. Isto significa perceber que Branco Ribeiro fez parte da configuração social

constituída pela elite política e econômica paulista.

Logo, para compreender tal trajetória a partir da perspectiva de intelectual e filantropo, será necessário um diálogo com o fazer biográfico sociológico. Para Giovanni Levi (2002) a biografia contextual, independentemente de sua originalidade, não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente ocorre em um momento histórico e social que o justifica. Ou seja, “não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis.” (LEVI, 2002, p. 176).

Considerando tais argumentos, o que norteia esta tese é o desejo de compreender as contribuições da medicina e da filantropia praticadas por Eurico Branco Ribeiro e, na medida do possível, a importância delas para a modernização da sociedade brasileira.

Médicos e intelectuais, ao dialogaram constantemente com os problemas da nação, inauguraram ações de combate às doenças e construíram novas formas de inserção da linguagem científica no cotidiano da sociedade. A ciência em plena ascensão se constituiria como agente modernizador da República e forneceria, ao mesmo tempo, recursos para a construção do mundo industrial que se insinuava em São Paulo. Neste momento, a ciência era entendida como caminho essencial pelo qual se poderia modernizar e civilizar a nação, de modo que o regime republicano trouxe à cena o especialista, garantindo espaço para a atuação, por exemplo, de profissionais vinculados ao discurso científico, como por exemplo, os médicos (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994), profissionais aos quais foram colocadas a tarefa de empreender ações para definir o destino da nação.

No Brasil, nas últimas décadas do XIX, a medicina científica emergiu como parte da construção de uma identidade própria, buscando se posicionar socialmente como a solução para os problemas da sociedade e a construção de uma nação saudável e moderna, seguindo os princípios iluministas. Segundo Gondra (2003, p. 525), “a medicina deveria penetrar na sociedade, incorporando o meio urbano como alvo de sua reflexão e de sua prática, e de deveria constituir como apoio indispensável ao exercício de poder por parte do Estado”.

No entanto, a consolidação da hegemonia da medicina científica como conhecimento institucionalizado é algo mais recente, ocorrido no século XX. Concorrendo com as práticas de cura populares, a medicina institucionalizada

escolheu a “higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade”, (FERREIRA, 2003, p. 104), o que trouxe para o debate os problemas de saúde do país.

O projeto de modernidade no Brasil começou a se delinear na transição do século XIX para o XX, fortalecendo-se e consolidando-se nas décadas de 1920 e 1930. Herschmann e Pereira (1994) explicam que esse projeto de modernidade não se trata de um modelo rígido, mas sim de um conjunto de procedimentos, de hábitos internalizados e questões/problemas que mobilizam e orientam as reflexões da época, mesmo que não sejam totalmente compreendidos empiricamente em sua totalidade. Esse período foi caracterizado por mudanças sociais profundas e rápidas, como o fim da escravidão e a Proclamação da República, abrindo caminho para a construção de uma nova sociedade cuja ideia era a de civilizar o país.

Como médico, Eurico Branco Ribeiro contribuiu para o desenvolvimento da medicina através de técnicas cirúrgicas e estudos inovadores na área da gastroenterologia, realizando mais de 30.000 cirurgias (Begliomini, 1994). Também foi responsável por criar e organizar, na cidade de São Paulo, a partir de 1939, o Sanatório São Lucas, para onde eram encaminhados seus pacientes. Logo depois, se transformou numa das mais instrutivas escolas de Cirurgia, acolhendo estudantes e colegas nacionais e estrangeiros. Sinônimo de excelência em cirurgia e ensino clínico cirúrgico, e lugar do protagonismo da filantropia científica nas ações do médico, o hospital foi transformado, em 1959, na obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia. A criação da Fundação para o Progresso da Cirurgia, criada em 1959, foi inspirada na Fundação de Rotarianos de São Paulo, fundada em 1946, considerada uma experiência filantrópica renovadora no âmbito das instituições de elite. O Sanatório São Lucas, além do atendimento clínico, voltava-se para o ensino e para a pesquisa da medicina colaborando para o desenvolvimento da ciência médica não apenas no contexto regional, mas também nacional e internacional.

A medicina e a filantropia assumiram um significado importante nas práticas de Eurico Ribeiro, sobretudo nos anos de 1930 e período subsequentes, contexto de transformações sociais no Brasil em que a filantropia se apresenta aos médicos como ferramenta útil para o processo de consolidação de um projeto idealizado de nação, consubstanciado aos preceitos de modernidade que políticos e intelectuais se mobilizaram para consolidar (Sanglard, 2015). Portanto, historicamente, a filantropia adquire, entre esses profissionais, um papel representativo para a

intervenção social e modernização das cidades.

A filantropia, enquanto prática socialmente construída, pode ser observada pela lente do impacto das relações sociais tecidas por Eurico Branco Ribeiro com instituições “modulares” com as quais esteve ligado ao longo de sua trajetória profissional, como com a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o Rotary Club e o Sanatório São Lucas. Captar o movimento entre indivíduo e sociedade ao longo do tempo permitiu verificar que suas práticas médicas e filantrópicas eram inovadoras para aquele momento, uma vez que, até então, predominava o modelo da caridade e das misericórdias. Sua originalidade em conciliar medicina e filantropia revela as mudanças nas relações sociais, com destaque para o papel e ação das elites, principalmente a elite médica Paulista, na dinâmica de modernização da cidade de São Paulo.

Ao conciliar ciência e o *ethos* cristão, a aproximação com os preceitos dessa categoria de filantropia ficam expressos na criação do Sanatório São Lucas, em 1939, e na sua transformação, no ano de 1959, em uma Fundação para o Progresso da Cirurgia, ou seja, no Sanatório onde se realizavam tanto a prática da medicina quando as ações filantrópicas. Neste sentido, o estudo busca acompanhar a ação de Eurico Ribeiro no âmbito da medicina e da filantropia científica.

A proposta metodológica assumida nesta tese privilegia o campo de estudos da biografia sociológica, com ênfase nos aspectos biográficos da vida social de indivíduos históricos. Isso mostra o interesse de leitores e estudiosos por um gênero que se renova e amplia objetos, metodologias e fontes (GOMES, 2004). A revitalização da biografia nas Ciências Sociais não é a retomada de um gênero, ao contrário, indica uma nova perspectiva da relação indivíduo-sociedade. Somente no século XX foi que a pesquisa biográfica ganhou relevância para os estudos sociológicos (JUNQUEIRA, 2019). Disto, surgiram diversificadas classificações que procuraram debater a pluralidade de acepções que se desdobram a partir da noção de biografia. Desde a Escola de Chicago, pesquisas voltadas para o então emergente fenômeno urbano foram iniciadas com ênfase nas relações sociais e no estilo de vida dos indivíduos (BECKER, 1996; BLUMER, 2020).

Por sua vez, na França, aos fins da década de 1960, mostra-se possível observar que a adesão à abordagem biográfica passa a ocorrer principalmente em autores que buscavam ressignificar a disciplina a partir de um enfoque no indivíduo e nas relações sociais (ABRANTES *et al.*, 2011). Neste cenário, Bertaux (1976; 1977;

2006) foi um autor que exerceu influência na produção acadêmica, principalmente porque seus estudos estavam voltados para a compreensão das estruturas sociais e suas relações com os destinos pessoais. Em seu livro, Bertaux (1976) afirma ser todo um conjunto de interações sociais (nascimento, casamento, conexões sociais etc.) aqueles responsáveis por produzirem o perfil de um indivíduo na sociedade da qual faz parte, por isso considera essencial observar, na construção de um relato, os processos de formação das trajetórias sociais, individuais e familiares.

Dos estudos de Bertaux, nos anos 1970 e 1980, emergiu o debate de Pierre Bourdieu, que publicou sua crítica no artigo *A ilusão biográfica*. Neste debate, é imprescindível perceber que os indivíduos experienciam a história de formas distintas, de modo que uma das principais reflexões consiste em perceber a singularidade de uma vida como problema de pesquisa sem pressupor as trajetórias individuais como amostras representativas do todo social. Nos anos de 1980, ampliou-se o uso da abordagem biográfica na Sociologia, com a emergência de nomes como Michael Pollak (1992) para a reflexão sobre o problema da identidade social em situações limites. Jean Peneff (1990), também praticante do método biográfico, ajudou a popularizar a observação participante entre os sociólogos franceses e Jean Michel Chapoulie (2001) se atentou para a análise das questões centrais da tradição sociológica da Escola de Chicago.

No século XXI, destaca-se a contribuição de Bernard Lahire (2004), que observa o mesmo indivíduo a partir de diferentes dimensões da vida (escola, trabalho, família, sociabilidades, lazer e corpo), permitindo o estudo da variação dos comportamentos e das atitudes segundo os contextos sociais. Para Lahire (2010), a biografia sociológica pode permitir levantar precisamente os quadros sociais que o biografado frequentou e os traços que eles lhes deixaram. A virada histórica do desenvolvimento da abordagem biográfica nas ciências sociais pode ser examinada pela ampliação das fontes utilizadas na confecção da pesquisa biográfica.

A proposta de relacionar o papel do indivíduo com as circunstâncias de seu tempo é uma das características dos estudos biográficos que se ocupam em avaliar as experiências de vida com o objetivo de explicar essas experiências e o lugar que o biografado ocupou e ocupa na história. Por isso, a exata compreensão das singularidades de um personagem biografado se dá, segundo Vanali (2017, p. 14), “no contexto ou no meio político e social de que faz parte, seja se diferenciando, seja se identificando com os pressupostos ou valores dominantes da época.”

Assim, a justificativa para o uso da expressão “biografia sociológica” revela a preocupação em evidenciar a validade do esforço em defender a pertinência do gênero biográfico nos estudos sociológicos, de modo a demonstrar que uma “biografia é marcada pelas imbricações da dinâmica político-cultural com as experiências íntimas e pessoais que acabam reverberando na obra do biografado.” (VANALI, 2017, p. 353).

O trabalho de realizar uma biografia sociológica de Eurico Branco Ribeiro, a partir da reconstituição de parte de sua trajetória, tornou-se um desafio à medida que o personagem, ao longo de sua vida, vai tornando-se múltiplo e os contextos sociais plurais. A atual tarefa é apresentar uma biografia sociológica a partir de novas abordagens e fontes as quais nos dizem sobre as experiências da vida social de Eurico Branco Ribeiro, além das exploradas por pesquisadores já apontados na introdução de nossa dissertação de Mestrado (2018), como Olinto (2007), que lança olhares sobre os discursos de “deterioração identitária”, ocasião em que se ancora na obra *O Coração do Paraná*, de Eurico Branco Ribeiro, também de Barbosa (2007), que detém sua atenção sobre a temática da saúde na obra de Eurico e busca entender o discurso do médico na década de 1920 (BARBOSA, 2007).

Outras contribuições são as propostas por Kummer (2007), que apresenta uma análise da obra de Eurico Branco Ribeiro como fonte para compor um retrato das práticas de higiene em Guarapuava, e Pykosz (2007) que, em sua pesquisa, abordou a tese de Eurico Branco Ribeiro sobre a necessidade de instrução higiênica nos colégios e internatos (PYKOSZ, 2007). Por sua vez, Di Gianni (2008) traz informações da atuação decisiva do médico nas discussões a respeito da criação de museus municipais em cidades do interior de São Paulo entre os anos de 1945-1957, e Santos (2017; 2018) mostra o contexto social da vida desse médico, sobretudo os aspectos relacionados à dimensão familiar e à formação acadêmica na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo na década de 1920, bem como os fundamentos das discussões da pauta sanitária e as formas de atuação social dos médicos.

1.1 AS TRILHAS, OS LUGARES

Escrever uma tese de doutorado, por si só, é uma tarefa difícil e complexa. No entanto, durante a pandemia de Covid -19, apresentaram-se desafios únicos, o que exigiu uma dose homérica de perseverança. As restrições e os impactos

causados pelo contexto pandêmico trouxeram uma série de desafios adicionais e os desafios emocionais enfrentados foram muitos. O isolamento social, a incerteza em relação ao futuro e a pressão de concluir a pesquisa, iniciada em 2019, tiveram impacto na saúde mental e emocional.

A falta de interação face a face, tanto com colegas de pesquisa, docentes e orientador, quanto com amigos e familiares, levou a um aumento da ansiedade, da tristeza e da sensação de estar sobrecarregada, além de que o sentimento de estar sozinha em minha jornada de pesquisa foi desafiador e exaustivo, tendo em vista que a interação pessoal é fundamental para trocar ideias, discutir resultados e obter orientações especializadas. A transição para o formato virtual de reuniões e discussões trouxe desafios de comunicação, com dificuldades técnicas, falhas na conexão de internet e limitações na interpretação de expressões faciais e linguagem corporal.

Durante a pandemia, enfrentei atraso na pesquisa devido às restrições de acesso às bibliotecas e aos centros de documentações públicos e privados. A falta de clareza sobre quando essas restrições seriam aliviadas e como isso poderia afetar os prazos de conclusão gerou *stress*, ansiedade e preocupação em relação ao progresso da pesquisa.

A tarefa de encontrar, selecionar e organizar uma variedade de fontes documentais tornou-se mais complexa, exigindo uma pesquisa minuciosa e um processo de análise mais rigoroso. O mapeamento dos materiais analisados foi localizado em diferentes espaços. No Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G foi possível localizar jornais que fizeram a cobertura de atividades das quais Eurico Ribeiro participou ao longo de sua vida rotariana, dentre os quais destacam-se *O Estado de São Paulo*, *Diário Popular*, *A Hora*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *Diário da Noite*, *A Gazeta*. Também foram encontrados outros manuscritos, tais como *Um grande mestre da Cirurgia no Brasil o Prof. Emérito Benedicto Montenegro*, oportunidade em que Eurico Ribeiro faz homenagem ao seu mestre de formação profissional e de conduta social, e *A Guiza da Despedida*, carta escrita no ano de 1976 para informar a comunidade médica do fim de suas atividades profissionais. Esses materiais foram importantes para pensar a dimensão do médico e sua prática rotariana.

Já no Museu da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo foi

possível o acesso aos certificados, diplomas e às fotografias da vida acadêmica de Eurico Branco Ribeiro. As atividades por ele desenvolvidas no espaço universitário paulista passaram a ser observadas com mais profundidade, o que levou à realização de pesquisa no acervo *online* da *Revista de Medicina* da Universidade de São Paulo. Ali, foi verificado que o biografado em questão colaborou neste periódico com oito textos (cinco crônicas e três estudos científicos) divulgados em finais da década de 1920, especificamente durante os anos de 1927 e 1928, momento em que o estudante ainda estava vinculado às sociabilidades acadêmicas e à instituição universitária.

No Centro de Documentação da Fundação Rotarianos, localizado na cidade de São Paulo, foi possível localizar parte da produção bibliográfica de Eurico Ribeiro sobre o Rotary Club e outros documentos que faziam menção às atividades e aos debates que desenvolveu no Rotary Club, a exemplo de *Rotary para mim é...* (1942), *Reforma dos Estatutos dos Clubes* (1944), a *Uniformização dos Estatutos e Regimento Interno dos Rotary Clubs do Brasil* (1949), bem como foi possível localizar as seguintes palestras: *O Conceito de Frequência no Rotary* (1959), *O que é um Rotary Club* (1959), *Pelas Avenidas do Rotary* (1961) e *O Rotary e a Conduta Profissional* (1964). Outro material encontrado foi a Edição Especial da Revista *Vida Rotária*, publicada no ano de 1978, intitulada *Perene Homenagem a Eurico Branco Ribeiro*, revista póstuma a qual contém elementos que ajudam a compreender a atuação do médico no universo da filantropia.

Nesse processo, os acervos digitais desempenharam um papel fundamental ao fornecer acesso a uma ampla gama de fontes documentais, mesmo diante das restrições impostas pelo contexto pandêmico.

Assim, esta tese compõe-se de cinco capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Eurico Branco Ribeiro: da elite campestre paranaense para elite médica paulista (1902-1978)*, situa o leitor a respeito deste indivíduo e, para isso, retomam-se algumas discussões apresentadas em minha dissertação de mestrado intitulada *Eurico Branco Ribeiro e o Sanitarismo na década de 1920*, onde também são recuperados os detalhes de sua formação familiar e escolar, seu percurso acadêmico-profissional e seus vínculos institucionais ao longo do século XX. Tais reflexões desencadearam outra preocupação mote dessa tese, que consiste em pensar a respeito dos elementos que sustentam o *ethos* filantropo do médico, com especial atenção para as ações que culminam na execução de sua obra filantrópica

realizada no âmbito da medicina no contexto paulista.

No segundo capítulo intitulado *Filantropia, Medicina e Modernidade no Brasil*, optou-se pela realização do debate da bibliografia específica dos aspectos históricos das experiências de filantropia que se consolidaram no Ocidente, a exemplo da luso-brasileira e da anglo-saxã. Outra questão abordada nesta etapa foi a influência dessas tradições na consolidação da filantropia no Brasil num momento em que as elites assumem um lugar de destaque no que tange à ação filantrópica. Neste sentido, Branco Ribeiro surge como um protagonista que manterá contato e atuará no interior de instituições as quais compartilhavam preceitos que ajudaram a formar o seu perfil de filantropo. Mostra-se também necessária uma análise do perfil do médico e sanitarista a fim de destacar a assimilação tanto dos preceitos cristãos da assistência, quanto da dimensão científica atrelada à filantropia, preceito sobretudo vinculado aos valores anglo-saxões inseridos no Brasil através da Fundação Rockefeller (MARINHO, 2013) a partir do modelo introduzido na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo com o qual manteve contato quando era estudante de medicina.

Todavia, destaca-se que, concomitante à filantropia científica, que priorizava áreas como a educação e a saúde por meio da valorização da ciência, Eurico também realizava ações a partir da filantropia médica (MATSUMOTO, 2018) consolidada por meio da realização de trabalho voluntário no Rotary Club de São Paulo, seja no âmbito da educação, da medicina, das questões administrativas e internas do clube, seja desenvolvendo outras atividades na sociedade através de sua profissão. Para tanto, foi importante, nesta etapa, recorrer aos estudos sobre as ações filantrópicas realizadas por Branco Ribeiro que dizem respeito às atividades por ele desenvolvidas no e a partir do Rotary Club de São Paulo. Desse modo, a compreensão de sua ação não pode se limitar à causa filantrópica, pois, como veremos, o Sanatório São Lucas, por exemplo, terá um papel muito importante na história da medicina, colaborando para a formação de médicos e do ensino da medicina, oferecendo residência, cursos sobre técnica cirúrgica, entre outros.

No terceiro capítulo intitulado *A construção de Eurico como “Filantropo da nação”*, o interesse consiste em considerar a importância de cada experiência na socialização de Eurico Branco Ribeiro, a exemplo das que foram vividas no universo acadêmico-universitário. Importante nesta etapa foi recuperar os aspectos da relação do biografado com a Faculdade de Medicina durante finais da década de 1920,

especialmente seu contato com a filantropia da Fundação Rockefeller, bem como também adentrar nos aspectos da sua participação no interior do Rotary Club de São Paulo, onde ingressa a partir de 1935 e realiza uma série de atividades no âmbito da filantropia. Verifica-se que no perfil filantropo do médico Eurico Ribeiro existe uma tendência à harmonização de elementos filantrópicos de diferentes instituições americanas, como a Fundação Rockefeller e o Rotary Club de São Paulo. Assim, num período marcado pela rapidez de mudanças nos grupos e estruturas sociais, a elite branca médica, da qual Eurico Branco fazia parte, também buscava mecanismos para legitimar, no contexto urbano, o poder do grupo do qual fazia parte.

No quarto capítulo, *Rotary Club: lugar de sociabilidade e de práticas filantrópicas*, a intenção consistiu em levantar discussões sobre a filantropia médica praticada por Branco Ribeiro no âmbito do Rotary Club, sobretudo por meio do trabalho voluntário que realiza e através do qual ajudou a consolidar inúmeras obras nessa instituição, a exemplo da Fundação de Rotarianos de São Paulo onde participou ativamente realizando ações no âmbito da educação e em outras dimensões da vida rotariana. Portanto, a proposta dessa etapa consistirá em realizar alguns apontamentos sobre o Rotary Club no cenário nacional, bem como destacar a atuação e o perfil filantrópico de Eurico nas atividades no interior desta instituição na capital paulista.

A aproximação de Branco Ribeiro com a filantropia médica ficará clara através do trabalho voluntário que realizou no Rotary Club de São Paulo, seja na área da medicina ou da educação, espaços historicamente ligados à dimensão e prática da filantropia. Sua atuação como rotariano contribui para o aumento das suas relações sociais e legitima a sua prática como médico. Ademais, a sua participação nas atividades do Rotary Club, sobretudo na Fundação de Rotarianos de São Paulo, foi uma inspiração para executar a sua principal obra filantrópica, o Hospital São Lucas, que posteriormente foi transformado na Fundação para o Progresso da Cirurgia.

No quinto capítulo, intitulado *Do Sanatório São Lucas à Fundação para o Progresso da Cirurgia (1939-1959)*, foi abordada a obra filantrópica de Branco Ribeiro na capital paulista. A análise revela as características que fundamentam a filantropia praticada pelo médico, que convive com elementos do *ethos* cristão, da filantropia científica e da filantropia médica.

Portanto, reconstruir a biografia sociológica de Branco Ribeiro tornou-se uma

oportunidade de verificar, através de sua obra, o surgimento de um novo perfil de filantropia que passou a ser praticado no cenário brasileiro. Sendo assim, o objetivo será destacar que o perfil filantrópico de Eurico pode representar uma ressignificação da filantropia naquele momento, pois, ao se envolver com diferentes grupos e espaços sociais na capital paulista, assimilou diferentes tradições filantrópicas. Neste presente caso, Branco Ribeiro se apresenta como um indivíduo que reúne elementos da sociedade em que se formou. Sendo assim, sua trajetória/biografia revela o seu protagonismo na prática da filantropia que começa a ser difundida no país ao longo do século XX.

Perceber a ação institucionalizada por parte dos médicos a partir da exploração de fontes inéditas e com uma articulação teórica com proposições mais recentes de análise abre caminho para perseguir aspectos pouco ou mesmo não estudados sobre a produção de conhecimento e o ensino das práticas médicas implementadas ao longo do século XX, em São Paulo. A aposta em estabelecer vínculos institucionais gerava benefícios para a difusão das técnicas e conhecimentos médicos, de modo que os médicos se fizeram adeptos de uma prática – a filantropia – que lhes garantia, a partir de uma rede de relações duráveis, mais uma fonte de poder.

2 EURICO BRANCO RIBEIRO: DA ELITE CAMPESTRE PARANAENSE PARA A ELITE MÉDICA PAULISTA (1902-1978)

Este capítulo contempla a vida de Eurico Branco Ribeiro (1902-1978) e busca localizar o leitor nos principais fatos que marcam sua existência, por isso retomam-se algumas discussões apresentadas em minha dissertação de mestrado “Eurico Branco Ribeiro e o Sanitarismo na Década de 1920”. São recuperados detalhes de seu percurso em textos biográficos publicados pela Academia Paulista de Medicina¹, Academia Paulista de Letras², Academia Cristã de Letras³, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES)⁴ e pela Revista Vida Rotária⁵, instituições das elites regionais e nacionais com as quais esteve ligado ao longo de sua vida profissional e social.

A pesquisa de uma trajetória individual permite entender tanto a vida do indivíduo quanto as relações que ele estabeleceu com o seu contexto social, ou seja, não é possível separar indivíduo e sociedade, eles coexistem numa relação unívoca e complementar (ELIAS, 1994;1995). Essa experiência está localizada numa estrutura de rede onde o individual não está em oposição ao social, e este passa a ser visto como resultado da ação relacional entre indivíduos (VANALI, 2017).

¹ A Academia de Medicina de São Paulo é uma associação de direito privado, sem fins econômicos, fundada no Brasil em 07 de março de 1895 pelo Prof. Dr. Luiz Pereira Barreto sob o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Eurico Branco Ribeiro foi admitido na Academia em 01 de outubro de 1934, passando a ser o patrono da cadeira n. 14. (Begliomini, 2014; 2015).

² A Academia Paulista de Letras, associação de direito privado sem fins econômicos e com prazo de duração indeterminado, fundada em 27 de novembro de 1909, com sede na Cidade de São Paulo, Capital do Estado, tem por fim precípua a cultura do vernáculo e da literatura, regendo-se por Estatuto. Disponível em: <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/quemsomos.asp>. Acesso em: mar. 2023. O conjunto da produção literária de Eurico Ribeiro lhe garantiu lugar de honra neste espaço. Em 27 de novembro de 1975, tomou posse da cadeira n. 27 da Academia Cristã de Letras (VIDA ROTÁRIA, 1978).

³ Eurico Branco Ribeiro foi o fundador da cadeira n. 21 na Academia Cristã de Letras, criada no dia 14 de abril de 1967. A Academia Cristã de Letras é uma entidade cultural que reúne escritores, poetas, historiadores, cientistas e pensadores interessados no cultivo da língua e da literatura nacionais nos seus mais diversos aspectos, no estudo das ciências e das artes, na divulgação de pesquisas em todos os campos do conhecimento. Disponível em: <https://academiacristadeletras.org.br/home/quemsomos.html>. Acesso em: mar. 2023.

⁴ A Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (SBEM) foi fundada por Eurico Branco Ribeiro, em 23 de abril de 1965, nas dependências da Associação Paulista de Medicina (APM). Teve como sede o Sanatório São Lucas, situado na Rua Pirapitingui, n. 80, no bairro da Liberdade, na capital paulista. Nos anos setenta começou a ser pensada a mudança do nome de Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem) para Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES). A adequação da sigla Sbem para Sobrames ocorreu pouco tempo depois, começando a ser utilizada em novembro de 1981 (Begliomini, 1999; 2015).

⁵ A revista Vida Rotária, dirigida por Eurico Ribeiro, circulou entre os anos de 1935 e 1978 (VIDA ROTÁRIA, 1978).

O que torna compreensível a ação individual é a referência a um modelo sociológico de sociedade e o conhecimento da posição social desse indivíduo na estrutura de poder. Fraiz (2014) mostra a importância do ponto de vista relacional na análise sociológica ao afirmar que é nas relações no interior da sociedade da época que se pode entender a trajetória individual⁶. Para Bourdieu (2010, p. 81), os acontecimentos biográficos “definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social”, ou seja, a biografia pode ser percebida como a expressão do conjunto de posições ocupadas pelo indivíduo e são socialmente instituídas. A opção pela biografia sociológica revela, portanto, uma preocupação em confirmar a validade dessa categoria de abordagem marcada pelas imbricações da dinâmica político-cultural com as experiências particulares e pessoais, que reverberam na obra do biografado.

A tarefa de realizar uma biografia sociológica a partir da reconstituição da trajetória de Eurico Ribeiro busca, portanto, ampliar o perfil destacado na dissertação de mestrado (SANTOS, 2018), a qual compreendeu o seu envolvimento com a pauta sanitária durante a década de 1920, correspondendo ao período de sua formação médica. Tais reflexões desencadearam outra preocupação que se tornou o mote desta tese e que consiste em pensar especialmente a trajetória e atuação de Eurico Branco Ribeiro e os elementos que sustentam o *ethos* filantropo do médico, com especial atenção para as ações que culminam na execução de sua obra filantrópica e também sua contribuição para o desenvolvimento da medicina em São Paulo, e porque não no Brasil. Ao mesmo tempo, busca-se, com a análise da trajetória de Branco Ribeiro, contribuir para a compreensão do projeto de transformação do Brasil em um país moderno.

Trabalharemos com emprego da prosopografia das origens sociais e de classe, laços de parentesco de Eurico Branco Ribeiro, iniciando por uma apresentação do jovem Eurico, pontuando a mudança de Guarapuava rumo a São Paulo, suas realizações como estudante, depois como acadêmico de medicina e, por fim, será abordado o contexto de sua maturidade no âmbito profissional e social. Assim, nos moldes propostos por Bega (2013), busca-se ao longo da tese observar as teias de relações, os vínculos de classe e institucionais, além das inserções em

⁶ Tal proposta é enfatizada em *A Sociedade dos Indivíduos*, onde Norbert Elias (1994) propõe vermos o mundo social como uma rede de relações composta por indivíduos que são interdependentes entre si. Portanto, as configurações são as estruturas sociais, que se dão em um dado espaço e tempo, e não são estruturas estáveis, podendo ser modificadas pelos indivíduos através de suas ações.

diversos ambientes que permitam relacionar a trajetória pessoal de Eurico Ribeiro à de um indivíduo com origens na elite local de Guarapuava e que se projeta como membro da elite médica paulista e nacional. Para tanto, consideramos necessário compreender a vida do biografado, sua circulação e as relações que estabeleceu com a sociedade mais ampla, sobretudo com os diversos grupos e instituições dos quais participou.

No que concerne à questão da ação política, o método prosopográfico⁷ ajuda a identificar a realidade social, o grau e a natureza dos movimentos da estrutura social. Assim, os papéis desempenhados pelos atores de um grupo social possibilitam que estes sejam pensados a partir da recuperação de sua origem regional, formação, família e de sociabilidade, o espaço de sua ação e sua função numa sociedade (ALMEIDA, 2011). Tomar Eurico Branco Ribeiro como unidade de estudo significa a possibilidade de perceber, através de sua formação familiar e escolar, de suas escolhas associativas e de sua atuação institucional e filantrópica, as nuances da ascendência política e social da burguesia no contexto urbano brasileiro em princípios do século XX. Esse processo revisita as potencialidades da racionalidade burguesa, caracterizada pela defesa da modernização fundamentada na coalizão entre as elites modernas e tradicionais (FERNANDES, 2002). O perfil conciliador estará presente na obra filantrópica de Eurico Ribeiro, que reúne características da filantropia norte-americana e da filantropia ibérica, ou seja, elementos da filantropia moderna e tradicional estavam alinhavados no interior de sua prática filantrópica.

2.1 DA FAZENDA PARA A VILA: FAMÍLIA E INFÂNCIA NO “CORAÇÃO DO PARANÁ”

A tradição e proeminência da família de Eurico Branco Ribeiro no Paraná pode ser verificada pela menção feita por Francisco Negrão, no segundo volume de sua

⁷ Neithard Bulst (2005) menciona que as definições de prosopografia são múltiplas, mas enfatiza um elemento comum em quase todas as definições: a análise do indivíduo em função da totalidade da qual faz parte. A definição de Stone (1971) também ressalta essa relação do indivíduo com a totalidade social da qual faz parte. Para Stone (1971), a prosopografia tem sido usada como uma ferramenta que ataca a 'raiz' da ação política, a estrutura e a mobilidade social. No que concerne à questão da ação política, o método da prosopografia ajuda a identificar a realidade social e o grau e a natureza dos movimentos da estrutura social. De acordo com esse pesquisador, a grande proposta desse tipo de pesquisa consiste em demonstrar a 'força coesiva do grupo' em análise (ALMEIDA, 2011, p. 6).

clássica obra intitulada *Genealogia Paranaense* (1927). A obra, um conjunto de seis volumes – o primeiro volume foi publicado em 1926 e o último póstumo em 1950 – retrata a genealogia das principais famílias paranaenses, acompanhada de breves biografias sobre as maiores personalidades do Estado; investiga os povoadores, os ascendentes e descendentes (NEGRÃO, 1926). Pautado pela história genealógica e social do Paraná, Negrão (1927) dá demonstrações de que Eurico Branco Ribeiro pertencia a classe dominante tradicional paranaense. Vinha de uma família de latifundiários bem-posicionada economicamente e faz parte da geração que no início do século XX vai estudar em São Paulo.

Naquele momento a escrita da genealogia era percebida como uma ação patriótica e civilizadora que buscava reforçar o papel dos “povoadores destemerosos e audazes, desses intrépidos bandeirantes⁸, pioneiros gloriosos [...] que foram os nossos antepassados.” (NEGRÃO, 1926, p. 8). O esforço consistia em descrever a linhagem familiar das personagens paranaenses que se destacaram pelos serviços prestados ao poder público, e que compunham a grande família nacional, da qual fazia parte o núcleo familiar da mãe de Eurico Branco Ribeiro, a paranaense D. Hermínia Saldanha Branco, filha de Alzira de Freitas Saldanha Branco e do Coronel Eugênio Lopes Branco (1851-1932). A avó de Eurico, Alzira Saldanha, era filha do Tenente Coronel José de Freitas Saldanha (1841-1898) do casamento realizado em 3 de julho de 1864 com Maria Rosa Bandeira. Depois, D. Hermínia Saldanha Branco⁹ casou-se com Arlindo Ribeiro; desse matrimônio nasceu, na casa do Largo da Matriz, na cidade de Guarapuava, oeste do Paraná, em 29 de março 1902, Eurico Branco Ribeiro (Begliomini, 1999; 2014); (CAMPANA, 1999).

A genealogia materna de Eurico Branco Ribeiro, como já mencionada, está ligada à figura do Coronel José de Freitas Saldanha, nascido em Curitiba a 3 novembro de 1841, tendo passado a residir em Guarapuava em 1864, onde viveu por 34 anos. Na cidade, tornou-se abastado negociante, fazendeiro de criação e proprietário, também ali se casou com Maria Rosa Bandeira Saldanha. Na política, gozou de posição de destaque no Partido Liberal a que pertenceu, exercendo os cargos de Deputado Provincial, Vereador, Juiz de Paz e Presidente da Câmara. Foi

⁸ Esse laço com a tradição da história dos bandeirantes seria reforçado por Eurico Ribeiro em “O Primeiro Bandeirante”, de 1946.

⁹ D. Hermínia Saldanha Branco faleceu dois anos após seu casamento com Arlindo. Após seu falecimento, Arlindo se casou novamente, desta vez com sua cunhada, D. Maria das Dores, com quem teve mais nove filhos. (CAMPANA, 1999).

Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional de Guarapuava e faleceu em Curitiba, em agosto de 1898 (NEGRÃO, 1927). De seu matrimônio, nasceu Alzira Saldanha Branco, mãe de D. Hermínia Saldanha, que se casa com Arlindo Ribeiro.

FIGURA 1 – GENEALOGIA DE EURICO BRANCO RIBEIRO LIGADA AO CORONEL JOSÉ DE FREITAS SALDANHA



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Da esquerda para direita: Cel. Eugênio Lopes Branco; Des. Alcebiades Faria; Dr. Edson da Nóbrega (Juiz de Direito); Arlindo Martins Ribeiro; Maria Eugênia Branco Ribeiro; Ana Branco Ribeiro; Odila Saldanha Faria; Irene Branco Ribeiro; Hermínia Branco Ribeiro.

De acordo com Nicolas (1954, p. 331), Arlindo Ribeiro Martins nasceu em uma propriedade rural denominada Serrinha, em Iguape (São Paulo), em 31 de março de 1872, terceiro filho de Diogo Martins Ribeiro e Anna Rufina de Almeida Ribeiro. A união do jovem casal gerou dezenove filhos. Com tenra idade, foi para o Rio de Janeiro e cursou a Escola Naval, mas, após a Revolta da Armada, pede exclusão e passa a trabalhar como viajante de firma comercial de Manuel da Guia Ferreira, o que no decorrer de suas viagens o levou à cidade de Guarapuava, no Paraná, por volta de 1900, onde se casou por duas vezes. Desligando-se da firma do Rio de Janeiro, associou-se a seu sogro na firma comercial que passa a se chamar Branco & Arlindo e, posteriormente, com a dissolução da firma, torna-se fazendeiro, passando a residir na Fazenda Trindade. Foi político atuante, tendo sido eleito vereador em 1908, cargo que ocupou consecutivamente até 1918, quando pediu licença à Câmara Municipal para assumir uma vaga de Deputado Estadual na

Assembleia Legislativa do Paraná. Por isso mesmo, teve seu nome citado em *Cem anos de vida parlamentar*, obra de Maria Nicolas, publicada em 1954 para destacar os deputados provinciais e estaduais do Paraná nas Assembleias Legislativas e Constituintes (1854-1954). Seguindo carreira na vida política, assumiu a Prefeitura de Guarapuava em 1921, e, entre 1932 e 1936, quando foi nomeado para o cargo de prefeito pelo interventor do Estado Manoel Ribas. Neste sentido, parecem particularmente significativas as relações das famílias tradicionais com o poder no estado do Paraná, com suas entradas no parlamento, na carreira militar, no judiciário etc., o que mostra a dimensão da atuação das famílias para o contexto da organização social e política daquele momento.

O fato de pertencer a uma família com livre circulação no espaço político local, e valendo-se da inserção de seu pai, Arlindo Ribeiro, nos meandros da vida pública nas primeiras décadas do século XX, Eurico Branco Ribeiro terá acesso privilegiado a um *corpus* documental que norteará suas pesquisas acadêmico-científicas sobre as questões de saúde pública na localidade natal e região, pesquisas publicadas em *Águas Medicamentosas Naturaes* (1927), *O Coração do Paraná* (1929) (cf. SANTOS, 2017) e em *As estações climáticas brasileiras* (1927).

Notadamente, a partir da família e da genealogia, foi possível detalhar questões das origens sociais e não só familiares de Eurico Branco Ribeiro, que possibilitam a construção de uma biografia sociológica. Sobretudo, é a sua herança materna que o conecta ao poder tradicional de Guarapuava, pois sua mãe é filha da família Saldanha, constituída de representantes do grande latifúndio, os quais dominam a Câmara Municipal, a Guarda Nacional¹⁰, etc. Portanto, tendo parentesco com a classe dominante tradicional paranaense, a partir da história genealógica e social, é possível perceber que faz parte de uma família muito bem-posicionada e com capital econômico, social e político.

Grill (2012) enfatiza a presença de redes de parentesco na política e, sobre a importância das famílias e suas ações, aponta que “constituem o lócus de reprodução social, pois consegue orquestrar um conjunto de estratégias [...] que formam um sistema de funções interdependentes, compensatórias e cronologicamente articuladas.” (GRILL, 2012, p. 139). Ainda que no caso de Eurico Ribeiro a inclinação

¹⁰ De acordo com Carvalho (1996), no Império, a Guarda Nacional foi a grande instituição patrimonial que ligou os proprietários rurais ao governo. Foi criada durante a Regência e as autoridades em questão serviam a ela gratuitamente.

para a vida política vinculada ao aparato estatal não fosse um anseio particular, seu pai, seu avô e outros familiares desempenham funções junto ao aparato do estado. Tanto Oliveira (2012) como Canêdo (1997) e Grill (2004) remetem à consideração do elemento familiar na construção da vocação como fundamental, haja vista que é pelo grupo familiar que se estabelecem primordialmente os códigos, as linguagens e os comportamentos, aspectos estes que são componentes do *habitus* político familiar, utilizando uma terminologia empregada por Bourdieu (2002).

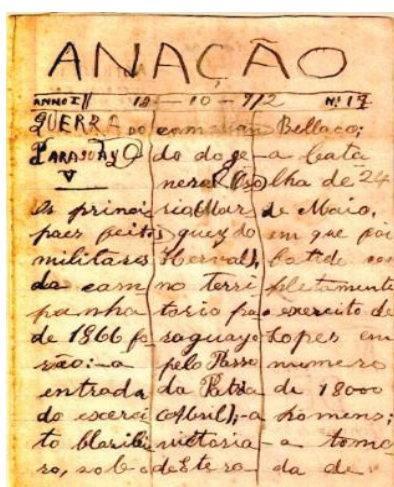
A experiência construída pelo processo de socialização familiar de Eurico Ribeiro também pode ser observada em sua alfabetização, de modo que, suas primeiras lições de educação formal aconteceram na Fazenda Trindade (pertencente à família), localizada em Guarapuava, no estado do Paraná¹¹. Em relato da convivência que teve com o seu pai, Alda Ribeiro lembra do “amor e saudade” de seu pai, o Dr. Eurico Branco Ribeiro, pela terra natal, onde nasceu, passou a infância (RIBEIRO, 1999, p.29), e, lá mesmo, o adolescente deu início à produção literária que o acompanha até o último ano de vida.

Desde os oito anos Eurico Branco Ribeiro já escrevia pequenos jornais manuscritos na Fazenda Trindade, seguindo a diagramação específica de jornais do período, o que demonstra que, mesmo morando em uma fazenda sua família tinha acesso a periódicos que vinham principalmente de São Paulo. No início, esses jornais eram apenas uma reprodução dos jornais a que ele tinha acesso, mas, com o decorrer do tempo, os escritos adquiriram estrutura própria e passaram a contemplar notícias do cotidiano da Fazenda Trindade e vizinhança, tais como, aspectos climáticos, concursos de beleza infantil, número de animais existentes na fazenda, vacinação e seção de crônicas, entre outras. Entre esses jornais manuscritos produzidos por Branco Ribeiro entre 1910 e 1915, ou seja, quando ele contava entre oito e treze anos, estavam: Le Petit, A Nação, A Luneta, A Monarchia, Trindade, O Estado do Paraná, O Sul América, A Roseira, O Gaúcho, O Mensageiro, O Brasil, Jornal das Galinhas, O Diário, A Nuvem, O Ar (periódicos reunidos no Acervo Casa da Cultura de Guarapuava) (SANTOS, 2018).

¹¹ Mesmo Branco Ribeiro tendo sido alfabetizado no âmbito doméstico por seus familiares, Guarapuava já possuía uma estrutura educacional, ainda que incipiente em princípios do século XX (RIBEIRO, 1942). No Paraná, a Lei nº 42, de 12 de julho de 1892, denominada Reforma do Ensino Popular no Estado, no Título I, capítulo I, ao tratar sobre a instrução primária em geral, torna livre o exercício do ensino particular desde que observados os princípios da moral e os modernos preceitos da higiene. A única obrigação seria fornecer informações quando solicitadas pelas autoridades do ensino público. O ensino ministrado no seio das famílias estava livre de inspeção oficial (PARANÁ, 1892).

Foi no Paraná que, aos dez anos, Eurico escrevia o jornal semanal “A Nação”, que teve seu início na Fazenda Trindade, em 1912, e passou a ser produzido e a circular semanalmente na cidade de Guarapuava em 1913, tendo Branco Ribeiro como redator. Além disso, aos doze anos, colaborava no periódico “A Comarca de Guarapuava”. A relação de Branco Ribeiro com o jornalismo foi duradoura, como é possível constatar em vários de seus textos, nos quais existem referências ao trabalho jornalístico.

FIGURA 2 – A NAÇÃO ANNO I, 12-10-1912, N. 17



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro - PR – CEDOC/G (2022).

FIGURA 3 – A NAÇÃO ANNO V. 6-10-1912. N. 16



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro - PR – CEDOC/G (2022).

Vários familiares estiveram envolvidos na formação educacional de Eurico, sendo considerados personagens fundamentais para sua iniciação nas primeiras letras e por sua instrução primária. Nesta trajetória, a avó materna, D. Alzira Saldanha Branco, foi quem o alfabetizou. Ela era a responsável “não apenas pela formação elementar (ensino, leitura e escrita), mas, também o instruiu nas noções da língua francesa, aritmética, geografia e cosmologia” (SANTOS, 2018, p. 301), papel que o próprio Eurico enfatiza como fundamental em sua formação (RIBEIRO, 1942). Seu avô materno, o Coronel Eugenio Branco, também participou desse processo ao ficar encarregado das aulas de História do Brasil. Outro familiar que participou desse período de instrução primária foi o pai de Eurico, tendo sido responsável por dar as primeiras lições de História Universal (SANTOS, 2017).

Nota-se que a sua vocação para a medicina foi constituída por alguns fatores, como, por exemplo, o efeito do bacharelismo liberal vigente na política brasileira desde o século XIX, que via na formação das elites um meio de civilizar a jovem nação, e, como, experiência construída pelo processo de socialização familiar. Neste sentido, a formação educacional adquirida por Eurico Branco Ribeiro no âmbito familiar permitiu, anos mais tarde, que se tornasse um “[...] dos alunos mais adiantados do curso ginasial” (RIBEIRO, 1976, p. 4), e certamente facilitou sua aprovação no curso de medicina¹². Desse modo, passa a ser importante observar a trajetória de formação escolar e acadêmica de Eurico Branco Ribeiro, priorizando os percursos e os aspectos de socialização verificados na fase inicial de sua vida na cidade de São Paulo.

2.2 BANCOS ESCOLARES E MESAS DE CIRURGIA: A FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICO-CIENTÍFICA EM SÃO PAULO

Após ser alfabetizado e receber uma educação primária em casa, com o pai e os avós, Eurico Branco Ribeiro foi enviado para casa de seus tios paternos em São Paulo, para dar continuidade aos seus estudos. Segundo conta o próprio Eurico

¹² A tendência de formação bacharelesca das elites pode ser percebida na trajetória familiar de Eurico Branco Ribeiro, onde se verifica que não foi o primeiro médico da família, ao menos por parte da família materna, posto anteriormente ocupado por José de Freitas Saldanha Sobrinho, nascido em Curitiba, formado no Rio de Janeiro, exerceu clínica em São Paulo, Campinas, Jaú e Santos durante muitos anos. Foi “lente” de cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, tendo regido também a de Arte de Formular e de Farmacologia. Colaborou na imprensa curitibana e na paulistana não só sobre assuntos literários como também sobre assuntos científicos (NEGRÃO, 1927).

foi “no dia 16 de janeiro de 1916 que partiu de Guarapuava na companhia de meu pai, tomando a diligência postal [...] até Ponta Grossa para tomar o trem rumo à capital paulista, levava [...] a ideia fixa de estudar medicina.” (RIBEIRO, 1976, p. 1). Esse discurso chama atenção e os dados da pesquisa demonstram que a família de Eurico Ribeiro, mais especialmente seu pai Arlindo Martins Ribeiro, possuía parentes entre os industriais paulistas em São Paulo.

Nos doze anos de estudo em São Paulo – seis de preparatórios no Ginásio N. S. do Carmo e no Ginásio do Estado e seis na Faculdade de Medicina mais tarde incorporada à Universidade de São Paulo – tive o apoio maternal de minha tia Anita, irmã de papai e esposa de Paulo Ayres, que também sempre me tratou como filho. O casal abrigou-me em seu lar por todo este grande período [...] (RIBEIRO, 1976, p. 6).

Este tio, a quem Eurico refere-se de maneira tão sentimental e com reverência, tratava-se de um dos maiores empresários da indústria farmacêutica paulista, Paulo Ayres¹³, presidente do Instituto Pinheiros - Produtos Terapêuticos SA. (IP). Segundo Maria Alice Rosa Ribeiro (2010), tal instituição está ligada ao estabelecimento da moderna indústria farmacêutica, que requer a presença de profissionais de conhecimento específico de base científica e a difusão e circulação de saber da ciência biomédica e da pesquisa laboratorial, articulada ao desenvolvimento da Saúde Pública, como iniciado em fins do século XIX e início do século XX. Neste momento, a indústria farmacêutica brasileira torna-se exemplo da articulação entre ciência, medicina experimental e políticas de saúde pública, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. O início do Instituto Pinheiros, em 1928, está ligado à própria formação de pesquisadores em institutos públicos e ao investimento de empresas nacionais em compostos biológicos, numa conjuntura favorável à

¹³ Paulo Ayres de Almeida Freitas nasceu no interior de São Paulo, na cidade de Botucatu, em 31 de agosto de 1889. Foi o primeiro filho de Luiz Ayres de Almeida Freitas e Tereza de Jesus Figueiroa Alves. Iniciou os estudos em Botucatu e, em 1905, ingressou como interno na Escola Americana de São Paulo. Formou-se em Comércio no *Mackenzie College*. Quando o Instituto Pinheiros, laboratório paulista e grande produtor nacional de vacinas e soroterápicos passou por uma crise financeira a partir de 1936, Paulo Ayres foi chamado a colaborar com a empresa. Em 1941, tornou-se sócio da empresa onde assumiu o cargo de Diretor Comercial, passando a Diretor Superintendente em 1947 e depois Diretor Presidente. Também foi diretor da Associação Comercial de São Paulo (ROSA, 2021, p. 1) e de diversas instituições filantrópicas, valendo ressaltar o grande trabalho que realizou em prol dos “Sanatorinhos”; Paulo Ayres faleceu em 12 de março de 1958, em São Paulo (ROSA, 2021).

modernização da indústria brasileira¹⁴. O Instituto Pinheiros tornou-se reconhecido pelo desenvolvimento da vacina anti-rábica e pelo preparo de soros antitoxinas, a empresa também chegou a produzir marginalmente uma linha de produtos, vitaminas, sob licença da empresa norueguesa Collet, as matérias-primas eram todas importadas (RIBEIRO, 2007).

Na capital paulista, aos treze anos, Eurico Branco Ribeiro deu continuidade aos estudos escolares e ao mesmo tempo tornou-se redator da edição vespertina “O Estadinho”, do jornal “O Estado de São Paulo”, tendo participado também do primeiro grupo de redatores da empresa “Folha da Noite”, como repórter policial, advindo talvez daí sua enorme facilidade em descrever situações as mais inusitadas. Em diferentes escritos, Eurico Branco Ribeiro ressalta como sua inserção no jornalismo foi significativa para o custeio de seus estudos na capital paulista, primeiramente no curso ginásial, depois ao cursar os primeiros anos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (RIBEIRO, 1971, p.18; 1976, p. 6).

Estas lembranças concorrem para a construção de uma memória sobre si mesmo. Transparece, portanto, o discurso elitista, do homem que se faz por si, a despeito do capital econômico e social proveniente de suas redes familiares, ou ainda de incentivos materiais (RIBEIRO, 1976); (SANTOS, 2018). Paralelamente à construção de si, os textos referem-se também ao empenho de sua família para mantê-lo estudando na cidade de São Paulo. Branco Ribeiro afirma que, para suprir suas necessidades indispensáveis, sua avó empenhava-se no “fabrico de queijos” na Fazenda Trindade (RIBEIRO, 1976, p. 7). Esta afirmação contradiz aquilo que indica a história familiar, o pai um abastado fazendeiro em Guarapuava e seu tio Paulo Ayres, empresário paulista (SANTOS, 2018).

¹⁴ Já consolidada no mercado farmacêutico, a instituição receberia grande impulso na década seguinte. Em 1941, o Instituto Pinheiros recebe grande aporte de capital dos novos sócios, Paulo Ayres e Paulo Ayres Filho, chegando a um valor de mercado de US\$162.162,16. Em seguida, em 1945, foi transformada em Sociedade Anônima e, na década de 1950, chegou a ter 1.200 funcionários, com 12 filiais pelo país. Segundo Ribeiro, uma das razões de seu sucesso foi o foco em produtos biológicos, com grande demanda no país, e um segmento em que grandes indústrias estrangeiras tinham participação insignificante e a produção estava baseada em instituições públicas. Nesta área, reuniu uma grande equipe de cientistas, alcançou excelência na produção de vacinas de introdução oral, e manteve um padrão tecnológico altamente elevado de controle de qualidade (RIBEIRO, 2001, p. 11); (SANTOS, 2018, p. 32).

médico foi relevante. Dos quarenta alunos (38 meninos e 2 meninas), sete seguiram a profissão.” (SANTOS, 2017, p. 33).

Branco Ribeiro realizou sua matrícula na 10ª Turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 14 de março de 1922. Notadamente, o ingresso na Faculdade de Medicina anunciava uma nova etapa de sua vida pessoal e acadêmica, algo que fez questão de publicar, na sessão Vida Médica, no dia 03 de abril de 1928, quando atuava no jornal paulista, a Folha da Noite.

Contudo, mesmo enquanto se formava na capital paulista da segunda década do século XX, Branco Ribeiro mantinha estreita relação com a cidade natal, levantando principalmente dados para fundamentar suas teses médicas. No contexto universitário, o envolvimento dinâmico na Faculdade de Medicina será evidente, não somente no que tange às atividades curriculares, mas também dedica grande parte de seu tempo à produção científico-acadêmica. Um exemplo imediato é a atuação, entre os anos de 1927 e 1928, como redator da Revista de Medicina da Universidade de São Paulo¹⁶ (publicação do Centro Acadêmico¹⁷ “Oswaldo Cruz¹⁸”) como autor de textos especializados, crônicas e outras discussões, ou mesmo com a participação assídua em eventos¹⁹.

Características da produção acadêmica de Branco Ribeiro podem ser observadas em seu primeiro trabalho científico publicado em 1924 no “Diário de Medicina” apresentando, de modo geral, um relato sobre a saúde e as condições do clima em Campos de Jordão. Em 1926, participa do 3.º Congresso Brasileiro de Higiene, tendo apresentado a tese intitulada “Higiene da Imprensa” (Begliomini, 2014). Posteriormente, participou da I Conferência Nacional de Educação realizada em Curitiba, em 1927. O evento foi realizado entre 19 e 27 de dezembro de 1927, na cidade de Curitiba, sob a coordenação da Associação Brasileira de Educação (ABE) e contava com o apoio do governo federal. Na ocasião o estudante Eurico Ribeiro

¹⁶ Somente a partir de 16 de outubro de 1914, surge a primeira referência ao início dos trabalhos no periódico. A Revista de Medicina, órgão oficial do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz até a década de 1930.

¹⁷ O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, do curso de Direito da Faculdade de Medicina da USP, já nasce sob o signo da medicina bacteriológica e o homenageado é Oswaldo Cruz, representante do pensamento bacteriano do Pasteur no Brasil.

¹⁸ Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), cientista, médico, bacteriologista e sanitarista, pioneiro da Medicina Experimental no Brasil. Estudou em Paris, no Instituto Pasteur, foi colocado à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública e iniciou as campanhas sanitárias focadas no combate às principais doenças do contexto urbano, como a febre-amarela, a peste, a varíola (FRAIZ, 2014, p. 54).

¹⁹ A dinâmica acadêmica de Eurico Branco Ribeiro na Faculdade de Cirurgia e Medicina de São Paulo será aprofundada no segundo capítulo. Para informações sobre a produção científica do médico Eurico Branco Ribeiro, consultar ANEXO I.

apresentou a tese n. 84 intitulada *A higiene dos internatos*: Nesta ocasião, foi membro da comissão da Educação Higiênica *das condições sanitárias dos internatos de São Paulo* (RIBEIRO, [1927] 1997, p. 478); nesse período também publicou as *Estações Climatéricas Brasileiras* (1927) e *Coração do Paraná* (1929). Nota-se, portanto, que as propostas sanitárias foram defendidas pelo então estudante de medicina de modo a eleger a ação educacional como fundamental para que questões relacionadas à saúde, higiene e salubridade fossem assuntos recorrentes na esfera social (SANTOS, 2018).

Seus estudos sobre sanitarismo desenvolvidos a partir da Faculdade de Medicina de São Paulo tinham perspectiva de intervenção pedagógica em internatos paulistas e no município de Guarapuava, sobretudo, com a elaboração de propostas de saúde pública. Percebido como um discurso validado sobre as condições de vida da população, o sanitarismo se constitui num conjunto de ações voltadas para os aspectos sanitários do país. Nesse processo, a educação para novos hábitos higiênicos configurou-se em um instrumento para tentar melhorar as condições sanitárias dos brasileiros, o que também minimizaria a possibilidade do surgimento de doenças. Na época, Eurico Ribeiro transformou o sanitarismo em uma missão, uma prática de vida, que deveria se espalhar pelo Brasil e contribuir para modificar a realidade brasileira (SANTOS, 2018).

Paralelo ao trabalho científico realizado no âmbito sanitário e cirúrgico, destacam-se outros atributos de Branco Ribeiro, ainda enquanto estudante da Faculdade de Cirurgia e Medicina do Estado de São Paulo. Conforme relatos de José Maria Cabello Campos, eram “inúmeras [as] qualidades de Eurico, como companheiro de turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [...] tinha afinidade para com todos os colegas de turma, sendo aquele que mais se preocupava em reuni-los para as festividades.” (CAMPOS, 1978, p. 9). Portanto, além do compromisso profissional e científico, Eurico se destacava em outras atividades, tais como as relacionadas à organização de confraternizações, comemorações e festividades da 10ª Turma da Faculdade de Medicina.

FIGURA 5 – FORMANDO DA 10ª TURMA DA FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO



FONTE: Reprodução da autora a partir do Painel de Formando (2020).

Também é necessário pontuar que Branco Ribeiro escolheu como área de especialização médica a Cirurgia Geral, com ênfase em gastrectomia. Em especial, foi influenciado principalmente pelo professor de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Estado de São Paulo, Benedicto Montenegro²⁰ (LACAZ; MAZZIERI, 1995). Montenegro foi uma influência marcante na formação e conduta profissional de Branco Ribeiro, de modo que este se referia a Benedicto Montenegro como “mestre” (Begliomini, 2014), principalmente por ser seu orientador e o ter levado a escolher sua especialização médica (SANTOS, 2018). A relação de amizade estabelecida entre Eurico Branco Ribeiro e o professor Benedicto Montenegro o levaria a ser assistente de seu “mestre” na Beneficência Portuguesa e no Sanatório Santa Catarina (VIDA ROTÁRIA, 1978). Anos mais tarde, quando o aprendiz se tornou mestre, ou seja, após 1927, ano de sua formatura, Branco Ribeiro seria reconhecido pela “destreza na arte cirúrgica, da qual ele era um verdadeiro expoente, operando com maestria com as duas mãos, pois era ambidestro (CAMPOS, 1978, p. 9). Em reconhecimento

²⁰ Benedicto Montenegro (1888-1979), filho de Henrique Montenegro e de Olímpia Gonçalves Valladão de Freitas Montenegro. Aos 10 anos se estabeleceu na capital paulista e, em janeiro de 1902, ingressou no Mackensie College. Formou-se em Medicina na Universidade da Pensilvânia em 1909, aos 21 anos. Aos 23 anos, em 5 de fevereiro de 1914, tornou-se demonstrador de Anatomia na Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1930 assumiu o cargo da Cátedra de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental até 1934, quando foi transferido para a 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica. Em 1935 passou para a 3ª cadeira de Clínica Cirúrgica, permanecendo nesse cargo de professor catedrático até 1957. Foi Diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, desde junho de 1941 até junho de 1947. Após exercer funções de Vice-reitor da USP, de 1941 a meados de 1946, foi nomeado Magnífico Reitor, cargo que ocupou até 1947. Faleceu no ano de 1979. Disponível em: <https://cbcsp.org.br/benedicto-montenegro-ecbc/>.

ao trabalho e em homenagem ao seu orientador publicou *Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil: Professor Emérito Benedicto Montenegro* (1971) (Begliomini, 2014).

A biografia de Branco Ribeiro, durante sua primeira infância em Guarapuava, evidencia seu capital social⁵¹ e mostra que sua instrução educacional foi familiar. A mudança para a capital paulista e o ingresso na Faculdade de Medicina de São Paulo propiciaram a Branco Ribeiro, além da continuidade de sua formação educacional e acadêmica, a consolidação da carreira profissional em medicina, bem como a ampliação de sua rede de relações sociais promovida por meio do espírito de associativismo⁵², as quais muito favoreceram a realização de sua filantropia na área da saúde.

Entre a alta burguesia paulista e a sociedade tradicional campeira paranaense, o título escolar consagrou seu lugar na elite médica e social do período. Sendo assim, é possível verificar que o percurso de sua formação escolar e acadêmica foi o resultado de uma cadeia de relações familiares, sociais e experiências profissionais, fatores que constituíram a base para a visibilidade social de Eurico não apenas no campo médico, mas também para além dele, no reconhecimento que obteve seja no exercício da profissão de cirurgião, seja no campo da assistência social e da filantropia, como procuraremos demonstrar ao longo da tese. É preciso pensar que a prática filantrópica de Eurico Ribeiro, embora carregue características de seu *ethos* cristão, está fundamentada nos valores da honra, da estima e do sucesso da elite burguesa paulista e no seu projeto de consolidação da nação republicana.

2.3 GABINETES, SALÕES E FESTAS: A ATUAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL DE EURICO BRANCO RIBEIRO EM SÃO PAULO

Eurico Branco Ribeiro é um personagem histórico de destaque nas memórias paranaense e paulista, sobretudo por sua atuação no campo da medicina e em instituições sociais e culturais urbanas que surgiam naquele contexto de reorganização e reconfiguração da ordem social da sociedade brasileira ao longo do século XX.

FIGURA 6 – EURICO BRANCO RIBEIRO



FONTE: Begliomini (2014, p. 367)

Com relação à atuação profissional, mesmo antes de formar-se médico no ano de 1927 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro iniciou suas atividades profissionais na capital paulista como plantonista do serviço sanitário, ainda na condição de acadêmico do curso de medicina. Depois, foi assistente do Prof. Benedicto Montenegro.

FIGURA 7 – ALMOÇO REALIZADO NO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO EM HOMENAGEM AO PRETEXTO DE UMA SÉRIE DE 30.000 INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS E AO DR. BENEDICTO MONTENEGRO



FONTE: Ribeiro (1971, p. 7)

LEGENDA: Em pé Eurico Branco Ribeiro, sentados Benedicto Montenegro e à sua esquerda Maria Emília Ribeiro. Almoço realizado no Rotary Club de São Paulo em homenagem ao pretexto de uma série de 30.000 intervenções cirúrgicas e ao Dr. Benedicto Montenegro

É possível falar das heranças de seu mestre na formação profissional do médico paranaense, como exemplo de uma conduta exemplar, firme e sadia de chefe de família e de chefe de escola cirúrgica (RIBEIRO, 1974, p. 6), elementos que seriam incorporados por Eurico em seu comportamento profissional e social. Vale mencionar que Benedito Montenegro também foi membro do Rotary Club, tal acontecimento provavelmente pode ter inspirado Eurico Ribeiro a associar-se a essa instituição, o que contribuiria para ampliar as relações sociais, divulgar e aperfeiçoar sua profissão.

Em São Paulo, Eurico Branco Ribeiro casou-se com Maria Emília Ferreira, por ele definida como “compreensiva esposa, [...] dotada de admirável espírito de abnegação e de colaboração” e a quem sempre conservou ao seu lado, em todas as oportunidades, mesmo nas viagens de congressos e convenções (RIBEIRO, 1971, p. 7). Desse matrimônio teve quatro filhas: Dulce, Gláucia, Alda e Sônia (SANTOS, 2018); (Revista Academia Paulista de Letras, 1977). Além de sua esposa e filhas, no Sanatório São Lucas, contou com a colaboração valiosa de Luiz, seu irmão, também médico, e Alzira, auxiliar geral, além de sua filha Sônia, que atuava como administradora (CAMPANA, 1999, p. 19). De acordo com Alda Ribeiro, Eurico também possibilitou a ida dos irmãos Diogo e José Maria a São Paulo, onde puderam estudar em condições melhores, e das irmãs Hermínia, Maria José e Maria Aparecida (RIBEIRO, 1999, p. 29).

Sobre os lugares onde trabalhou e exerceu seus serviços na “arte de curar”, atuando como cirurgião, estão hospitais como a Beneficência Portuguesa (até 1946), o Sanatório São Lucas, o Hospital da Pedreira, Sanatório Santa Catarina a partir de 1930, a Casa de Saúde Liberdade, a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários do Estado de São Paulo (CAPFESP) e a Sociedade dos Choferes do Estado de São Paulo (Begliomini, 1999, p. 16).

Além de desempenhar o trabalho clínico e cirúrgico, também se envolveu ativamente com a vida institucional de outros espaços, galgou os cargos de presidente de diversas instituições, entre elas da Academia de Medicina de São Paulo, da antiga Sociedade de Medicina e Cirurgia, e do Departamento de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina. Foi membro do *Board of Trustees* do Colégio Internacional de Cirurgiões, do Colégio Americano de Cirurgiões, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Médica São Lucas. Foi fundador, secretário e presidente da Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa, e ainda membro

da Sociedade Paulista da História da Medicina, da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo, da Sociedade de Leprologia de São Paulo, da Associação Argentina de Cirurgia, sócio honorário da Sociedade dos Cirurgiões de Santiago do Chile, da Academia Brasileira de Medicina Militar, da Sociedade de Cirurgia de Madrid, da Sociedade de Gastroenterologia do Uruguai, e sócio correspondente de mais de dez outras sociedades científicas (Begliomini, 1999).

Aqui é importante pensar sobre a ação dos médicos como mecanismo de mobilidade social, conforme enfatizado na tese de Jacques Léonard sobre os médicos do oeste da França no século XIX, publicada em 1978. Seu estudo avalia a posição da profissão médica no conjunto da sociedade em diferentes épocas e as questões que orientam o debate sobre essa formação (Heinz, 2006). A participação nesse conjunto de instituições, sociedades e academias científicas, culturais, literárias etc., indica um perfil dos princípios estruturais dos sistemas sociais. Neste caso, é notório que Eurico Ribeiro via nas instituições e em seu funcionamento um meio para a legitimação de seus anseios, tanto âmbito profissional como daquelas vinculadas à filantropia que realizava no contexto paulista. Para Giddens (2003), as sociedades são sistemas sociais que se destacam de um fundo constituído por toda uma série de outras relações sistêmicas, nas quais elas estão inseridas. Neste sentido, as várias instituições elencadas demonstram a busca de integração de Eurico Ribeiro por integração com o novo contexto social que passou a experienciar, sobretudo, os círculos de inserção social frequentados na capital paulista, espaços que lhe permitiram difundir a ciência médica e, de certo modo, a filantropia como conduta social e política.

Com mais de uma centena de temas médicos e técnicas especiais, a atuação de Eurico no âmbito da medicina o levou a publicar mais de 200 trabalhos científicos em anais de congresso de sociedades e em outras revistas médicas, condensando quase todos eles em seus *Estudos Cirúrgicos* – compostos por seis volumes (1934-1952), versando sobre extensa temática técnico-clínica cirúrgica absorvida durante sua vida – e em *A Cirurgia no Sanatório São Lucas* – produzido com colaboradores em três volumes (1939 a 1954) e (1955 a 1967) (Begliomini, 1999). Eurico exerceu a medicina como “verdadeiro sacerdócio”, realizando o trabalho pioneiro com a construção do Sanatório São Lucas, em 1939, na cidade de São Paulo, que ao longo do tempo se tornou modelo especialmente da medicina clínica e cirúrgica. As primeiras instalações aconteceram na antiga casa cedida pelo Dr. Alfredo Pujol, e

estava localizada na Rua Pirapitingui, no bairro da Liberdade, em São Paulo. (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Preocupado em desenvolver a ciência médica, Eurico Ribeiro não usava este espaço apenas para realizar o atendimento clínico, havia também uma preocupação com o ensino cirúrgico. Fato é que o hospital foi transformado no ano de 1979 em Fundação para o Progresso da Cirurgia responsável por realizar o intercâmbio de recém-formados e por oferecer apoio aos jovens médicos para o aperfeiçoamento e estudo no exterior. Eurico Ribeiro era reconhecido pelas técnicas operatórias criadas e reconhecidas internacionalmente, de modo que seus movimentos sempre atualizados contribuíram para formar no São Lucas um conhecimento altamente sofisticado, aperfeiçoando Cirurgiões Gerais do mais elevado padrão graças à pesquisa e à técnica (VIDA ROTÁRIA, 1978)

Com tino para escrita, era um mestre na comunicação escrita e falada. Participou de inúmeros congressos médicos nacionais e internacionais, ocasiões em que aproveitava para aprofundar seus conhecimentos científicos e técnicos. Sua dedicação à cultura, em geral, o leva a promover a criação do Museu Visconde de Guarapuava e da Biblioteca Ruiz de Montoya, também em Guarapuava. Contribui, de forma marcante, para a história da museologia no Estado de São Paulo. Através do Rotary Club inicia, na década de quarenta, uma campanha pioneira para a criação de museus municipais no interior de São Paulo para a preservação da memória dos municípios paulistas (RIBEIRO, 1999).

Também adentrou pelos estudos históricos, descobrindo, por exemplo, nos arquivos públicos de São Paulo, a data da fundação de Guarapuava, que passou a ser festejada. Assim, escreve sobre a História de Guarapuava em 1922 e o Esboço da História no Oeste Paranaense, ambos os estudos publicados pelo Instituto Nacional de Geografia. Além dessas obras, publicou *À sombra dos Pinheirais* (1925), *Gralha Azul* (1927), *O coração do Paraná* (1929), *Viagem às Sete Quedas* (1939), *O primeiro bandeirante* (1946) – o que lhe valeu ser convidado para ingressar no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - HGSP (VIDA ROTÁRIA, 1978) –, e o *Casamento Ideal* (1956) (Begliomini, 1999). Também publicou no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense sobre o Visconde de Guarapuava (1950).

Eurico foi também um estudioso da vida de São Lucas, médico grego que viveu na cidade de Antióquia, na Síria Antiga, tornou-se discípulo dos apóstolos e

mais tarde seguiu a Paulo. São Lucas, o Evangelista, é, segundo a tradição cristã, o autor do Evangelho de São Lucas e dos Atos dos Apóstolos – o terceiro e quinto livros do Novo Testamento. É o santo padroeiro dos pintores, médicos e curandeiros²¹. Eurico Ribeiro foi considerado uma referência nos estudos sobre o evangelista, o que pode ser revelador da personalidade cristã e mesmo da devoção de Branco Ribeiro para com a vida e obra de São Lucas. O santo foi assunto de destaque em seus estudos históricos, e a quem tomou como seu Patrono na Cadeira 27 da Academia Cristã de Letras, criada oficialmente em 1967, na qual foi empossado em 27 de novembro de 1975.

Para Hélio Falchi, Branco Ribeiro “como São Lucas, sempre sentiu e viveu a medicina qual um sacerdócio como uma missão para aliviar os sofrimentos dos outros” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 20). Dentre os livros que publicou sobre São Lucas estão: *Médico, Pintor e Santo*, em quatro volumes, sendo o I. Antes e Depois do Dia Fatal (1969), o II. Argumentos para uma Tese (1970), o III. *De Autor a Personagem* (1971) e IV. *Simbologia e Evocação* (1974). Sobre o santo ainda publicou também *O Livro que Lucas não Escreveu* (1969), *Lucas, o médico escravo* (1974), e *Fui um dos setenta* (1977), novela dos tempos bíblicos inspirada nas ideias do Pe. Antônio Vieira, que falava dos poderes curativos conferidos por Jesus aos seus discípulos, entre os quais encontra-se Lucas (VIDA ROTÁRIA, 1978).

A menção a São Lucas também esteve presente no nome da instituição de saúde que fundou, o Sanatório São Lucas, que foi criado em 31 de janeiro de 1939, no bairro da Liberdade. Posteriormente, uma ala do novo edifício foi inaugurada a 18 de outubro de 1945, dia de São Lucas, onde trabalhou até o final de sua vida. O Sanatório, sinônimo de excelência em cirurgia e em ensino clínico cirúrgico, foi transformado, em 1962, na obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia. A Fundação foi responsável pela promoção dos intercâmbios de muitos médicos do Brasil e de vários países. O Sanatório se configurava como um verdadeiro hospital universitário e Eurico considerado um “catedrático” de cirurgia, fatos que demonstram que a excelência da Medicina não se encontra apenas nas universidades (Begliomini, 1999). De acordo com Sonia Ribeiro, em depoimento concedido à Revista Vida Rotária, o Sanatório São Lucas é um magnífico repositório da

²¹ Chamado por Paulo de “O médico amado” (COLOSSENSES, cap. 4, vers. 14), pode ter sido um dos cristãos do primeiro século que conviveu pessoalmente com os doze apóstolos. Disponível em: <https://academiacristadeletras.org.br/cadeira-n27.html#patrono>. Acesso em: 3 set. de 2020.

extraordinária obra do Dr. Eurico, seu pai, que honrou a medicina, as letras, a pesquisa e os Rotary brasileiros (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Foi, portanto, no Rotary Club de São Paulo, fundado em 13 de fevereiro de 1924 (VIDA ROTÁRIA, 1978), onde Eurico Ribeiro tomou posse como sócio em 8 de março de 1935, que assumiu inúmeros cargos, inclusive o de presidente na gestão do ano de 1945-1946, demonstrando capacidade de prestação de serviço à comunidade. Historicamente, o processo de consolidação das intervenções sociais de organizações não governamentais, como são as do Rotary Club, por exemplo, tem um aumento significativo a partir da década de 1920, que, no Brasil, coincide com a expansão dos interesses norte-americanos e a adesão de políticas americanistas não apenas no país, mas em todo o continente. Já o Rotary Club, idealizado pelo advogado Paul Percy Harris, personalidade notável do século XX, foi criado no dia 23 de fevereiro do ano de 1905, para que profissionais de diferentes setores pudessem trocar ideias e fazer amizades duradouras. Com o tempo, o Rotary gradativamente ampliou seu alcance e passou a atuar em serviços humanitários e sociais, atendendo às necessidades das comunidades onde se instalou.

Ao longo dos anos, os clubes foram se multiplicando dentro e fora do território norte-americano, chegando “ao Rio de Janeiro, no Brasil, em dezembro de 1922.” (BATISTA, 1996, p. 12). A associação foi fundada por empresários locais e autoridades governamentais, depois de um longo processo de sensibilização (SETTON, 2004). O Clube cresceu rapidamente e expandiu-se pelo território nacional, chegando à capital paulista em 1924. As atividades realizadas neste espaço fornecem alguns elementos que ajudam a compreender seu perfil e sua atuação no universo da filantropia, um demonstrativo dos diferentes espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro estava inserido e onde desenvolveu suas atividades filantrópicas.

Desenvolveu atividades em todas as “avenidas”²² do Rotary Club, como, por exemplo, Serviços Internos, Serviços Profissionais, Serviços à Comunidade, Serviços Internacionais (RIBEIRO, 1961). Essa trajetória lhe permitiu assumir diferentes funções administrativas no clube, como os da Comissão de Serviços à Comunidade (1935-1937), primeiro secretário (1938), presidente da subcomissão rotária (1939),

²² O termo *avenidas* é utilizado pelo Rotary Club para definir as áreas de atuação. São quatro *avenidas* que servem de base filosófica e prática para os trabalhos: Serviços Internos, Serviços Profissionais, Serviços à Comunidade, Serviços Internacionais. O capítulo três apresenta uma análise detalhada das quatro *avenidas* (RIBEIRO, 1961).

presidente do clube (1945/1946), presidente da subcomissão de assistência social (1947/1948) e de publicidade (1948/1949), membro da Comissão de Revisão e Atualização dos Estatutos. Seu protagonismo entre os rotarianos no Brasil fez com que fosse nomeado em 1954/1955 delegado na Convenção do Jubileu de Ouro, que aconteceu em Chicago. Além disso, também foi presidente da comissão de revistas rotárias, sendo diretor da revista “Vida Rotária” (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Foi Eurico Branco Ribeiro com José Ermírio de Moraes, Álvaro Machado, Paulo Reis de Magalhães, Herbert Arruda Pereira e outros companheiros que fundaram a revista *Vida Rotária*, sendo Eurico o primeiro diretor responsável pelo periódico (VIDA ROTÁRIA, 1978). De acordo com Kyélce Amazonas Correia (1978), a publicação da revista foi iniciada em julho/agosto de 1949, com o nome de *Realidade Rotária*, logo mudado, no segundo número, o que até hoje permanece. Com assiduidade, Eurico deu colaboração à outras revistas, a exemplo da revista *Brasil Rotário*, editada no Rio de Janeiro, e do Boletim *Servir*, do Rotary Club de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

O dinamismo de Eurico Ribeiro nas atividades do Rotary Club de São Paulo é verificado através das inúmeras visitas e palestras realizadas nas mais diversas cidades no interior do estado, ou seja, o seu esforço consiste em difundir o tipo de modernização à americana, sobretudo no período de guerra e no pós-segunda guerra (1945-1946), debatendo a criação de museus e levando o Rotary para o interior paulista, o que significa pensar que para o projeto paulista de nação não adianta americanizar apenas as elites atlânticas. O fato de ocupar diferentes atividades no Rotary Club indica versatilidade em desempenhar diferentes funções, o que muito colabora para divulgar sua área profissional e difundir a instituição²³ em diferentes contextos.

²³ Como representante do Rotary de São Paulo, visitou os seguintes Rotary Clubs: Argentina, Paraguai, Alemanha, Estados Unidos, Portugal, Egito, Peru, Finlândia, Itália, Equador, Bermuda, Turquia, Liechtenstein, México, Uruguai, Noruega, França, Chile, Suécia, China, Israel, Dinamarca, Nova Zelândia, Inglaterra, Suíça. Dos estados brasileiros, visitou os seguintes: Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Paraná, Ceará, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Piauí e Espírito Santo. Já entre os Rotary Clubs das cidades de São Paulo, visitou os seguintes: Araçatuba, Assis, Barretos, Bauru, Botucatu, Bragança Paulista, Campinas, Campinas- Norte, Catanduva, Dracena, Guarulhos, Itú, Jaú, Jundiaí, Lindóia, Mogi das Cruzes, Osasco, Paraguaçu Paulista, Penápolis, Piracicaba, Pirassunga, Porto Feliz, Presidente Prudente, Regente Feijó, Ribeirão Preto, Rudge Ramos, Santo André, Santo São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo – Norte, São Caetano do Sul, São João da Boa Vista, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Roque, São Vicente, Serra Negra, Sorocaba, Taboão da Serra, Tatuí, Taubaté, Tietê, Tupã (VIDA ROTÁRIA, 1978).

O seu envolvimento com as questões rotarianas era algo bastante presente em seu cotidiano. Sua filha, Sonia, salienta que suas “viagens de caráter médico-científico, eram organizadas de acordo com eventos rotários internacionais, sempre que possível, de tal modo que procurava chegar ou ficar em determinada cidade, no mesmo dia que se realizasse reunião rotária” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 40). No Rotary publicou, onze livros, dos quais cito aqui *Rotary para mim é...* (1942); *Rotary, o legado de Paul Harris* (1948); *Assim é o Rotary* (1953); *Pelas Avenidas do Rotary* (1961); *Atividades Internacionais do Rotary* (1968) e outros estudos menores, além de inúmeros relatórios.

Ainda no Rotary Club, instituição da qual apreendeu vários elementos que fundamentaram a sua prática filantrópica para além do âmbito rotariano, Eurico Branco Ribeiro também participou da construção do Edifício do Rotary na Avenida Higienópolis. Por sua modelar participação neste clube foi galardoado com a famosa medalha “Paul Harris”, honra prestada somente aos sócios que se destacavam. Cirurgião de rara habilidade, administrador de arguta competência, escritor de grande sensibilidade, soube interagir proficuamente nas várias entidades de que participou. (Begliomini, 1999).

Foi homenageado em sessão solene no Congresso da Associação Mundial de Escritores Médicos, onde recebeu o título de Secretário-Honorário pelos serviços prestados àquela entidade. Também foi agraciado com a comenda da Ordem do Mérito Médico do Governo Brasileiro, foi Cidadão Honorário de Curitiba, sendo ainda detentor de muitas outras medalhas de entidades culturais que demonstravam seu engajamento. Preocupado, portanto, apenas em realizar suas ideias, Eurico Ribeiro era dotado espírito congregante, de modo que pertenceu a numerosas entidades cívicas, culturais, profissionais, sociais e beneficentes. Sua atividade cívica foi multifacetada, prestou serviços a várias entidades, cabendo-lhe também o título de fundador do Partido da Mocidade, uma das bases do futuro Partido Democrático, elaborando sua plataforma de lançamento (Begliomini, 1999).

Nota-se, pela diversidade de atividades realizadas, que Eurico Ribeiro reunia qualidades, sendo destaque durante o tempo que viveu. “Esse incrível Eurico!”, no dizer de Oscar Pereira Machado, sempre conservou sua vida e arte, como

Hipócrates²⁴, obediente ao seu juramento e rigoroso cumpridor dos preceitos recomendados pelo Pai da Medicina, no exercício da ciência da arte de curar as doenças (Begliomini, 1999, p. 22).

FIGURA 8 – LEMA DE HIPÓCRATES



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G/G (2022).

Outro traço predominante do biografado era o seu perfil cristão, marcado pelo desprendimento, pela simplicidade, pelas virtudes, e pela abnegação, características que conformam o seu *ethos* cristão e que estavam presentes em sua filantropia. Seu espírito filantrópico o levou a dedicar grande parte da sua vida à realização de atividades que pudessem servir aos carentes, aos doentes, desafortunados e desprotegidos. Dentre estas atividades, destaca-se o exercício, por 27 anos, da presidência da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Essa predisposição em ajudar e servir ao outro pode ser associada ao fato de Eurico Ribeiro ser adepto dos preceitos da doutrina espírita. Por também concentrar sua vida sobre as coisas do espírito, no âmbito familiar, “nas manhãs de domingo reunia a família para a leitura em voz alta do Evangelho Segundo o Espiritismo.”²⁵ (RIBEIRO, 1999, p. 30). Logo, a dimensão da caridade em suas ações pode ser entendida como um valor qualitativo integrado aos ensinamentos do Espiritismo, isto

²⁴ Hipócrates, considerado o pai da Medicina e o maior médico da Antiguidade. Um homem que mudou o conceito desta disciplina, transformando-a numa ciência. A medicina era exercida inicialmente pelos sacerdotes, de modo que se tornou ciência médica quando passou a adotar métodos específicos para a pesquisa dos males humanos (HISTÓRIA CIÊNCIAS SAÚDE, Manguinhos, out., 2014). Disponível em: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/hoje-na-historia-370-a-c-morre-hipocrates-considerado-o-pai-da-medicina/>. Acesso em: mar. 2023.

²⁵ O Evangelho segundo o Espiritismo, de autoria de Allan Kardec, foi publicado em Paris em 15 de abril de 1864. A obra dá maior enfoque às questões religiosas, éticas e comportamentais do ser humano.

é, de ajudar aos mais necessitados como um exercício fundamental tanto para a consolidação dos valores do espírito quanto para o desenvolvimento da sociedade²⁶. A caridade não será vista apenas como um atributo cristão, mas sobretudo como um compromisso relacionado ao exercício de sua profissão e como herança da filantropia ibérica praticada no Brasil, que será incorporada a seu perfil filantropo ao longo do século XX.

Como alguém que se preocupava com a escrita de suas realizações e outros estudos e assuntos, participou da redação de inúmeros periódicos, a exemplo de sua colaboração como redator da Revista de Medicina, da Revista do Instituto Pinheiros, também ocupa cargos de diretoria, sendo diretor dos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia* e do *Boletim do Sanatório São Lucas*, publicado como suplementos dos Anais Paulistas de Medicina, entre 1939 e 1977. Sob sua responsabilidade direta, vinha periodicamente a público a revista *Vida Rotária*, tendo também colaborado com a revista *Brasil Rotário* e com o boletim *Servir*, impressos relacionados à instituição e às finalidades do Rotary (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Foi na edição de 02 de março de 1978 que o jornal Folha de São Paulo, entre seu rol de notícias diárias, destaca em suas páginas o falecimento do médico e colaborador Eurico Branco Ribeiro, de parada cardíaca, aos 76 anos. Na sequência, a Revista Vida Rotária publica uma edição especial dedicada, na íntegra, às homenagens pela sua atuação no Rotary de São Paulo, intitulada *Perene Homenagem a Eurico Branco Ribeiro*, que veiculou textos em forma de poesia, de crônicas ou de depoimentos realizados por seus colegas que trouxeram à tona as múltiplas facetas do homenageado.

Como foi exposto neste esboço biográfico, nos seus 76 anos de vida Eurico Ribeiro foi membro de diversas instituições. Certamente a busca pelo reconhecimento dos pares e as estratégias de que lançou mão para construir e alicerçar uma posição social lhe custaram muito trabalho, dedicação e sacrifícios que lhe permitiram circular tanto no âmbito médico quanto intelectual, estabelecendo relações e galgando posições em Associações, Sociedades, Academias e Institutos. Foi assim que estabeleceu contatos internacionais, fundou instituições e recebeu comendas e prêmios regionais, nacionais e internacionais, com muitas homenagens quando de sua morte, como ato de consagração final (SANTOS, 2018).

²⁶ A relação entre medicina e espiritismo em Eurico Ribeiro é tema de importante reflexão e merece estudos aprofundados, algo que não será possível nesta pesquisa.

A repercussão da morte de um médico paranaense, que teve intensa atuação na capital paulista, nos fornece algumas pistas sobre o protagonista desta pesquisa, Eurico Branco Ribeiro. Por isso, este primeiro capítulo abordou a trajetória deste indivíduo a partir da configuração familiar e de suas relações com a alta burguesia paulista. Da mesma forma, buscou-se entender sua formação escolar e acadêmica na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, *locus* de formação da elite paulista e da produção do saber médico do período, bem como considerar a sua participação em diversas instituições e nas atividades realizadas no âmbito desses espaços no contexto da cidade de São Paulo.

Nesse sentido, a abordagem biográfica permite a construção de interpretações do mundo da vida dos indivíduos que podem ser elementos-chave no processo interpretativo do cotidiano do sujeito (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973), principalmente tendo em vista o seu papel no processo de tomada de decisão no curso de ação na vida cotidiana. Desse modo, o valor em elaborar uma biografia sociológica a partir da trajetória de Eurico Branco Ribeiro está voltado para a explicação das experiências coletivas e institucionais deste indivíduo e para as singularidades de sua formação familiar e escolar, seu percurso acadêmico-profissional, e seus vínculos institucionais ao longo do século XX, fatores que serão aprofundados e culminam na composição de seu perfil filantropo, como pretende-se demonstrar ao longo dos próximos capítulos.

3 FILANTROPIA, MEDICINA E MODERNIDADE NO BRASIL

No início do século XX, o processo de modernização do Brasil acarretou alterações significativas no tocante às concepções a respeito do conceito de filantropia. A filantropia passa a ser compreendida como instrumento capaz de auxiliar na consolidação do projeto de modernidade idealizado para a nação, cuja mobilização para colocá-lo em prática foi realizada por políticos, profissionais liberais, empresários e intelectuais. Até então, o modelo de assistência era representado socialmente sob os auspícios das “misericórdias”, aquelas criadas pelo estado português nos tempos coloniais sendo a caridade vinculada ao dogma cristão e à história da salvação.

Portanto, até princípios do século XX, percebe-se no contexto nacional, a existência de uma filantropia de caráter aristocrático, com forte presença do Estado e profundamente próxima aos aspectos caritativos associados à ética cristã. Notadamente, a renovação da prática da filantropia pautou-se numa nova maneira de ver e perceber os mais pobres, pois a própria noção de pobreza se modifica com a modernidade, em especial, há uma alteração na forma como as elites passam a se relacionar com a pobreza, de modo que a filantropia passa a coexistir com a caridade.

É somente a partir das primeiras décadas do século XX que surge uma filantropia com enunciados e valores relacionados ao altruísmo e à solidariedade renovando, assim, o universo de justificativas morais para a atuação de entidades privadas na área social (RANGEL, 2013). Através de um discurso simultaneamente moral, social e patriótico, a filantropia deixa de ser um sistema de afirmação de princípios humanistas para se constituir em “um modelo de proposições sociais dirigidas à suavização da pobreza ou da doença – o que compreende a mendicância, a assistência, a saúde pública e a seguridade.” (SANGLARD, 2015, p. 15).

Assim, para entendermos os diferentes contextos e espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro estava inserido e onde desenvolveu suas atividades filantrópicas, mostra-se fundamental, neste capítulo, a apresentação e análise de alguns aspectos históricos e sociais que culminam no surgimento e nos desdobramentos da filantropia praticada no ocidente.

Buscaremos abordar os aspectos históricos das atitudes e das experiências relativas ao cuidado inscritas nas tradições da caridade e da filantropia que se consolidaram no ocidente, a exemplo da luso-brasileira e da anglo-saxã. Apresentaremos a influência dessas tradições na consolidação da filantropia no Brasil tendo em vista o contexto da modernidade, momento em que as elites assumem lugar privilegiado no tocante à ação filantrópica. A convivência de tais tradições, a saber luso-brasileira e anglo-saxã, ao longo do século XX no contexto brasileiro, criará espaço para uma filantropia que coexiste com a caridade. A conciliação de tais elementos atrairá Eurico Ribeiro para o interior de instituições que compartilhavam tais princípios, e onde podia consolidar princípios éticos da medicina, a exemplo, da ajuda ao outro. Tais características certamente favoreceram a atuação do médico como filantropo, pois era possível no exercício da filantropia edificar também a sua espiritualidade por meio de ações sociais, além de defender os princípios éticos da medicina, principalmente o de ajuda ao outro.

Por fim, será realizada uma análise do perfil filantropo do médico e sanitarista paranaense Eurico Branco Ribeiro a fim de destacar a assimilação tanto dos preceitos cristãos da assistência, quanto da dimensão científica atrelada à filantropia, preceito sobretudo vinculado aos valores anglo-saxões inseridos no Brasil através da Fundação Rockefeller (MARINHO, 2013), com a qual manteve contato quando estudou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Além do contato com a filantropia científica, Eurico também aderiu a filantropia médica, que realizou através do trabalho voluntário no Rotary Club de São Paulo, local que passou a frequentar e onde ampliou sua rede de sociabilidades e angariou capital simbólico naquela capital, possibilitava a legitimação da profissão na sociedade. É neste tópico também onde daremos ênfase à fundação do Sanatório São Lucas, que posteriormente foi transformado na Fundação para o Progresso da Cirurgia, obra filantrópica empreendida por Branco Ribeiro e na qual forjou seu próprio perfil filantrópico.

3.1 O CUIDADO COMO PRÁTICA POLÍTICA NAS EXPERIÊNCIAS LUSO-BRASILEIRA E ANGLO-SAXÃ

O cuidado de si é constituído simultaneamente como um atributo e uma necessidade universal dos seres humanos a ser regido por princípios de aplicação geral, embora orientados para uma prática de caráter e responsabilidade individuais.

A partir das discussões a respeito da noção de sujeito em Hannah Arendt (2007) é possível realçar algumas compreensões fundamentais sobre a condição humana e o cuidado de si. Para a filósofa, o homem está submetido a tais condições de modo que o cuidado faz parte de sua essência humana, seja no enfrentamento das intempéries, seja na dignificação do homem em confronto com a vulnerabilidade decorrente de sua natureza. Segundo Hanna Arendt (2007) “a força compulsiva era a própria vida [...]; e a vida, para sua manutenção individual e sobrevivência como vida da espécie, requer a companhia de outros”. (ARENDT, 2007, p. 39).

Como elemento sempre presente na experiência humana ao longo da história, o cuidado é inicialmente relacionado à sobrevivência e depois à vida organizada em sociedade, o que indica se tratar de uma dimensão que possui uma historicidade e que suscita e se enraíza numa experiência muito antiga não apenas ligada à caridade e à filantropia, mas também a uma experiência sentimental relacionada aos cuidados dispensados aos sofredores e necessitados ao longo da história humana (SCHWYZER, 2016).

No tocante à sociedade cristã ocidental, a caridade pode ser definida como uma ação fundada em valores como o altruísmo e a bondade que teria sido pregada e incentivada por Jesus Cristo, depois por seus discípulos e, posteriormente, por seus representantes institucionais. Deste modo, a caridade é entendida como a possibilidade de uma relação de união e comunhão com o outro, garantindo a salvação a todos e a recompensa de uma vida de amor, pautada em ações de acolhimento e humildade (SILVA, 2009). Durante a Antiguidade Tardia – intervalo de tempo situado entre a Idade Antiga e a Idade Média, por volta de 300-476 d.C. –, o Cristianismo influencia uma nova maneira de viver e perceber o mundo. Assim, a partir da origem e propagação do Cristianismo no Mediterrâneo, as noções de cuidado são redefinidas, alterando o valor simbólico de sua prática no mundo social.

O cuidado está presente em várias culturas e sociedades. Ele é sempre uma ação relacional e ganha significado conforme o tempo e a cultura em que está inserido. No caso do *ethos* cristão, o cuidado será uma relação baseada na caridade e posteriormente na filantropia, mas isso não implica o desaparecimento da prática da caridade. Todavia, ela vai significar, por exemplo, as ações religiosas, mas, é preciso pontuar que também pessoas laicas acreditam que o ajudar o outro estão praticando caridade.

Inicialmente restrito ao espaço doméstico, esta ação indispensável da história humana – embora pouco focalizada – passou, ao longo do tempo e a partir de novas sociabilidades, por redefinições com a ascensão do Cristianismo. A ascensão do Cristianismo no Ocidente desencadeia a formação de uma atitude moral, um *ethos*, que transforma o significado das ações de cuidado passando a ser associado à vida religiosa e à dimensão espiritual. Com o surgimento do *ethos* cristão, por conseguinte, as ações de cuidado transpõem a esfera privada (MARTINS, 2011).

Para Hanna Arendt (2007), ao centrar sua base no amor, o Cristianismo rompe com o Deus vingativo do antigo testamento e passa a priorizar os ensinamentos de Cristo, cujo ideal é o do amor ao próximo, atitude percebida como fundamento da caridade. Percebe-se, portanto, que o cuidado, no *ethos* cristão, apresenta-se como um bem, uma dádiva, pois é por meio das ações caridosas que o sujeito se torna digno da graça e da possibilidade de salvação. Por isso, a essência do Cristianismo, enquanto religião de salvação e de amor ao outro, mostra-se como um elemento significativo na constituição de uma nova experiência de cuidado de si e do outro²⁷.

Porém, nem todas as ações de cuidado passam a ser associadas à vida religiosa. O cuidado é uma atitude, uma ação em relação ao outro, e existe em vários momentos da vida humana. No caso do cuidado com os doentes e pobres, ele sai da esfera da família e vai ser realizado no espaço público e no primeiro momento ele é visto, no contexto do cristianismo como sagrado. Ou seja, a própria noção de cuidar dos pobres e dos doentes se modifica, ela passa a ser vista como sagrada, e depois vai para a esfera pública.

Na Antiguidade, havia uma preocupação com os efeitos da pobreza sobre a cidade. O cristianismo ressignifica a pobreza e a atitude em relação a ela de onde surge a noção de caridade cristã, algo desconhecido até então. Seguindo o histórico de Geremeck, Silva (2021) afirma que a pobreza na Europa durante a Idade Média (séculos V ao XV), ou seja, as transformações processadas entre a Idade Média tardia e a modernidade, teriam definido as bases de como o continente lidou ao longo do tempo com a pobreza, a assistência e a filantropia

²⁷ Ao elaborar uma narrativa histórica sobre os acontecimentos e motivos que transformaram a religião cristã em uma das influências culturais do império romano, o historiador Paul Veyne (2010) afirma ter sido com o reinado de Constantino que o Cristianismo triunfa como religião oficial, de modo que, sem ele, o cristianismo teria permanecido como uma “seita de vanguarda” (VEYNE, 2010, p. 14). Ao contrário, torna-se um “costume e uma religião” (VEYNE, 2010).

De acordo com tais apontamentos, o protagonismo daquilo que se considerava como caridade se aproximava do que a Igreja Católica passou a fazer no âmbito das práticas religiosas de auxílio aos necessitados. As ações filantrópicas foram perpetradas mais tarde pelo Estado, instituições e indivíduos abastados, compondo uma política social para moralizar e reeducar o estrato mais pobre da população, que visava a eliminação da mendicância e da vagabundagem.

Logo, o cuidado é uma ação e é ressignificada pelo cristianismo, isso pode ser visualizado, por exemplo, nas obras de misericórdia, onde o mais valorizado, o que configurava uma obra de caridade era o feito com doentes e moribundos. Entendia-se que quanto mais próximo do sofrimento mais próximos os filantropos estariam da santidade. No imaginário medieval, as doenças simbolizavam o pecado e sempre eram associadas à pobreza.

O cuidado, neste sentido, passa a ser visto como uma experiência espiritual e considerado como uma obra da misericórdia, tornando-se um importante meio de alcançar a salvação. Concomitante ao cuidado com os mais pobres e doentes, nasce a noção da caridade como um dever moral. Na Europa Cristã, por exemplo, a nobreza e o Alto Clero Católico passam a considerá-la uma obrigação moral, espécie de bem realizado em troca da redenção dos pecados. Todavia, é preciso ressaltar a existência de várias representações da concepção de caridade, tendo sido assimilada e praticada de diferentes modos pelos indivíduos dos diversos estamentos sociais.

Destaca-se, nesse contexto de ascensão do Cristianismo, o surgimento de locais que serviam de abrigo para pobres e doentes tendo sido criadas instituições como os hospitais e asilos²⁸, cuja concepção de cuidado – aquela que se instala na Europa – está baseada nos ideais da misericórdia e da caridade cristã. Mesmo quando os hospitais passam para a jurisdição secular (século XIII), em especial nas cidades, as tarefas de cuidar dos doentes continuam a cargo dos religiosos (ANTUNES, 1991). Tal experiência ganha ressignificados na Modernidade, no entanto, apesar da racionalização intrínseca à Modernidade, o ideal de amor e cuidado ao próximo ligado ao *ethos* cristão mantém-se, mesmo quando operado num modo laicizado.

²⁸ Os primeiros hospitais cristãos surgiram a partir do século III no Oriente e no século IV na Europa Ocidental. Na tradição cristã, atribui-se a Santa Fabíola a criação do primeiro hospital europeu (ANTUNES, 1991).

Neste sentido, a partir do breve histórico aqui apresentado a respeito das tradições do cuidado e da concepção de caridade consolidadas no Ocidente, percebe-se que tais tradições estiveram predominantemente ligadas ao Cristianismo. Já a filantropia, ao longo do tempo, passa a se configurar como um exemplo da racionalização e da laicização do cuidado (SCHWYZER, 2016), assim, a filantropia não se distancia dos preceitos cristãos ela o ressignifica. A ideia da salvação cristã persiste, mas de modo racional e laico. No caso da inserção dessas filantropias no contexto brasileiro, o histórico nos mostra a existência de duas influências principais, uma ligada à experiência da Irmandade da Misericórdia portuguesa e outra ligada à tradição operada no mundo anglo-saxão que chega ao Brasil através da influência norte-americana. Todavia mesmo com a importação do modelo americano, ainda se tem no Brasil a assistência baseada em uma filantropia com relevos religiosos e da caridade.

As transformações sociais que ocorrem após o fim da Idade Média modificam progressivamente a relação dos cristãos com a prática da caridade. Na Europa, a partir do século XVI, por exemplo, “o conjunto de transformações não foram apenas políticas e econômicas, mas da própria relação do indivíduo consigo e com o outro e com sua concepção de mundo.” (SCHWYZER, 2016, p. 64), de modo que o próprio *ethos* cristão passa por modificações em relação às práticas da caridade e da misericórdia. É neste contexto que surgem as confrarias e as irmandades que, por sua vez, exercem um papel importante no final da Idade Média e ao longo da Modernidade apresentando-se como instrumentos de coesão grupal e formação de laços de solidariedade tanto material quanto espiritual. Com isso, as ações das confrarias e irmandades passam a dar contornos específicos à experiência católica no âmbito da filantropia, o que a distanciou da experiência anglo-saxã (SANGLARD, 2005), por exemplo, assunto que será abordado no tópico seguinte.

Segundo os apontamentos de Franco (2014), a origem das irmandades está ligada ao século XV, quando é fundada em Lisboa, pela irmã do rei Dom Manuel, uma irmandade dedicada à Virgem da Misericórdia. Em pouco tempo, tal organização será conhecida como uma instituição modelo, no mundo português, de auxílio aos

pobres²⁹. Com a criação, em 1516, da Misericórdia de Lisboa, o protagonismo da confraria na assistência institucionalizada tende a monopolizar as novas fundações de hospitais, homogeneizando de maneira considerável o sistema de filantropia a partir do modelo de Lisboa³⁰. É neste contexto, portanto, que surgem, em território português, as irmandades das Misericórdias, instituições católicas leigas organizadas para a prática da caridade (TOMACHESWSKI, 2015) que acompanham a formação da cidade, corroborando a expansão cultural lusitana nos núcleos considerados relevantes pelo império (SANGLARD, 2005).

É possível, neste sentido, compreender as origens das misericórdias brasileiras que se dá desde os inícios da colonização, ressaltando a assimilação do modelo lusitano ligado à ética cristã. Como caráter fundamental, apresenta-se como objeto de atuação a assistência aos pobres, presos, forasteiros e miseráveis seu mais alto objeto de atuação, o que demonstra “[...] a atenção aos desvalidos em um longo período e em diferentes regiões.” (SANGLARD; LOPES, 2018 *apud* SILVA, 2019, p. 82).

Em estudo sobre a importância ultramarina da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, Russel-Wood (1981) afirma que as doações à instituição eram interpretadas como um dever cristão, segundo a caridade tradicional, confirmando o papel relevante das Misericórdias na tradição católica de assistência. Trata-se, assim, da implementação daquilo que o autor chama de “filantropia social”, conceito ligado à ação junto aos desvalidos originário em Portugal com as albergarias que acolhiam os peregrinos durante a Idade Média. No Brasil, a implantação dessas instituições tornou-se preponderante a partir da descoberta das minas de ouro no sertão da América portuguesa, em fins do século XVII, momento em que muitas irmandades de Portugal se beneficiaram do enriquecimento advindo da exploração aurífera favorecendo suas confrarias (FRANCO, 2014). Já no que tange ao funcionamento das Santas Casas em Minas, Franco (2014) afirma ter acontecido de forma bastante

²⁹ Inicialmente, em Portugal, as Misericórdias disseminavam a experiência religiosa como aquelas responsáveis por empreender uma renovação na assistência do reino, concepção que se desdobra também para seus domínios além-mar, seja em território italiano ou nos domínios do Império Português.

³⁰ Em Portugal, a centralização das ações de assistência aconteceu a partir da reunião de pequenos hospitais sob os auspícios da Coroa. Disto decorre a criação do hospital de São Marcos, em 1508. Inicialmente, o hospital foi colocado sob a alçada da Câmara local, sendo administrado pelos seus vereadores. No entanto, “Após 1559 passou para a Misericórdia, mantendo-se sob a sua tutela até 1974, quando foi transferido para a posse do Estado e em 2011 encerrado definitivamente, dando lugar a um novo projeto de saúde – o hospital de Braga.” (ARAÚJO, 2017, p. 148).

irregular, de modo que tais instituições foram ofuscadas por irmandades mais antigas e pelas ordens terceiras que floresceram a partir da década de 1740.

Este elemento de irregularidade mostra-se como uma espécie de contradição em relação à historiografia brasileira que, geralmente, atribui às Misericórdias a característica de terem sido um todo uniforme e executor natural de obras de assistência, o que, segundo Franco (2014), não se aplica quando observadas com aprofundamento e criticidade. Isto é, durante as ocupações das regiões de Minas Gerais, Goiás ou mesmo do Mato Grosso, não é verificável a atuação da Misericórdia como uma entidade paradigmática de auxílio à pobreza. O mesmo vale para o Rio Grande de São Pedro, cuja ocupação efetiva data da década de 1730, mas que até 1814 permaneceu sem Santa Casa da Misericórdia (MAGALHÃES, 2004; KUHN, 2010 *apud* FRANCO, 2014).

De acordo com Caio Boschi (1984), apesar dessas instituições se apresentarem como estabelecimentos de caridade a partir de um ideal universalizante, eram reduzidos o número de pobres atendidos, ou seja, as instituições de caridade não acolhiam toda a pobreza, mas selecionavam aquela parcela a ser beneficiada. Quanto às particularidades do público atendido, os escravos, por exemplo, não faziam parte dos selecionados pelas Misericórdias. Outro dado relevante é o de que as próprias Misericórdias no Brasil eram detentoras de alguns escravos e recebiam, de forma irregular, as doações régias que eram financiadas pelos chamados “principais da terra” (FRANCO, 2014). Já às vésperas da independência, as soluções para a pobreza estavam “bastante abrazeiradas: marcadamente personalizadas e invariavelmente fragmentadas.” (SOUZA, *et al.*, 2019, p. 11).

É somente a partir do século XIX que as Misericórdias passam a ser fundadas, no Brasil, com maior regularidade, tendo passado por um período escasso de novas confrarias. Nesse contexto brasileiro outro elemento mostra-se como fundamental. Trata-se da constatação da dependência do Estado em relação à essas instituições, isto é, todo tipo de ação visando à assistência ao campo social, sobretudo aos pobres, era de responsabilidade única das Misericórdias, situação que perdura até meados do século XX e demonstra a ausência de políticas sistemáticas sobre este campo indispensável, por exemplo, ao desenvolvimento da sociedade brasileira (SCHWYZER, 2016).

Neste sentido e aclimatada aos trópicos, a caridade foi, por muito tempo, uma instância de atuação realizada como forma de suprir a ausência da ação do Estado na dimensão do social, o que demonstra não apenas uma característica muito marcante da nossa formação cultural, mas a inegável herança da tradição portuguesa de assistência ligada ao papel central das Misericórdias, instituições que mantiveram o protagonismo do atendimento, reuniram os setores mais abastados de cada localidade e, na medida do que lhes era possível, conservaram vivos valores caros à tradição religiosa (FRANCO, 2014).

Esse cenário terá modificações mais acentuadas a partir do século XX, quando novos perfis de filantropia passam a figurar e se estabelecem no país, a exemplo da “filantropia médica”, caracterizada pelo trabalho voluntário dos médicos e das elites sociais, ligadas às redes sociais, políticas, econômicas e religiosas, bem como às atitudes patriarcais predominantes em relação aos pobres (MATSUMOTO, 2018) e da “filantropia científica” oriunda dos Estados Unidos, herdeira da tradição anglo-saxã e mais ligada aos aspectos de sua utilidade pública. Para compreendermos melhor esse processo de transformação, mostra-se necessárias considerações a respeito das características da filantropia que ocorreu no mundo anglo-saxão e que passará a influenciar as práticas filantrópicas no Brasil ao longo daquele período.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que a experiência da filantropia posta em prática nos países do mundo anglo-saxão revela especificidades. Segundo a historiadora Sandra Cavallo (1989), uma das principais características do modelo anglo-saxão é o papel preponderante da filantropia privada pautada na valorização e no prestígio da ação dos benfeitores, das relações sociais e da competição entre os diversos grupos envolvidos. Na Inglaterra do século XVIII, a ampliação da prática filantrópica se deu com a abertura de novas instituições beneficentes voltadas para o atendimento de paciente pobres e doentes, a exemplo dos dispensários das enfermarias, dos asilos, hospícios, entre outros (COHEN, 2003). Neste contexto, as novas instituições passaram a ser operadas também pela classe média britânica, a ponto desse tipo de ação filantrópica se transformar em traço cultural marcante dos

comerciantes ingleses e considerado como uma virtude, principalmente no período do Setecentos (SANGLARD, 2005)³¹.

Neste sentido, a filantropia de motivação religiosa exerceu também papel político fundamental, uma vez que prometia reformas no âmbito educacional e na qualificação profissional mediante a fundação e manutenção de *workhouses*, locais onde os pobres aprendiam um ofício. A primeira *Poor Law*, por exemplo, foi criada durante o reinado de Elizabeth I, no século XVIII, e tinha como um de seus objetivos alimentar o campesino pobre e faminto (SANGLARD, 2005). Assim, as *workhouses* eram entendidas não apenas como locais de residência dos pobres, mas acima de tudo como lugar aberto a todos. Porém, esse tipo de assistência, embora se diga caridosa, quase sempre prescinde do saber médico, de modo que sua presença é rara e está subordinada às autoridades religiosas (CAPONI, 2000).

Fica evidente, portanto, que a implantação, na Inglaterra, da Lei de Pobres através da organização e administração paroquial, foi uma das características dos séculos XVII e XVIII, de modo que os diferentes tipos de auxílio aos pobres eram administrados e unificados por meio da ação caridosa das paróquias. É possível observar que “a ação piedosa das paróquias possibilitou que o mundo da pobreza fosse invadido, diferenciado, classificado e fixado em um espaço preciso.” (CAPONI, 2000, p. 24). Nota-se, ainda, que a Lei de Pobres marcou o início da chamada Época da Bondade, definindo-se como uma lei capaz de garantir “trabalho para os que querem trabalhar, castigo para os que não querem e pão para os que não podem” (HIMMELFARB, 1988, p. 40 *apud* CAPONI, 2000, p. 26). Vale ressaltar também que, inicialmente, todos os pobres habitantes na Inglaterra, em algum momento, foram beneficiários da caridade, ainda que existissem diferentes tipos de auxílio para os diferentes tipos de pobres (CAPONI, 2000).

As formas de participação dos benfeitores eram as mais diversas, seja por meio de sermões anuais para caridade e de coleta nas igrejas, seja através de concertos de gala especiais, prática que resultará no surgimento da filantropia

³¹ De acordo com Willian Cohen (2003), essa prática está situada entre a primeira metade do Setecentos e a segunda metade do século, sendo que durante sua existência os hospitais foram os maiores beneficiários. Outra questão abordada por Choen (2003) diz respeito à doação para manutenção ou criação de dispensários. Sobre a questão, tanto Sanglard (2005) quanto Killpatrick (1990) e Roy Porter (1989) analisam as motivações dos filantropos ingleses do século das Luzes sob a perspectiva do caráter cívico de suas ações. A filantropia americana e inglesa data do século XIX, será privada e utilizará a medicina para organizar, moralizar e assistir os mais pobres. Em Sandra Caponi (2000) é possível encontrar um debate sobre a passagem e o modo como o pobre passa a ser controlado.

Quaker, entre outras ações ligadas aos hábitos ou ideários religiosos. A íntima relação entre a filantropia e os ideais religiosos no mundo anglo-saxão foi verificada por Killpatrick (1990) identificando na *Quaker* uma relação entre filantropia e a feição médica de modo que, mesmo centrada em ações individuais, mantém o caráter da virtude cristã. Já para Sandra Cavallo (1994) a diferença entre a filantropia do mundo anglo-saxão do mundo católico não está restrita à ética religiosa, abordagem que, segundo a autora, aparece como uma marca da historiografia norte-americana para as questões filantrópicas, o que demonstra a influência que a filantropia anglo-saxã vai desencadear na prática norte-americana³².

A partir dessa perspectiva é possível pontuar a diferença determinante entre caridade e filantropia. Isto é, enquanto a caridade esteve associada a uma prática cristã, a filantropia, “seria uma virtude social e seu desenvolvimento estaria ligado ao papel desempenhado pelos filósofos das Luzes no final do Antigo Regime.” (SANGLARD, 2005, p. 29). Nesse sentido, os filantropos “buscaram esvaziar o caráter caritativo da filantropia reforçando seu lado de utilidade social” (SANGLARD, 2005, p. 29). De fato, todos os projetos filantrópicos desse período, da Época da Bondade, a exemplo das escolas de caridade, caracterizam-se pela ambiguidade dos sentidos de caridade e controle social, atuando simultaneamente ora como forma de assistência caridosa dirigida aos necessitados, ora como dispositivo de controle e coerção social. (CAPONI, 2000).

Portanto, parece latente a percepção de que os filósofos ingleses souberam sublinhar o caráter desinteressado e solidário da compaixão, embora “muitos dos projetos defendidos pareciam silenciar seu caráter solidário, reforçando, em troca, a face mais coercitiva” (CAPONI, 2000, p. 36-37). É por isso que uma assistência fundamentada na solidariedade, ainda que possa prescindir do “amor pelos que sofrem”, nunca poderá prescindir de uma preocupação desapaixonada por seus direitos (CAPONI, 2000, p. 45). Assim, mostra-se como fundamental repensar uma assistência que se fundamente em uma ética da solidariedade, não em uma ética piedosa. Para isso, no próximo tópico, buscaremos apresentar o conceito de assistência tendo em vista o ideário da modernidade no contexto brasileiro.

³² A bibliografia internacional dedicada a discutir a questão da filantropia nos países anglo-saxões tem ampliado o debate em torno de considerações estabelecidas sobre a história da caridade. A periodização apresentada por essa bibliografia aponta para um recorte amplo – tendo como limite os anos de 1850 – ligado tanto às questões da produção de conhecimento médico e da organização da profissão quanto às questões sociais mais amplas (SILVA, 2019).

3.2 A ASSISTÊNCIA COMO ATUAÇÃO DAS ELITES NA MODERNIDADE BRASILEIRA

No Brasil, é evidente o sucesso das instituições como as irmandades, e em especial a das Misericórdias que além dos hospitais, atenderá por exemplo, as prisões, orfanatos; depois disso, no contexto imperial, os socorros públicos serão providenciais no contexto urbano. Nota-se que tais instituições fizeram parte do processo que culminou com a reinvenção da assistência na modernidade. Especialmente, desde fins do século XVIII, elas foram um subsídio importante das políticas de Estado e se organizaram a partir de debates mais gerais em torno da filantropia. Nota-se que, apesar do aparente traço de “modernidade” que tais instituições buscavam empregar, em boa medida justificavam suas ações como um exercício de “comiseração moral e cívica – diante dos males sociais” (SOUZA *et al.*, 2019, p. 8), perspectivas que pautaram a formulação de políticas de organização da assistência. Historicamente, durante o período colonial, imperial e nos primeiros anos da República, foram as Misericórdias do modelo português as instituições a assumirem importância como protagonistas no campo da assistência e, de maneira complementar, no campo da saúde, tendo como característica principal a dependência do Estado perante as ações caritativas e, posteriormente, filantrópicas (SANGLARD, 2007).

Com a passagem do século XIX para o XX, em São Paulo, é possível notar que foi criada uma rede de assistência apoiada pelo Estado, mas efetivada pela assistência filantrópica aos mais pobres, doentes. Notadamente, neste estado, “a atenção à saúde individual e a assistência aos pobres não foram assuntos de preocupação legal antes de meados do século XX.” (SILVA, 2019, p. 80). Uma das primeiras medidas de apoio estatal, por exemplo, foi a ampliação do apoio às Santas Casas, existentes desde o século XIX e criadas com mais afinco durante o século XX. Neste sentido, os aspectos históricos e sociais da filantropia praticada no Brasil demonstram fortes “laços de assistencialismo de cunho piedoso e filantrópico e sua influência na assistência prestada nas Santas Casas.” (SCHWYZER, 2016, p. 94).

Só nos anos de 1940 tal modelo perderá lugar para outros espaços de cura ligados diretamente às políticas de saúde, isto é, somente “[...] quando cresceram demandas por atendimento hospitalar, forçando o Estado a atuar nesse sentido”. (SILVA, 2019, p. 81). Um dos fatores que impulsionou a demanda pela assistência

hospitalar foi a expansão urbana de inícios do século XX, cenário cuja opção pelo sanitarismo se torna hegemônica resultando numa diminuição dos recursos destinados ao “cuidado” aos moldes assistenciais. Dessa forma, “configurava-se a perspectiva de que a estruturação da assistência seguia sendo gerida por meio da filantropia de caráter devocional ou secular.” (SILVA, 2019, p. 80-81). Todavia, um novo quadro vai se compondo na medida em que a atenção dispensada pela filantropia à assistência se torna intrínseca ao arcabouço legal do Estado, sobretudo “pelo recebimento de subsídios e apoios de toda espécie e pela correspondente submissão às instâncias formais de fiscalização.” (SILVA, 2019, p. 90). Assim, uma rede ampla e cada vez maior de instituições passa a executar funções públicas ligadas ao sanitarismo sendo, por isso, beneficiárias de recursos públicos.

De acordo com Mestriner (2010), é no contexto posterior à ascensão do governo varguista que se organiza, de modo mais efetivo, a relação entre filantropia e políticas sociais no Brasil. Para a autora, em tais políticas prevaleceu um modelo de assistência que transitava sempre “no campo da solidariedade, filantropia e benemerência, princípios que nem sempre representaram direitos sociais, mas apenas benevolência paliativa.” (MESTRINER, 2010, p. 40). Nesse processo, prevalece o princípio da subsidiariedade, de modo que o Estado se coloca como a última instância a responder diretamente pelas atenções sociais, executando ações meramente emergenciais (MESTRINER, 2010). Para Sanglard (2007), portanto, a filantropia voltada para a manutenção da saúde pública tem uma relação direta com os ideais de modernização do país exigindo, no entanto, investimento estatal tendo em vista o combate à pobreza e à prevenção de doenças.

Neste sentido, as alterações significativas no tocante à assistência estão ligadas diretamente ao ideário da modernidade no Brasil, sobretudo no que diz respeito à modernização urbana. Surge como determinante a participação dos médicos e das mulheres (aquelas ligadas às camadas mais abastadas da sociedade) e, sobretudo, é neste momento em que há uma conexão efetiva entre filantropia e o poder público e, portanto, uma articulação entre ciência, assistência e construção da nação. É neste contexto que os médicos se consolidam como figuras socialmente engajadas e como portadores de preceitos curativos e executores de práticas caritativas e assistenciais (SANGLARD, 2015), caráter que indica dois traços constitutivos do modelo de assistência praticada no Brasil durante o século XX: a participação das elites, como eixo norteador de grande parte das ações; e o sistema

misto de assistência, formado por elementos oriundos de um passado assistencial pautado pela simbiose entre a religiosidade, civismo e solidariedade (SCHWYZER, 2016)³³.

A participação decisiva das elites nessa dimensão assistencial é, segundo Franco (2015), elemento historicamente percebido durante toda a época moderna (séculos XV ao XVIII), de modo que o exercício da caridade institucional foi-se tornando um privilégio de poucos, sendo a participação em cargos diretivos de instituições de caridade uma atividade reconhecidamente de grande prestígio. É oriundo do modelo de caridade português o legado dos maiores ônus da caridade institucional às elites locais atribuindo a elas a participação em instituições extremamente prestigiadas, tais como as Santas Casas de Misericórdia. Concomitante a esse processo influenciado pela prática da caridade lusitana ligada predominantemente às elites surge a figura dos filantropos como “aqueles que propunham a reforma da ‘sociedade’ e defendiam soluções para a infância abandonada, hospitais para pobres, liberdade para os escravos, educação para os trabalhadores dignidade para presos, extensão das políticas de saúde. (SOUZA *et al.* 2019, p. 7).

Imbuídos de um múltiplo repertório de ações, os filantropos passam a ser reconhecidos como uma espécie de patrimônio comum de civilidade e progresso, percebidos, assim, como uma questão nacional (SOUZA *et al.*, 2019), o que permite perceber o envolvimento na vida associativa das instituições de caridade como uma estratégia de posicionamento junto ao poder público. Isto é, são eles, os filantropos, os responsáveis por exercerem função determinante nas Misericórdias, figuras ligadas, portanto, à prática do amor ao próximo. Por sua vez, tal participação representava não só a atuação nas esferas formais de poder que então se ampliavam na cidade, mas principalmente reproduziam a organização e a distinção hierárquica da própria sociedade local (SANGLARD, 2005). Exemplo disso pode ser verificado na Misericórdia do Rio de Janeiro que tivera, entre seus irmãos, ao longo do século XVII, “alguns dos principais nomes da primeira elite da terra, composta por descendentes de conquistadores, senhores de engenho do recôncavo, bem como donos de altos postos da milícia e da administração régia.” (FRANCO, 2015, p. 25).

³³ Mesmo após a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e do Ministério da Saúde (MS), ou seja, num momento bastante avançado da história da assistência no Brasil, o próprio Estado continuou dependendo da filantropia para a assistência na saúde pública e assistência aos pobres.

Pelos estatutos analisados por Franco (2015), a participação nessa instituição estava restrita “a homens economicamente remediados, maiores de 25 anos, cristãos de sangue limpo e que não trabalhassem com as mãos.” (FRANCO, 2015, p. 25). Tal modelo indica o caráter claramente masculino e aristocrata do exercício da caridade institucional no Antigo Regime luso, de modo que as Misericórdias podem ser consideradas, naquele contexto, como um espaço identitário das elites portuguesas. Ser irmão de uma Misericórdia, portanto, era um sinal de respaldo social e, por extensão, do virtual cumprimento dos critérios de riqueza e limpeza de sangue (FRANCO, 2015).

Esse caráter seletivo da irmandade pode ser observado também na sua composição interna. As Misericórdias, por exemplo, hierarquizavam seus irmãos em dois foros: “o primeiro, composto pelos irmãos ‘nobre’, ou de primeira condição; e os de segunda condição, recrutados entre os oficiais, comerciantes, que tivessem loja aberta, isentos de trabalhar com as mãos.” (FRANCO, 2015, p. 26). Naturalmente, esses lugares institucionais passavam por negociações, variando conforme a composição social das elites locais de cada região. Além das prescrições morais e a condenação de práticas indesejáveis (usura, ambição desmedida, descumprimento dos feriados religiosos), os irmãos deveriam reservar um importante lugar à caridade, revelando a permanência muito clara da “noção tomista de que era dever dos ricos cuidar dos pobres.” (FRANCO, 2015, p. 26).

Esse quadro de articulação entre a caridade e altas posições na sociedade influi, já no século XIX, na inserção dos comerciantes também nos quadros da irmandade, o que garantiria a eles também prestígio social. Um exemplo disso é a composição nos quadros associativos da entidade dos irmãos e dirigentes da irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entre 1847, ano de sua fundação, e 1922, período onde acontece ingresso significativo de “comerciantes, seguidos pelos médicos, fazendeiros, capitalistas, industrialistas, proprietários e advogados.”³⁴ (TOMACHESWSKI, 2015 p. 71). Entre os dirigentes, os comerciantes também foram maioria, seguidos pelos capitalistas, fazendeiros, médicos, industrialistas, proprietários e advogados. Boa parte dos dirigentes também teve atuação política, especialmente na esfera local. No início do século XIX, os

³⁴ Apenas a partir de 1895 foi possível a vinculação de profissionais braçais nessa instituição. Já as mulheres puderam se associar à Santa Casa a partir de 1858, sob o desígnio de “zeladoras”. A participação das mulheres estava restrita “à organização das festas religiosas, arrecadação e doação de objetos e dinheiro para manutenção da capela” (TOMACHESWSKI, 2015, p. 62).

comerciantes também eram uma presença inconteste na Misericórdia fluminense (FRANCO, 2015). Foram essas novas e remediadas elites que, reconhecendo o valor da instituição, trataram de fazê-la progredir.

Isto indica que a administração da Misericórdia era uma forma desses homens controlar e distribuir os recursos provenientes da caridade privada, do Estado e da venda de serviços assistenciais (TOMACHESWSKI, 2015), o que representava, além do exercício da caridade e da atuação na “salvação das almas”, a garantia do prestígio perante a sociedade local (PIMENTA; DELAMARQUE, 2015). Deste modo, participar de instituições de caridade era uma espécie de dever moral das elites, tendo se tornado, ao longo do tempo, também uma obrigação cívica (FRANCO, 2015). Foram as elites, portanto, as protagonistas no processo de implantação e consolidação de modelos filantrópicos criados e praticados no país sendo as Misericórdias instituições de importância não só simbólica na constituição da Nação, mas também de afirmação de uma retórica do amor ao próximo como um imperativo a ser vivenciado. Em termos mais gerais, são elas também espaços de sociabilidade e de exercício do poder dos membros das elites (TOMACHESWSKI, 2015).

A execução desse modelo de caridade pautado na participação das elites, em consonância com os novos significados de atuação – sem eliminar os antigos sentidos religiosos -, permaneceu personalista e localista, denunciando a íntima relação entre Estado e Micropoderes que deu corpo às ações assistenciais (SOUZA *et al.*, 2019). Até o século XX, por exemplo, a assistência médica de modo geral estava muito dependente das ações da Santa Casa da Misericórdia. É somente a partir de 1920 que o Estado passa a organizar os hospitais e os socorros médicos aos pobres numa articulação entre a inspiração religiosa e a cívica (SOUZA *et al.*, 2019), de modo que um caráter mais laico será assumido apenas na década de 1930, quando também o contexto político, econômico e social passa por transformações mais profundas (SANGLARD, 2005). Um exemplo imediato dessas transformações se dá com a ampliação do volume de atendimento, tanto social quanto hospitalar, que as instituições passam a atender devido ao crescimento das

idades modernas, situação vista de maneira mais explícita na cidade de São Paulo (SILVA, 2019)³⁵.

Neste contexto, portanto, duas transformações parecem decisivas. A primeira delas está ligada ao modelo das instituições assistenciais que, embora continue sendo operada pela participação das elites, tem a influência do modelo português minimizada – aquela ligada às Misericórdias – passando a incorporar as práticas filantrópicas de cunho científico oriundas dos Estados Unidos, herdeiras da tradição anglo-saxã e, por isso, mais ligadas aos aspectos de sua utilidade pública. Disto, um novo perfil de filantropia passa a ser consolidado a partir da metade do século XX, onde surge como decisiva a relação entre caridade, ciência e sanitarismo. A segunda transformação articula-se à ampliação do perfil dos filantropos brasileiros que passam a ser advindos de proveniências sociais e atuações profissionais diversificadas (ABREU, 1999).

É nesta tríade entre caridade, ciência e sanitarismo e neste novo perfil de filantropo onde se insere o médico sanitarista Eurico Branco Ribeiro, figura que exerce papel fundamental neste contexto de solidificação da assistência social e médica pelas vias da filantropia e da caridade. No próximo tópico, portanto, buscaremos apresentar o perfil filantropo do médico paranaense destacando dois principais aspectos. O primeiro voltado às duas principais instâncias do desenvolvimento de seu perfil filantropo: a sua formação como médico no interior da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) – cuja base tem relação direta também com a Fundação Rockefeller, instituição de origem norte-americana pautada na promoção da saúde pública e da ciência por meio da filantropia científica, e sua colaboração decisiva na Fundação de Rotarianos São Paulo, onde praticou a filantropia médica. O segundo aspecto volta-se à prática propriamente dita de sua ação filantrópica com a criação do Hospital São Lucas, que reuniu as várias tendências com as quais Eurico teve contato e que contribuíram para o seu fazer filantrópico na cidade de São Paulo.

³⁵ Neste sentido, Marinho (2013) chama atenção para os elementos que permitem compreender, por exemplo, como a cidade de São Paulo e sua elite médica rapidamente se dispuseram a pactuar vínculos e aceitar as credenciais científicas e institucionais estrangeiras que aqui aportaram (MARINHO *et al.*, 2013).

3.3 O ETHOS CRISTÃO, MEDICINA E FILANTROPIA

O rol de atividades e publicações realizadas por Eurico Branco Ribeiro permitiu, ao longo do tempo, que suas ideias fossem estudadas e debatidas por diversos pesquisadores. No entanto, mostra-se ainda ausente estudos voltados sobre seu perfil como filantropo e a relação disso com a sua prática médica, ou seja, a dimensão da filantropia científica e da filantropia médica em suas ações. Uma investigação desse caráter exige, portanto, um diálogo aprofundado entre sua formação científica e alguns traços biográficos que se mostram decisivos buscando, assim, compreender a complexa relação entre indivíduo e sociedade através de um estudo da sociologia das configurações sociais articulado ao fazer biográfico (ELIAS, 1989). De acordo com Vavy Pacheco Borges (2006), “a biografia é uma fonte para conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano, do que ele é capaz, do que dar-se conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes.” (BORGES, 2006, p. 207).

O primeiro dado que parece latente a indicar o caráter da filantropia nas atividades de Ribeiro está ligado ao estudo realizado por Di Gianni (2008) onde, ao propor uma análise sobre a formação do acervo e o processo de institucionalização do Museu Histórico de Franca (SP) encontra em Eurico a dimensão de membro do Rotary Club de São Paulo e de sua atuação decisiva nas discussões a respeito da “criação de museus municipais em cidades do interior de São Paulo, entre os anos de 1945-1957³⁶” (SANTOS, 2018, p. 18)³⁷. Vale ressaltar que, historicamente, o processo de consolidação das intervenções sociais de organizações não governamentais, como são as do Rotary Club, por exemplo, tem um aumento significativo a partir da década de 1920 que, no Brasil, coincide com a expansão dos interesses norte-americanos e a adesão de políticas americanistas não apenas no país, mas em todo o continente. Observa-se, a partir desse momento, que o Clube Rotário buscou expandir seus núcleos a exemplo da fundação, em 13 de fevereiro de 1924, do Rotary Club de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

³⁶ Como rotariano, Eurico Branco Ribeiro ajudou na criação de museus municipais em cidades do interior de São Paulo entre os anos de 1945-1957, tais como Bauru, Atibaia e Presidente Prudente e outras, além do museu de Guarapuava, em sua cidade natal (DI GIANNI, 2008).

³⁷ De acordo com Gianni (2008), “[...] os Rotary Clubes representavam a presença da organização internacional e sua penetração do Brasil tornou-se evidente a partir da constituição do núcleo rotariano do Rio de Janeiro, em 1923, logo após as comemorações do centenário da independência político-administrativa brasileira (DI GIANNI, 2008, p. 181).

As memórias apresentadas na Edição Especial da Revista “Vida Rotária”, publicada no ano de 1978, intitulada *Perene Homenagem a Eurico Branco Ribeiro*³⁸, dão alguns elementos que ajudam a compreender a atuação do paranaense no universo da filantropia³⁹ dando um demonstrativo dos diferentes contextos e espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro estava inserido e onde desenvolveu suas atividades filantrópicas⁴⁰. A primeira dessa série de atividades envolvendo a dimensão da filantropia pode ser entendida como a sua participação ativa e fundamental no interior do próprio Rotary Club de São Paulo, onde ingressa em 1935. Seu “batismo rotário” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 44) acontece no ano seguinte, quando junto com Carlos Pacheco Fernandes e Armando de Arruda Pereira organiza a recepção ao Paul Harris, fundador do Rotary Club, à cidade de São Paulo, sobre a qual aparece a seguinte menção: “A chegada do ilustre visitante deu-se na Estação da Luz [...] a 7 de abril de 1936.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 43). Para homenagear o criador do Rotary Club⁴¹, foi organizado um almoço no Hotel Terminus onde estiveram presentes:

³⁸ O referido periódico, publicado pela Fundação de Rotarianos de São Paulo e localizado no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, foi uma homenagem póstuma e dedicado na íntegra à memória de Eurico. Nele constam homenagens, sejam estas em formas de poesia, de crônicas ou de depoimentos, que versam sobre sua atuação no Rotary de São Paulo. Além das recordações e depoimentos de amigos, a Edição Especial da Revista Vida Rotária, de 02 de março de 1978, conta com um artigo de Eurico. Nele, Branco Ribeiro descreve o processo de sua aproximação e adaptação aos sistemas da instituição e das finalidades do Rotary (VIDA ROTÁRIA, 1978). Foi Eurico Branco Ribeiro, junto com José Ermínio, Álvaro Machado, Paulo Reis de Magalhães, Herbert Arruda Pereira e outros companheiros, que fundou a revista “Vida Rotária”, sendo inclusive o primeiro diretor responsável pelo periódico (VIDA ROTÁRIA, 1978). De acordo com Correia (1978), a publicação desta revista foi iniciada em julho/agosto de 1949, com o nome de “Realidade Rotária”, logo mudado, no segundo número, para o que até hoje prevalece. Com assiduidade, Eurico deu colaboração a outras revistas, a exemplo da revista “Brasil rotário”, editada no Rio de Janeiro, e do Boletim “Servir”, do Rotary Club de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

³⁹ Foi Eurico Branco Ribeiro junto com José Ermínio, Álvaro Machado, Paulo Reis de Magalhães, Herbert Arruda Pereira e outros companheiros que fundou a revista “Vida Rotária”, sendo inclusive o primeiro diretor responsável pelo periódico (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 7). De acordo com Kyélce Amazonas Correia (1978), a publicação desta revista foi iniciada em julho/agosto de 1949, com o nome de “Realidade Rotária”, logo mudado, no segundo número, para o que até hoje prevalece. Com assiduidade, Eurico colaborou com outras revistas, a exemplo da revista “Brasil rotário”, editada no Rio de Janeiro, e do Boletim “Servir”, do Rotary Club de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978). Cabe mencionar que Eurico foi “o primeiro diretor responsável desta revista, que ajudou a criar com José Ermínio, Álvaro Machado, Paulo Reis de Magalhães, Herbert Arruda Pereira e outros companheiros destacados.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 7).

⁴⁰ A Revista Vida Rotária foi analisada de modo breve durante nossa dissertação (SANTOS, 2018). Foi nesta ocasião em que surgiu o interesse pela realização de estudos sobre a dimensão do filantropo Eurico. Naquele momento, a abordagem não exigiu uma análise aprofundada do conteúdo, o que se torna oportuno na presente tese.

⁴¹ O programa organizado para receber Paul Harris em São Paulo contou com uma visita pela cidade, um passeio no Parque do Estado, uma visita ao *Mackenzie College* e exibição do serpentário do Butantã. Outra atividade que fez parte do programa foi a cerimônia de plantio da “Árvore da Amizade”, na Praça da República (VIDA ROTÁRIA, 1978).

[...] o secretário de Estado, prof. Cantidio de Moura Campos; [...] o sr. Walter Cardo, em nome do prefeito de São Paulo; representantes do Corpo Consular; pessoas gradas; rotarianos de 16 clubes e quase a totalidade dos sócios de São Paulo, acompanhados de suas esposas e pessoas da família. (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 43).

Observa-se que entre os convidados para a solenidade encontram-se nomes influentes do cenário político da capital paulista, o que confirma não só a evidente relação de lideranças do Rotary Club com figuras de importância governamental, mas sobretudo a afinidade de seus interesses. Tal confluência permite compreender que o grupo dirigente da cidade e do Estado de São Paulo rapidamente se dispôs a consolidar os vínculos e a aceitar as credenciais com as instituições estrangeiras por intermédio do Rotary, de modo que tal cerimônia de recepção e de aliança significou, simbolicamente, o desejo de consolidar e disseminar os princípios da instituição que priorizavam a “paz entre os homens, a amizade entre as nações, o amor universal.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 44). Nesta ocasião, dois trechos dos dois principais discursos realizados chamam a atenção pelo que possibilitam a compreensão a respeito das relações de proximidade entre os interesses norte-americanos e aqueles paulistas.

Durante a solenidade, por exemplo, é possível frisar o discurso inicial de Carlos Pacheco Fernandes, presidente do Rotary Club de São Paulo, em que salienta ser o Rotary “uma concepção luminosa de um movimento de aproximação e solidariedade entre os homens de negócio e profissionais de todo o Mundo.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 43). Dando sequência à solenidade, Paul Harris faz algumas apreciações do valor da instituição norte-americana afirmando-a como “produto exclusivo dos milhares de homens que se tem esforçado para que a instituição se transformasse num movimento dos mais grandiosos da moderna civilização.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 44). Diante desses dois discursos proferidos na supracitada solenidade, mostra-se possível perceber que a criação do Rotary Club no Brasil se configurou como parte do projeto político e cultural norte-americano que, através de instituições filantrópicas, ampliou “os movimentos de construção de solidariedade social que em outras sociedades foram aglutinadas pelo Estado ou por instituições tradicionais de caráter religioso, tribal ou familiar.” (AYRES, 2013, p. 9). Deste modo, as ações rotarianas passam a ser compreendidas como fundamentais para a sociedade paulista e, por extensão, para a sociedade paulista, na medida em que

suas atividades parecem ser capazes de suprir uma falha do Estado e da família através do setor assistencial.

Se a dimensão rotariana se mostra decisiva no contexto brasileiro da segunda metade do século XX, é também através dela que Paulo Reis de Magalhães irá perceber o traço biográfico de um Eurico filantropo traduzido, sobretudo, no seu entusiasmo e dedicação “à causa rotária, [...] propagando-a, defendendo-a, aperfeiçoando-a” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 17), tendo assumido, no interior da organização paulista, todos os cargos, inclusive o da presidência entre 1945-1946. De acordo com Oscar Pereira Machado, Eurico era reconhecido por estar “sempre na vanguarda” atribuindo a ele a ideia da Fundação de Rotarianos de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 6). Em suas memórias em relação ao paranaense, Machado faz questão de enfatizar que

Sua dedicação às coisas do Rotary era integral. Muito conhecido, talvez, em determinada época, o mais popular dos rotarianos brasileiros, proferiu centenas de palestras e produziu milhares de artigos, em clubes de muitos estados e revistas rotárias, inclusive estrangeiras como “The Rotarian” e “Revista Rotária”, sendo estas duas publicações oficiais do Rotary Internacional. (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 7).

O entusiasmo pelo Rotary Club e a filantropia médica ali praticada se traduzia na sua dedicação aos trabalhos voluntários que realizava e na publicação de mais de uma dezena de livros sobre a instituição⁴². A extensa produção bibliográfica sobre o assunto e a dedicação às atividades que desenvolveu na instituição paulista pode ser compreendida não apenas como um exemplo do amor patriótico e de brasilidade, mas como uma confirmação da dimensão de seu perfil filantropo voltado à assistência social e ao fortalecimento de instituições filantrópicas como estruturas elementares de organização da sociedade. No entanto, não é somente a inserção na vida rotária o elemento decisivo na formação do caráter filantropo de Eurico. Outra influência se mostra igualmente fundamental neste percurso: trata-se daquela praticada pela Fundação Rockefeller tendo em vista a filantropia científica com a qual o paranaense teve contato durante sua formação como médico pela Universidade de São Paulo. Essa formação científica, articulada ao *ethos cristão* da religião Espírita e

⁴² Dentre os escritos de Eurico Branco Ribeiro sobre a instituição destacam-se: *Rotary para mim é...* (1942); *Rotary, o Legado de Paul Harris*; *Um Lema para o Rotary*; *Tópicos Rotários* (1947); *Assim é o Rotary*; *Rotary em Evolução* (1954); *O Rotary aos 50* (1956); *25 Anos de Rotary* (1960); *Pelas Avenidas do Rotary* (1961); *O Rotary Sexagenário* (1965); *Atividades Internacionais do Rotary* (1965); (VIDA ROTÁRIA, 1978).

aos fundamentos da assistência e da caridade social do Rotary Club, permite não só compreender o perfil diverso de Eurico como filantropo, mas também a atuação prática desses valores integrados na fundação do Sanatório São Lucas.

Sobre a dimensão da Fundação Rockefeller na trajetória de Eurico Branco Ribeiro é preciso, antes, considerar as origens de tal instituição. Seu início remonta ao século XX no contexto de inserção de um novo tipo de filantropia, nos Estados Unidos, baseada na criação, por parte de grandes famílias norte-americanas, de fundações que se diferenciavam profundamente do antigo conceito de caridade com fins caritativos. Tais fundações foram formadas através de doações significativas, cuja característica primordial era a de liberdade de ação (ANDREWS, 1974). Outra especificidade da filantropia norte-americana é sua associação histórica com a sociedade civil, isto porque, segundo Helena Bomeny (2001, p. 19), naquele país, “o Estado era malvisto nesses empreendimentos”, configuração muito distinta daquela observada na América Latina, onde esse papel coube preponderantemente ao Estado.

A Fundação Rockefeller⁴³, portanto, é uma das maiores e mais antigas instituições filantrópicas norte-americanas e teve, ao longo de sua existência, uma atuação marcante em vários setores da vida social não só nos Estados Unidos, mas também em diferentes países de vários continentes. Em quase oitenta anos de existência institucional, iniciada em 1913, financiou atividades em setores fundamentais da vida pública, tais como na área da saúde, da educação, no ensino médico, na psiquiatria, e nas ciências naturais tendo, assim, se organizado “como sociedade civil sem fins lucrativos.” (MARINHO *et al.*, 2013, p. 91). As primeiras entidades beneficiadas pela caridade de Rockefeller foram, em geral, aquelas ligadas à Igreja Batista, embora outras instituições cristãs, como as católicas, tenham sido contempladas de forma esporádica. Portanto, as “ações filantrópicas da família Rockefeller se desenvolveram a partir de critérios bem definidos, com ênfase na independência financeira das instituições beneficiadas.” (MARINHO *et al.*, 2013, p. 99).

De um modo geral, os estudos sobre o tema ressaltam o traço científico das ações dessa organização, reforçando, ainda, seu caráter missionário (SANGLARD,

⁴³A primeira grande fundação norte-americana foi a *Carnegie Institution* de Washington, criada por Andrew Carnegie em 1902, seguida no mesmo ano pelo *Education Board*, de John Rockefeller, do qual Carnegie foi um dos principais patronos (KOHLSTEDT, 1986).

2005). Alguns autores, porém, interpretam-nas pela via do caráter imperialista, tal como Emily Rosemberg (2003), para quem as atividades das fundações estariam diretamente relacionadas à política governamental da época, interpretação sobre a qual Luiz Antônio de Castro Santos (2003) afirma haver certos limites. No tocante ao imperialismo, o autor lembra que o processo de modernização dos países-alvos da Fundação Rockefeller acarretou para ela a necessidade de adequação e, sobretudo de negociação, de modo que “o caráter geopolítico e as condições histórico-estruturais de cada país em que a Rockefeller atuou definem os limites de aplicabilidade das teses sobre o imperialismo ou sobre a ação humanitária.” (SANTOS, 2003, p. 189).

A influência da Fundação Rockefeller foi sentida, no Brasil, a partir de “um extenso trabalho de implantação de bases institucionais para um profundo movimento de transformação das práticas de saúde.” (AYRES, 2013, p. 7). Por aqui, as atividades da instituição no âmbito das práticas de saúde começaram em 1916, com ações eventuais e localizadas em regiões específicas. Contudo, na década de 1920, sua atuação passou a ter uma feição mais nacional e institucionalizada através dos convênios firmados com o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) (SANGLARD, 2005), período coincidente à expansão dos interesses norte-americanos no país e na América Latina como um todo (MARINHO, 2019). Isto significa que, na história da construção da ciência da saúde, encontramos forte protagonismo e influência da Fundação Rockefeller, que não apenas contribuiu para sua consolidação como área de produção de conhecimento, especialmente nos Estados Unidos, mas também ajudou a construir espaços de ensino, de formação e aplicação profissional (AYRES, 2013).

No Brasil, este modelo institucional imprimiu o traço característico da modernização das práticas médicas e sanitárias, cuja essência era a de articular “o fazer técnico e a investigação científica – especialmente a investigação de base laboratorial.” (AYRES *et al.*, 2013, p. 7). Até então, a área das ciências da saúde e do ensino médico brasileiro era pautada pelo tradicional pensamento europeu através de modelos pedagógicos e de pesquisa franceses e alemães, com certa influência

portuguesa⁴⁴. O acordo operado entre o Departamento Nacional de Saúde e a Fundação marca o início das modificações destes modelos, embora não sem alguma resistência. Autores como Castro Santos & Faria (2003), por exemplo, observam que, ao começar a atuar mais sistematicamente no Brasil, a Fundação Rockefeller sofreu diversas críticas, sobretudo por ter aqui ingressado no auge do movimento nacionalista. Por isso, a fundação teve de adequar seus projetos a uma estrutura de saúde já existente no país predominantemente ligada à tradição higienista representada, no Rio de Janeiro, pela Escola de Manguinhos, e em São Paulo liderada por Emílio Ribas e Adolpho Lutz (SANGLARD, 2005).

A criação de uma faculdade de medicina na capital paulista e a formação Médica foram temas constantemente debatidos pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, associação profissional e científica criada em 1895 por Arnaldo Vieira de Carvalho e por médicos que atuavam no sistema de saúde da cidade (SANTOS, 2018). É neste cenário de convicções de tornar a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo uma instituição de excelência no ensino médico, que Arnaldo Vieira de Carvalho vê na Fundação Rockefeller uma via de solução⁴⁵ (MOTA; MARINHO, 2009). A chamada “filantropia científica”, portanto, – cujo desenvolvimento de atividades de interesse público é financiado por recursos privados destinados à área de ensino e pesquisa –, foi empreendida pela Fundação em escala internacional se fazendo sentir no modelo introduzido na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (MARINHO, 2013). Foi tão impactante e fundamental o apoio da Fundação, que o “modelo Rockefeller” se consubstancia como paradigmático na formação em saúde em nosso país – tanto entre os que defendem, quanto entre os que criticam tal paradigma.

Além da Fundação Rockefeller apoiar a criação de diversas escolas de medicina, de saúde pública e enfermagem no Brasil, também financiou o intercâmbio entre professores e estudantes, trazendo diversos especialistas dos Estados Unidos

⁴⁴ Já nas últimas décadas do século XIX, como parte da construção de uma identidade própria, a medicina científica insere-se no espaço social reclamando para si a função de resolver as mazelas da sociedade e construir uma nação saudável e moderna, dentro dos preceitos estabelecidos pelo modelo iluminista (SANTOS, 2018).

⁴⁵ O primeiro contato oficial da Fundação Rockefeller com a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo deu-se por iniciativa de Arnaldo Vieira de Carvalho que, por correspondência datada de novembro de 1916, pede o apoio da instituição americana para o estabelecimento das cadeiras de Higiene e Patologia na instituição paulista. Dois anos depois dos primeiros contatos oficiais, em 1918, foi assinado um acordo entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SANTOS, 2018).

para o Brasil, e vice-versa, para aprimorarem sua formação científica e profissional. É neste contexto em que se dá a formação médica de Eurico Branco Ribeiro, sendo toda ela desenvolvida nos moldes do acordo assinado entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SANTOS, 2018)⁴⁶. Acadêmico “matriculado em 14 de março de 1922, como discente da 10ª turma de medicina” (SANTOS, 2018, p. 39), Eurico seria influenciado por todas as transformações que ocorriam no âmbito da ciência e da forte relação desta com a prática filantrópica e seus valores, sobretudo aqueles ligados tanto à vida rotária quanto ao *ethos* cristão⁴⁷.

Após concluir seus estudos, a capital paulista foi também o cenário escolhido por Eurico Branco Ribeiro para dar continuidade à prática da medicina aliada à sua atividade como filantropo a partir dos anos de 1930, papel que, segundo Hochmann e Lima (2015), foi desempenhado por vários médicos intelectuais como meio de participarem da construção simbólica e material da sociedade brasileira. Neste sentido, é na articulação entre a ciência médica e os princípios da caridade que Eurico irá colocar em prática um de seus empreendimentos de maior destaque não apenas no âmbito médico como também no âmbito da filantropia. Em 1939, após formado e já inserido tanto na vida rotária quanto na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o paranaense funda o Sanatório São Lucas, transformado posteriormente na Fundação para o Progresso da Cirurgia⁴⁸ (VIDA ROTÁRIA, 1978), empreendimento que demonstra, de maneira definitiva, a assimilação das tendências filantrópicas ligadas aos modelos norte-americanos.

Isto é, o Sanatório e, mais tarde a Fundação, exerceu uma dupla importância. Por um lado, confirma o caráter da assistência e da caridade generalizada deste tipo de instituição pelo fato de voltar seu atendimento aos pobres e aos doentes necessitados. Por outro, ressalta o traço científico ao servir também como espaço de aprimoramento dos conhecimentos médicos, principalmente no tocante aos estudos

⁴⁶ Neste contexto, Arnaldo Vieira de Carvalho, personalidade médica e científica de destaque, funda e dirige os *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, publicação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo como um dos redatores mais longevos (durante quarenta e cinco anos) o médico Eurico Branco Ribeiro, o que sugere uma aproximação entre os princípios filantrópicos defendidos por Arnaldo e os praticados pelo paranaense. Posteriormente, o periódico foi anexado ao *Boletim do Sanatório São Lucas*, também por ele dirigido (VIDA ROTÁRIA, 1978).

⁴⁷ Além de influenciar sua opção pela prática médica sanitária (SANTOS, 2018), a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo também influenciou a escolha da cirurgia médica como especialidade profissional de Eurico. Além disso, verifica-se que os fundamentos da filantropia empreendida pelo médico paranaense confirmam a aproximação com os valores filantrópicos disseminados pela Fundação Rockefeller, principalmente os que dizem respeito à utilidade das ações sociais no âmbito da saúde.

clínicos e ao ensino de medicina, isto porque, de acordo com José Maria Cabello Campos,

O Sanatório São Lucas [...] tornou-se desde logo uma escola de Cirurgia das mais instrutivas, acolhendo ainda agora colegas, não só do país como dos estrangeiros, sedentos de adquirirem novos conhecimentos e destreza na arte cirúrgica. (CAMPOS, 1978, p. 9).

Considerando tais aspectos e a abrangência do empreendimento de Eurico, pode-se inferir que a opção do paranaense pela fundação de um estabelecimento tal qual o Sanatório tem relação direta com o âmbito de atuação dessa instituição, uma vez que é capaz de abranger tanto o atendimento às populações carente quanto o aprimoramento dos estudos clínicos. Essa perspectiva se confirma com a transformação da instituição na Fundação para o Progresso da Cirurgia que, inserida no contexto específico da modernização das estruturas médicas e sociais, passa a ter grande relevância também no ensino de medicina. Essa simbiose entre ciência e caridade, além de indicar uma forte assimilação dos preceitos da filantropia como utilidade pública, traço típico da Fundação Rockfeller, pode ser considerada o exercício da mais pura filantropia voltada à questão da saúde, principalmente se considerarmos o fato de que por mais de um século a Santa Casa de Misericórdia foi o único lugar possível para a prática da assistência e ensino médico no país (SANGLARD, 2005)⁴⁹.

A documentação consultada, portanto, permite inferir que a dimensão da assistência que Eurico Branco Ribeiro prestava à comunidade não estava associada apenas à sua dimensão lucrativa, mas a outros aspectos, a exemplo, da caridade e da filantropia ligada ao seu caráter de utilidade no campo social. A criação do Sanatório São Lucas, a sua transformação em Fundação de suma importância ao ensino médico e mesmo a sua atuação como membro do Rotary Club – sem falar em sua ligação com o *ethos* cristão pela sua inserção na vida religiosa espírita – fundam-se como momentos decisivos e práticas indiscutíveis da formação do perfil de um

⁴⁹ Nota-se que, mesmo com a inauguração do prédio da sede da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1931, as atividades práticas e clínicas dos alunos do curso médico eram ainda realizadas na Santa Casa de Misericórdia ou mesmo nas dependências do Sanatório São Lucas. Sabe-se que as Santas Casas de São Paulo se mantiveram até 1945 como espaço de funcionamento do ensino das disciplinas clínicas. A transferência aconteceu somente com a inauguração, em 1945, do Hospital das Clínicas (MOTA; TARELOW, 2013).

filantropo que percebe a caridade não apenas como um atributo de motivação pessoal, mas sobretudo como um compromisso associado à prática médica e cristã.

Assim, é possível perceber, em Eurico, a constituição da caridade como um valor qualitativo integrado tanto ao caráter sanitarista quanto aos ensinamentos do Espiritismo⁵⁰ que, ao serem vivenciados e colocados em prática, podem promover transformações sociais a partir de “instituições sociais fundadas sobre o princípio da solidariedade e reciprocidade.” (GIUMBELLI, 1998, p. 134). Apresenta-se, então, um perfil constituído de duas facetas complementares e fundamentais: a do sanitarista, já amplamente analisado na dissertação de mestrado (SANTOS, 2018), e a do filantropo, ligada à perspectiva tanto científica e utilitária (voluntária) quanto aos preceitos cristãos.

Sobre essa dupla faceta do perfil de Eurico Branco Ribeiro, valem ser ressaltadas as memórias narradas na Revista Vida Rotária (1978). Para Hélio Falchi (1978), por exemplo, o perfil do “Eurico cristão”⁵¹ é inegável e reforçado pela sua atuação como líder de diversas ações, dentre elas a criação de “entidades destinadas a perpetuar esse bem, a serviço da comunidade” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 19), como por exemplo, a Casa dos Velhinhos Ondina Lobo, a Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa. Já Oscar Pereira Machado destaca o perfil do médico extremamente engajado no desenvolvimento da área da saúde e na prestação de serviço à comunidade. Segundo ele,

[...] em um tempo em que não havia praticamente assistência médica oficial, com exceção dos hospitais de isolamento e da Santa Casa de Misericórdia, inúmeras vezes nos valem da boa amizade para encaminhar-lhe doentes de poucos recursos (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 5).

A recordação acima narrada enfatiza o papel desempenhado por Eurico Branco Ribeiro sobretudo na assistência médica aos doentes de poucos recursos numa época em que a saúde pública não se constituía como assunto de preocupação legal. Naquele cenário de modernização das estruturas de saúde, a assistência prestada por Eurico através do Sanatório São Lucas e, posteriormente da

⁵⁰ Doutrina espírita codificada na França oitocentista por Allan Kardec, pseudônimo utilizado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo e educador francês (SCHWYZER, 2016).

⁵¹ Ainda com relação ao perfil cristão de Eurico, a série de livros dedicados à vida e obra de São Lucas pode ser reveladora desta personalidade. Além disso, para Hélio Falchi (1978), o médico se identificava “perfeitamente com o Santo e com seus ideais, cristãos e altruístas.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 19). Nota-se que há uma ênfase no fato de que Eurico buscava se autodefinir como continuador da missão de Lucas, pois “como São Lucas, sempre sentiu e viveu a medicina qual um sacerdócio como uma missão para aliviar os sofrimentos dos outros.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 20).

Fundação, revela não só o perfil individual de um médico imbuído de valores cristãos, mas principalmente indica a formação de um novo perfil filantrópico no Brasil que passa a aliar as tradicionais noções de caridade associada à prática cristã com o âmbito da assistência social e médica. Isto porque, mesmo com a fundação dos primeiros hospitais sem vínculos com as irmandades, a assistência aos pobres e doentes continuava dependendo de ações filantrópicas que, por sua vez, eram compreendidas como instrumentos necessários para a organização da assistência e como valor moral⁵².

A partir das perspectivas apresentadas, portanto, é possível afirmar a existência de um perfil filantropo em Eurico Branco Ribeiro caracterizado tanto pela dedicação ao campo médico e à “arte cirúrgica” (OLIVEIRA JUNIOR, 1978, p.12) quanto, e principalmente, pela sua dimensão ética voltada ao humanismo na prática profissional “[...] dando assistência médica material e moral a inúmeras casas de caridade.” (OLIVEIRA JUNIOR, 1978, p.12). Disto, pode-se realizar duas conclusões gerais. A primeira delas é a de que há, em Eurico, uma visível incorporação do padrão anglo-saxão de filantropia, via preceitos disseminados pela Fundação Rockefeller, bem como a prática da filantropia médica, por meio da qual realizava trabalhos voluntários no Rotary Club. Por isso, seu perfil de filantropo está associado à dimensão social de sua profissão e ao trabalho altamente qualificado que desempenha no campo científico, seja nas atividades do Rotary Club, ou em suas realizações no âmbito do sanitarismo e na fundação do Sanatório São Lucas.

A segunda conclusão é a de que, neste perfil biográfico, coexiste com igual importância a dimensão do *ethos* cristão, sobretudo aquele ligado à influência do modelo de caridade luso-brasileiro e aos preceitos do Espiritismo e da caridade aos mais necessitados como uma prática indispensável tanto para a consolidação dos valores do espírito quanto para o desenvolvimento da sociedade.

3.3.1 A Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

⁵² Neste sentido, no contexto brasileiro onde o processo de transformação do hospital em um ambiente totalmente vinculado à clínica ocorreu tardiamente, este espaço continuou sendo o foco preferido das ações beneficentes de uma nova elite urbana que surgia no Brasil, de modo que “As ações filantrópicas encontraram terreno fértil na construção de institutos de pesquisa, novos hospitais e centros de tratamento.” (SCHWYZER, 2016, p. 97). O papel do Estado-providência e da filantropia, portanto, se configurou como uma alternativa para resolver um dos grandes problemas daquele tempo: a falta de leitos hospitalares.

Criada nos Estados Unidos em 1913, a Fundação Rockefeller⁵³ teve por objetivo reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller, que vinham sendo praticadas desde o final do século XIX. Ao longo do século XX a instituição passou a atuar em setores-chave da vida pública, em escala nacional e internacional, financiando atividades em saúde pública, educação, ensino médico, psiquiatria e ciências naturais (MARINHO, 2004). A chamada “filantropia científica”, cujo desenvolvimento de atividades de interesse público é financiado por recursos privados destinados à área de ensino e pesquisa, foi empreendida pela Fundação em escala internacional.

De um modo geral, a historiografia sobre o tema (MARINHO, 1993; FOSDICK, 1957), em especial a que trata da Fundação Rockefeller, ressalta o caráter científico de suas ações ou reforça seu caráter missionário. Alguns autores ainda interpretam suas ações pela via do imperialismo, como Emily Rosenberg (2003), para quem as ações das fundações estariam diretamente relacionadas à política governamental da época. Contudo, Luiz Antônio de Castro Santos (2003) chama a atenção sobre os limites de tais interpretações. No que tange ao imperialismo, o autor lembra que o processo de modernização dos países-alvos da Fundação Rockefeller acarretou para ela a necessidade de adequação e sobretudo de negociação.

No Brasil, este modelo imprimiu o traço característico da modernização das práticas médicas e sanitárias, cuja essência era a de articular “o fazer técnico e a investigação científica – especialmente a investigação de base laboratorial.” (AYRES *et al.*, 2013, p. 7). A partir de sinalizações positivas do Departamento de Estado norte-americano e do governo brasileiro, a Fundação enviou uma Comissão que visitou o país em 1916⁵⁴. Desses contatos iniciais resultaram dois acordos: o primeiro, com vigência entre 1918 e 1925, destinado à criação do Instituto de

⁵³ A Fundação Rockefeller foi talvez a maior das ações filantrópicas de John D. Rockefeller. Suas primeiras atividades foram de natureza caritativa e eram vinculadas, em geral, à Igreja Batista, da qual Rockefeller foi membro proeminente. As ações da Fundação Rockefeller iniciaram-se ainda em princípios do século XX com a campanha de combate à ancilostomose no sul dos Estados Unidos, depois foram ampliadas para outras doenças endêmicas e epidêmicas não só presentes no território da Europa e norte-americano como também na América Latina e Ásia. Em 1913, é também formada a *International Health Commission*, depois denominada *International Health Board* (1916), que absorveu as funções da *Rockefeller Sanitary Commission* (SANGLARD, 2005).

⁵⁴ A Comissão Médica – *Medical Commission to Visit the Republic of Brazil* – foi composta pelos médicos Richard M. Pearce (1874-1930), John A. Ferrell (1880-1965) e Bailey K. Ashford (1873-1934), e teve como objetivos estudar a educação médica, as doenças prevalentes, as condições sanitárias e as agências de saúde pública do País (KORNDÖRFER, 2015).

Higiene⁵⁵ como desdobramento deste mesmo acordo, foi criado ainda o Instituto de Patologia⁵⁶ (MARINHO, 2004).

No caso paulista, os contatos com a Comissão Rockefeller ocorreram por meio de Alexandrino Moraes Pedroso, professor da Cadeira de Histologia, que anos antes havia sido aluno de Richard Pearce, na Universidade da Pennsylvania (MARINHO, 2003; MASCARENHAS, 1949). São Paulo, sobretudo a capital, possuía uma faculdade de Medicina, atributo necessário e que facilitaria sua escolha pela Comissão para a destinação de recursos. A abrangência da intervenção da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo pode ser aferida, entre outros indicadores, pelo volume de recursos a ela destinados: foram transferidos cerca de um milhão de dólares entre 1916 e 1931 para a remodelação do ensino médico⁵⁷.

É neste contexto que se dá a formação médica de Eurico Branco Ribeiro (1922-1927), sendo toda ela desenvolvida nos moldes do acordo assinado entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SANTOS, 2018). Eurico Branco Ribeiro prestou exame de admissão e foi matriculado na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 14 de março de 1922, como discente da 10ª turma de medicina. A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na qual ingressou Ribeiro Branco, vincula-se à expansão do Ensino Superior no país na área de saúde. Entre os professores de Branco Ribeiro estavam: Flaminio Fávero, de medicina legal e Domingos Rubião Meira, de clínica médica, que juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho foram protagonistas centrais na organização da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1912. A partir de 1916, mais duas cadeiras são incorporadas ao curso de Medicina: higiene e patologia, viabilizadas a partir do acordo efetivado entre a instituição e a Fundação Rockefeller.

Além de influenciar sua opção pela prática médica sanitaria (SANTOS, 2018), a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi fundamental para a escolha da cirurgia médica como sua especialidade profissional. Ali estabeleceu relação com Benedicto Montenegro, médico paulista de grande prestígio, que foi um

⁵⁵ Para a criação do Instituto de Higiene foram enviados dois pesquisadores norte-americanos, Samuel Taylor Darling e Wilson Smillie. (MARINHO, 2004)

⁵⁶ No Instituto de Patologia, atuaram, entre 1922 e 1925, dois outros pesquisadores estrangeiros: o canadense Oskar Klotz e o norte-americano Richard Archibald Lambert.

⁵⁷ Outro destaque da Fundação Rockefeller para o desenvolvimento da ciência médica era o fluxo de concessão de bolsas – iniciado em 1917 – e bolsistas, mantendo um programa permanente de internacionalização da pesquisa científica (MARINHO, 2004).

dos mediadores das relações entre a Fundação Rockefeller e membros da elite local, e a quem tomou como “mestre” ao longo de sua trajetória na capital paulista. Anos mais tarde, os fundamentos da filantropia empreendida por Eurico Branco confirmariam a aproximação com os valores disseminados pela Fundação Rockefeller, principalmente os que diziam respeito sobre a utilidade das ações sociais no âmbito da saúde e da ciência médica.

Nota-se que a Fundação desenvolveu no Brasil, a princípio, ações de caráter político-sanitário e, mais adiante, focadas no desenvolvimento médico-científico. Mas é fato inegável, também, que a criação e atuação da Fundação Rockefeller foi coerente com a formação cultural norte-americana e com o “privatismo radical e publicismo pleno” que marcaram a construção do espaço público norte-americano, e que fizeram ecoar sob a forma de grandes instituições filantrópicas os movimentos de construção de solidariedade social que em outras sociedades foram aglutinadas pelo Estado ou por instituições de caráter religioso (AYRES, 2013, p. 8-9). A vinculação da Fundação Rockefeller aos interesses monopolistas do grande capital e a ação das organizações filantrópicas foram abordadas pela pesquisadora Maria Eliana Labra, para quem a constituição do ensino de saúde pública no Brasil está vinculada a um processo sociopolítico-ideológico não-exclusivamente nacional. Ou seja, esse processo deve ser visto como resultante também de articulações que envolveram a “conexão sanitária internacional, uma rede de instituições preocupadas com assuntos de higiene e saúde pública [...], sob a doutrina do pan-americanismo”, processo no qual a Fundação Rockefeller teve atuação destacada (MARINHO, 2013, p. 94-95).

Autores como Castro Santos & Faria (2003) observam que, ao começar a atuar mais sistematicamente no Brasil, a Fundação Rockefeller sofreu diversas críticas, sobretudo por ter aqui ingressado no auge do movimento nacionalista. Assim, a Fundação teve de adequar seus projetos a uma estrutura de saúde já existente no país, na qual predominava uma tradição higienista, no Rio de Janeiro representada pela Escola de Manguinhos e em São Paulo liderada por Emílio Ribas e Adolpho Lutz. Outra adequação que merece ser apontada concerne às diferenças entre o social ideário eugênico dos norte-americanos, darwinistas e os neo-lamarckianos brasileiros, de modo que “o ideário da Rockefeller vai cedendo lugar à postura nacionalista defendida por Belisário Pena, Arthur Neiva e Monteiro Lobato, de construção da nacionalidade e da melhoria ‘eugênica’ por meio da saúde.” (SANGLARD, 2005, p. 83).

Até aquele momento a medicina no Brasil ainda seguia modelos franceses, com forte influência da Academia Francesa de Medicina e das teorias da clínica médica. Esse período aqui abordado marca a transição da influência europeia para a norte-americana nas práticas médicas, sobretudo a partir das ações da Fundação Rockefeller no país. Também durante o Estado Novo acentuou-se a demarcação do campo profissional entre médicos voltados para a clínica e sanitaristas, estes últimos formados nos cursos de higiene do Instituto Oswaldo Cruz ou mesmo nas faculdades de medicina (SANGLARD, 2005). Percebe-se que a atuação da Fundação Rockefeller no contexto paulista era o reflexo das matrizes culturais e práticas médicas que aos poucos foram substituídas por outras matrizes civilizacionais caracterizadas pela presença da cultura norte-americana, representada pelas intervenções da Fundação Rockefeller, em contraponto à presença francesa nas instituições acadêmicas locais (MARINHO, 2001).

Logo, observa-se que ao longo do século XX a Fundação Rockefeller se apresenta como referência técnica e institucional imprescindível. A sua presença se faz sentir de diferentes modos, inclusive sendo modelar para a renovação e modernização da prática filantrópica na área da saúde e da medicina realizada no Brasil. Em São Paulo, elementos dessa tendência serão presentes principalmente no perfil filantropo do médico Eurico Ribeiro, mentor da transformação do “ Sanatório São Lucas numa Fundação para o Progresso da Cirurgia” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 9), realização diferente das que até então vigoravam na sociedade brasileira com relação à filantropia científica na área da medicina. O Sanatório São Lucas foi fundado por Eurico Branco Ribeiro em 1939, na capital paulista. Tornou-se centro de referência em cirurgia, nele estagiaram muitos médicos do Brasil e de vários países do mundo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Portanto, observa-se que a filantropia exercerá um papel fundamental na vida das instituições às quais o médico Eurico Branco Ribeiro fez parte e manteve contato ao longo de sua formação científica, o que colaborou para a sua realização filantrópica. Recuperar a relação com a Fundação Rockefeller por meio de seu contato com a Faculdade de Medicina permite entender a contribuição dessas experiências para o seu envolvimento com o modo de pensar as questões de saúde a partir da Escola de São Paulo, sobretudo, articulando ciência médica, filantropia e saúde.

Esses elementos permitem perceber como a cidade de São Paulo e sua elite médica rapidamente se dispuseram a pactuar vínculos e aceitar as credenciais científicas e institucionais do grupo estrangeiro que aqui aportou. A disposição, disponibilidade e abertura para pactos culturais com o exterior não eram novidade para o grupo dirigente da cidade e do estado. Ao longo do século XX, a Fundação Rockefeller geriu, por meio de suas ações, um poderoso projeto de transformação social e se constituiu como força modeladora que mereceu adesões, recusas e críticas (MARINHO, 2013). Os estudos mais críticos têm procurado mostrar o papel conservador desempenhado por estas instituições filantrópicas em setores vitais das sociedades contemporâneas, além disso, focalizam as condições sócio-históricas que propiciaram o surgimento da filantropia e as conexões entre a concentração de poder e riqueza que estas corporações representaram – e ainda representam – e a ideologia conservadora de que são porta-vozes (MARINHO, 2013).

Campos (2004) acredita que a Fundação Rockefeller tenha sido criada para propagar as pesquisas e a metodologia realizadas por outras instituições iniciadas pelos Rockefellers, como a Universidade de Chicago (1892)⁵⁸ e o *Rockefeller Institut for Medical Research* (1901), que mais tarde se transformaria na Universidade Rockefeller (*Encyclopedia Britannica*). É preciso pontuar que a diversidade da atuação da Fundação Rockefeller no Brasil e a sua presença no país ainda precisam ser estudadas de forma sistemática (MARINHO, 2013).

Além de ser cenário para as realizações da Fundação Rockefeller, a cidade de São Paulo, esse espaço social onde se processavam várias mudanças sociais

⁵⁸ A Universidade de Chicago foi fundada em 1895 a partir de uma grande doação feita por John D. Rockefeller, o milionário americano que fez fortuna na indústria do petróleo ao fundar a Standard Oil (BECKER, 1996). Nessa Universidade americana foi criado o primeiro Departamento de Sociologia (JOAS, 1999), de onde surgiu o que viria a ser a Escola de Chicago, que recebeu a influência de pensadores europeus, como Spencer, Tönnies, Durkheim e Simmel. As características de anonimato, impessoalidade e racionalidade que este último atribui à vida na metrópole (Simmel, 1967) exerceram influência direta nas concepções de cidade elaboradas por Wirth (1967) e Park (1967). O pioneirismo da Escola de Chicago também se sobressai na formulação de métodos qualitativos, a partir da obra de William Thomas e do sociólogo polonês Florian Znaniecki (GODIM, 2016). O surgimento dessa escola tem ligação direta com a expansão urbana e demográfica que a cidade de Chicago sofria como resposta ao desenvolvimento industrial. Especificamente, a cidade de Chicago (E.U.A) foi tomada como objeto dos primeiros estudos sociológicos urbanos. A revisão de literatura da Escola de Chicago busca construir uma análise sistemática acerca dos fenômenos sociais urbanos, inaugura novos métodos de investigação sociológica e um estilo de investigação propriamente das cidades (BULMER, 2020). No Brasil, pode-se identificar a influência da Escola de Sociologia de Chicago no início da institucionalização das ciências sociais. Tal influência se fez sentir diretamente pela presença de um de seus integrantes, Donald Pierson, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, de 1939 a 1952. Pierson foi responsável pela formação de vários pesquisadores brasileiros (VALLADARES, 2005), sob sua influência, foram realizados trabalhos sobre relações étnicas, “estudos de comunidade” e um pequeno número de pesquisas que se poderiam classificar como urbanas (MENDOZA, 2005).

durante a primeira metade do século XX, foi lugar de destaque para as realizações do médico Eurico Ribeiro, seja na prática de sua profissão, por meio de participação em inúmeras instituições e associações localizadas naquela cidade, ou na execução de sua obra filantrópica. No contexto da sociologia dos estudos urbanos, explora-se o conteúdo simbólico das cidades enquanto representação e mediação da integração do homem nesse universo. Para Velho (1967), a cidade é considerada o lócus de convergência das grandes correntes e interesses econômicos, políticos e ideológicos. A sociedade paulista da qual Eurico Branco fez parte estava se transformando. Todavia, naquele processo de transformação, os benefícios e os efeitos construtivos a longo prazo da mudança social foram monopolizados pelos estamentos médios e altos, entretanto, o fluxo da mudança social trazia em seu âmago novas formas de organização institucional das atividades econômicas, socioculturais e políticas (FERNANDES, 1979).

Fernandes (1979) chama atenção para a monopolização dos efeitos construtivos dessa mudança pelos mesmos extratos sociais que concentram os benefícios da mudança social. Dessa maneira, os assuntos da mudança social entram, assim, na esfera do controle social. Neste contexto, a filantropia praticada por Eurico Ribeiro na cidade de São Paulo, por suas características, pode ser discutida também como uma forma de controle social, como um projeto civilizador do liberalismo, como um instrumento que deveria civilizar as elites para o comando da nação, ou seja, a filantropia se consubstanciava como um espaço por meio do qual a burguesia podia através da ação social no âmbito da medicina urbana exercer um certo controle social das ações públicas. Por isso, é interessante o estudo da formação do Estado no contexto de uma sociedade preexistente em relações intersociais mais amplas, mas, também não é possível esquecer as formas endógenas de mudança. Se toda vida social é contingente, toda mudança social é conjuntural (GIDDENS, 2003).

A filantropia praticada por Eurico Ribeiro, é fenômeno que reflete camadas de um processo de mudança social e do qual se pode observar os efeitos da alteração do estado de certo sistema social. As mudanças aparecem em todos os níveis do comportamento humano socialmente organizado – das ações e das relações dos indivíduos, à estrutura e ao funcionamento das instituições ou à integração de sistemas sociais globais. A inovação cultural que representava a filantropia preterida por Eurico Ribeiro evidencia que sua prática está inserida num processo complexo,

relacionado com a alteração concomitante de outras esferas da vida, na transformação de hábitos, de organização de instituições ou de configuração de ordem social, manipulado por camadas com posições estratégicas na estrutura de poder das instituições ou das associações no processo de reconstrução da ordem social (FERNANDES, 1979). Neste caso, a Fundação Rockefeller, a Faculdade de Medicina de São Paulo e o Rotary Club de São Paulo, assuntos do próximo tópico, são instituições identificadas pela sociedade local como espaços de atuação e representação da elite paulista, e de realização da prática filantrópica.

A harmonização de elementos filantrópicos de diferentes instituições americanas, como a Fundação Rockefeller e o Rotary Club de São Paulo, no quadro do conjunto das estruturas sociais em transformação, se apresenta como forma de preservar a vida privada das elites. Com relação às estruturas e às instituições no contexto de transformações sociais, pode-se dizer que atingem o conjunto dos grupos e sociais que existem no meio urbano (VELHO, 1967). Assim, num período marcado pela rapidez de mudanças nos grupos e estruturas sociais, a elite branca médica, da qual Eurico Branco fazia parte, também buscava mecanismos para legitimar no contexto urbano o poder do grupo do qual fazia parte.

3.3.2 Rotary Club como lugar do fazer Filantrópico

A imposição de um ritmo acelerado das dinâmicas do contexto urbano desencadeou novas formas de relações sociais. Nesse processo, a cidade se tornou lócus privilegiado de criação de organizações que conformam um novo modelo de sociedade, a exemplo dos Rotary Clubs (SIMMEL, 1986). O Rotary Club é uma Instituição que surge em meio à sociedade urbana e que agrega diversas categorias de profissionais liberais e se apoia no fenômeno da cidade para existir. Em suma, as “sociedades” são sistemas sociais de um fundo constituído por uma série de outras relações sistêmicas, nas quais elas estão inseridas (GIDDENS, 2003). Desse modo, o contexto social da modernidade, sobretudo o espaço urbano, se consubstanciou em ambiente especial para a criação e o desenvolvimento da prática do associativismo voluntário, como retorno imediato a uma necessidade de segurança política, ou seja, como uma forma desses grupos preservarem e construir identidades grupais e de diferenciação social (SETTON, 2004).

A criação do primeiro Rotary Club aconteceu em meio à dinâmica social vivenciada em Chicago, cidade norte-americana, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX.⁵⁹ Seu idealizador foi um advogado chamado Paul Percy Harris. o Club foi criado na noite de quinta-feira, aos 23 de fevereiro de 1905, no escritório de Gus, na sala 711, do 7º andar do Unity Building, localizado na *Dearborn Street*. A partir daquela reunião nascia, *The Old Number One*, como até hoje é chamado o Rotary de Chicago, origem e berço de todo o internacional movimento rotário (BATISTA, 1996).

A primeira ação social desenvolvida pelos rotarianos de Chicago foi a construção de instalações sanitárias públicas nessa cidade (LACERDA, 2007). Seis anos após a criação do Rotary Club, no ano de 1912 foi criado o Rotary International⁶⁰, visando administrar um conjunto importante de clubes que vinham se espalhando dentro e fora do país⁶¹. Ao longo dos anos os clubes foram se multiplicando e alcançaram o espaço latino-americano, especialmente Buenos Aires, na Argentina, em 1920, Lima, no Peru, em 1921, e Rio de Janeiro, no Brasil, em dezembro de 1922 (BATISTA, 1996).

O primeiro Rotary Club em território brasileiro foi criado em dezembro de 1922, logo após a comemoração do centenário da independência e o fim da Primeira Guerra Mundial, portanto, início de um período marcante para o desenvolvimento social brasileiro. Pode-se afirmar que é no contexto de transformação da sociedade brasileira, consequência também da expansão econômica e da estruturação de uma nova ordem democrática, que organismos voluntários surgem como “respostas estratégicas inconscientes, mas conciliadoras, das ambiguidades da realidade social moderna.” (SETTON, 2004, p. 37).

⁵⁹ Embora tenha suas particularidades, “o Rotary não é inteiramente original. Clubes iguais já haviam existido na América e na Europa. Até com o próprio nome de Rotary. Entre eles, têm sido lembrados os mais importantes, como o JUNTO, de Benjamim Franklin, o ROTA CLUB, de Samuel Pepys, o BREAD STREET CLUB, de Sir Walter Raleigh, o APOLLO CLUB de Ben Johnson.” (BATISTA, 1996, p. 13). Também o Rotary Club, de James Harrington, em pleno século XVII, na Inglaterra. Tais clubes pouco tempo tiveram de vida. Esses clubes morreram com seus fundadores. O de Chicago, no entanto, cresceu, multiplicou-se e continua em plena atividade (BATISTA, 1996).

⁶⁰ O Rotary Internacional (RI) tem sua sede em Evanston, Illinois, EUA. Possui também escritórios administrativos espalhados pelos países em que há clubes rotários. Brasil, Inglaterra, Suíça, Coreia, Argentina, Japão, Filipinas, Austrália e Índia (SETTON, 2004, p. 26).

⁶¹ Hoje com representação em 166 países, as práticas e os valores sociais do Rotary Club, consolidados nas primeiras décadas do século XX pelos seus membros pioneiros, são compartilhados milhares de associados, fazendo da associação talvez a mais importante organização não governamental operando no mundo (PEREIRA, 2011).

Por aqui, o Rotary Club só se concretizou quando Richard P. Momsen, Cônsul dos Estados Unidos no Brasil, e Herbert P. Coates, americano radicado no Uruguai, se encontraram numa reunião do Rotary Club de Chicago. A partir dessa conversa, consolidou-se a ideia da fundação imediata de uma unidade rotária na América do Sul. Depois de várias tentativas fracassadas, o próprio Herbert Coates veio ao Brasil, a pedido da então Associação Internacional de Rotary Clubs, tentar a implantação do clube no Rio. “O êxito foi possível mediante ajuda de Richard Momsen, Herbert Moses, Henry H Lichetwardt e Robert Shalders.” (BATISTA, 1996, p. 14). A partir dessa conjunção de esforços dos empresários locais e autoridades governamentais, e depois de um longo processo de sensibilização (SETTON, 2004), em 5 de dezembro de 1922, em reunião-almoço no Jockey Club, declarava-se fundado o Rotary Club na cidade do Rio de Janeiro e que congregava na época, dezesseis companheiros (BATISTA, 1996).

Vale ressaltar que a partir da década de 1920 houve um aumento do número de Rotary Clubs no Brasil, um indicativo da expansão dos interesses de adesão de políticas americanistas no continente. No país, o Rotary Club cresceu rapidamente, e expandiu-se pelo território nacional, chegando à capital paulista em 1924.⁶² Cabe mencionar que em 1957 o Brasil já ocupava o terceiro lugar no mundo em número de Rotary Clubs, apresentava 349 clubes contra 335 do Canadá, seguindo-se aos EUA e a Inglaterra (RIBEIRO, 1961). Além de representar um ensaio de americanização das elites atlânticas, os Rotary Clubs significavam a presença de uma organização internacional e sua consolidação no Brasil era parte do projeto político e cultural norte-americano que através de instituições filantrópicas ampliou os movimentos de construção de solidariedade social entre as elites também para o interior do país.

Apesar da expansão, do crescimento, da ativa participação na vida das sociedades, não é simples definir o que seja o Rotary. Deste modo, um clube de serviço pode ser compreendido como uma instituição que congrega profissionais e homens de negócios empenhados em ser úteis, em colaborar na solução dos problemas da comunidade. Assim, entendida como uma instituição capaz de atuar em problemas que afetam a sociedade civil, o Rotary, através da “filantropia”

⁶² A relação entre Rotary Club de São Paulo e o médico Eurico Ribeiro será explorada em profundidade no quarto capítulo.

rotariana⁶³ e da ação política realizada por seus membros, dissemina suas ideias e seus ideais, bem como, atua em prol da defesa de um projeto ético-político, como o pretendido pelo Rotary Internacional, cujo objetivo estatutário: “bem servir”, deve ser cumprido a fim de preservar a harmonia e a paz social. (RIBEIRO, 1978, p. 44).

É possível pontuar que o Rotary dos primeiros vinte anos no Brasil se preocupou muito mais com sua própria estruturação e expansão do que com a sociedade na qual estava inserido (UHLE, 1991). Esse período pode ser considerado como uma fase de adaptação dessa associação em território nacional e do reconhecimento dos desafios de projetá-la na sociedade. Sobretudo, buscava-se o envolvimento de seus membros na solução de problemas que na ocasião enfrentava o país.

Durante momentos em que o país se viu conturbado com os acontecimentos políticos, tais como, a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista em 1932 e com a Segunda Guerra Mundial, iniciada em setembro de 1939, teve o Club sua vida de tal forma perturbada, que suas atividades praticamente cessaram. Nas palavras do ex-presidente José Vicente Alvarez Rubian, que dirigiu o clube durante parte desse período, a pedido do Rotary Internacional, naquele contexto “o Rotary que, prega a paz e a harmonia entre os homens, teve que funcionar em terreno revolto.” (BATISTA, 1996, p. 22). Depois das várias contendas, a associação aos poucos foi retomando suas atividades, sendo que o período de maior intervenção do clube nas questões políticas só foi ocorrer nas décadas de 50 e 60 (UHLE, 1991). O alcance e a dimensão do Rotary Club no Brasil ao longo do século XX podem ser sentidos pela Lei nº. 6.843, de 03 de novembro de 1980, promulgada pelo presidente João Baptista Figueiredo, que institui o Dia Nacional do Rotary, a ser comemorado em 23 de fevereiro (data de fundação do Rotary) por todos os brasileiros.

Será no Rotary Club de São Paulo que Eurico Ribeiro participará das maiores realizações da instituição, tais como: a criação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, a aquisição do Colégio Rio Branco, a formação do Lar Escola Rotary, a criação da Associação de Famílias Rotarianas de São Paulo e a construção do edifício da sede do Rotary Club na capital paulista (CORREI, 1978). Cabe destacar que a Fundação de Rotarianos de São Paulo era uma experiência filantrópica

⁶³ O Rotary não é uma instituição filantrópica, senão qualificada de clube de serviço: “A filantropia é exercida à expensa própria, o serviço não custa dinheiro para quem o exerce, porque é, e deve ser conseguido através da influência de quem o pratica.” (FORTES, 1997, s/p).

renovadora no âmbito das instituições de elite: posteriormente elementos dessa filantropia rotariana seriam incorporados ao perfil filantrópico de Eurico Ribeiro. Isso será observado, por exemplo, na ocasião em que o Sanatório São Lucas é transformado em Fundação para o Progresso da Cirurgia, essa realização foi empreendida por Branco Ribeiro, entende-se que nela o médico forjou e realizou seu perfil filantrópico realizando ações no âmbito da medicina e da educação. O gesto que identifica a nítida relação entre a filantropia praticada por Eurico Ribeiro e as orientações rotarianas foi a doação ao Rotary do Sanatório São Lucas: no documento definiu-se que a doação seria o cumprimento da sua missão enquanto rotariano.

Para Heinz (2006), as elites são grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios, ao mesmo tempo que evitam a rigidez das análises fundadas sobre as relações sociais de produção. A utilização da noção de elite não é recente nas ciências sociais. Desde os trabalhos clássicos de Pareto acerca da “circulação das elites”, esta noção manteve-se presente nos debates relativos às hierarquias sociais, ao poder ou à representação política. Como bem lembrou o historiador Christophe Charle, a propósito da retomada do interesse nos estudos sobre as elites, estes foram “(re)introduzidos nas ciências humanas pelos sociólogos”. Com efeito, para este autor, a noção de elite tinha para aqueles sociólogos o mérito de, “em um período de afrontamento com a visão marxista do mundo, escapar da terminologia das classes e ser suficientemente abstrata para se aplicar a todos os tipos de sociedade.” (HEINZ, 2006, p. 8).

No caso do historiador das elites, a exemplo de Heinz (2006), a apropriação da noção de elites permitiria dar conta, através de uma microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social, os processos históricos nos quais as elites se inserem à luz de suas características sociais mais ou menos constantes. Trata-se de compreender, através da análise dos atores situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações e de seus laços objetivos com o conjunto ou com setores da sociedade, bem como, conhecer as propriedades sociais em cada grupo, a composição dos capitais ou atributos econômicos, e sua inscrição na trajetória dos indivíduos, enfim, conhecer os modelos e/ou trajetórias dos indivíduos em relação à conjuntura social em que estejam inseridos.

Nas décadas de 1960 e 1970, o clima político e intelectual no Brasil, marcado pela crítica ao imperialismo norte-americano, concorreu para a rejeição das ciências sociais produzidas nos Estados Unidos, atingindo as formulações da Escola de Chicago (VELHO, 2005). Prevaleram na sociologia brasileira abordagens influenciadas pelo marxismo, contemplando temas macrosociológicos, como classes sociais, Estado e desenvolvimento capitalista. Mesmo quando eram abordados temas diretamente ligados ao urbano a dimensão espacial da dinâmica societária não era explicitada, ou era mesmo negada.

Especialmente, a partir da Escola de Chicago, que surge nos Estados Unidos, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, foi possível no âmbito dos estudos sociológicos realizar pesquisas voltadas para o então emergente fenômeno urbano⁶⁴, com ênfase na cidade, lugar onde as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais. A grande cidade é num sentido “bem real um laboratório do comportamento coletivo.” (PARK, 1916, p. 49 *apud* SANTOS, 2013, p. 70). Produto da natureza humana, a cidade passa a ser vista como um laboratório social. Neste sentido Park (1916) afirmava ser fundamental uma pesquisa voltada para o urbano, pois a cidade tem aspectos técnicos e dimensões morais que influenciam os seus habitantes, sobretudo, em suas relações sociais com o modo e estilo de vida dos indivíduos⁶⁵.

Nas grandes aglomerações industriais, a exemplo de São Paulo, cidade em constante transformação, há uma intensa substituição das antigas corporações e outros grupos tradicionais, ou seja, grupos são criados para exprimir aspirações ou reivindicações (VELHO, 1967, p. 118). Os múltiplos grupos sociais que se entrecruzam na vida urbana fazem pensar as relações sociais nos diversos setores em que se desenvolvem. Assim, as relações sociais manifestas em Eurico Ribeiro podem ser observadas, levadas em consideração a partir da localização de sua vida social que, por sua vez, se organiza em torno de instituições urbanas. Pode-se dizer que a prática filantrópica de Eurico Branco se caracteriza como resposta à necessidade da vida urbana que passava a exigir a criação de instituições, de serviço

⁶⁴ O programa de estudos da Sociologia Urbana contava com a participação de Albion W. Small; Robert Ezra Park; Ernest Watson Burgess; Roderick Duncan Mackenzie e William Thomas. Depois também se destacam outros autores: Frederic Thrasher, Louis Wirth e Everett Hughes (SANTOS, 2013).

⁶⁵ O pensamento de Park sobre as relações sociais foi desenvolvido por autores como Pierson e Wirth, que também desenvolveram estudos sobre a teoria do urbanismo e das sociedades urbanas.

social ou cultural, implicando o surgimento de novos comportamentos, relações sociais e das necessidades das populações.

Neste sentido, é possível pensar que a filantropia em Eurico Ribeiro é socialmente construída, pois foi definida a partir das relações tecidas ao longo de sua trajetória social com instituições e outros indivíduos que priorizavam esse tipo de prática. Logo, pode-se pensar a sua filantropia na perspectiva do conceito de campo de Pierre Bourdieu, ou seja, como um espaço socialmente construído, interessado em cumprir uma série de serviços e valores, a exemplo dos absorvidos da filantropia rotariana e replicado em suas realizações para além da instituição. Cabe destacar que o campo, para Bourdieu (2014), é um espaço socialmente estruturado e conflituoso onde os agentes sociais ocupam uma posição e atuam na perspectiva de manter e melhorar o campo e a sua capacidade de interferência social. Assim, ao atuarem pelo reconhecimento do campo, seus agentes também lutam por seu autorreconhecimento.

Por meio de sua ação no Rotary, Eurico ampliava e estreitava relações sociais pelo mundo afora, fazendo amizades, tornando-se internacional. O médico paranaense aliava à atividade rotariana a sua prática profissional; essa experiência lhe garantiu projeção e reconhecimento, como rotariano e como médico. Dito isto, é possível perceber que em Eurico Branco Ribeiro sua filantropia possui um viés comum, qual seja, o de se espelhar em instituições norte-americanas, não governamentais e pensadas como instrumento político e social de consolidação de um projeto da nação.

O Rotary Club de São Paulo foi cenário especial para Eurico Ribeiro praticar a filantropia médica, à época voltada para a questão social e entendida como ferramenta através da qual as elites brasileiras poderiam impor seu projeto de modernização da sociedade e da nação. Esse tipo de instituição na cidade de São Paulo, será fundamental para as ações do médico paranaense, sobretudo a partir de 1935, quando substitui “um dos fundadores do club, na categoria de sócio representativo, com a classificação de Medicina-Cirurgia, a mesma que havia sido ocupada pelo Professor Benedicto Montenegro.” (RIBEIRO, 1971, p. 12).

Portanto, seu ingresso ao Rotary Club foi fundamental para tecer e ampliar uma rede de relações que favoreceram a legitimação da profissão do médico para a sociedade, bem como, garantiu-lhe um lugar de destaque na elite médica paulista. Foi no Rotary Club que aconteceu sua aproximação com a prática da filantropia

médica, realizada através de trabalho voluntário, o que muito colaborou para a legitimação de seu nome no âmbito da elite paulista, pois através da instituição estabeleceu contatos e angariou capital simbólico, o que lhe garantiu um lugar de destaque em sua conjuntura social. Sua participação na instituição foi marcante; contribuiu com várias atividades em diversos setores, com destaque para a educação e medicina.

A transformação do universo das elites no Brasil no pós-1930 vem se configurando em tema da crítica sociológica. CODATO (2011) destaca a centralidade do processo de transformação dos perfis sociais e profissionais das elites para determinar a configuração do mundo político brasileiro entre 1930 e 1945, o que, em termos explicativos, vincula as características do regime político e as formas de Estado às características de uma dada elite, e ao destino das classes dirigentes nesse período da história nacional.

A primeira metade do século XX foi cenário importante para as realizações do médico Eurico Ribeiro, seja na prática de sua profissão, por meio de participação em inúmeras instituições e associações localizadas na capital de São Paulo, ou na execução de sua obra filantrópica. Com relação às estruturas e as instituições no contexto de transformações sociais, pode-se dizer que atingem o conjunto dos grupos e sociais que existem no meio urbano. Assim, num período marcado pela rapidez de mudanças nos grupos e estruturas sociais, a elite branca médica, da qual Eurico Branco fazia parte, também buscava mecanismos para legitimar o poder do grupo do qual fazia parte.

O interesse em pensar a relação do médico Eurico Ribeiro com instituições que têm por finalidade representar grupos particulares que desejam manifestar suas necessidades abre possibilidade de se mostrar o interesse de determinados grupos por específicas instituições às quais acreditavam poder manifestar e organizar internamente as estruturas sociais da sociedade brasileira. Por isso, infere-se que a harmonização de elementos filantrópicos de diferentes instituições americanas, como a Fundação Rockefeller e o Rotary Club de São Paulo, impactou na conformação de seu perfil filantropo.

4 A CONSTRUÇÃO DE EURICO COMO “FILANTROPO DA NAÇÃO”

A biografia sociológica é um campo de estudo que permite, de forma aprofundada, compreender os aspectos biográficos da vida social de s históricos, o que demonstra o interesse de estudiosos por um gênero capaz de revelar a escrita biográfica como um espaço de investigação, e que constantemente vem renovando seus objetos, metodologias e fontes (SCHMIDT, 2000; GOMES, 2004; REVEL, 2005; VANALI, 2017). Foi somente ao longo do século XX que a prática biográfica alçou a função de método de pesquisa nos estudos sociológicos, com isso, surgiu uma pluralidade de debates e acepções da noção de biografia⁶⁶. Neste contexto, assume o protagonismo entre os cientistas sociais, a abordagem empírica do método biográfico (ABRANTES *et al.*, 2011; JUNQUEIRA, 2019), principalmente o método desenvolvido por pesquisadores da Escola de Chicago, a saber, aqueles preocupados em desenvolver pesquisas sobre as questões sociais desencadeados pelas transformações da cidade no contexto de industrialização e urbanização.

Dos estudos de Bertaux, nos anos 1970 e 1980, emergiu o debate de Pierre Bourdieu (1986) que apontou o problema da definição de história e a ilusão de transparência do real na produção de relatos de vida. Para este debate, é crucial notar que os indivíduos experimentam a história de maneiras distintas, de forma que uma das principais reflexões consiste em abordar a singularidade de uma vida, sem pressupor as trajetórias individuais como representativas do todo social. Nos anos 1980, foi possível ampliar o uso da abordagem biográfica na Sociologia, especialmente com a emergência de nomes como Michel Pollak, Jean Peneff, Jean Michel Chapoulie, Vicente de Gualejac, Didier Démazière e Claude Dubar (JUNQUEIRA, 2019).

Outra contribuição importante para a renovação dos estudos biográficos no campo da Sociologia é Bernard Lahire (2004; 2010), principalmente porque analisa o mesmo indivíduo sob diferentes áreas da vida, o que permite o aprofundamento dos comportamentos e das atitudes de acordo com os contextos sociais. Esse movimento busca perceber o impacto dos processos formativos dos indivíduos, sobretudo quando se aborda a dimensão formativa das experiências, identidades e trajetórias.

⁶⁶ A obra de William I. Thomas e Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America*, publicada entre 1918 e 1920, é considerada obra fundadora do uso do método biográfico no campo da Sociologia.

Lahire (2010) enfatiza que não existe nenhuma ilusão em proceder à análise biográfica se damos a esta, o papel de levantar as experiências sedimentadas em um indivíduo determinado. Em sua proposta, busca verificar o social em cada experiência vivida e incorporada pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida (LAHIRE, 2010).

A virada histórica no desenvolvimento da abordagem biográfica nas ciências sociais pode ser examinada pela ampliação das fontes utilizadas na confecção da pesquisa biográfica. Pineau e Le Grand (1993) permitem compreender o amplo movimento de constituição de múltiplas manifestações narrativas das histórias de vida, passando por confissões, cartas, correspondências, livros, livros de família, ensaios, genealogias, memórias, lembranças, efemérides, anais, crônicas publicadas nos periódicos literários e científicos etc., pois tais textos e trajetórias nos informam sobre o mundo social vivido pelos seus protagonistas. Deste modo, a obra produzida pelo personagem biografado é “constitutivamente um discurso social [...] nos diz muito de suas buscas, expectativas, anseios e horizontes.” (VANALI, 2017, p. 15).

Neste sentido, interessa perceber a importância que cada experiência teve na socialização de Eurico Ribeiro a partir da constituição de uma biografia sociológica que, ambiciona apontar elementos detalhados de sua trajetória de vida, principalmente os acontecimentos e episódios relacionados à sua formação educacional e acadêmica, bem como sua atuação como médico sanitarista e filantropo, práticas por meio das quais passou a consolidar seu projeto de sociedade para a nação.

4.1 O ESTUDANTE: REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CIENTÍFICAS NA FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO

Dimensão ainda inexplorada da vida social de Eurico, as sociabilidades acadêmicas (plural) e as práticas por ele realizadas no âmbito científico-universitário se mostram pertinentes não apenas porque envolvem atividades vivenciadas pelo estudante de Medicina no órgão do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC) daquela instituição de ensino médico paulista, mas, sobretudo porque dão a dimensão de uma faceta biográfica importante de Eurico. Assim, durante o exercício de construção dessa biografia sociológica e de compreender as configurações sociais das quais fez parte, tornou-se desafiador e instigante reconstituir parte de sua

trajetória no contexto estudantil como acadêmico da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, considerando principalmente sua atuação no grêmio representativo dos estudantes de medicina daquela instituição.

Para Lahire (2010), observar o mesmo indivíduo sobre diferentes dimensões da vida, incluindo as sociabilidades, é uma maneira de dar a ver a variação dos comportamentos e das atitudes dos biografados segundo os contextos sociais onde atuam. A insistência do sociólogo incide em mostrar que o nível individual contém a “chave de acesso à realidade societária”, uma vez que para ele, “o que é individual é social e o que é social é individual” (LAHIRE, 2018 *apud*. BOAES *et al.* 2019, p. 9). Por isso, a partir desse momento, iremos expor um breve histórico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC) da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, bem como pontuar o movimento do estudante no grêmio estudantil paulista onde viverá suas sociabilidades estudantis entre os anos de 1927 e 1928.

4.1.1 Eurico Branco Ribeiro e o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

Depois de iniciadas as atividades da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1913⁶⁷, por meio do Decreto nº. 2.344, de 31 de janeiro, que estabeleceu o regulamento de funcionamento da escola, nomeando seu diretor o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, foi fundado “mediante a convocação de uma assembleia estudantil, o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” e eleita a sua primeira

⁶⁷ O primeiro instrumento legal criando uma escola de medicina em São Paulo foi estabelecido com o Decreto nº. 19, de 24 de novembro de 1891, sancionado pelo presidente do Estado, Américo Brasiliense, instituindo a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia de São Paulo. Contudo, tal decreto não resultou na criação de fato da Academia de Medicina. A criação efetiva da escola só ocorreu 21 anos mais tarde, através da Lei nº. 1.357, de 19 de dezembro de 1912, assinada por Francisco de Paula Rodrigues Alves e pelo Secretário do Interior Altino Arantes. A escola foi criada como Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP) e só passou a ser Faculdade de Medicina de São Paulo em 1925 (MARINHO, 1993). A FMCSP foi a primeira escola pública de nível superior de São Paulo a permitir explicitamente em seu regulamento o ingresso de estudantes de ambos os sexos. A Faculdade começou a funcionar em instalações cedidas pela Escola de Comércio Álvares Penteado, em 1913 (MARINHO, 1993). O fundador da Faculdade de Medicina da USP, o Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, teve o seu nome dado ao edifício Casa de Arnaldo, que hoje abriga a faculdade, inaugurado em 1931. O prédio sede foi pago pela Fundação Rockefeller. Três anos depois, a USP foi criada pelo Decreto Estadual nº. 6283, de 25 de janeiro de 1934; o projeto foi efetivado pelo então governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, conforme idealizado por Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal *O Estado de São Paulo* e defensor ostensivo nas páginas de seu periódico do ensino superior no Estado, traduzido na criação da universidade paulista (MARTINS, 2012).

diretoria da qual foi presidente o estudante Valdomiro de Campos.”⁶⁸ (EDITORES, 1916, p.7)

O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz ou CAOC é a entidade representativa dos estudantes de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e seu nome é uma homenagem ao médico e sanitarista brasileiro Oswaldo Cruz. Embora o CAOC seja um dos centros acadêmicos mais antigos do Brasil e pioneiro no âmbito da medicina paulista, não é o mais antigo do país, cabendo este feito ao Centro Acadêmico Ruy Barbosa da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, fundado em 03 de novembro de 1897.

O processo de institucionalização acadêmica da organização estudantil no contexto da Faculdade de Medicina de São Paulo, segundo Mota (2010), passou por um processo marcado por tensões entre os grupos de estudantes, exemplo disso foi à crise envolvendo alunos e docentes que se estabeleceu levando à expulsão de vários membros do CAOC, inclusive de seu membro-fundador (MOTA, 2012). Segundo o próprio Valdomiro Guilherme de Campos⁶⁹, em entrevista no ano de 1940 ao jornal estudantil do CAOC, *O Bisturi*⁷⁰, havia vários descontentamentos entre os estudantes, um deles era com o sistema de avaliação. O fundador e primeiro presidente do CAOC narra que,

[...] por este motivo, surgiram desinteligências entre os insatisfeitos e o prof. Edmundo Xavier, e o diretor da Faculdade, dr. Arnaldo de Carvalho. Em consequência muitos foram suspensos por prazo indeterminado, entre os quais eu e outros companheiros da diretoria⁷¹. (CAMPOS, 1940, p. 6).

⁶⁸ Nos seus 76 anos de vida, Eurico Branco Ribeiro fundou a Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa, a Sociedade Médica São Lucas, a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (atual SOBRAMES) e a Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), todas na capital paulista. Cabe mencionar que a AME nasceu com o objetivo de aprofundar “o estudo da Doutrina Espírita, tendo em vista suas relações, integração e aplicação nos campos da Filosofia, da Religião e das Ciências, principalmente a Medicina.” (SOARES, 2009, p. 173-174).

⁶⁹ Fundador e primeiro presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

⁷⁰ Lançado pelo CAOC, em dia 15, de março de 1930, *O Bisturi* (MOTA, 2014, p. 99). Consta no banco de dados da biblioteca da Faculdade de Medicina que *O Bisturi* foi concebido em 1930. Nele, são publicados poemas e crônicas, veiculando assuntos ligados à Faculdade e ao Caoc, além de traduções de contos e romances – publicados em capítulos – estrangeiros. Embora tematize os assuntos da Faculdade de Medicina, a redação de *O Bisturi* abre espaço para qualquer estudante de instituições de ensino superior de São Paulo enviar artigos, cabendo a ela a seleção dos que seriam publicados. Há anúncios de instrumentos cirúrgicos, farmácias, medicamentos, entre outros de produtos não próprios para a prática médica (MAIOLINI *et al.*, 2012, p. 271)

⁷¹ Entrevista do fundador e primeiro presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, Valdomiro Guilherme de Campos, publicada n’*O Bisturi*, no n. 35 de 1940.

Após esse incidente e deposta a primeira presidência da agremiação, assumiu o estudante Jaime da Candelária, entre outubro de 1914 e setembro de 1915. Neste período, a gestão foi composta por Jaime da Candelária (presidente), João Procópio (primeiro secretário) e Anther Galvão (segundo secretário) (MOTA, 2012), e se mobilizou no sentido de elaborar o estatuto, a confecção do estandarte e do distintivo dos alunos da Faculdade.

Quanto às novas medidas para o processo eleitoral para a direção do centro acadêmico do ano de 1915, teve a negativa do antigo representante estudantil, Jaime da Candelária, que proferiu um discurso em que justificava seu posicionamento “quanto aos fiscais das urnas e apontava uma dissensão em torno de uma chapa oficial proposta pela presidência.” (MOTA, 2012, p. 149). Seu descontentamento com o processo eleitoral pode ser sentido por sua ausência, bem como a de outros estudantes, como José Ferreira Santos e Paulo Ribas, nas sessões da assembleia estudantil dos dias 28 de outubro e 05 de novembro. A chapa conciliatória fora ratificada nas urnas, e Ernesto Souza Campos⁷² foi alçado à presidência do CAOC (gestões de 1915-1916, 1916-1917 e 1917-1918)⁷³. Neste mesmo contexto, “decidiu-se pela confecção de um estandarte⁷⁴ e de uma publicação, uma revista médica, cujo nome, vencida grande divergência instalada, ficou sendo Revista de Medicina.” (MARINHO, 2006, p. 140-141).

Depois de receber em mãos o primeiro volume do periódico publicado no ano de 1916, Arnaldo Vieira de Carvalho felicitou a diretoria do CAOC pelo sucesso alcançado pela Revista de Medicina. Tal passagem da história do grêmio foi lembrada por Eurico Ribeiro em crônica publicada em 1927:

⁷² Ernesto de Sousa Campos, que depois tornou-se fundador da USP e Ministro da Educação e Saúde Pública, formado em Engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo, teria uma atuação destacada na vida da Faculdade. Como aluno, organizou o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, grêmio que conduziu por cinco anos. Depois de formado, ingressou na Faculdade como professor e estagiou em Manguinhos. Fiel aos ideais de pesquisa científica da Fundação Rockefeller, sua atividade como disseminador desta concepção foi desenvolvida, sobretudo, dentro da estrutura burocrática da Universidade de São Paulo, onde ocupou diversos cargos, entre os quais o de presidente da Comissão de Pesquisa Científica (MARINHO; MOTA, 2013). Como professor, foi uma das figuras centrais no desenvolvimento de acordos com a Fundação Rockefeller, além de integrar a comissão de estudos que percorreu mais de 200 instituições de diferentes países da Europa, Estados Unidos e Canadá em busca de subsídios para a construção definitiva da Faculdade (SCHWARTZMAN, p. 92, *apud* MARINHO; MOTA, 2013, p. 162).

⁷³ Chapa: Ernesto de Souza Campos (presidente); Sinésio Rocha (vice-presidente); Sebastião Antunes (primeiro secretário), D. Odette dos Santos Nora (segundo secretário), Benjamim Reis (primeiro tesoureiro), J. Ferreira Santos (segundo tesoureiro), J. Passos Cunha (primeiro orador) e Renato de Lacerda (segundo orador) (MOTA, 2012, p. 149).

⁷⁴ A aprovação do estandarte do centro coube ao parecer da congregação composta pelos professores Dr. Ovidio Pires de Campos, Guilherme B. Milward e Adolpho Lindenberg (EDITORES, 1916).

A satisfação que me foi proporcionada – disse o então diretor da nossa Faculdade – é grande e muito sobe de ponto, quando verifico serem manifestações científicas dos alunos, contidas no volume oferecido, mais que exercícios escolares e já monografias dignas de leitura dos estudiosos. (RIBEIRO, 1927, p. 3).

Martins (2012), em seus estudos sobre o lugar das revistas estudantis no periodismo paulista, explora o segmento periódico/revista⁷⁵ no âmbito da produção acadêmica, inserindo-a no quadro mais abrangente da história do periodismo no Brasil, em particular a produção da Universidade de São Paulo, nas respectivas conjunturas de sua emergência (MARTINS, 2012). Nesse quadro, em que a revista efetivamente se propunha a divulgar as últimas conquistas da ciência e a figurar como um lugar de afirmação coletiva, de representação identitária de grupos e associações de todo teor, foi inevitável que as agremiações acadêmicas elegessem também o formato revista como ideal para divulgar sua produção, dar-lhes foros de criação inovadora e legitimadora do grupo e da instituição que as veiculava (MARTINS, 2012).

Especialmente sobre a produção editorial estudantil da USP, Martins (2012) afirma que é necessário validar o fato de que as revistas estudantis constituem um manancial precioso de memória e experiência cultural universitária, elas:

[...] não apenas brotam na universidade e da ação dos universitários, mas se formam em meio aos valores – de autonomia, laicidade, concentração, invenção, espírito crítico, tolerância, cosmopolitismo – cultivados em seu interior; registram vivências, realizações e dilemas cotidianos de gerações, disciplinas e discursos diversos; assinalam continuidades e descontinuidades de conteúdos, linguagens e significados, modos de pensar, de fazer e de sentir nela fecundados. (MAIOLINI *et al.*, 2012, p. 236).

Assim, a produção periodista se configurava como um suporte privilegiado, o que permite verificar as experiências culturais vivenciadas pelos alunos na universidade, uma instituição de sociabilidades muito específica (MAIOLINI *et al.*, 2012). Ainda sobre a imprensa acadêmica, ela pode ser considerada o embrião das primeiras revistas de cultura, um eixo de ideias estéticas originais (MONTAIA, 2012). Nestes termos, é possível verificar que, dentro das características vigentes na

⁷⁵ No Brasil, país da editoração tardia, a revista figurou historicamente como suporte ideal para circulação da palavra escrita, dado seu caráter de publicação síntese, atualizada, de comunicação ágil, fácil leitura e baixo custo. No âmbito das comunidades acadêmicas, destacou-se como órgão apropriado para colocação de grupos ideológicos, difusão de pesquisas, propagação de trabalhos em progresso, abordagens inéditas no campo do conhecimento científico, instrumento de crítica social e política, veiculadora didática de amplo alcance (MARTINS, 2012).

sociedade brasileira e, em particular, na paulista, o Centro Acadêmico desempenharia papel de destaque no processo de desenvolvimento da Faculdade de Medicina e das sociabilidades acadêmicas, tal como a criação, pelos estudantes, da Revista de Medicina.

A respeito da trajetória do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o primeiro número da *Revista de Medicina*, publicada no ano de 1916, traz um histórico escrito pelos editores sobre o grêmio estudantil no período que se estabelece entre os anos de 1913 e 1917. (EDITORES, 1916). O texto redigido pelos editores⁷⁶ da RM afirma que,

[...] em meados de 1913, poucos meses após a abertura das aulas da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, surgiu entre os estudantes, o desejo de fundar uma associação que munida de plenos poderes, fosse legítima representante da nova classe acadêmica. (EDITORES, 1916, p. 7).

Percebe-se que entre as preocupações dos estudantes impressas nas primeiras páginas da RM estavam as que consistiam em divulgar os passos iniciais da organização estudantil na Faculdade de Medicina, anunciar a vida acadêmica do CAOC e a produção científica de professores e alunos. Além disso, havia o notório esforço dos estudantes em pedir apoio inclusive ao Governo do Estado para que houvesse a produção continuada e a publicação desse material (MOTA, 2012).

Mesmo diante de impasses, tais como custos de publicação e outras intempéries, a revista foi custeada e lançada pelo grêmio estudantil em julho de 1916, apresentando em suas primeiras páginas as palavras do catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina, Ovídio Pires de Campos⁷⁷, que teceu considerações sobre a necessidade de se transferir o centro acadêmico para a responsabilidade dos que apoiassem e ajudassem a edificar o nome da Faculdade de Medicina (MOTA, 2012).

Se, inicialmente, o CAOC contou com a participação de alunos que fizeram oposição às posturas dos professores e da direção, sendo por isso desligados da Faculdade e, conseqüentemente, do CAOC, os que lá permaneceram foram exatamente aqueles que se posicionaram favoravelmente à instituição. Nesses termos, o CAOC ganhou a missão de colaborar com a diretoria e os desígnios

⁷⁶ A comissão de redação do primeiro número da *Revista de Medicina* foi composta por: Ernesto de Souza Campos, Flaminio Favero, Antonio de Almeida Júnior, Jaime Candelária, Altino Antunes, Ibraim Madeira e J. Cardoso. Sendo que os três primeiros estudantes listados, fariam parte futuramente do quadro de professores catedráticos da casa (MONTROYAMA, 2006, p. 118).

⁷⁷ Foi o Dr. Ovidio Pires de Campos quem eternizou o Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho homenageando-o com o nome colocado no edifício da Faculdade. A nova Faculdade ficaria conhecida como “a casa de Arnaldo.” (MOTA, 2005, p. 212).

imputados pela escola, de modo a torná-la mais um exemplo de força e poder (MOTA, 2005).

De acordo com André Mota, historiador e coordenador do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, quando o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz foi criado ele era “um centro acadêmico que tinha a função literária, aos poucos a literatura vai dando espaço para questões internas, dos próprios alunos e das suas necessidades e externas a cidade⁷⁸”. Outra questão que interessava ao CAOC era a instalação de sua sede, que passou a existir no próprio prédio da Faculdade, na Rua Brigadeiro Tobias n.1, em uma sala para esse fim, que foi “mobiliada e ornada com o retrato do Dgmo. Diretor da Faculdade, presidente honorário do ‘Centro’” (EDITORES, 1916, p. 9). A sede social do CAOC seria completamente reformada em finais da década de 1920, quando então o “Centro passou a reunir todas as condições e requisitos indispensáveis a um verdadeiro centro de palestra e leitura⁷⁹.” (EDITORES, 1927, p. 537).

O CAOC, por meio da ação dos estudantes de medicina, envolvia-se em assuntos institucionais, políticos e sociais, liderou várias campanhas no âmbito da saúde pública, inclusive recebeu e deu apoio a outros centros acadêmicos da cidade de São Paulo. Isso pode ser verificado na nota de agradecimento à *Revista de Medicina*, em que um representante do corpo discente da Faculdade de Medicina divulgava, na seção Noticiário, intitulada “O coração da mocidade”, o agradecimento dos estudantes do CAOC pela ação do Centro Acadêmico maquenzista⁸⁰ “Horacio Lane”. A notificação fazia menção ao ofício dirigido ao CAOC por aquele centro estudantil informando sobre o fato de haver, “em assembleia geral [...] resolvido oferecer-se a metade da renda do festival dançante, que realizará em 15 de maio, para o posto de combate a sífilis, mantido e dirigido pelos estudantes de medicina.” (EDITORES, 1926, p. 55). Percebe-se que havia uma tentativa de os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo aliarem-se aos de outras instituições estudantis, faculdades e centros de estudo, para socializar, em seus conteúdos, os feitos dos acadêmicos.

⁷⁸ Documentário 100 Anos de Caoc. Produção CAOC, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/80274522>. Acesso em ago. do ano de 2021.

⁷⁹ A respeito de alguns dos livros, revistas e jornais recebidos e que poderiam ser lidos pelos estudantes, estavam: *Estudantina*, Recife; *Revista Acadêmica*, Recife; *O tempo Acadêmico*. (EDITORES, 1927, p. 529-536).

⁸⁰ O Instituto Presbiteriano Mackenzie iniciou suas atividades no Brasil a partir de 1870, quando então se instalou na cidade de São Paulo o casal de missionários presbiterianos George e Mray Annesley Chamberlain.

Historicamente, o CAOC tinha como fundamento ser uma entidade representativa dos estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sendo o instrumento por meio do qual era possível aos acadêmicos exporem suas demandas, negociar com as instituições de ensino, representar os alunos nos espaços estudantis, tendo papel indispensável na história do Movimento Estudantil desde a sua fundação.

Dentre os destaques de suas ações, podemos citar sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, na campanha de construção do Hospital das Clínicas⁸¹ e no processo de Reforma Sanitária Brasileira. O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz foi também pioneiro na criação de ligas acadêmicas, na organização de congressos científicos anuais e na edição e publicação de jornais e revistas estudantis, como O Bisturi e a Revista de Medicina. Esta última foi responsável por apresentar não apenas os passos iniciais do CAOC, mas também dar visibilidade à produção científica estudada e publicada por professores e alunos, caracterizando-se por ser lugar de divulgação dos feitos estudantis e por manter sempre o cunho científico, auxiliando na formação de uma mentalidade adequada à prática da ciência na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (MONTROYAMA, 2006).

Na primeira edição trimestral do ano de 1927, os editores da *Revista de Medicina*⁸² publicaram um texto fazendo menção à “vida oficial” da Faculdade de Medicina, onde traziam, dentre outras informações, a lista dos alunos matriculados na instituição no ano de 1927, em que nela constava o nome do aluno do 6º Ano, Eurico Branco Ribeiro (EDITORES, 1927, p. 86). Na mesma edição da Revista de Medicina, o CAOC informava em breves notas acontecimentos da vida estudantil como, por exemplo, a notícia de que:

⁸¹ A chamada Campanha Pró-Clínicas, realizada em 1937, teve participação emblemática do Caoc ao assumir como questão estudantil os assuntos relativos ao ensino e à assistência médica. No número especial da RM dedicado à campanha, o título editorial dizia “São Paulo Necessita do Hospital das Clínicas: não temos, em absoluto, hospitais que preencham as necessidades da assistência e sirvam aos desígnios da fé científica.” (MOTA, 2012, p. 156). O apoio aos professores veio por meio de cartas enviadas à diretoria do centro acadêmico, em que pediam um posicionamento sobre a importância da construção de um hospital das clínicas vinculado à Faculdade de Medicina (MOTA, 2012).

⁸² Foram editores desta edição da RM Rubião Meira e Eurico Branco Ribeiro. Sobre o primeiro, era natural do Rio de Janeiro, de Barra do Piraí, nascido em 1878. Formara-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1901. Logo após a formatura clinicou muito brevemente no interior de Minas Gerais, na pequena cidade de Piumhi. Em seguida rumou para São Paulo, onde se instalou e fez carreira como médico e professor na Santa Casa de Misericórdia e na Faculdade de Medicina de São Paulo. Foi também editor da Revista *Gazeta Clínica* e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (MOTA, 2014).

[...] em sessão solene, realizada no Anfiteatro de Medicina Legal no dia 23 de março [...] foi empossada a nova diretoria do Centro Oswaldo Cruz, que eleita em dezembro de 1926, deverá reger o seu destino no ano de 1927 [...]. A sessão foi realizada sob a presidência do Dr. José de Almeida Camargo, com a presença do Prof. Aguiar Pupo, diretor clínico da Liga da de Combate à Sífilis e numerosos estudantes. (EDITORES, 1927, p. 93).

O acontecimento envolveu a presença de muitos estudantes e de representantes da elite médica paulista, demonstrando que as sociabilidades daqueles estudantes ultrapassavam o espaço da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Sobre a Liga de Combate à Sífilis, ela foi reorganizada em 1920 pelos acadêmicos do CAOC, que manteve por meio dos esforços próprios de seus acadêmicos e com auxílios do Serviço Sanitário, da Santa Casa de Misericórdia, do Dispensário Clemente Ferreira e da sociedade paulistana (EDITORES, 1926, p. 94).

Eleita a diretoria que atuaria pelos próximos doze meses, a primeira reunião da nova gestão do CAOC “realizou-se no dia 26 de março de 1927” (EDITORES, 1927, p. 94). Outros informes do CAOC, publicados no primeiro fascículo da RM do ano de 1927, listam aqueles que seriam os auxiliares da diretoria e que foram nomeados em assembleia estudantil na sessão acima citada. Os nomeados foram os seguintes:

Doutorando Mauricio Lemos Pereira Lima, para bibliotecário do Centro; acadêmicos Antônio Caio do Amaral, Alfredo Augusto Bahia e Hermenegildo de Urbina Telles, para a comissão de Atletismo; acadêmicos Humberto Cruti e Guilherme Couto Esher, para diretores do torneio anual de xadrez; doutorando Constantino Mignone e Cincinato Pamponet Filho, para a comissão de ping-pong; acadêmicos João Carlos Gomes Cardim e Sylla Mattos, para a comissão da festa dos calouros; e o doutorando Eurico Branco Ribeiro, para redator da “Revista de Medicina”. (EDITORES, 1924, p. 94).

As atividades desenvolvidas pelos estudantes eram diversas e envolviam uma série de funções, o que exigia a versatilidade e a participação intensa dos estudantes em atividades culturais, esportivas, literárias e científicas. Naquela ocasião, ficou designado, portanto, que o doutorando Eurico Branco Ribeiro seria o redator da “Revista de Medicina” (EDITORES 1927). Sua participação neste periódico teve início durante o ano de 1927 e o primeiro trimestre do ano de 1928. No período, o acadêmico da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo desempenhou a função de redator da Revista de Medicina, confirmando sua participação em

encontros realizados pelos alunos e em diversas outras atividades que se desdobravam no interior do CAOC⁸³.

Para MAIOLINI *et al.* (2012), participar de um processo editorial, que necessariamente requer um esforço além dos compromissos dos estudos, demonstra um sentido peculiar de engajamento na vida universitária. A respeito do interesse em ser editor do periódico estudantil, Campos (1974) lembra que, desde os tempos de ginásio, Eurico revelou aptidão pela literatura, editando um pequeno jornal onde eram publicadas notícias de interesse para os ginasianos (CAMPOS, 1974, p. 9). Naquele período, a partir do expressivo investimento na Educação empreendido por meio do projeto republicano, foi possível a criação de uma rede de escolas, nas quais o periodismo estudantil se fez presente (MARTINS, 2012, p. 134).

Outra atividade desenvolvida por Eurico Ribeiro no CAOC, registrada na sessão de 29 de março e publicada no primeiro fascículo da *Revista de Medicina* durante o primeiro trimestre do ano de 1927, foi a leitura de uma carta, nela lia-se a proposta de:

[...] enviar-se à imprensa paulistana um ofício circular hipotecando o apoio da Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho ao apelo feito pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo a respeito da publicidade dos crimes. A proposta foi aprovada por unanimidade. (EDITORES, 1927, p. 94).

A divulgação e publicidade dos crimes por meio dos impressos periódicos era defendida pelos médicos, de modo que a circulação desse tipo de notícia deveria ser compreendida como um bem para a sociedade, já que por meio do noticiário dos crimes formava-se o caráter dos leitores e se higienizava o país. Neste contexto, a pauta do ativismo cultural dos estudantes era materializada no esforço de se representarem e assumirem a defesa de determinados assuntos por meio de participação em órgãos de representatividade para o campo médico paulista, bem como, através de publicações em revistas, jornais e outros meios (MAIOLINI *et al.*, 2012, p. 235). Entre 1889 e 1930, durante a chamada Primeira República, a imprensa no Brasil se diversificou, conhecendo diversas formas de inovação tecnológica que permitiam transformações e a diversidade que passou a constituir esse material. É

⁸³ Eurico Ribeiro foi editor das edições de 1927, n. 46; 1927, n. 47; 1927, n. 48; 1927 n. 49. Na edição de 1928 seu nome aparece como Diretor do periódico, sendo os redatores: Augusto Sampaio Doria, Odorico Machado de Souza, Paulo Sawaya e Sylvio de Almeida Toledo. (REVISTA DE MEDICINA, 1927, p. 537).

nesse contexto que encontramos a *Revista de Medicina*, a primeira a divulgar os primeiros passos da vida acadêmica do CAOC e da produção científica estudada e divulgada por professores e alunos (MOTA, 2014).

4.1.2 A Revista de Medicina e as contribuições de Eurico Branco Ribeiro

No âmbito da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, criada em 1912, a tradição de publicação dos grêmios estudantis conheceu ímpeto renovado, que resultou em novas publicações ao longo do século XX. Neste contexto, começou a circular no espaço universitário paulista a produção de periódicos dos estudantes criando um cenário de agitação e efervescência na área científica (MAIOLINI, 2012). Com a criação daquela faculdade, novos veículos surgiram, a exemplo da *Revista de Medicina*, órgão científico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” (fundado pela primeira turma de medicina no ano de 1913) que a partir do ano de 1916 passou a divulgar em suas páginas os trabalhos científicos de estudantes e professores, bem como atividades relacionadas ao cotidiano da Faculdade e assuntos sobre as demandas da vida estudantil⁸⁴.

É importante pontuar que a historicidade das revistas estudantis no Brasil nos remete à emergência dos primeiros cursos superiores do país, que a despeito das imensas dificuldades para produção, veiculação e mesmo consumo de seus meios, fizeram dessas publicações pioneiras o espaço precioso e distinto para a divulgação de trabalhos e colocação de autores em letra impressa. “Por meio das revistas estudantis e acadêmicas é possível compreender o desenho da formação cultural das primeiras gerações letradas do país.” (MARTINS, 2012, p. 123). Nesses veículos reforçava-se a identidade de várias instituições, e dava-se a conhecer publicamente a existência e os significados dos cursos que a compunham. Nestes termos, a revista periódica tornava-se espaço factível de divulgação das pesquisas e trabalhos em andamento (MARTINS, 2012, p. 136).

MAIOLINI *et al.* (2012) destacam que entre as múltiplas formas de ativismo cultural dos estudantes, a insistência na produção impressa, editorial e gráfica, como instrumento de defesa da própria instituição da qual faziam parte por meio de

⁸⁴ Até então, o país possuía apenas Faculdade de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. A Faculdade de Medicina seria fundamental para a ampliação no quadro de profissionais da saúde, já que em São Paulo, no ano de 1912, contava com 288 médicos domiciliados no Estado (SILVA, 2003, p. 174).

publicação de revistas, jornais e outros meios era algo que surgia naquele contexto. Alguns desses espaços chegaram mesmo a se configurar como um “verdadeiro laboratório de gerações intelectuais”, no qual os domínios de saber específicos eram refinados, assumindo papéis importantes nos contextos sociais e culturais de onde “brotaram”⁸⁵ (MAIOLINI *et al.*, 2012, p. 235).

Sobre periódico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, aferiu o professor Ovídio Pires de Campos, em artigo de apresentação da *Revista de Medicina* em julho de 1916:

Não traz, por certo, o aparecimento da “Revista de Medicina”, o doce sabor do ineditismo⁸⁶: entre nós e no estrangeiro florescem e frutificam publicações que, como ela, são órgãos de corporações discentes; [...] nas fileiras de nossa imprensa médica [...]. A sua missão é mais restrita: dando guarida, em suas colunas, a trabalhos de professores e alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo – gerados na quietude e no silêncio dos gabinetes e dos laboratórios – ela refletirá a vida mesma dessa Faculdade, de que virá a ser um como que espraçamento ou extravasamento.” (RIBEIRO, 1927, p. 2).

Embora não gozasse o sabor do ineditismo⁸⁷ no âmbito da imprensa estudantil, a revista era entendida como um espaço onde os estudantes podiam apresentar notícias referentes ao cotidiano da vida estudantil na universidade, e, assim como os docentes, poderiam publicar seus estudos e dar visibilidade às suas pesquisas, tanto no contexto nacional como no internacional⁸⁸; além disso, era uma estrutura de sociabilidade capaz de absorver e difundir a produção acadêmico-científica, normalmente restrita ao círculo orientador-aluno.

⁸⁵ Dentre os periódicos da área médica mais destacados estavam, em 1889, a *Revista Médica de São Paulo*; em 1894, o *Boletim Mensal de Estatística Demográfico-Sanitário*; em 1895, surge o *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*; em 1896 aparece a *Revista da Sociedade de Antropologia Criminal, Ciências Penais e Medicina Legal*; em 1898, a segunda *Revista Médica de São Paulo: jornal prático de Medicina, Cirurgia e Higiene*; em 1904 é criada a *Imprensa Médica*; em 1905 a *Revista da Sociedade Científica de São Paulo*; e em 1910 os *Arquivos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* (SILVA, 2003).

⁸⁶ Atribui-se ao primeiro curso superior do Brasil, a tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, fundada na primeira parada da corte na Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, o surgimento da revista médica científica *Gazeta Médica* da Bahia, que circulou regularmente entre 1866 e 1934; ela exemplifica a participação conjunta de professores e alunos. Já a Escola de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, embora criada no mesmo ano daquela, em 05 de novembro de 1808, tardou em iniciar seu periodismo. Apenas em 25 de outubro de 1884 tem-se a notícia do lançamento da *Revista dos Cursos Práticos e Teóricos*, que inclusive propunha novos estatutos para a instituição, tendo sido o primeiro número publicado em dezembro daquele ano. (MARTINS, 2012).

⁸⁷ A *Revista da Sociedade Philomathica*, São Paulo, *Typografia do Novo Farol Paulistano*, 1833. Conhecida como a primeira revista paulista, foi iniciativa de alunos e ex-alunos da Academia de Direito, C. Carneiro de Campos, F. Bernardino Ribeiro e J. I. Silveira da Mota, que tentavam disseminar o espírito das Luzes do acanhado burgo paulistano (MARTINS, 2012).

⁸⁸ Revista trimestral editada pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz como um periódico científico da área de medicina e ciências da saúde, a RM, é, atualmente, a revista científica de estudantes mais antiga do mundo ainda em circulação e distribuída para 150 universidades de todo o mundo. (MAIOLINI *et al.*, 2012).

Outro catedrático que se manifestou a respeito “do belo empreendimento dos dirigentes”⁸⁹ do CAOC, foi Arnaldo Vieira de Carvalho que, em carta enviada ao diretor do grêmio estudantil, felicitava os acadêmicos daquela entidade pelo “sucesso alcançado pela *Revista de Medicina* e, com elas, [...] votos ardentes para que continuem os alunos desta faculdade a cultivar [...] a ciência, enobrecendo assim a profissão médica, dignificando a Escola” (CARVALHO, 1917, p. 27 *apud* MOTA, 2014, p. 84). Também fez referência à Revista o então Presidente do Estado, Altino Arantes, enfatizando em carta enviada à diretoria do CAOC, o fato de serem “suas páginas uma eloquente prova da aplicação e de operosidade dos sócios do Centro e, em geral, dos alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia, ao mesmo tempo em que se verifica como é grande neles o amor ao estudo e ao bom nome do instituto que frequentam.” (ARANTES, 1917, p. 28, *apud* MOTA, 2014, p. 85-86).

Como Eurico Ribeiro era membro deste Centro Acadêmico, passamos a buscar os movimentos e as atividades por ele desenvolvidas no espaço universitário paulista, de modo que em pesquisa ao acervo online da Revista de Medicina da Universidade de São Paulo, identificamos no referido periódico estudantil que o biografado em questão colaborou neste periódico com a publicação de nove textos, sendo oito⁹⁰ divulgados em finais da década de 1920, especificamente durante os anos de 1927 e 1928, momento em que o estudante ainda estava vinculado às sociabilidades acadêmicas e à instituição universitária.

Sobre sua contribuição na RM, atuou na gestão do CAOC (1927-1928) e ocupou o cargo de editor do periódico, além de sua atividade na diretoria publicou cinco crônicas: nelas, o estudante tratava de assuntos internos da Faculdade de Medicina e de conteúdos variados sobre o cotidiano da vida estudantil. Além dessas produções, outros três estudos científicos desenvolvidos pelo doutorando de medicina foram publicados, todos eram referentes a atividades que desenvolveu para ser doutor naquela Faculdade⁹¹.

A primeira contribuição de Eurico Ribeiro para a *Revista de Medicina* data do primeiro trimestre do ano de 1927, quando o então redator do periódico estudantil

⁸⁹ Expressão de Ovidio Pires (EDITORES, 1916, p. 3).

⁹⁰ Dentre os quais cinco crônicas, gênero de texto utilizado pelo editor para descrever assuntos do cotidiano dos estudantes, e três textos científicos.

⁹¹ O Curso de Medicina tinha duração de 6 anos, nos quais se distribuíram 26 cadeiras, e o exame para obtenção do diploma de doutor em Medicina teria três etapas. Primeiramente, uma prova escrita. Depois, uma prova prática e oral, e, finalmente, a chamada defesa de tese “uma dissertação acerca de assunto importante de qualquer das cadeiras.” (MOTA, 2005, p. 168).

(gestão 1927-1928) ⁹² publicou uma crônica. Nela, lembrava que, por ser a diretoria do CAOC substituída anualmente, era natural que, com a mudança de redator, o periódico sofresse uma certa “descontinuidade no desenvolvimento de parte do seu programa.” (RIBEIRO, 1927, p. 1). O caminho sugerido por Eurico para que a RM obtivesse êxito consistia em publicar atividades desenvolvidas pelos alunos do CAOC, bem como notícias, informações e pesquisas científicas produzidas por discentes e docentes no âmbito da Faculdade de Medicina. Todavia, foram vários os desafios impostos às publicações, sobretudo porque eram produzidos por alunos, ou seja, “por equipes temporárias, muitas vezes compostas por indivíduos inexperientes e por enfrentarem dificuldades óbvias de conciliação entre questões de edição e impressão, com as demais acadêmicas as quais tinham que cumprir.” (MAIOLINI *et al.*, 2012, p. 247).

A RM desempenhou papel importante não apenas para a compreensão da história da organização estudantil, mas também por revelar aspectos da institucionalização da pesquisa e do ensino de medicina no país. O periódico foi o único a divulgar os resultados dos trabalhos científicos e tecnologias desenvolvidas, frutos da imersão dos professores, médicos e alunos em seus laboratórios, até o surgimento do Hospital das Clínicas em 1944 e seus institutos, quando uma série de revistas médico-científicas foi produzida (MOTA, 2012, p. 10).

Diante do surto de grande desenvolvimento vivenciado pela escola médica naqueles anos finais da década de 1920, era imperativo que a *Revista de Medicina* não se afastasse dos fins almejados pelos seus fundadores. Era necessário que ela desenvolvesse “no seu feitio, espelhando toda essa atividade nova que vai pelos nossos laboratórios e que muito em breve levará o nome de São Paulo a todos os cantos do mundo.” (RIBEIRO, 1927, p. 2). O desenvolvimento dessa atividade que Eurico chamou de “nova” estava relacionado aos investimentos e às novas orientações no ensino e na pesquisa médica, que passaram a dar ênfase sobremaneira na medicina experimental e na pesquisa laboratorial como uma forma de entender e atender as especificidades da sociedade brasileira (SILVA, 2003).

⁹²A diretoria ficou assim constituída: presidente: Doutorando João Alves Meira; Vice-presidente: Augusto de Sampaio Doria; Secretário Geral: Mucio Drumond Murgel; 1º Secretário Geral: Sylvio Almeida; 2º Secretário Nelson Planet; 1º Tesoureiro: Sylla Mattos; 1º Orador: Doutorando Georgides Gonçalves; 2º Orador: Narbal Marsillac Fontes”. Sobre a diretoria, Narbal Marsillac Fontes deixou de tomar posse, justificando ter sido transferido para a Faculdade do Rio de Janeiro (REVISTA DE MEDICINA, 1927, p. 93-94).

Essa renovação na forma de se produzir medicina ficou expressa em outra crônica publicada por Eurico Ribeiro na edição da RM do terceiro trimestre de 1927, onde além de cunhar que a escola médica paulista já era uma realidade para efeitos de formação de uma elite científica de São Paulo, ainda afirma que “Dos seus laboratórios, ainda em instalação provisória e carente, têm saído, nestes últimos tempos, trabalhos de elevado valor, dada a orientação moderna e progressista que se vem imprimindo à sua atividade.” (RIBEIRO, 1927, p. 240). Nota-se que a nomeada orientação moderna e progressista da escola paulista de medicina estava associada às ideias difundidas pelos norte-americanos através da Fundação Rockefeller e introduzidas naquele período no ensino da Faculdade de Medicina. O texto também faz menção ao apoio do governo em amparar a iniciativa do meio científico, sobretudo do esforço daqueles que se voltavam aos estudos médicos. Para Eurico, “o problema entre nós, não era relativo à existência de cientistas, porque sempre tivemos cientistas, mas sim, os meios de fazer ciência, esses sim eram “deficientes.” (RIBEIRO, 1927, 239)”.

Em análise sobre o relacionamento entre a Fundação Rockefeller e a hoje denominada Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de São Paulo, no período de 1916 a 1931, Marinho (1993) demonstra que a presença da instituição norte-americana foi condição essencial para o estabelecimento na instituição paulista da produção científica de excelência, possível somente com a consolidação do tempo integral do ensino de medicina. No novo programa adotado pela instituição, a pesquisa passava a ser, portanto, dimensão fundamental para estimular os estudiosos a realizarem trabalhos novos no próprio seio da Faculdade algo incomum naquele momento. Por isso, Eurico Ribeiro preconizava em publicação do segundo trimestre do ano de 1927 que:

[...] quando os laboratórios e as clínicas da Faculdade estiverem completamente montados, as produções científicas de valor, que desde agora já fazem frequentes, multiplicar-se-ão [...] então não nos queixaremos nem de falta de meios nem da escassez de pessoal adestrado para a lide incessante que se sublimará nos ideais da Medicina. A positivação do seu plano de organização, em auspiciosos andamentos, fará, sem dúvida, da Faculdade de Medicina de São Paulo o maior centro científico da América do Sul. (RIBEIRO, 1927, p. 240).

A atuação da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo foi o resultado da expansão de suas atividades na América do Sul, cujo objetivo era introduzir no continente uma instituição-modelo de ensino voltada para a medicina

experimental (MARINHO, 1993, p. 6). Todos os avanços implementados no cotidiano da Faculdade e a preponderância das posturas da Fundação na alteração do estatuto existente, na organização de novas cadeiras, normas e linhas científicas evidenciariam que, mais do que participar, a Fundação praticamente reorganizaria a instituição, como mostraram a criação do departamento de higiene, a formação de estudantes em universidades e instituições norte-americanas, o financiamento para a construção de prédios e laboratórios adequados e o expressivo aumento da carga horária de algumas cadeiras (MOTA, 2005). Tais fatos ajudam a constituir o processo de modificação nas orientações de ensino na instituição paulista, o que permitiu ao longo do século XX o reconhecimento do país como centro de excelência em pesquisa na área da medicina.

Neste contexto de consolidação de um ambiente científico, a Faculdade de Medicina buscava formular os projetos de reestruturação de sua infraestrutura física, a partir da alteração de seus regulamentos. A nova estrutura dos cursos, a carga horária das disciplinas e a composição dos departamentos que agrupariam disciplinas, estabelecendo sua divisão em fundamentais, anexas e complementares⁹³. Os desdobramentos do programa instaurado na Faculdade de Medicina a partir de acordo estabelecido com a Fundação Rockefeller, somado às condições de tempo integral do ensino de medicina que passaram a vigorar na Faculdade tiveram uma significativa repercussão na institucionalização da pesquisa científica no Brasil.

As modificações que viviam a Faculdade de Medicina e a cidade de São Paulo podem ser verificadas em crônica publicada no terceiro trimestre de 1927, no terceiro fascículo da *Revista de Medicina* daquele ano. Eurico Ribeiro trazia à tona alguns fatos que corroboravam para afirmação dessa

[...] verdade, de que todos nos ufanamos: São Paulo está se tornando um grande centro científico. O nosso pendor pelas ciências, especialmente as que se reúnem sob o domínio da Medicina [...] crescendo numa progressão

⁹³ Tal divisão contemplava como fundamentais as seguintes disciplinas: Física, Química, Biologia, Anatomia, Fisiologia, Patologia, Higiene, Jurisprudência Médica, Farmacodinâmica, Obstetrícia, Pediatria, Teoria da Medicina, Teoria da Cirurgia, Doenças Mentais. Na categoria de anexas se encontravam: Radiologia e Fisioterapia, Histologia e Embriologia, Bioquímica, Anatomia Aplicada, Patologia Geral, Bacteriologia e Parasitologia, Laboratório Clínico, Oftalmologia, Garganta Nariz e Ouvido, Dermatologia, Ginecologia, Doenças Genito-unirárias, Ortopedia e Neurologia. Como complementares foram classificadas: Técnica Cirúrgica, Diagnóstico Físico, Patologia Médica e Patologia Externa (cirurgia) (MARINHO, 1993).

firme e segura, capaz apenas dos realizadores de envergadura como a dos 'bandeirantes' (RIBEIRO, 1927, p. 239).

A “medicina bandeirante” tinha seus limites, seus impasses e uma imensa dificuldade em fazer de São Paulo, e principalmente da capital, a locomotiva sanitária do país. Além do mais, as instituições médicas e sanitárias aglutinadas em solo paulistano enfrentaram dificuldades internas para sua formação. Enfim, a trajetória da “desbravadora medicina paulista” não esteve imune aos tropeços iniciais de sua institucionalização (MOTA, 2005, p. 224). Com atuação destacada, a Fundação Rockefeller foi importante na implantação do modelo de ensino da Faculdade de Medicina. Entre 1918 e 1925, a Faculdade de Medicina de São Paulo viveu um período que pode ser caracterizado, de acordo com Marinho (1993), como de “gestação” das amplas reformas institucionais que se consubstanciaram entre os anos de 1924 e 1926, mudando inteiramente sua estrutura de ensino e pesquisa. Neste caso, é possível inferir o papel central desempenhado pela Fundação Rockefeller no processo de alteração do perfil institucional da Faculdade de Medicina de São Paulo durante esse período.

Por meio da existência do espírito do trabalho coletivo na Faculdade de Medicina, algo valioso no meio acadêmico, Eurico divulgou, no terceiro trimestre de 1927, a notícia sobre a fundação da Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho⁹⁴ pelos estudantes de medicina, a reunião que institui a sociedade estudantil aconteceu no mês de agosto de 1925. Exemplo de atividade dos “jovens de ciência” confirmava para Eurico que “a produção de conhecimento científico poderia ser frutífera e saudável desde que bem norteada por uma diretriz”, após definida essa diretriz, era necessário ter foco e “meter mãos à obra” (RIBEIRO, 1927, p. 424)”. Neste trabalho que exigia o espírito coletivo, caberia aos professores:

⁹⁴ A Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho foi fundada em agosto de 1925 pelos alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo e por médicos por ela formados, graças à iniciativa e aos esforços do Dr. Antônio Bernardes de Oliveira, então aluno do 6º ano. A ideia de fundação da Sociedade nasceu por ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Estudantes de Medicina, reunido em 1924 no Rio de Janeiro. Segundo expressões do seu organizador, a Sociedade foi concebida com fins científicos, utilitários e morais. Dentre os objetivos científicos destacam-se: exercitar os acadêmicos com a apresentação e discussão de trabalhos científicos; leitura e comentários de artigos; resumo e apreciação de trabalhos novos nacionais e estrangeiros; estimular os médicos a que produzam trabalhos de valor científico para discussão perante estudantes, e vice-versa; estabelecer contato contínuo de médicos e estudantes no campo da ciência; defender os interesses comuns do ensino médico. Quanto ao nome da sociedade era uma homenagem ao fundador da Faculdade, o professor Arnaldo Vieira de Carvalho, que foi quem criou em São Paulo um verdadeiro núcleo de centralização científica (EDITORES, 1927).

[...] encaminhar os alunos, numa harmoniosa congregação de ideias, para o estudo dos problemas médicos do país, distribuindo-lhes temas por intermédio da Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho, dirigindo-os e acompanhando-os de perto nas pesquisas a fazer, abrindo-lhes as portas dos seus serviços de laboratório ou de clínica, guiando-os com mãos seguras nesse campo vasto que já e, hoje, a nossa Faculdade de Medicina. (RIBEIRO, 1927, p. 424).

Exemplo que reunia os aspectos acima descritos pode ser confirmado na publicação de texto científico produzido pelo já doutorando Eurico Branco Ribeiro, “Estações Climatéricas Brasileiras” divulgado no segundo trimestre, no segundo fascículo da RM do ano de 1927. Nele, o estudante realiza uma série de discussões sobre o clima e a necessidade de conhecê-lo melhor e com segurança com a intenção de legitimar, a partir de estudo e classificação, a indicação por parte da classe médica do uso seguro das estações climatéricas (RIBEIRO, 1927). No referido artigo, o estudante também deu publicidade ao trabalho científico que apresentou em 1926, à cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo sobre as condições sanitárias de Guarapuava, sua terra natal, situada em pleno coração do Paraná (RIBEIRO, 1927).

Para a realização do estudo ao qual Eurico faz referência, “foram coletados dados de onde foi possível obter algumas conclusões e comparações.” (RIBEIRO, 1927, p. 183). Com ênfase nos dados climáticos da cidade de Guarapuava, realizou sua pesquisa a partir da leitura de trabalhos realizados por Alcebíades Plaisant (Boletim Meteorológico relativo a 1885) e a tese do dr. João Kolb do Mackenzie College, bem como por dados fornecidos pela Estação Climatológica de Guarapuava (RIBEIRO, 1927)⁹⁵. Escrito para a cadeira de higiene, o estudo era resultado prático da visibilidade que a RM dava às pesquisas de cadeiras que foram consolidadas a partir de acordos firmados entre a FR e a FM CSP, o primeiro, com vigência entre 1918 e 1925, destinado à criação do Instituto de Higiene. Como desdobramento deste mesmo acordo, foi criado ainda o Instituto de Patologia. Especificamente no campo da Higiene, o processo traduziu-se pela criação, sucessivamente, da Cadeira da Higiene (1916), depois Departamento de Higiene (1917), posteriormente Instituto

⁹⁵ Dentre os laboratórios frequentados pelo estudante de medicina para realizar seus estudos sobre as condições climatéricas e as águas medicamentosas, podemos citar os Laboratórios do Instituto de Higiene de São Paulo, o Laboratório de Análises da Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública, do Serviço Sanitário de São Paulo, coordenado pelo químico industrial Paulo Guimarães da Fonseca, Laboratório Andrada Leal & Potel, Laboratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo (RIBEIRO, 1927, p.101) e os laboratórios da Faculdade de Medicina dos professores Cantídio de Moura Campos, Jayme Pereira e Flaminio Fávero (RIBEIRO, 1927).

de Higiene (1918), que resultou, finalmente, em 1946, na implantação da Faculdade de Higiene e Saúde Pública. (MARINHO, 2004).

A abrangência da intervenção na Faculdade de Medicina de São Paulo pode ser aferida, entre outros indicadores, pelo volume de recursos a ela destinados pela FR: foram transferidos cerca de um milhão de dólares entre 1916 e 1931 para a remodelação do ensino médico. Por outro lado, a destinação de recursos da FR para um grupo de pesquisadores instalados na Escola Paulista de Medicina assegurou à instituição um novo patamar de produção científica e de profissionalização do corpo docente, abrindo caminho para sua subsequente federalização (1956). (MARINHO, 2004).

Reforçando o valor das atividades lideradas pelos norte-americanos, no segundo trimestre de 1927, no segundo fascículo da RM, Eurico Branco Ribeiro trazia ao público resultados de uma demonstração feita pela Cruz Vermelha da Bélgica. A associação quis “provar à Europa que os ‘centros de saúde’ instituídos pela Cruz Vermelha Norte-americana” sintetizavam perfeitamente a aparelhagem de todo um serviço público de Higiene que passou a funcionar em outubro de 1923, “um dos objetivos era consagrar esse modelo de assistência sanitária.” (RIBEIRO, 1927, p. 103). Nota-se que Eurico opta por reforçar o valor das atividades internacionais lideradas pelos norte-americanos em vários continentes a fim de validar aquele modelo de assistência e saúde pública. No Brasil, a primazia de um serviço semelhante, de acordo com Eurico Branco Ribeiro, “coube a São Paulo: o primeiro ‘centro de saúde’ foi ensaiado na capital paulista mais ou menos pela mesma época em que era posto à prova na cidade belga. Aos primeiros resultados animadores, seguiu-se a instituição oficial do serviço.” (RIBEIRO, 2012, p.104).

A edição da Revista de Medicina referente ao quarto trimestre de 1927 traz ainda outra crônica de autoria de Eurico Branco Ribeiro. Nela, o acadêmico indica a necessidade de se valorizar o trabalho dos estudantes e chama atenção para o fato de que a inteligência do estudante de medicina “constitui uma soma [sic] preciosa de realização, digna de merecer atenciosa consideração.” (RIBEIRO, 1927, p. 423). Nestes termos, indicava a necessidade da Faculdade por meio de seus diretores e professores estimularem o trabalho do estudante principalmente porque seriam eles os responsáveis pelo “progresso da ciência [sic]” (RIBEIRO, 1927, p. 423).

A eficiência da ciência estaria pautada na melhoria e no estímulo ao gosto pelas pesquisas, contudo, era preciso ampliar os sucessos a mais estudantes, não

limitando o trabalho de pesquisa aos esforços individuais. Além disso, a produção de pesquisa médica não seria aleatória, estaria ligada a especificidades de um país tropical. Uma vez sistematizados, os conhecimentos médicos deveriam revelar a grande diferença entre o que é produzido pelos autores europeus e aquilo que os médicos encontravam em suas clínicas, daí a necessidade de possuímos cientistas na área da medicina que observem e publiquem estudos sobre essas diferenças.

Esses aspectos foram considerados na última contribuição de Eurico Ribeiro como redator do órgão da Revista, referente ao primeiro fascículo do primeiro trimestre do ano de 1928. Na crônica que veio a público, Eurico avaliava a capacidade de produção científica da Faculdade de Medicina de São Paulo, e, embora considerasse fundamental a publicação dos trabalhos realizados pelos estudantes, entendia que esse não deveria ser o único meio para se produzir saber médico. Reclamava o acadêmico de medicina da falta de amparo à Revista, fatores que faziam pensar sobre as condições de ensino e a vida interna da Escola de Medicina da Universidade de São Paulo. Vale ressaltar que nem todos os trabalhos produzidos no meio da Faculdade se tornaram conhecidos por meio dos periódicos internos: era por meio da publicação em sociedades e revistas estranhas aos ambientes dos estudantes de medicina que alguns dos trabalhos produzidos se tornaram conhecidos do público.

Prescrevia o futuro médico que o amor à ciência deveria ser despertado, sobretudo, nos estudantes que demonstrassem desinteresse aos conhecimentos médicos. Contudo, e a despeito de outros estudantes, havia também aqueles que “se metem [sic] na empreitada com afinco, seguindo a orientação de mestres amigos e aproveitando-se da boa vontade e competência do pessoal dos laboratórios. Esses, porém, não são muitos.” (RIBEIRO, 1928, p. 2). Tais indícios indicam que a pesquisa desenvolvida na Faculdade de Medicina pelos acadêmicos sobrevivia por conta de esforços pontuais e individuais, o que de certo modo contribuía para o distanciamento da meta paulista de se tornar referência no ensino de medicina no espaço latino-americano.

Por isso, ao discutir sobre o alcance do conhecimento médico produzido na Faculdade de Medicina pelos estudantes, Eurico Ribeiro critica o fato de que os estudos, as pesquisas, discussões, comprovações teóricas, sugestões de novas teorias, ou seja, a produção científica dos estudantes, ficava “tudo dentro de quatro paredes, sem proveito para a classe, sem ganho para renome da Faculdade.”

(RIBEIRO, 1928, p.2). Segundo descreve, muitos dos estudos e registros de pesquisas ficaram apenas nos arquivos, lançados “ao oceano estéril do esquecimento” (RIBEIRO, 1928, p. 3). A solução aparente para a superação desse obstáculo era a criação de estímulos capazes de fazer com que as novas gerações produzissem e divulgassem os novos saberes da medicina. Dessa maneira, o conhecimento produzido pela medicina paulista, com base tanto na pesquisa clínica quanto na experimental, pautadas no caráter legítimo para as atividades de ensino, seriam confirmadas mediante a inserção no cotidiano da cidade de veículos de divulgação desses saberes e práticas médicos (SILVA, 2003).

Veículo de divulgação dos saberes médicos a RM publicou o estudo científico produzido por Eurico Branco Ribeiro. Trata-se do estudo de clínica cirúrgica, intitulado “A Propósito de um Dente Heterotopico”. O caso foi relatado à Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho pelo doutorando Eurico Branco Ribeiro (RIBEIRO, 1927). O estudo foi realizado no dia 20 de maio de 1927, quando o estudante Eurico Ribeiro auxiliou o Professor Benedicto Montenegro na intervenção cirúrgica de um caso que era merecedor de atenção do estudante de medicina. Na descrição do caso realizada pelo acadêmico e publicada na RM, fica evidente que o texto em questão trata do diagnóstico a partir de um estudo clínico e cirúrgico. Utilizando de linguagem especializada, Eurico relata o caso e descreve o diagnóstico (RIBEIRO, 1927).

No dia 20 de maio de 1927, tivemos ocasião de auxiliar o professor Benedicto Montenegro na intervenção cirúrgica reclamada por um caso que julgamos merecedor da atenção dos distintos consócios. Trata-se do caso de J. M. V., de 32 anos, casado, brasileiro, alfaiate, residente em São José dos Campos, de São Paulo. [...] em junho de 1926, procurou o nosso doente por um médico, o qual, diagnosticando cárie óssea [...] era indicado removê-la. Fez-se, portanto, a operação, que consistiu em uma incisão de três centímetros ao nível do sulco lábio-gengival superior, exposição da face externa do osso maxilar pela incisão e descolamento do periósteo, trepanação da parede anterior do antro de Highmore, que assim aberto, permitiu a retirada do dente nela implantado e cujos característicos são todos os do canino direito superior em seu completo desenvolvimento. (RIBEIRO, 1927, p. 379-380).

O caso clínico descrito por Eurico Ribeiro refere-se a uma das áreas afins de medicina na estruturação da ciência médica, a odontologia, que desde 1901 foi contemplada no Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior (MOTA, 2005). O estudante também deu ênfase ao procedimento médico como, por exemplo, o pedido de exame radiológico, prática pouco comum entre os médicos que atuavam naquele tempo, o que interferia no diagnóstico (RIBEIRO, 1928).

Outro estudo científico publicado pelo acadêmico Eurico Ribeiro e publicado na Revista de Medicina na edição de 1927 no primeiro fascículo do primeiro trimestre trata do artigo “Um caso de medicina negativa” (RIBEIRO, 1927, p.78-80). Assim como o estudo anterior, esta comunicação também foi exposta à Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho. Neste artigo a proposta consistia em debater a questão sobre a medicina também se caracterizar pela ausência de fenômenos patológicos; por isso em seu estudo o pesquisador alertava que era necessário ater-se aos “falsos sinais patológicos”. Isso seria possível através da comparação entre diagnósticos, e era conhecida como ‘medicina negativa’.” (RIBEIRO, 1927, p. 78).

O estudo do caso em questão publicado era referente a um paciente atendido em janeiro do então corrente ano de 1927, que reclamava de fortes cólicas hepáticas. Inicialmente, diante de verificação e de depoimentos do doente, foi dispensada uma comprovação macroscópica (RIBEIRO, 1927). Contudo, ainda havia a dúvida da existência do diagnóstico, o que levou o estudante a buscar análise de outros laboratórios conceituados de São Paulo. Faz pensar que o estabelecimento da verdade médica se deu mediante uma série de análises e observações que buscaram mostrar que é necessário detectar os falsos sinais em caso de medicina negativa. Outra dimensão revelada neste estudo clínico foi a relação médico-paciente, principalmente em passagens onde o estudante considera os aspectos narrados pelo paciente para realizar a observação e definir um diagnóstico. Essa prática era algo incomum durante o século XIX, contexto em que a medicina era vista como prática cientificista, em que o médico era o responsável apenas por tratar doenças. O médico era responsável pela patologia, não valorizando os fatores psíquico-sociais envolvidos no atendimento.

Nota-se que a comunicação científica contribuiu para estender as fronteiras dos conhecimentos médicos que eram produzidos no âmbito universitário. Os artigos são considerados registros que permitem acompanhar o desenvolvimento da ciência médica nos moldes como se deu no período analisado, bem como se apresentam como um dos principais meios formais de comunicação utilizados pelos cientistas (MUELLER, 2013). Neste sentido, a leitura dos artigos científicos revela não apenas dados sobre a história dos periódicos estudantis e das sociabilidades acadêmico-universitárias, mas também mostra as nuances do ensino de medicina em São Paulo de finais da segunda década do século XX e participação ativa de Eurico com diversas publicações, o que reitera a faceta de Eurico como um intelectual

interessado também na extensão dos estudos aplicados diretamente à sociedade. Assim, é possível perceber que o artigo científico se destaca por ser um canal de alcance rápido e amplo para a divulgação científica, ambiente de inovações e de visibilidade das pesquisas médicas.

As atividades de Eurico Ribeiro no contexto da Faculdade de Medicina, sobretudo aquelas que realizou no órgão científico do CAOC, são capazes de dizer sobre os espaços de sociabilidades científicas e acadêmicas por onde Eurico Ribeiro circulou dando possibilidades de acessar detalhes de seu movimento no espaço acadêmico-universitário. Além disso, tais produções (crônicas e estudos científicos) trataram dos assuntos e das temáticas que interessavam a Eurico e por ele foram mobilizados para a produção de suas pesquisas, que foram publicadas quando de sua atuação como editor da *RM*.

Cabe lembrar que tais experiências estudantis foram vivenciadas concomitantemente ao período em que aquela instituição universitária passava por transformações profundas, muito em decorrência dos acordos estabelecidos com a Fundação Rockefeller. O contato que Eurico Ribeiro estabeleceu com esse novo tipo de filantropia científica, que se enviesava pelo universo da assistência e da saúde pública, foi fundamental para que num momento posterior de sua vida, já como profissional da medicina, empregasse os princípios da filantropia científica daquela instituição internacional para desenvolver seus projetos no âmbito da medicina paulista.

4.2 EURICO BRANCO RIBEIRO E O SANITARISMO

A trajetória de Eurico Branco Ribeiro como médico sanitarista não pode ser compreendida fora das experiências por ele vivenciadas na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Por isso, interessa-nos verificar, a partir dos contextos sociais, os impactos dessa experiência formativa na socialização e os traços que ela deixou no perfil profissional do médico Eurico Ribeiro. Sabe-se que sua relação com a instituição universitária foi intensificada após a década de 1920, quando mudanças substanciais aconteceram na Faculdade de Medicina, principalmente com a aproximação aos modelos sanitaristas americanos postulados pela Fundação Rockefeller. Criada nos Estados Unidos, em 1913, com o objetivo de reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller praticadas desde o final

século XIX, a Fundação tinha entre seus principais objetivos o estímulo à saúde pública, ao ensino, à pesquisa médica e às ciências naturais. A primeira comissão da Fundação Rockefeller chega ao Brasil em 1915. Desse momento em diante, as relações entre a Fundação Rockefeller e o Brasil serão cada vez mais próximas. (FARIAS, 1995).

Reflexo dessa aproximação foi a criação da cadeira de Higiene na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, inicialmente ocupada por Geraldo Horácio de Paula Souza, cujo objetivo era a formação de profissionais com condições de atuar na prevenção de doenças e em campanhas de saúde pública. (SANTOS, 2018). A partir de 1924, a disciplina foi regida por Francisco Borges Vieira (LACAZ; MAZZIERI, 1995). A constituição da grade curricular da 10ª turma de Medicina, da qual Eurico Branco Ribeiro fazia parte, ficou constituída de 30 disciplinas depois da reforma de 1926. No caso do curso ofertado pela Faculdade de Medicina, a ênfase recaía na higiene industrial e higiene escolar. Além de possibilitar aos estudantes, por meio da observação, registro e análise de dados, um conhecimento ampliado e aprofundado sobre as cidades e vilas e seus problemas sanitários, o curso de Higiene colocou em pauta discussões sobre o reconhecimento do espaço escolar como lócus privilegiado para formação da consciência sanitária (ROCHA, 2003).

A turma de Eurico Branco Ribeiro foi uma das primeiras a cursar a disciplina de Higiene depois da reforma, e as mudanças o estimularam a aprofundar os estudos sobre higiene escolar e o papel da imprensa nas discussões acerca da saúde pública, o que ficará evidente em sua produção científica a partir da década de 1920. O alcance do pensamento sanitário da “Escola Paulista” se refletiu em sua produção acadêmico-científica e em sua atuação como sanitarista, ou seja, na educação e na saúde.

Sobre a proposta de saúde pública que elaborou para sua cidade natal, outra publicação de Eurico que evidencia como o médico resolveu “tomar o pulso sanitário do lugar” (RIBEIRO, 1927, p. 28) foi “O Coração do Paraná”. O título do referido artigo faz menção à dificuldade de localização das fontes d’água que afloram em diversos pontos do município de Guarapuava, quando da tentativa de realizar estudo minucioso das suas propriedades medicinais. Segundo Eurico, elas estavam localizadas “em pleno coração do Paraná, várias dezenas de léguas da mais próxima estação da estrada de ferro, esparsas num município que tem 54.450 km² de extensão. Era, sem dúvida, situação desfavorável para permitir pesquisas em

laboratórios.” (RIBEIRO, 1927, p. 22). Diante da impossibilidade inicial de realizar sua pesquisa sobre as águas medicinais, Eurico realizou um estudo comparativo do clima de Guarapuava.

Convém lembrar que, naquele estudo, o médico paranaense buscou mostrar o valor do clima sobre as deficiências materiais que naquela época ainda se verificavam na localidade. Para ele, não fosse “o clima excelente de Guarapuava certamente seria, de muito, o foco de uma infinidade de moléstias infecciosas, dessas que sentem bem nos lugares desprovidos de boas instalações sanitárias” (RIBEIRO, 1927, p. 28). Esse não era o caso de Guarapuava, segundo Eurico, uma vez que “a cidade é dotada de excelentes condições sanitárias, a despeito de não possuir menor aparelhamento higiênico [...]. Com efeito, em matéria de Higiene, pode-se dizer que tudo está por se fazer em Guarapuava.” (RIBEIRO, 1927, p. 29). Essas verdades antagônicas, ou seja, as condições sanitárias excelentes da localidade (topografia, localização geográfica, clima, água etc.) e a falta de aparelhamento higiênico, acabam por evidenciar o lugar especial ocupado pelo clima da cidade no discurso do médico sanitaria em detrimento de outras questões que também entendia como necessárias para a modernização do espaço urbano local.

Sob o olhar do saber médico, o diagnóstico do estudo sobre a realidade de Guarapuava preconizava ações sanitarias sobre as estruturas físicas, os hábitos da população e a legislação local. Fragmentos da obra “O Coração do Paraná” podem ser encontrados em artigo publicado n’*O Pharol*⁹⁶, onde Eurico expõe suas ideias sobre as questões sanitárias daquela cidade. Esses estudos seriam ampliados e transformados em sua tese para admissão na Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo. Poucos anos depois, foi publicada como “O Coração do Paraná” (1929). Este estudo sobre a cidade de Guarapuava evidenciou os desafios enfrentados na época para erradicar doenças e implementar políticas públicas de saúde. Publicado em uma única edição pela São Paulo Editora, no ano de 1929, o texto foi dividido em três capítulos que fazem uma leitura da cidade sob os signos do tempo, intitulados “Testemunho do Passado”, “Evidência do Presente” e “Providências para o Futuro”. Dentre os temas abordados, destacam-se: a ocupação e a relação do homem com o espaço, o qual inclui a topografia e clima; o arruamento e a limpeza pública; o problema da água e do esgoto; a higiene escolar e as

⁹⁶ O *Pharol* foi um periódico impresso que circulou na cidade de Guarapuava nas primeiras décadas do século XX, especificamente entre os anos de 1919 e 1928. (FERNANDES *et al.*, 2017, p. 5).

edificações urbanas; assim como a epidemiologia, principalmente as estatísticas epidemiológicas das décadas de 1910/1920 de civis e militares. (SANTOS, 2018).

A obra *O Coração do Paraná* pode ser considerada como um registro de observações sanitárias realizadas por Eurico Ribeiro em caminhadas que realizou pela cidade de Guarapuava cujo ponto principal é chamar a atenção para a localização geográfica e a qualidade do ar da cidade, favorecida pelos quintais onde se encontravam espécies frutíferas que garantiam a qualidade do ar. Contudo, outras práticas eram reprovadas pelo médico, principalmente com relação ao lixo, o que resultava em um “odor nauseante” e um maior número de moscas que, em parte, eram decorrentes da falta de estrutura, pois mesmo com aspecto agradável “Guarapuava não possui esgoto, nem água encanada, nem serviço de limpeza pública” (RIBEIRO, 1929, p. 46).

Para avançar neste sentido, Ribeiro sugeriu ampliação dos serviços de saneamento, como, por exemplo, a capitalização de água e um serviço de limpeza pública. É válido lembrar que, embora não fosse funcionário do Serviço Sanitário do Paraná, Ribeiro conhecia os regulamentos e se revestia da autoridade forjada para sua profissão, isto é, a voz médica era, portanto, legalmente aceita como legítima para identificar, sugerir e alterar a realidade prática e legislativa da organização de uma cidade. Além de escrever seu texto para a cadeira de Higiene Pública da Faculdade de Medicina de São Paulo, seu público era amplo, dentre os quais inseriam-se os legisladores municipais. As análises eram acompanhadas de sugestões de melhorias para a infraestrutura e para o saneamento, consideradas assuntos que mereciam a atenção do legislador municipal. Na cidade vislumbrada pelo olhar sanitário de Ribeiro, não só a existência de uma legislação como sua fiscalização eram elementos-chave. Sobre o abastecimento de água, Ribeiro observou que o suprimento não possuía muita qualidade e, em certa medida, contraria a recomendação oficial afirmando que a melhor alternativa para a cidade era buscar água de um rio próximo, ao invés de consumir a que era distribuídas nos chafarizes e nas fontes.

Dentre os vários assuntos sanitários, o fator clima também foi tema explorado por Eurico Ribeiro, tanto é que realizou estudo sobre as estações climáticas brasileiras, publicado na Revista de Medicina (1927) ⁹⁷. Neste trabalho, indicava a

⁹⁷ Sobre os dados climáticos, eles foram obtidos junto ao Ministério da Agricultura do Rio de Janeiro e da Estação Climatológica de Guarapuava.

necessidade dos médicos conhecerem melhor os climas para “recomendá-los com segurança.” (RIBEIRO, 1927, p. 182). A principal reclamação de Eurico quanto a esse saber, considerado por ele indispensável ao médico, era o fato de que, geralmente, na Faculdade de Medicina eram poucas ou quase nenhuma as noções introdutórias de climatologia, entendendo que a classe médica teria uma orientação segura para encontrar o efeito das indicações de clima caso houvesse estudo aprofundado sobre a questão. Em sua classificação, Guarapuava possui “clima suave das zonas temperadas. Não poderia ter melhor classificação” (RIBEIRO, 1927, p. 184). São destaques nessa classificação “única” o percentual de umidade relativa, a quantidade de chuva, a velocidade dos ventos, a nebulosidade, a temperatura, pressão barométrica, a salubridade.

Os estudos sobre o clima, a água e o ar fazem parte das preocupações inerentes à medicina urbana, que por sua vez “não foi realmente uma medicina do homem, do corpo e do organismo, mas uma medicina das coisas, do ar, da água, das decomposições e das fermentações; foi uma medicina das condições de vida e do meio de existência.” (FOUCAULT, 2013, p. 92). Nota-se que ao longo do tempo os interesses da medicina urbana se modificam, de modo que são acrescentados o estabelecimento de uma boa circulação da água e do ar. O retrato fornecido por Foucault no âmbito da medicina social francesa, sobretudo quanto à medicina urbana, constitui-se em excelente material descritivo não apenas das primeiras preocupações estatais no âmbito da promoção da higiene dos espaços urbanos, como também das primeiras formas de conscientização dos estados europeus sobre os conceitos de saúde corporal e de salubridade urbana.

Os estudos iniciais sobre o clima realizados por Eurico seriam desdobrados e resultariam em sua tese “As Águas Medicamentosas Naturaes”, apresentada à cadeira de Farmacologia, da Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo, tendo recebido o visto do Dr. Cantídio de Moura Campos e do Dr. A. de Almeida Prado, aprovada com grau dez, em 30 de novembro de 1927. O referido trabalho corresponde à elaboração do Plano para o seu estudo no Brasil – pesquisas e experiências com amostras colhidas em cinco fontes do Estado do Paraná. Nesse trabalho, Eurico propõe, através de um estudo local, uma discussão sobre o papel do clima como “um dos coadjuvantes mais preciosos da ação crenoterápica.” (RIBEIRO, 1927, p. 30). Para ele, era imprescindível encarar “as águas como objeto de estudo, seja na identificação da fonte, seja nas propriedades terapêuticas” (RIBEIRO, 1927,

p. 31), de modo a entender que as águas não deveriam ser exploradas apenas por suas potencialidades econômicas, mas também por suas capacidades medicinais, portanto pelos benefícios para a saúde dos brasileiros.

Sobre o papel da imprensa como instrumento de educação formal para as práticas de higiene, o estudante paranaense de medicina publicou o texto “Hygiene da Imprensa”, em 1926, durante o III Congresso Brasileiro de Higiene, que aconteceu na cidade de São Paulo (RIBEIRO, 1927). Percebe-se que a partir do diagnóstico acerca das condições sanitárias do país, os médicos e os estudantes de medicina passaram a veicular suas percepções na imprensa, em congressos científico-acadêmicos nacionais, envolvendo as áreas como educação e saúde. Nessas atividades, ressaltava-se o discurso da capacidade dos médicos sanitaristas contribuírem para a modernização do país. Outro indício que corrobora a aproximação de Eurico com tais ideias é o fato de que, formando-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1927, desempenhou a função de plantonista do serviço sanitário ainda como estudante (Begliomini, s/d).

É nítido, portanto, que a modernização do Brasil em princípios do século XX esteve intimamente vinculada aos pressupostos sanitaristas, visando ao saneamento da sociedade, sobretudo a partir dos anos de 1920, quando o contexto de legitimação do discurso higienista favoreceu a ampliação dos espaços de produção do saber médico. Foi neste cenário que as Faculdades de Medicina do país passaram a enfatizar ações voltadas para a higiene, fomentando a ideia de educação sanitária como meio de prevenção de doenças e epidemias. Neste contexto, a pauta sanitarista demarcou um primeiro momento de preocupação com o saneamento urbano, onde o principal foco eram a febre amarela e a varíola. É Foucault (2013) quem nos dá conta das primeiras medidas de promoção da salubridade do espaço urbano, quando discorre sobre o pioneirismo do sistema francês com a higienização do espaço urbano a partir de finais do século XVIII. Naquele período, a efervescência e a dinâmica das grandes cidades suscitaram uma série de preocupações, sobretudo ao nível da higiene. A higienização do espaço urbano, portanto, foi uma das etapas da medicina social, já que na época o espaço urbano se desenvolvia sem qualquer tipo de preocupação político-sanitária, facilitando a propagação de doenças e epidemias. A partir desse contexto, passa a vigorar um tipo de discurso médico que já não incidia sobre o corpo dos indivíduos, mas sobre o meio onde o corpo habita: as cidades, cujas condições de higiene eram precárias. Percebe-se que o surgimento da

medicina urbana consistiu na implementação de um conjunto de remodelações com vista a normalizar e a ordenar o espaço urbano e, por meio disso, a saúde dos indivíduos.

A incorporação do paradigma francês aos padrões brasileiros seria visível durante o século XX, sobretudo por meio do sanitarismo. Nestes termos, tal valorização era reforçada pelas medidas ajustadas de higiene e saneamento realizadas pelo poder público (HOCHMAN, 2006). A missão sanitarista era definida como um discurso capaz de alterar, através da medicina, as práticas dos indivíduos e, por conseguinte, da nação. Portanto, o sanitarismo se constitui também como um conjunto de ações voltadas para a melhoria dos aspectos mais gerais do país. Exemplo disso pode ser verificado a partir do investimento em expedições realizadas pelo Instituto Manguinhos/Oswaldo Cruz por todo Brasil. Essas expedições, comandadas por seus principais médicos e cientistas, visavam reverter quadros epidêmicos em áreas restritas (LIMA, 1998). Parte das viagens realizadas no início do século sertão adentro foram de cunho científico e militar, tendo agentes do Exército Brasileiro como atores decisivos nas ações profiláticas no imenso território brasileiro (BOMFIM, 2017).

O saber médico sanitarista escolheria a higiene como “campo de diálogo entre a medicina e a sociedade.” (FERREIRA, 2003, p. 104). Contudo, Schwarcz (2000) esclarece que o papel assumido pela higiene não era apenas para a prevenção de epidemias, mas sim para sanear a nação. Logo, é possível compreender que o discurso eugênico e o sanitarismo, discurso que buscava educar os hábitos da população nos ideais da higiene e reformular os costumes, são discursos que convivem e se encontram no projeto de civilizar a nação. Percebe-se, portanto, que entre os vários discursos médicos do início do século XX, as ideias eugênicas foram combinadas com a pauta sanitarista, tendo em vista o projeto de higienizar a sociedade brasileira, o que em certa medida significava propiciar educação à população.

Nota-se que no Brasil, em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, um grande fluxo de transformações foi desencadeado nos espaços urbanos modificando as relações sociais, bem como os processos de organização da sociedade. Em busca de modernizar a nação, o ideal foi desdobrado em vários aspectos, sendo que sanear e integrar o território nacional foi um tema presente no discurso médico, bem como na pauta de políticas no âmbito da saúde. Todavia, esse

processo de consolidação do discurso médico esteve amparado em fundamentos baseados no sanitarismo, higienismo, na eugenia, entre outros. Esses foram os ideais que, em grande parte, permearam a biografia de Eurico Branco Ribeiro como sanitarista.

A importância que a questão da higiene adquiriu entre os sanitaristas tinha história. Se no século XIX as relações entre médicos e governo podem ser detectadas quando a medicina científica se constitui “como apoio indispensável ao exercício do poder por parte do Estado” (GONDRA, 2003, p. 525), a hegemonia da medicina acadêmica se configura como algo recente galgando a configuração de saber institucionalizado somente a partir do século XX (PIMENTA, 2003). Nos anos 1920, nessa área, destacou-se o Instituto de Higiene de São Paulo, que desempenhou um papel significativo na formulação de propostas de conscientização sanitária, tendo como estratégia central a educação para a saúde. O Instituto buscava difundir a mensagem da higiene no universo escolar pela atuação na formação dos professores, quer pela formação de agente da saúde pública, quer pela produção de impressos destinados, entre outros públicos, às crianças das escolas primárias (ROCHA, 2003). Dessa forma, a articulação de estratégias desenvolvidas para divulgação da higiene no espaço escolar e universitário na década de 1920 tinha importantes precedentes.

Vê-se que as discussões sobre políticas sanitárias e formas de atuação social dos médicos permearam os debates médicos em princípios do século XX e tiveram influência sobre a formação dos novos médicos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em diferentes momentos. Este cenário coincide com o período em que Eurico Branco Ribeiro realizou sua formação em Medicina na capital paulista. Sua participação nas discussões nacionais sobre a modernização do país por meio das práticas sanitaristas se refletirá na produção acadêmico-científica e em sua atuação em outros espaços. A pauta sanitarista foi destaque nos textos que publicou durante a década de 1920.

Neste contexto, as preocupações dos médicos com relação às condições sanitárias se mostravam por meio de intervenção pedagógica em espaços públicos educativos. A tese “A Higiene nos Internatos”, defendida pelo médico, é exemplo de estudo das condições sanitárias dos internatos de São Paulo. Esta tese foi apresentada na I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, entre 19 e 27 de dezembro de 1927 (PYKOSZ, 2007, p. 29). A pesquisa mostrava a

necessidade de racionalização sanitária dos espaços públicos e de instrução higiênica nas escolas⁹⁸.

O discurso sanitarista colocava os médicos como autoridades sobre qualquer assunto, especialmente sobre as disposições do espaço e das construções. Sobre a autoridade do discurso médico, é possível compreendê-la por meio da abordagem proposta por Foucault (2005) sobre os dispositivos de poder, sendo possível perceber o surgimento dos saberes situando-os como elementos de natureza essencialmente estratégica, ou seja, o exercício do poder é visto como uma microfísica cujas relações funcionam também como produção de saber. Assim, no contexto em que Eurico esteve inserido, a autoridade do discurso médico foi destaque principalmente em questões referentes ao saneamento público e à reorganização do espaço urbano.

Dado o crescimento populacional vivenciado pela sociedade de Guarapuava, uma das preocupações que emergiram naquele período foi a necessidade da confecção de códigos sanitários que, por sua vez, vislumbravam e moldavam uma ideia de higiene pública alinhada com o movimento sanitarista nacional. As principais questões abordadas na elaboração do Regulamento Sanitário de 1918 foram as sanitárias e as de urbanismo. O regulamento indicava, dentre outros assuntos, atenção especial ao saneamento, sobretudo com relação à água e à localização de poços de água (Regulamento Sanitário Rural, 1918). Nestes termos, o início da década de 1920 articulou uma nova posição normativa quanto à higiene pública, o que pode ser visualizado a partir dos registros realizados por Eurico sobre a condição sanitária de Guarapuava, naquele período.

Nesse contexto, a ampliação de espaços para a execução das práticas de controle estatal em matérias de salubridade via política de saúde pública foi prerrogativa para consolidar hábitos saudáveis pela sociedade nessa cidade. Nesse processo, a educação passou a ser considerada relevante para influenciar a sociedade a modificar seus costumes. A questão da higiene era destaque entre as práticas defendidas pelos sanitaristas, e a educação constituía-se meio essencial para a divulgação de medidas sanitárias. Essa perspectiva influenciou a inserção da

⁹⁸ A realização do evento contou com o apoio do Estado do Paraná e estava sob a coordenação da Associação Brasileira de Educação (COSTA, 2003), propiciando a veiculação de vários temas envolvendo o sanitarismo. Como já dito, Eurico esteve presente nas discussões realizadas sobre essa temática, tendo feito parte como membro da Comissão de Higiene de Belisário Pena, organizador da Liga Pró-Saneamento do Brasil, em 1918, e Lourenço Filho, um dos mais destacados nomes da Escola Nova.

higiene na educação escolar, pois a escola seria o “espaço irradiador de práticas saudáveis que deveriam atingir toda a sociedade.” (BERTUCCI, 2006, p.3).

A articulação de estratégias desenvolvidas para divulgação da higiene no espaço escolar tinha precedentes históricos. Nos anos 1920, nessa área, destacou-se o Instituto de Higiene de São Paulo, que desempenhou um papel significativo na formulação de propostas de conscientização sanitária, trazendo como estratégia central a educação para saúde (SANTOS, 2018). Em 1918, com apoio da Fundação Rockefeller, é criado o Instituto de Higiene (MOTA, 2005), que a partir do ano de 1924 tornou-se parte da Secretaria do Interior, ao ser transformado em Instituto de Higiene de São Paulo. Foi elevado à categoria de Escola de Saúde Pública do Estado em 1931 e atualmente é a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (CORREIA, 2013).

Por extensão de seu contato com os preceitos acima descritos, a abordagem sanitária nas escolas passou a ser uma preocupação latente entre as atividades do médico paranaense, ainda que tenha desenvolvido brevemente suas recomendações acerca do “grande capítulo da higiene escolar”. Em seu livro “Coração do Paraná”, Ribeiro evidencia a importância da abordagem sanitária nas escolas, entendendo que este espaço deveria colaborar com a modificação de hábitos “inadequados” (SANTOS, 2018, p. 70). Desse modo, entendia-se que a escola deveria ser um fator favorável à saúde pública, uma vez que

[...] durante a vida escolar a criança fixava noções mais precisas de saúde pública, guardando conhecimentos sanitários aplicáveis no convívio social; caso a escola fosse mal aparelhada, poderia ser uma fonte de contágio e de transmissão de moléstias infecciosas. (RIBEIRO, 1929, p.63).

Hochmann e Lima (2015), na obra intitulada “Médicos Intérpretes do Brasil”, ao tempo em que comentam também advertem sobre o papel efetivo desempenhado por vários médicos intelectuais, indicando que eles “não apenas interpretaram, mas, sobretudo, participaram da construção simbólica e material da sociedade brasileira” (HOCHMANN; LIMA, 2015, p. XXIV). Assim, também é importante entender que, “mais do que fontes, a medicina e os médicos devem ser lidos como constituintes, como partícipes ativos de vertentes interpretativas sobre o Brasil e a sociedade brasileira” (HOCHMANN; LIMA, 2015, p. XXI).

O alcance das preocupações do médico sanitário com a saúde pública estendia-se ao espaço educacional; isso pode ser verificado em suas definições

sobre um edifício escolar de boa qualidade, que para o Eurico deveria levar em consideração uma boa iluminação, um “material escolar conveniente, instalações sanitárias de boa qualidade e em desembaraçado funcionamento”, pois em tais condições “pode-se obrigar as crianças a seguir um programa compatível com a sua idade e capacidade intelectual e forçá-las a praticar atos higiênicos com os quais se familiarizem para bem da sua saúde.” (RIBEIRO, 1929, p. 100).

De acordo com Foucault (2005), a ascensão das instituições de controle está relacionada ao desenvolvimento de tecnologias de poder, dispositivos que acionam determinados lugares de fala, de discursos sobre indivíduos, corpos e populações. Esse poder sobre a vida nasceu da relação com o conhecimento, ou seja, da produção do saber da qual emergem relações de poder, formulando um saber-poder. É neste sentido que o saber científico, especificamente o saber médico, constituiu-se como um lugar de fala cujos discursos se estabelecem com efeitos de verdade, não só legítimos como duradouros (FOUCAULT, 2014). Note-se que o poder disciplinar demonstra o sistema de vigilância exercido em várias instituições, dentre elas a escolar.

Naqueles anos, os professores eram considerados aliados valiosos dos médicos para executarem o projeto sanitarista; essa aliança permitia maior alcance da operacionalidade disciplinar dos hábitos de higiene a serem disseminados à sociedade. Branco Ribeiro destaca o papel dos professores para a execução das ideias sanitaristas nos espaços escolares, sendo que os docentes seriam o exemplo entre os seus alunos de uma verdadeira conduta de valorização de hábitos saudáveis de higiene. Para a realização de tal tarefa, os professores seriam capacitados a atuar na propaganda pública a favor da higiene e seriam responsáveis pela adesão de práticas sanitárias por parte da sociedade (SANTOS, 2018).

A voz médica era, portanto, aceita como legítima para identificar, sugerir e alterar a realidade prática e legislativa da organização de uma cidade. Os próprios códigos e regulamentos sanitários criados no Estado do Paraná a partir de 1918 instituíam novas práticas e poderes para a autoridade médica, regulamentando definitivamente a “arte de curar” como restrita ao médico (REGULAMENTO SANITÁRIO DO ESTADO DO PARANÁ, 1918), ou seja, um novo modelo de civilização passava a existir a partir dos preceitos sanitaristas. Eurico Ribeiro foi um desses muitos médicos que se dedicaram ao que considerava ser “uma missão regeneradora nacional” (MOTA, 2003, p. 21), de modo que transformou o sanitarismo

em instrumento que deveria contribuir para modificar a realidade brasileira. Como médico, foi defensor do discurso de modernização liderado pelos médicos, principalmente, do movimento sanitarista cujos ideais avançavam por todo o Estado e por todo o país.

Foi durante o primeiro quarto do século XX, quando a vida e o cotidiano da população local estavam sendo transformadas em objeto de discursos e práticas (OLINTO, 2007), que Branco Ribeiro se apresentou como voz autorizada a introduzir particularidades higiênicas até então desconhecidas pelos guarapuavanos defendendo a urgente ampliação do aparelho sanitário da cidade (RIBEIRO, 1929). O sanitarista estava ciente da importância dessas discussões. Para ele, era importante almejar o crescimento e a modernização da cidade, contudo, enfatizava que Guarapuava precisava de um aparelhamento que lhe garantisse a conservação de um bom estado sanitário (RIBEIRO, 1929). Tais elementos direcionam o médico sanitarista e sua atuação no processo de implementação de novas práticas culturais e sociais no contexto de constituição de uma nação moderna, articulando ciência médica e saúde pública.

A obra de Eurico Ribeiro é fonte para compor um retrato das práticas de higiene em Guarapuava, pois as

[...] circunstâncias apontadas por Eurico Ribeiro esclarecem como a higiene, defendida entusiasticamente pela eugenia, pretendia alcançar um domínio total, quer do homem em todas as suas dimensões individuais e sociais, quer do meio em que ele estaria inserido. (KUMMER, 2007, p. 78).

Para Schwarcz (1991), o acolhimento no seio intelectual brasileiro de teorias que postulavam o evolucionismo e o darwinismo social como matriz explicadora da realidade social brasileira criou condições de possibilidade para formulações novas, como a eugenia. Conforme apontou Lillia Schwarcz (1991), desde fins do século XIX o Brasil foi visto e descrito como um projeto de nação moderna, de modo que explicar o país e prever seu progressivo branqueamento deu margem para a entrada de teorias positivo-evolucionistas no país que receberam uma “entusiasta acolhida” nos “centros de congregação de uma reduzida elite pensante nacional.” (SCHWARCZ, 1991, p. 14). Isso quer dizer que existia um ambiente de circulação de ideias restrito a alguns setores da sociedade, e que dissertavam sobre um Brasil moderno. Nele, diferentes centros de produção de saber, como o Museu Paulista, a Faculdade de Direito de Recife, a Faculdade de Medicina da Bahia ou o Museu Histórico do Rio de

Janeiro, forjaram um ambiente de discussão que recebia as teorias da Europa e os relatos das expedições para o dito sertão, formulando um amálgama de ideias e projetos de nação.

Segundo André Mota, Francis Galton utilizou o termo eugenia ao definir que as qualidades mentais e físicas dos indivíduos eram herdadas, mas que “práticas de melhoramento” poderiam aperfeiçoar a espécie humana (MOTA, 2003, p. 14-15). O conceito passou a ocupar o vocabulário médico e político de intelectuais na década de 1910. Em 1914, pela primeira vez, o termo eugenia foi utilizado formalmente na Academia de Medicina do Rio de Janeiro (STEPAN, 2004). Desde então, ganhou visibilidade dos círculos acadêmicos brasileiros a questão das características raciais brasileiras como um problema por excelência para ser resolvido no âmbito da eugenia (SOUZA, 2011).

Souza ainda destaca que as principais discussões estiveram envoltas em questões relacionadas à miscigenação, à imigração e povoamento. É possível destacar entre os brasileiros a atuação de Renato Kehl, médico formado no Rio de Janeiro (SOUZA, 2008). No âmbito dos desdobramentos do pensamento eugênico brasileiro, é possível ainda lembrar em Edgard Roquette-Pinto, que, como antropólogo físico e etnógrafo do Museu Nacional, produziu estudos sobre as origens raciais da população brasileira, sobretudo acerca de um progressivo aumento da população branca brasileira (SOUZA, 2010). As distintas combinações entre raça, sertão e a nação deram o tom da preocupação de intelectuais entre as décadas de 1910 e 1930.

Eurico Branco Ribeiro pesquisou e difundiu o sanitarismo de diferentes maneiras ao longo do tempo, passando a ser reconhecido como uma ponte entre Guarapuava e a modernidade representada pelo discurso médico paulista no século XX. A biografia de Eurico, portanto, perpassa sobretudo por sua atuação como sanitarista, de modo que a memória construída em torno desse personagem da história paranaense foi ativada através da celebração das elites aos “filhos da terra” que galgaram posições na vida pública e científica nacional, materializada, por exemplo, em diversas homenagens, tal como a de título de cidadão benemérito de Guarapuava.

Também recebeu a comenda da ordem do Mérito Médico do Governo Brasileiro; cidadão honorário de Curitiba; prefeito honorário de San Antonio, Texas (EUA); membro honorário da União Mundial de Escritores Médicos; membro da

associação dos Cavalheiros de São Paulo; sendo ainda detentor de muitas outras medalhas de entidades culturais (Begliomini, s/d, p. 5). Recebeu, por exemplo, a medalha de “Mérito Literário do P.E.N. Club de São Paulo” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 28), e homenagens como lugares de memória, tais como a Biblioteca Municipal de Guarapuava Ruiz de Montoya, nomeada como Casa da Cultura Eurico Ribeiro.

Em resumo, medicina e higiene passaram a ser consideradas ferramentas civilizadoras, como práticas científicas essenciais ao processo de reforma social e de construção de uma nova nacionalidade (SOUZA, 2008, p. 151). Neste sentido, passa a ser importante pontuar e considerar o papel das instituições com as quais Eurico Branco Ribeiro estabeleceu contato e que, defende-se, colaboraram para a configuração de seu perfil filantropo.

4.3 O FILANTROPO DA NAÇÃO: O PROTAGONISMO DE EURICO

Na trajetória biográfica de Eurico Branco Ribeiro, chama atenção o significado que a filantropia irá assumir entre suas práticas, sobretudo nos anos 1930 e períodos subsequentes, contexto de transformações sociais no Brasil em que a filantropia se apresenta como ferramenta útil no processo de consolidação do projeto de modernidade para a nação. Sob esse olhar, a filantropia aparece com um projeto idealizador de nação, consubstanciado nos preceitos de modernidade que políticos e intelectuais se mobilizavam para construir naquele período (SANGLARD, 2015). Portanto, historicamente, a filantropia adquire um papel representativo como forma de intervenção social e instrumento de modernização.

No primeiro quarto do século XX, o Brasil verá surgir muitos filantropos “de proveniências sociais e profissionais bastante diversificadas [...]. Médicos ligados à saúde pública terão seu destaque como Filantropos da Nação” (ABREU, 1999, p.34). Imbuídos de um múltiplo repertório de ações, os filantropos passam a ser reconhecidos como uma espécie de patrimônio comum de civilidade e progresso, percebidos, assim, como uma questão nacional (SOUZA *et al.*, 2019). Nesse momento, um novo perfil filantrópico vai se estabelecer no Brasil, cujo diferencial será a incorporação de práticas filantrópicas científicas oriundas dos Estados Unidos, mais ligadas aos aspectos de sua utilidade pública. Por isso, é necessário conhecer os contextos históricos e espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro esteve

inserido e onde desenvolveu suas atividades filantrópicas, de modo a elucidar alguns aspectos que culminam nas características da filantropia que praticará ao longo de sua vida.

O protagonismo da filantropia nas ações de Eurico Ribeiro foi possível devido à sua aproximação e adaptação aos sistemas de instituições baseadas na filantropia científica, racional, fundamentada em práticas renovadas. A aproximação com os preceitos desse tipo de filantropia acabou influenciando, por exemplo, sua decisão pela transformação do Sanatório São Lucas em uma Fundação para o Progresso da Cirurgia, o que remete a uma ação filantrópica realizada na área da saúde aos moldes da Fundação Rockefeller⁹⁹. Outra atividade que revela a dimensão da filantropia praticada por Eurico Ribeiro foi sua atuação na “Casa dos Velhinhos Ondina Lobo”, que dirigiu por 27 anos e prestou aos idosos vulneráveis “assistência médica material e moral” (JÚNIOR OLIVEIRA, 1978, p. 12). Deste modo, é possível perceber por meio das ações que Eurico Ribeiro passou a realizar, após formar-se doutor em medicina, o perfil de filantropia ao qual se prestava, voltada para a utilidade pública, corroborando os preceitos da filantropia “científica” e “médica” vigentes naquele período, se distanciando de uma ação meramente assistencialista, mas, colaborando para a organização de espaços de atendimento e aperfeiçoamento de políticas na área da saúde pública. De acordo com Behring & Bosquetti (2006), a assistência como benemerência estatal só foi possível a partir dos anos de 1930, que podem ser caracterizados como os anos de introdução da política social no Brasil.

A documentação consultada permite inferir que a dimensão da assistência que Eurico Branco Ribeiro prestava à comunidade estava associada ao seu caráter de utilidade no campo social e moral. A partir dessas observações, é possível afirmar a existência de um perfil filantropo em Eurico Branco Ribeiro caracterizado tanto pela dedicação ao campo médico e à “arte cirúrgica” (OLIVEIRA JUNIOR, 1978, p. 12) quanto, e principalmente, pela sua dimensão ética voltada ao humanismo na prática profissional “[...] dando assistência médica material e moral a inúmeras casas de caridade” (OLIVEIRA JUNIOR, 1978, p.12). Por isso, em seu perfil biográfico,

⁹⁹ O início do século XX vê surgir, nos Estados Unidos, um novo tipo de filantropia baseada na criação, por parte das grandes famílias norte-americanas, de fundações que se diferenciavam profundamente do antigo conceito de legados com fins caritativos. Na história da construção da ciência da saúde no Brasil, encontramos forte protagonismo da Fundação Rockefeller, que não apenas contribuiu para sua consolidação como área de produção de conhecimento, especialmente nos EUA, como ajudou a disseminar pelo mundo o seu ensino e sua aplicação, contribuindo com a formação de profissionais (AYRES, 2013).

coexiste com igual importância em sua prática filantrópica científica, a dimensão do *ethos* cristão ligado aos preceitos do Espiritismo e da caridade aos mais necessitados como uma prática indispensável tanto para a consolidação dos valores do espírito quanto para o desenvolvimento da sociedade.

Seu comportamento estava próximo ao que se definia entre os espíritas sobre assistência social, o que envolve algumas categorias de análise, como: caridade, assistente, entre outras. Neste sentido, pensar a relação entre caridade e cidadania, na perspectiva dos direitos sociais, é algo recente. Até a Constituição de 1988, o tema assistência social foi analisado pela ausência de uma proposição política da mesma (SPOSATI *et al.* 1998). Todavia, não se pode deixar de pontuar a dimensão cívica e assistencial da prática cristã de caridade, sua dimensão moral, social e política.

Outro aspecto interessante na filantropia que pratica Eurico Ribeiro é visível a articulação entre os fundamentos do ensino da ciência médica e os princípios da caridade, colocados em prática em um de seus empreendimentos filantrópicos de maior destaque, o Sanatório São Lucas. Em 1939, depois de formado e já inserido tanto na vida rotária quanto na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo¹⁰⁰, fundou, junto com alguns amigos, o “Sanatório São Lucas”¹⁰¹. O hospital, inaugurado em 31 de janeiro, se tornou referência atuando como Escola de Cirurgia. Posteriormente, foi transformado na Fundação para o Progresso da Cirurgia (VIDA ROTÁRIA, 1978).

A transformação do Sanatório São Lucas, na Fundação para o Progresso da Cirurgia, está inserida no contexto específico da modernização das estruturas médicas e sociais do Estado de São Paulo. De modo que o Sanatório passa a ter grande relevância também para o ensino e a pesquisa na área de medicina, além de atuar no atendimento de pessoas vulneráveis. Esse cenário revela um novo perfil

¹⁰⁰ A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi criada em 1895 por Arnaldo Vieira de Carvalho e por médicos que atuavam no sistema de saúde da cidade. Com o perfil de associação profissional e científica, defendia a implantação do ensino médico em São Paulo. A criação de uma faculdade de medicina na capital paulista e a formação médica foram temas constantemente debatidos pela entidade. (MARINHO, 2006, p.22; MOTA, 2005, p. 170-171 *apud* SANTOS, 2018, p. 43).

¹⁰¹ Com relação ao nome da instituição médica, pode ser revelador da sua personalidade cristã e mesmo da devoção de Eurico para com a vida e obra de São Lucas. O santo foi assunto de destaque em seus estudos históricos, e a quem tomou como seu Patrono na Cadeira 27 da Academia Cristã de Letras, criada oficialmente em 1967, na qual foi empossado em 27 de novembro de 1975. Dentre os livros que publicou sobre São Lucas, estão: “Médico, Pintor e Santo”; sobre o santo ainda publicou, “O Livro que Lucas não Escreveu” (1969), “Lucas o médico escravo” (1974), e “Fui um dos setenta” (1977) (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 20). Disponível em: <https://academiacristadeletras.org.br/caadeira-n27.html#patrono>. Acesso em: 03 set. 2020.

filantrópico que passa a existir no Brasil, onde as ações filantrópicas passam a ser instrumentos de organização da assistência social e como valor moral¹⁰². Nesse Sanatório, estagiaram muitos médicos do Brasil e de vários países do mundo, mormente sul-americanos. Considerando tais aspectos e a abrangência do empreendimento de Eurico, pode-se inferir que a opção pela fundação de um estabelecimento tal qual o Sanatório e sua transformação em uma Fundação para o Progresso da Cirurgia têm relação direta com o âmbito de atuação dessa instituição, uma vez que é capaz de abranger tanto o atendimento às populações carentes quanto o aprimoramento do ensino e dos estudos clínicos.

As contribuições do Sanatório São Lucas para o ensino e para pesquisa clínica médica são evidentes. Segundo o seu colega de trabalho no Sanatório desde 1957, o Dr. Fernando Freire, o hospital era utilizado como lugar de “intercâmbio de recém-formados”, e Eurico Ribeiro incentivava os jovens médicos dando-lhes apoio material “para aperfeiçoamento e estudo no exterior” (CASTRO, 1978, p. 39). Com relação ao incentivo dado pelo Sanatório aos estudantes de medicina para a pesquisa científica na área, Oscar Machado comenta que o Sanatório proporcionava “bolsas de estudo e curso de pós-graduação a médicos estrangeiros, quando não se falava em tais coisas no Brasil.” (MACHADO, 1978, p. 6).

Nas palavras de Hélio Begliamini, que fazia parte da Academia de Medicina de São Paulo, instituição à qual Eurico pertencia¹⁰³, o Sanatório São Lucas foi um verdadeiro hospital universitário, e Eurico, que “como médico, era constantemente chamado de professor” (MACHADO, 1978, p. 5), era um “catedrático sem cátedra, demonstrando que a excelência da medicina não se encontra apenas nas universidades” (BEGLIAMINI, s/d). Médico dedicado e hábil cirurgião, a intensa atividade de Eurico Ribeiro demonstra que estava interessado em divulgar a sua

¹⁰² No contexto brasileiro, onde o processo de transformação do hospital em um ambiente totalmente vinculado à clínica ocorreu tardiamente, o hospital continuou sendo o foco preferido das ações beneficentes de uma nova elite urbana que surgia no Brasil. De modo que “as ações filantrópicas encontraram terreno fértil na construção de institutos de pesquisa, novos hospitais e centros de tratamento.” (SCHWYZER, 2016, p. 97). O papel do Estado-providência e da filantropia, portanto, se configurou como uma alternativa para resolver um dos grandes problemas daquele tempo: a falta de leitos hospitalares.

¹⁰³ A Academia de Medicina de São Paulo é uma associação de direito privado, sem fins econômicos, fundada no Brasil em 07 de março de 1895 pelo Prof. Dr. Luiz Pereira Barreto sob o nome de “Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo”. Eurico Brando Ribeiro foi admitido na Academia de Medicina de São Paulo em 01 de outubro de 1934. Passando a ser o patrono da cadeira nº. 14 (BEGLIAMINI, s/d, p. 1).

profissão através da realização de “cursos, participação em seminários, estágios e prêmios a fim de desenvolver a arte cirúrgica.” (JUNIOR OLIVEIRA, 1978, p. 12).

Notadamente, o Sanatório São Lucas é a maior ação filantrópica realizada por Eurico Ribeiro no âmbito da medicina, principalmente a transformação daquela instituição em uma Fundação para o Progresso da Cirurgia fez com que passasse a ser importante para a área da saúde e da assistência, prestando atendimento aos pacientes mais necessitados, exemplificando o que demonstrou Sandra Caponi (2000) sobre compaixão e solidariedade na prática médica. A criação da Fundação colaborou para que, além do atendimento clínico, o hospital também se voltasse para o ensino e a pesquisa, tornando-se referência não apenas no contexto paulista, mas também no âmbito nacional e internacional¹⁰⁴.

As informações oferecidas pelo Dr. Fernando Freire salientam que “as técnicas operatórias criadas e desenvolvidas pelo Dr. Eurico” (MACHADO, 1978, p. 39) contribuíram para “formar no São Lucas um conhecimento altamente sofisticado, aperfeiçoando Cirurgias Gerais do mais elevado padrão, graças à pesquisa e à técnica do amigo e do professor que atendia a todos, sem distinção de qualquer espécie.” (MACHADO, 1978, p. 39).

Também as atividades voluntárias que realizou no Rotary Club de São Paulo¹⁰⁵, a partir do seu ingresso em 1935, confirmam a dimensão da prática da “filantropia médica” realizada por Eurico, neste caso voltada para a questão social e entendida como instrumento de organização e transformação da sociedade. Também é importante mencionar que será no Rotary Club de São Paulo que Eurico Ribeiro participará da consolidação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, outra experiência renovadora no âmbito de instituições e ações filantrópicas que passaram a ser realizadas ao longo do século passado no contexto nacional. Para Setton (2004), os empreendimentos dos rotarianos surgiram a partir da reorganização do campo social brasileiro, sobretudo; as elites passaram a se organizar a partir de outros critérios, consolidando uma nova hierarquização social. A estudiosa também enfatiza os princípios éticos norteadores dessa associação: a formação moral, o

¹⁰⁴ Historicamente, o hospital sempre foi o lugar por excelência da caridade e da filantropia. Primeiro como instituição de proteção e depois de prevenção de indigência.

¹⁰⁵ O Rotary Club de São Paulo foi fundado em 13 de fevereiro de 1924 pela intenção das mais representativas figuras de São Paulo. Sua carta patente foi outorgada em 24 de março de 1925. Disponível em: <https://rotarysp.org.br/>. Acesso em set. de 2020. Eurico Branco Ribeiro tornou-se rotariano em 08 de março de 1935 quando ingressou no Rotary Club de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

trabalho, o lazer e a sociabilidade. (SETTON, 2004). Todos esses princípios estarão presentes nas atividades desenvolvidas por Eurico Branco Ribeiro que, no Rotary Club de São Paulo, preencheu todos os cargos, inclusive a presidência no exercício de 1945-1946 (MACHADO, 1978).

Dado latente a indicar o caráter da filantropia nas atividades de Ribeiro, está ligado ao estudo realizado por Di Gianni (2008), que traz informação de sua atuação decisiva nas discussões a respeito da “criação de museus municipais em cidades do interior de São Paulo, entre os anos de 1945-1957.” (SANTOS, 2018, p. 18). Outro documento que apresenta elementos que ajudam a compreender sua trajetória no âmbito filantrópico trata-se da Edição Especial da Revista “Vida Rotária”, publicada no ano de 1978, intitulada *Perene Homenagem a Eurico Branco Ribeiro*. Essa homenagem confirma sua importância como rotariano, além de revelar a ampla gama de contextos e os diferentes espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro esteve inserido e onde desenvolveu suas atividades filantrópicas e suas habilidades políticas.

A criação do Rotary Club no Brasil se configurou como parte do projeto político e cultural norte-americano que, através de instituições filantrópicas, ampliou “os movimentos de construção de solidariedade social que em outras sociedades foram aglutinadas pelo Estado.” (AYRES, 2013, 9). A adesão das propostas do Rotary foi incorporada por Eurico e se refletia em suas ações na sociedade como rotariano. Esteve presente nas maiores realizações do Rotary de São Paulo, tais como: a criação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, a aquisição do Colégio Rio Branco, a formação do Lar Escola Rotary, a criação da Associação de Famílias Rotarianos de São Paulo e a construção do edifício da sede do Rotary Club na capital paulista (CORREIA, 1978).

O Rotary trouxe a ampliação da sociabilidade de Eurico fazendo com que estendesse raízes pelo mundo afora, estreitando relações, fazendo amizades, tornando-se internacional. Por meio da filantropia médica, e do trabalho voluntário, no Rotary, participou no âmbito internacional da “comissão organizadora de vários congressos médicos e de várias convenções¹⁰⁶.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 27). Portanto, Eurico aliava à atividade rotariana sua prática profissional. Essa experiência

¹⁰⁶ Em toda a sua vida rotária, figurou sempre entre os rotarianos mais dinâmicos de São Paulo e do Brasil, tendo participado do antigo Distrito 119 e do atual Distrito 461, como também de Conferências de outros Distritos brasileiros e de muitas Convenções Internacionais de R.I., realizadas em vários países de todos os continentes (CORREIA, 1978).

lhe garantiu projeção e reconhecimento, como rotariano e como médico. Dito isto, é possível perceber que todos os espaços em que Eurico Branco Ribeiro atuou como filantropo possuem um viés comum, qual seja, o de se espelharem em instituições norte-americanas, não governamentais e pensadas como instrumentos políticos de consolidação de um projeto da nação.

5 ROTARY CLUB: LUGAR DE SOCIABILIDADE E PRÁTICAS FILANTRÓPICAS

As intensas transformações vivenciadas pela sociedade brasileira durante a primeira metade do século XX favoreceram a estruturação de uma nova ordem política e social. É nesse momento histórico que se dá no contexto nacional a formação de grupos sociais que aos poucos substituem os antigos grupos tradicionais ligados à estrutura agrária na tentativa de consolidar um projeto cultural produzido por novos laços identitários. Para Franco (1997), o reconhecimento da historicidade da vida social permite perceber que as relações sociais e as práticas de poder respondem de maneira própria às determinações mais gerais da expansão do capitalismo no Brasil e da construção da sociedade moderna, implicando na reorganização estrutural da sociedade que se dinamiza para essa ordem burguesa socioeconômica e política (FERNANDES, 2002).

Neste sentido, a cidade impôs um ritmo acelerado às dinâmicas entre os indivíduos e a sociedade, gerando a necessidade de novas formas de integração e relações sociais, de modo que se tornou locus privilegiado de criação de organizações que conformam um novo modelo de sociedade, a exemplo dos Rotary Clubs (SIMMEL, 1986). Sobre o Rotary Club, seu idealizador foi um advogado chamado Paul Percy Harris, personalidade notável do século XX, tendo sido o clube criado no ano de 1905, em Chicago. Ao longo dos anos, os clubes foram se multiplicando dentro e fora do território norte-americano, chegando “ao Rio de Janeiro, no Brasil, em dezembro de 1922.” (BATISTA, 1996, p. 12). A associação foi fundada por empresários locais e autoridades governamentais, depois de um longo processo de sensibilização (SETTON, 2004). O Clube cresceu rapidamente e expandiu-se pelo território nacional, chegando à capital paulista em 1924. Logo, o espaço urbano se consubstanciou em ambiente especial para tais grupos preservarem e construírem identidades e diferenciação social.

O reconhecimento da existência de um *habitus* de grupo (BOURDIEU, 1996), que contribui para uma tendência de reprodução social da estrutura social são importantes para entendermos que as estratégias de reprodução desses grupos respondem ao estímulo de uma configuração social afeita à lógica da acumulação de recursos de poder ou distinção (BOURDIEU, 1990). Por meio da teoria do *habitus*, Bourdieu afirma ser possível observar a atuação e o comportamento de um grupo social colaborando para as reflexões sobre as estratégias de manutenção de *status*

de uma sociedade desigual e hierárquica, bem como a potência do poder simbólico nas formações sociais modernas amplamente consolidadas pela cultura material. Nesses moldes, pode-se compreender que o Rotary se configura como lugar estratégico de reprodução social, onde os indivíduos portadores de certa origem social e formação escolar, servem-se de uma rede de relações sociais para validarem tais patrimônios e angariarem outros, a exemplo do capital social e capital simbólico (BOURDIEU, 1980).

Por isso, retomar as ações e a produção de Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo, será fundamental para demonstrar a rede de relações que estabeleceu em relação a conjuntura social do seu tempo, sobretudo por meio das atividades e eventos promovidos pelo R.C. para a sociedade rotariana. Para Norbert Elias (1994), a relação entre indivíduo e as estruturas sociais deve ser observada e percebida como um processo social, ou seja, processo de interação humana no âmbito da sociedade. De modo que, ao retomar o debate sobre os elementos constitutivos de uma identidade social moderna, permite um enfoque ao mesmo tempo micro e macrosociológico a partir do conceito de *habitus* social, dando destaque sobretudo para o caráter multidimensional das interações sociais.

Nesse sentido, Elias entende a estreita relação entre a identidade individual e a identidade dos grupos. Logo, a relação entre indivíduo e sociedade é discussão presente nos estudos de Norbert Elias (1993; 1994) para quem a biografia se situa na intersecção do indivíduo em sua relação histórica com a sociedade. Sendo assim, ao apresentar os relevos da configuração social a qual Eurico Ribeiro fez parte e interagiu, busca-se evidenciar que sua experiência individual não está dissociada da dimensão social, por isso a opção pela biografia sociológica aos moldes de Elias, já que considera o momento histórico e a estrutura social estabelecida em uma dada época na qual o indivíduo esteja inserido. Para Elias, até mesmo as “decisões individuais ficam obscuras quando não se consideram os aspectos relevantes dos processos sociais [...], e cuja dinâmica determina, em grande parte, suas consequências.” (ELIAS, 1993, p. 48). Neste caso, é necessário ponderar que a vontade individual não está dissociada da dimensão social, por isso, a biografia de cunho sociológico não desconsidera o momento histórico e a estrutura social estabelecida, de modo que este caminho metodológico permite compreender as estruturas sociais de uma dada época a partir do estudo “biográfico”, de qualquer

indivíduo ao longo do tempo e em relação a sociedade na qual o indivíduo está inserido.

Foi, portanto, na cidade de São Paulo que Branco Ribeiro se aproximou do Rotary Club, onde, como procura-se demonstrar, consolidou amizades, ampliou relações sociais e realizou ações que certamente impactaram na conformação de seu perfil filantropo. Exemplo disso, foi sua intensa participação nas atividades da Fundação de Rotarianos de São Paulo onde desenvolveu ações no âmbito da educação, como o Lar-Escola Rotary e o Colégio Rio Branco, e atuou em outras dimensões da vida rotariana, a exemplo de sua contribuição na Revista *Vida Rotária*. Por isso, para contextualizar as experiências de Branco Ribeiro no interior dessa instituição, busca-se destacar a atuação e o perfil filantrópico de Eurico a partir de sua atuação e relações tecidas no interior do Rotary Club de São Paulo.

5.1 O LUGAR DE EURICO BRANCO RIBEIRO NO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO

A constituição de uma nação moderna implicou desencadeou no país o surgimento grupos e espaços sociais construídos pelos indivíduos em sua relação com a sociedade, exemplo disso foi a criação na capital paulista no ano de 1924 do Rotary Club de São Paulo. Esse período pode ser considerado como uma fase de adaptação dessa associação em território paulista e do reconhecimento dos desafios de projetá-la na sociedade. Tal associação seria espaço frequentado por Branco Ribeiro quando era médico novato e estava à procura de lugares sociais onde pudesse criar uma rede de contatos a fim de ter visibilidade profissional e social, na cidade de São Paulo, local escolhido para estudar e, posteriormente, exercer sua profissão de médico, bem como agir em diversas associações e sociedades médicas, dentre outras.

O processo de institucionalização da associação rotariana foi orientado por Robert Shalders, representante do Rotary Internacional, e teve a “colaboração da Associação Cristão de Moços de São Paulo, e incentivo do Rotary Club do Rio de Janeiro.” (BATISTA, 1996, p. 16). Em ata de 13 de fevereiro de 1924 é possível observar que foi nas dependências do salão do Hotel Términus, localizado na capital paulista, onde foi assinada uma singela declaração pelos participantes da solenidade em que consideraram fundado o Rotary Club de São Paulo.

Na ocasião, declararam-se coligados como sócios fundadores da associação rotariana de São Paulo os srs. Victor da Silva Freire, Antonio Gaffré Ribeiro, Irving Henry Gallion, José Carlos de Macedo Soares, Adhemar de Moraes, Hermínio Gomes Moreira, Benedicto Montenegro, José Ferreira de Oliveira, Manfredo Antonio da Costa, Gilbert J. Hubert, Richard O. Connel e Augusto Marques Guerra. A primeira diretoria foi eleita aos 29 de janeiro de 1924, de onde ficou definido que Victor da Silva Freire ocuparia o cargo presidente; José Carlos de Macedo Soares seria o vice-presidente; Antonio Gaffré Ribeiro, por sua vez, exerceria a função de secretário e Irving Henry Gallion que foi nomeado tesoureiro. Integravam ainda a diretoria Hermínio Gomes Moreira, Benedicto Montenegro (BATISTA, 1996).

Segundo informa a Revista Quinzenal do Rotary Club de São Paulo publicada a três de julho de 1924, a fundação do Rotary Club de São Paulo foi alvo de cumprimentos de várias personalidades rotárias e de clubes. Fundado em São Paulo, os clubes multiplicaram-se: Santos, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em 1927; Niterói, Petrópolis, Campos, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, em 1928; Ribeirão Preto, em 1929. Na Capital, logo surgiram: São Paulo-Leste, em 1951; São Paulo-Sul e São Paulo-Santo Amaro, em 1952; São Paulo-Oeste e São Paulo-Norte, em 1953; São Paulo-Bom Retiro e São Paulo-Barra Funda, em 1967; São Paulo-Santa Cecília, em 1969.” (BATISTA, 1996, p. 18).

Aos fundadores vieram logo agregar-se outros associados, a exemplo de Eurico Ribeiro. Sobre sua trajetória no Rotary Club de São Paulo, pode-se afirmar que foi aos oito de março de 1935 que tomou posse no Rotary Club de São Paulo, especificamente na classificação “medicina-cirurgia” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 28). Sua aproximação aos sistemas da instituição rotariana aconteceu por intermédio de seu padrinho, Eduardo Vaz¹⁰⁷, que à época, primeiros anos da década de trinta do século XX, foi o responsável por familiarizá-lo às finalidades do clube.

Indiscutivelmente, ao pertencer aos quadros da instituição rotariana, Eurico Branco Ribeiro passava a socializar-se na capital paulista com figuras de alto relevo nacional e internacional daqueles tempos, essas relações lhe conferiam a possibilidade de projeção social e profissional. Por isso, recuperar a filiação específica de Eurico Ribeiro e Rotary Club de São Paulo é uma forma de entender

¹⁰⁷ A 7 de julho de 1939, Eduardo Vaz assumia a presidência do Rotary Club São Paulo (RIBEIRO, 1942). Também foi eleito Governador do Rotary Club de São Paulo entre os anos de 1945-1946.

algumas das motivações que o levaram a tornar-se sócio dessa associação, ocupando inclusive lugar de destaque entre os rotarianos no contexto nacional.

De acordo com Oscar Machado (1978), no Rotary Club de São Paulo Eurico Branco Ribeiro, “preencheu todos os cargos, inclusive a presidência no exercício de 1945-1946.” (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 6). Sua influência era tamanha que quando completou 25 anos de vida rotária, o Rotary Club de São Paulo homenageou-o com medalha alusiva¹⁰⁸. Neste período, entre 1959 e 1960, ocupava a Presidência da Fundação de Rotarianos do Clube (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Sobretudo sua filiação a esta associação deve-se pelo fato de que os ideais do Rotary Club se aproximavam daqueles defendidos por Eurico e por ele disseminados ao longo de sua vida. Isso pode ser percebido nas apreciações que fez no Fórum Rotário realizado na cidade de Assis, no estado de São Paulo, em 19 de fevereiro de 1961, quando afirmou que

[...] tendo sempre o Rotary a vista, nós, os médicos, podemos desempenhar as nossas funções dentro dos preceitos do juramento de Hipócrates e da prática da caridade cristã, auferindo os justos benefícios monetários que ao nosso trabalho é devido, levando graciosamente a nossa assistência aos desprovidos de fortuna, amparando e orientando os colegas mais novos e menos experientes, participando dos esforços em prol do progresso da Arte de Curar. (RIBEIRO, 1961, p. 79).

Verifica-se que Branco Ribeiro via no Rotary um espaço onde, por meio da perseguição do ideal de servir, do qual compartilhava, poderia usar sua profissão para desempenhar o valor social e cristão do trabalho, atuando para amenizar o sofrimento humano e dando assistência aos que necessitavam. Contudo, mesmo que alguns rotarianos, a exemplo de Branco Ribeiro, defendam os valores morais e religiosos como força para romper as conveniências dos interesses individuais, é preciso ponderar que um Rotary Club tem uma ação mais ampla do que a de associação de caridade, essa não é “precipuamente, a função do clube” (RIBEIRO, 1961, p. 86). Se por um lado o médico paulista doava seu labor e seu tempo voluntariamente, por outro, a filantropia médica permitia não apenas o desenvolvimento da prática clínica, mas também ao alcance de certo status, contribuindo para a legitimação profissional e favorecendo para uma linha de sociabilidade que facilitava a relação e o contato com a elite paulista.

¹⁰⁸ Eurico é detentor do diploma, da medalha e do distintivo de “Sócio Paul Harris” da Fundação Rotária (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Também a preocupação com o amparo e orientação dos jovens colegas de profissão, ou mesmo os menos experientes, era um indicativo de que sua participação no Rotary não se restringia apenas aos aspectos relacionados a sua formação moral e ética como cidadão e profissional da medicina, mas, sobretudo, a sua atuação como médico para o progresso da arte de curar. O Rotary lhe dava a possibilidade de “desviar-se do caminho que busca apenas o benefício de si e difundindo seu benefício à humanidade.” (RIBEIRO, 1961, s/p). Neste sentido, o clube representava um meio em que Eurico Ribeiro poderia, dar de si, cumprindo o ideal de servir.

Outra maneira de ampliar o convívio profissional e social no âmbito do Rotary Club era por meio da participação e realização de colóquios, palestras¹⁰⁹, congressos nacionais e internacionais¹¹⁰, onde as amizades poderiam ser cultivadas, as redes sociais ampliadas e questões de interesse mútuo deveriam ser debatidas. Sobre as palestras proferidas, elas aconteceram em diferentes cidades do Brasil, e tratavam sobre os mais diversificados assuntos que vão desde os institucionais aos alusivos ao conhecimento Médico¹¹¹.

Diante das inúmeras atividades realizadas por Eurico Branco Ribeiro no contexto do Rotary Club de São Paulo, daremos destaque as obras da Fundação dos Rotarianos das quais foi um dos mentores: o Colégio Rio Branco e o Rotary Escolar-Lar, bem como, a Revista Vida Rotária. Somam-se a tais ações os trabalhos desenvolvidos no âmbito da administração do Rotary paulista, onde ocupou diferentes cargos e realizou distintas atividades. Entende-se que esses espaços fomentaram sua rede social no âmbito associativo rotariano e lhe deram a possibilidade de ampliar suas relações na capital paulista, aperfeiçoar sua profissão,

¹⁰⁹ Sobre as cidades onde ministrou palestras estão: Belo Horizonte, Uberlândia, Poços de Caldas, Paraguaçu -MG; Curitiba-Leste, Curitiba-Oeste, Guarapuava, Londrina, Assis, Bauru, Campinas, Campinas-norte, Dracena, Guarulhos, Jaú, Mogi das Cruzes, Osasco, Piracicaba, Presidente Prudente, Rudge Ramos, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São João da Boa Vista, São Roque, São Vicente, Sorocaba, Tupã, São Paulo, SP-Bom Retiro, Brooklin, Ipiranga, Itaim, SP-Leste, SP-Liberdade, SP-Moca, SP-Norte, SP-Oeste, SP-Penha, SP-Pinheiros, Santa Cecília, Santo Amaro, SP-Sudeste, SP- Sul, SP-Tatuapé. (VIDA ROTÁRIA, 1978).

¹¹⁰ Participou de vários congressos nacionais e internacionais de medicina e de cirurgia realizados em cidades como: São Paulo, Cambuquira, Rio de Janeiro, Curitiba, Araxá, Uberaba, Londrina, Belo Horizonte, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, Bologna, Montecatini, Madri, Viena, Roma, Chicago e Atlantic City (VIDA ROTÁRIA, 1978).

¹¹¹ Com relação às palestras que versavam sobre os estudos médicos, elas contemplavam os mais diversos assuntos tais como: a prevenção do Tétano (Palestra proferida na sessão de 19 de junho de 1936 no Rotary Club de São Paulo); o combate ao câncer (Palestra proferida em 2 de junho de 1939 no Rotary Club de São Paulo); as possibilidades de cirurgia plástica (Palestra proferida em 11 de junho de 1941 no Rotary Club de São Paulo) (RIBEIRO, 1941).

consolidar redes que colaborariam com a concretização de sua carreira profissional e seu reconhecimento social.

A participação de Eurico Ribeiro na criação Colégio Rio Branco No conjunto de suas atividades, o Rotary Club de São Paulo incentivou, as ações de sua Fundação de Rotarianos, principalmente os projetos na área da educação tal como a criação do Colégio Rio Branco, onde buscava definir uma educação voltada para a “formação de novos cidadãos e cidadãos.” (ALVES, 2017, p. 14). Paulo Reis de Magalhães, que ocupou diversos cargos no Rotary Club da capital, chegando à presidência em 1950, afirma que a “história do Colégio Rio Branco e da Fundação de Rotarianos de São Paulo é uma convergência feliz de nobres ideias e de grandes esforços, por parte de destacados rotarianos daquela localidade.” (BATISTA, 1996, p. 28).

De acordo com o Senador Otto Cyrillo Lehamann, associado do Rotary Club de São Paulo, o Colégio Rio Branco foi fundado em 1922 pelo professor Savério Cristóforo, profissional que naquele período ocupava posição de destaque no magistério paulistano. Foi em sua casa que aos 25 de setembro reuniu-se com um grupo de amigos, associados, e decidiu-se criar o Liceu Nacional Rio Branco¹¹². Neste período, o Liceu Nacional Rio Branco estava sob a orientação do Dr. Antônio de Sampaio Dória, Professor da Faculdade de Direito de São Paulo e ex-diretor de Instrução Pública do Estado. Nele trabalhavam um grupo de educadores destacados do cenário nacional¹¹³.

Em junho de 1945, sua diretoria, em circular ao país, informava a impossibilidade de continuar aberto o Colégio, sobretudo por conta das decisões governamentais referentes à anuidade. Neste contexto, de impossibilidade de manter em funcionamento o antigo Rio Branco, que foi fechada em definitivo. Era indiscutível o lugar de destaque ocupado pelo Colégio Rio Branco no campo da educação. A instituição era reconhecida como celeiro de formação de figuras de acentuado destaque na vida pública do país. Carregavam seu nome “governadores de estado, senadores, deputados federais e estaduais, reitores de universidades” etc.

¹¹² Liceu Nacional Rio Branco, foi o primeiro nome do, hoje, Colégio Rio Branco, à época, “Compunha o grupo fundador, além de Cristóforo, Antônio Sampaio Dória, Roldão Lopes de Barros, Almeida Júnior, Lourenço Filho, Guilherme Merbach e outros.” (BATISTA, 1996, p. 55).

¹¹³ Os professores do Colégio eram considerados grandes mestres, dentre os quais se destacavam: Sampaio Doria, Roldao Lopes de Barros, Almeida Junior, Lourenço Filho, Antonio Gonçalves da Silva, Oscar Stevenson, Oscar Bergstron Lourenço, Álvaro Brandão, José Honório Rodrigues, José Lemos, Archimedes Baillot, Jácomo Stávale (BATISTA, 1996).

(BATISTA, 1996, p. 58). Nas palavras do presidente da República, Juscelino Kubitschek, o Colégio Rio Branco era uma das grandes realizações dos rotarianos, exemplo edificante de dedicação e interesse público. Pois “nas associações, nos clubes, nas federações de classes, nos círculos sociais, ação benemérita dos elementos mais representativos da iniciativa privada ajudam a nação em sua dolorosa e fecunda hora de expandir-se.” (BATISTA, 1996, p. 89).

Por sua vez, a Fundação nasceu inspirada na Fundação Rotária internacional¹¹⁴, e foi constituída em reunião que ocorreu na cidade de São Paulo durante a noite de 3 de outubro de 1946, na moradia de “Oscar Reynaldo Müller Caravellas, na Rua Afonso de Freitas, 52.” (BATISTA, 1996, p. 31). A ata do referido encontro também informa os nomes dos rotarianos que formaram o primeiro conselho deliberativo da Fundação¹¹⁵. Na mesma reunião constituiu-se a diretoria (BATISTA, 1996). Ainda nesta ocasião, o Dr. José Hermínio de Moraes propôs a ampliação da finalidade da Fundação,

[...] para o objetivo de explorar Colégio de ensino primário e secundário, cobrando contribuições dos alunos, e cujo eventual lucro se destinará aos fundos da Instituição, para isso oferece, para ser incorporado à Fundação, o Colégio Rio Branco¹¹⁶ – cujo nome e instalação lhe pertencem e no valor de CR\$ 700.000.000 (setecentos mil cruzeiros). (BATISTA, 1996, p. 97).

Buscando solucionar as questões referentes as acomodações do Colégio Rio Branco, Rotary Club nomeou uma comissão, da qual participaram Eurico Branco Ribeiro, Francisco Palma Travassos e Marcos Gasparian, à época membros do Conselho Deliberativo da Fundação de Rotarianos, que participou de vários encontros, assembleias, discussões, “na tentativa de buscar uma solução, que no cenário se mostrava cada vez mais difícil.” (BATISTA, 1996, p. 61). Em maio de 1950, o próprio José Ermínio informava ter encontrado a solução: iria comprar de

¹¹⁴ A Fundação Rotária foi criada em 1917. Ao longo do tempo, com as novas configurações políticas, econômicas e sociais, algumas modificações foram sentidas nas finalidades da Fundação, sobretudo a experiência na aplicação dos fundos coletados (RIBEIRO, 1961).

¹¹⁵ Dentre eles estavam presentes nessa atividade do Rotary Club de São Paulo: Álvaro Machado, Marcos Gasparian, Francisco da Silva Villela, Antonio Augusto de Macedo, Oscar Reynaldo Muller Carvellas, Paulo Reis de Magalhães, José Ermínio de Moraes, Eurico Branco Ribeiro, Domingos Mormanno, Antonio Bardella, Pedro Monteiro Pereira de Queiroz, Adriano Seabra Fonseca, Abilio Brenha da Fontoura, Rodolpho Ortenblad, Luiz L. Reid, Luiz Ferreira Pires, Kristian Orberg, Francisco Klingler, Antonio de Souza Noschese e Niso Vianna (BATISTA, 1996).

¹¹⁶ Em reunião conjunta da Diretoria e do Conselho Deliberativo, em 19 de dezembro de 1946, o Dr. Paulo Mesquita, advogado das indústrias Votorantim, e o procurador Dr. José Ermínio de Moraes, entregaram ao Dr. Álvaro Machado, Presidente da Fundação de Rotarianos de São Paulo, a documentação pela qual oficializava a doação do Colégio Rio Branco, pelo Dr. Moraes, a essa entidade (BATISTA, 1996).

Sampaio Dória “o terreno que atendia as necessidades da Fundação. Estava localizado na Avenida Higienópolis, portanto, muito próximo à Rua Dr. Vila Nova” (BATISTA, 1996, p. 45), onde até então funcionava a escola.

Até a construção do novo prédio¹¹⁷, o Colégio Rio Branco funcionou nas dependências do antigo Colégio Pedro de Toledo, que depois de comprado pelo rotariano José Hermínio. Assim, nascido do extinto Rio Branco, o novo Pedro de Toledo, pelo “Decreto Federal n. 20.812, de 26 de março daquele ano de 1946, referendado pelo presidente Gaspar Dutra, readquiriu o nome Colégio Rio Branco, que até hoje ostenta.” (BATISTA, 1996, p. 70).

Após adquirir o terreno, outro desafio da Fundação de Rotarianos foi a necessidade de construir o prédio da escola. Especialmente para esse fim, uma nova comissão se organizou. Lá estavam, “por solicitação do Presidente Álvaro Machado – Eurico Branco Ribeiro, Francisco Palma Tavares e José Ermínio de Moraes.” (BATISTA, 1996, p. 45). Neste contexto, a primeira providência da Comissão foi solicitar, “de todos os engenheiros e arquitetos do Rotary sugestões para o novo edifício.” (BATISTA, 1996, p. 45). Tal assunto era tido como um problema rotariano e foi mencionado na reunião de 22 de março de 1950, na ocasião o conselheiro José Ermínio “chamava atenção de todos para a gravidade da matéria, solicitando o máximo de empenho da comissão.” (BATISTA, 1996, p. 45).

Órgão primeiro da Fundação de Rotarianos de São Paulo, retinha o Colégio Rio Branco a melhor das atenções dos dirigentes da associação, não restando dúvidas de que foi um marco importante na vida da Fundação. No entender do ex-presidente do Rotary Internacional, Herbert Taylor, é o Rio Branco, com suas duas unidades¹¹⁸, “a maior obra rotária, no campo da educação formal em todo mundo” (BATISTA, 1996, p. 150), “motivo de orgulho para o rotarismo paulistano.” (BATISTA, 1996, p. 155).

Nota-se que o Colégio Rio Branco foi um importante conquista da Fundação de Rotarianos de São Paulo no âmbito da educação, uma das principais preocupações do período, assunto nas agendas de governos e associações, a exemplo do Rotary Club. Portanto, o Colégio foi uma das muitas realizações da

¹¹⁷ O novo edifício, sede da Unidade Higienópolis do Colégio Rio Branco, contaria com salas de aula e de administração, laboratórios, teatro e dependências técnicas e complementares para seus estudantes (BATISTA, 1996).

¹¹⁸ Unidade I Higienópolis, Unidade II, a Granja Vianna. Segundo o último relatório da Fundação, em 1995 tinha o Rio Branco matriculados, entre pré-escola e curso colegial, 5.150 estudantes (BATISTA, 1996).

Fundação de Rotarianos, era entendida como uma filantropia. Eurico Ribeiro participou ativamente dessa atividade, ampliou as redes sociais e aprofundou seu relacionamento com a Fundação de Rotarianos. A exemplo da criação do Colégio Rio Branco, outra realização da Fundação de Rotarianos de São Paulo que contou com a colaboração de Eurico Ribeiro foi o Lar Escola Rotary, tal feito confirmava o lugar que a educação assumia no cenário brasileiro e nos assuntos da filantropia consolidada através das realizações da Fundação Rotarianos de São Paulo.

5.1.1 O Colégio Rio Branco e o Lar Escola Rotary

Esse subtítulo busca dar continuidade às análises sobre a participação de Eurico Branco Ribeiro nas atividades consolidadas no âmbito da Fundação de Rotarianos de São Paulo, sobretudo as que desempenhou no Lar-Escola Rotary, outro projeto na área de educação que o rotariano ajudou a construir. Portanto, interessa ao estudo observar em que medida a trajetória/biografia de Eurico Ribeiro é marcada pela história de sua época. Aos moldes de Norbert Elias, que percebe a sociedade como uma rede de indivíduos interdependentes, verifica-se que Eurico Ribeiro buscou realizar o seu desejo de ser socialmente reconhecido, por meio da participação na rede das instituições e de sociabilidades da capital paulista, onde realizou-se como filantropo. Por isso, explorar essa experiência será compreender, nos termos de Norbert Elias que

[...] o indivíduo não é independente das relações nas quais se encontra inserido [...]. Ao contrário, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. [...] essas redes de relações estão presentes nele e são representadas por ele. (ELIAS, 1994, p. 31).

Sobre o Lar-Escola Rotary alguns detalhes foram localizados na Revista Vida Rotária (1978), periódico que durante sua existência acompanhava de perto as obras da Fundação dos Rotarianos de São Paulo, sobretudo as relacionadas ao Colégio Rio Branco e ao Lar-Escola Rotary (BATISTA, 1996). Também foi possível encontrar nuances das ações de Eurico Branco Ribeiro na referida escola, a partir da leitura da obra de Norton A. Severo Batista, intitulada *Há muito ainda por fazer: Cinquentenário da Fundação Rotariana de São Paulo*, publicada no ano de 1996 em homenagem à comemoração dos cinquenta anos da Fundação. A obra foi realizada a partir da

leitura de atas, das pesquisas em volumes que compõem as edições mensais da Vida Rotária, além de edições do boletim Servir, do Rotary Club de São Paulo.

Outros materiais sobre a questão produzidos por Eurico Ribeiro foram localizados e coletados no Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-Pr (CEDOC/G), lotados no Campus Santa Cruz da Universidade Estadual do Centro-Oeste, a partir deles se tornou possível verificar nuances de seu desempenho nos assuntos alusivos às questões referentes à Fundação de Rotarianos de São Paulo, sobretudo sua atuação no Lar Escola Rotary¹¹⁹. Da produção bibliográfica de Eurico Ribeiro, em *Pelas avenidas do Rotary* (1961), edição que reuniu várias palestras e conferências realizadas pelo rotariano, foi possível constatar outras informações sobre o Lar-Escola Rotary, tais como as que revelam que o espaço mais do que uma obra assistencial era também um espaço de sociabilidade dos rotarianos, “local de festas e banquetes”¹²⁰, onde se definiam negócios e se teciam as redes de contatos.

Kyélice Correia (1978), em homenagem póstuma intitulada *Eurico, que saudades*, comenta que Branco Ribeiro esteve presente nas maiores realizações do Rotary em São Paulo, por exemplo, quando foi criada a Fundação de Rotarianos de São Paulo, adquirido o Colégio Rio Branco e formado o Lar Escola Rotary (VIDA ROTÁRIA, 1978). Por sua vez, Paulo Reis de Magalhães, que ocupou vários cargos no Clube, chegando à sua presidência em 1950 escreveu que “a História do Lar Escola Rotary, do Colégio Rio Branco e da Fundação de Rotarianos de São Paulo é uma convergência feliz de nobres ideias, de grandes esforços” (BATISTA, 1996, p. 28), por parte de destacados rotarianos da capital paulista. Esses empreendimentos, desde a implantação, permanecem como realizações rotárias, a testemunhar o espírito de Rotary.

Cabe pontuar que a primeira assembleia da vida da Fundação Rotarianos de São Paulo, realizada no salão da Biblioteca do Sanatório São Lucas, à rua Pirapitingui, n. 114, no dia 2 de agosto, a partir das 21 horas, que contou com a presença de diversos rotarianos, dentre os quais Eurico Branco Ribeiro, Paula Assis, Armando de Arruda Pereira, Eduardo Vaz, Adalberto Neto, Pereira Gomes, Herbert

¹¹⁹ As contribuições de Eurico no âmbito da Fundação de Rotarianos de São Paulo foram inúmeras, contudo, as que tiveram maior repercussão foram: Colégio Rio Branco, Escola-Lar Rotary e Vida Rotária. Neste momento, nos atentaremos apenas para a relação entre Eurico, o Rotary e a Escola-Lar.

¹²⁰ Fórum Rotário – Trecho de exposição feita no Instituto Rotário de Um Dia, no Lar Escola Rotary em 4-2-1956. (RIBEIRO, 1961)

Pereira, Floriano Goda, Julio Cosi, foi ocasião para se debater sobre a assistência social em São Paulo, considerada complexa. De modo que era preciso traçar um plano capaz de abranger “dois pontos principais: educação e higiene.” (RIBEIRO, s/d, p.13).

Notadamente, a existência do Lar Escola Rotary a partir de 1947 está intimamente relacionada ao surgimento da Fundação Rotarianos de São Paulo. Para Batista (1996), a reunião que se pode chamar propriamente de histórica, não foi a que se realizou na residência de Armando de Arruda Pereira, mas a que ocorreu na noite de 3 de outubro de 1946, na moradia do rotariano Oscar Reynaldo Müller Caravellas, na Rua Afonso de Freitas, 52. Tinha o objetivo declarado de constituir a Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Aos três dias do mês de outubro de 1946, na residência do rotariano Oscar R. Muller Caravellas, à Rua Afonso de Freitas n. 52, reuniram-se em primeira sessão para a constituição da Fundação de Rotarianos de São Paulo. [...] finalidade da reunião, concretizar a ideia apresentada à ideia apresentada à 1ª assembleia de 6 de agosto último, do Rotary Club, pelo rotariano Marcos Gaparian, presidente da Comissão de Assistência a menores, de se organizar um asilo ou educandário para crianças desamparadas. (BATISTA, 1996, p. 33).

Nota-se que a gênese do Lar Escola Rotary, têm procedências históricas, sendo, portanto, uma realização do Rotary Club de São Paulo, que de certa forma buscava difundir as oportunidades de instrução aliadas aos preceitos da assistência social, o que de certa forma contribuiu para difundir as oportunidades de escolarização para a população carente e desamparada, sobretudo no contexto republicano, momento em que a educação passa a ser entendida como prática social (MARÇAL, 2012).

É preciso ponderar que o Rotary Club por meio da avenida Serviços à comunidade, buscava prover recursos de tornar melhor a comunidade. Segundo Eurico Ribeiro, em palestra proferida no Rotary Club da cidade de Ipiranga, no Estado de São Paulo, em 8 de junho de 1959¹²¹, cumpria aos rotarianos, “investigar as deficiências acaso existentes onde vivemos e procurar estudar as medidas aconselháveis para sanar as falhas verificadas, apontando-as a quem de direito cabe provê-las ou, por conta própria, em ação individual ou coletiva, tomando as

¹²¹ O texto intitulado *Serviços à comunidade*, publicado em 8 de junho de 1959 em *Pelas Avenidas do Rotary*, apresenta as atividades desenvolvidas por Eurico em cada uma das avenidas do club (RIBEIRO, 1961).

providências ao nosso alcance. A função que o Rotary se propõe em Serviço à Comunidade é, pois, fundamentalmente inquiritiva e orientadora. Inquiritiva, “porque lhe cabe indagar os pontos fracos e as lacunas existentes” e orientadora

[...] porque desses estudos surge o balanceamento das medidas adequadas para cada caso, com apreciação das possibilidades de serem enfrentados os problemas equacionados, seja pelas autoridades administrativas, seja pelos poderes legislativos, seja pelas instituições particulares, seja enfim pelo próprio Rotary Club. (RIBEIRO, 1959, p. 3).

A institucionalização da Fundação de Rotarianos era considerada importante para a realização das atividades do Rotary Club de São Paulo. Essa necessidade tornou-se latente, conforme destaca Eurico Ribeiro que à época era presidente da Subcomissão de Assistência Social,

[...] com a doação feita por Niso Vianna de um terreno na estrada de Cotia para a instalação de Lar-Escola Rotary e com a doação de José Ermínio de Moraes do Colégio Rio Branco, a Fundação de Rotarianos de São Paulo foi constituída em outros moldes, com a contribuição financeira de numerosos rotarianos de nossa cidade. (RIBEIRO, s/d, p. 4).

A instalação do Lar Escola Rotary, por parte da instituição privada filantrópica Rotary Club de São Paulo, só foi possível mediante à doação feita por Niso Vianna de um terreno na estrada de Cotia para a construção de estrutura onde passou a funcionar a referida escola. Isso foi possível somente a partir da regulamentação dos *Estatutos da Fundação “Edifício Rotary”*¹²², com destaque para o seu art. 2º - Título II *Do Patrimônio*, onde lê-se que ele

[...] é constituído pela dotação especial de bens livres que lhe foi feita pelo instituidor, bem como pelos auxílios, doações e legados que lhe adviessem de terceiros, rendas e lucros que lhes provierem das suas atividades e dos materiais, utensílios, bem móveis e imóveis e outros que, por qualquer título, venha a ser por ela adquiridos. (RIBEIRO, s/d, p.2).

A incipiente escola, fruto do sonho de Niso Vianna e do irmão, Genuíno, objetivava amparar crianças pobres dos bairros da capital paulista, e fora inspirada pela mãe de ambos. De acordo com Setton (2004), a atividade assistencial rotariana, sendo ela filantrópica ou de prestação de serviço, reflete certo comprometimento daqueles que a exercem. A benemerência expressa uma relação entre agentes

¹²² Nesse período, Eurico Ribeiro ocupava a função de presidente da Subcomissão Pró-Edifício Rotary (VIDA ROTÁRIA, 1978, p. 28).

sociais distintos. Serve como uma estratégia de autopromoção do grupo rotário porque reforça valores, permite que seus integrantes vejam e sejam vistos pela sociedade como agentes com sucesso.

O assistencialismo pode significar abnegação e preocupação com a coletividade, qualidades que legitimam seus praticantes como moralmente superiores em relação aos carentes. Por isso, é preciso entender o fato de que a benemerência é constituída por três elementos da filantropia, quais sejam, seu caráter integrador, o reconhecimento da pobreza com o desconhecimento de suas causas e sua qualidade de instrumento de aquisição de prestígio social (SETTON, 2004).

Neste sentido, é possível recuperar a interpretação de Setton (2004) para quem a filantropia nos grupos rotários, tem a qualidade de servir como instrumento de aquisição de prestígio social. É nele também que os rotarianos se identificam como benfeitores, mensageiros da paz e da harmonia social. Sentem-se guardiães de um pacto moralmente estabelecido, de modo que o Rotary se amolda aos projetos da elite paulista. São os representantes de um projeto político e cultural e ocupam um espaço estratégico para a sua implantação. Ao dedicarem-se aos mais necessitados, acreditam estar velando pela harmonia das relações sociais, “praticando o espírito comunitário e exercitando a responsabilidade civil, além de alimentar o sentimento de distinção social.” (SETTON, 2004, p. 146). Fatos que seriam exemplificados, por exemplo, no distanciamento entre as orientações para o Colégio Rio Branco e o Lar-Escola Rotary, postura que pode evidenciar o viés da modernização conservadora proposta pelo clube.

Diferente do Colégio Rio Branco, que era considerado uma das escolas mais modernas do país, por seus horizontes educacionais e avançada tecnologia de ensino, as orientações para o Lar-Escola, passara a ter natureza mais assistencial. Atendendo, então, a mais de 150 crianças e seus pais, com consultas médicas e dentárias, orientação social e hábitos de higiene, seu público crescia a cada dia, justificando a urgência desse tipo intervenção social (BATISTA, 1996). O Lar Escola Rotary foi criado dois anos após o surgimento do Colégio Rio Branco. Por isso, também é interessante pontuar, a participação de Eurico Ribeiro, nas duas obras desenvolvidas pelo Rotary no âmbito da educação, porque ela demonstra o protagonismo dos médicos e dos rotarianos na condução das orientações e políticas referentes a essa área naquele contexto nacional.

O fato das propostas educativas do Rotary Club serem distintas, deixa evidente a opção da estratégia de gestão da sociedade proposta pelo clube (EWALD, 1986; DURKHEIM, 1947). De modo que a mesma instituição defendia propostas e princípios educativos para os alunos, de acordo com as suas origens sociais e culturais, além disso havia diferença de investimentos por parte da Fundação de Rotarianos nos projetos em questão¹²³.

Em janeiro de 1947, aconteceu a primeira alteração na Diretoria da Fundação, Paulo Reis de Magalhães, alegando impossibilidade de continuar colaborando com a Fundação, dadas as suas múltiplas atividades empresariais, solicitou afastamento da função. Para substituí-lo, na Diretoria foi convidado Eurico Branco Ribeiro, membro do Conselho Deliberativo, todavia, a substituição de Paulo no Conselho dependia da aprovação do Conselho Diretor do Rotary Club de São Paulo, que acabou escolhendo Francisco Palma Travassos, nome sugerido pela própria Fundação, com a qual vinha colaborando especialmente na construção dos edifícios do Lar Escola Rotary. Sobre os pormenores do início das atividades escolares do Lar Escola, agora em caráter oficial, alguns detalhes foram publicados no boletim *Servir*, do Rotary Club de São Paulo, que também tratou de divulgar “a festiva e muito concorrida” cerimônia de sua inauguração, aos 16 de março de 1947. (BATISTA, 1996, p. 43).

Sobre a festividade de inauguração, informa com entusiasmo o boletim lá haverem comparecido cerca de quatrocentas pessoas ligadas ao Rotary e a diversas autoridades nacionais e locais, como o Dr. Victor Octavio Severo, representando o Ministro da Educação, o professor J. Strangulo, do Departamento de Educação do Estado, e o Dr. Gomes Cardim. Todos usavam palavras para enaltecer a obra que ali se instalava – a Escola Mista Rural, já com cento e vinte alunos matriculados (BATISTA, 1996). De fato, ao longo do tempo, o Lar Escola tornou-se a grande obra assistencial da instituição (BATISTA, 1996).

O Lar Escola Rotary, fundado em 1946, fora doado à Fundação de Rotariano de São Paulo, em abril de 1947, e uma das primeiras providências foi realizar um convênio com o Estado. A Fundação contribuiria com as instalações e as despesas

¹²³ Enquanto ao Lar-Escola Rotary foram destinados 200 mil cruzeiros, ao Colégio Rio Branco foram destinados 700 mil cruzeiros. Essa assimetria na distribuição de recursos pode se configurar como um indicativo de que havia uma hierarquia de redistribuição de valores, de modo que o Colégio Rio Branco recebia mais investimentos quando comparado ao Lar-Escola Rotary (BATISTA, 1996). Possivelmente a diferença dos valores interferia nas propostas para cada realidade que a escola buscava atender.

de manutenção dos alunos e o Estado cedia os professores. Os funcionários administrativos, contudo, eram assalariados da Fundação. Uma das finalidades da escola era a de ajustar seus jovens estudantes à vida rural, naquele período, os bairros se caracterizavam por serem uma zona essencialmente agrícola, de modo que a “atividade agrícola se tornou uma das matérias mais importantes da cruzada educacional do Lar Escola, onde se cultivava hortaliças e se criavam pequenos animais domésticos.” (BATISTA, 1996, p. 115).

Sobre o cotidiano no Escola Lar, de acordo com o relato da professora Josefina Kullman, diretora da escola em 1950,

[...] os alunos chegam à escola as 8 horas da manhã e aqui ficam até as 15 horas [...]. Nesse meio tempo recebem aulas teóricas e trabalham na lavoura, interessante é observar que, graças a isso [...] eles começam a aprender a comer verduras e frutas, o que, habitualmente, não estão acostumados. Contudo, para que os bons hábitos sejam adquiridos, damos a cada criança um pequeno terreno [...] onde eles fazem suas plantações. Um terço da produção leva para casa, o outro destina-se ao consumo interno. O restante eles vendem pelas circunvizinhanças, ganhando um dinheirinho, que muito estimula. (BATISTA, 1996, p.115).

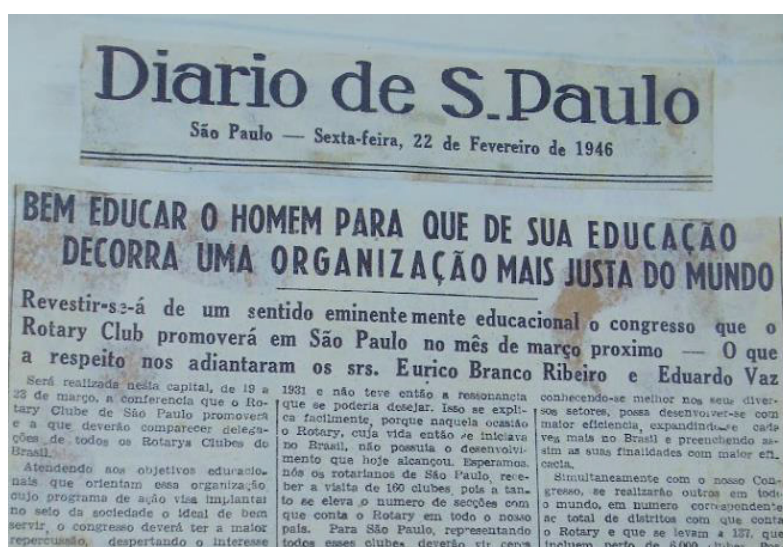
Segundo Niso Vianna, a Fundação projetou a instalação de um Lar Escola, para abrigar e educar crianças menos afortunadas, minando-lhes, ainda, além do amor à terra, a confiança no quanto ela pode nos dar. Cultivar a terra significaria “um meio de desviar a mocidade do caminho tortuoso, fazendo-a trilhar a boa estrada, a estrada para o bem.” (BATISTA, 1996, p. 51). Disto, é possível observar que o funcionamento do Lar-Escola demonstra que também os dispositivos pedagógicos das instituições expressam o funcionamento disciplinar da sociedade moderna. Para Foucault (1977), os sujeitos modernos estão submersos em uma realidade social em que a ordem é seguir regras estabelecidas exteriormente, de modo que o poder de uma autoridade disseminada e fragmentada em vários organismos sociais é responsável pela criação de um tipo humano dócil, cordial e obediente, assim o poder dos dispositivos disciplinares funcionam para adestrar o comportamento individual, treiná-lo para condutas exemplares. No Lar Escola, as atividades eram desenvolvidas de modo a garantir a grande obra assistencial da entidade, o que demonstra que os projetos de educação propostos pelo Rotary Club eram distintos, muito embora fossem idealizados pelo mesmo grupo social.

Percebe-se que naquele contexto a filantropia passou a priorizar a criança pobre, transformando-a em foco de interesse de políticas sociais específicas

inicialmente de alfabetização, aprendizado de ofícios para trabalhos domésticos e posteriormente para a educação formal e pública. O cerne deste tipo de feito era que as crianças e jovens se tornassem bons trabalhadores e evitassem comportamentos desviantes e/ou perigosos para a sociedade (SILVA, 2021). Associando a pobreza ao crime, foi possível ampliar o debate em torno da importância da educação e consequentemente da escolarização da infância e juventude pobres. Para Caponi (2000), as ações de assistência não visam efetivamente mudar a realidade ou eliminar a pobreza, mas sim oferecer auxílio. Todavia, essa lógica possibilitava a manutenção da desigualdade e justificava os mecanismos de controle social (CAPONI, 2000).

Naquela época os rotarianos se mostravam preocupados com os problemas educacionais, isso pode ser verificado nas notícias que circulavam pela imprensa sobre as atividades do clube. Exemplo disso foi a publicação da matéria no Diário de São Paulo, do dia 22 de fevereiro de 1946, intitulada *Bem Educar o Homem para que sua Educação Decorra uma Organização mais Justa do Mundo*. A reportagem indicava o sentido do congresso a ser realizado pelo Rotary Club de São Paulo no mês de março daquele ano “eminentemente educacional”. Corroborando para tais inclinações, nessa mesma reportagem, Eduardo Vaz, governador do distrito do Brasil, ressaltou o aspecto educacional do Congresso, na ocasião afirmou que era importante dar orientações ao indivíduo para torná-lo útil à sociedade. “

FIGURA 9 – MATÉRIA SOBRE A CONFERÊNCIA QUE O ROTARY CLUB DE SÃO PAULO PROMOVERIA ENTRE 19 E 23 DE MARÇO DE 1946

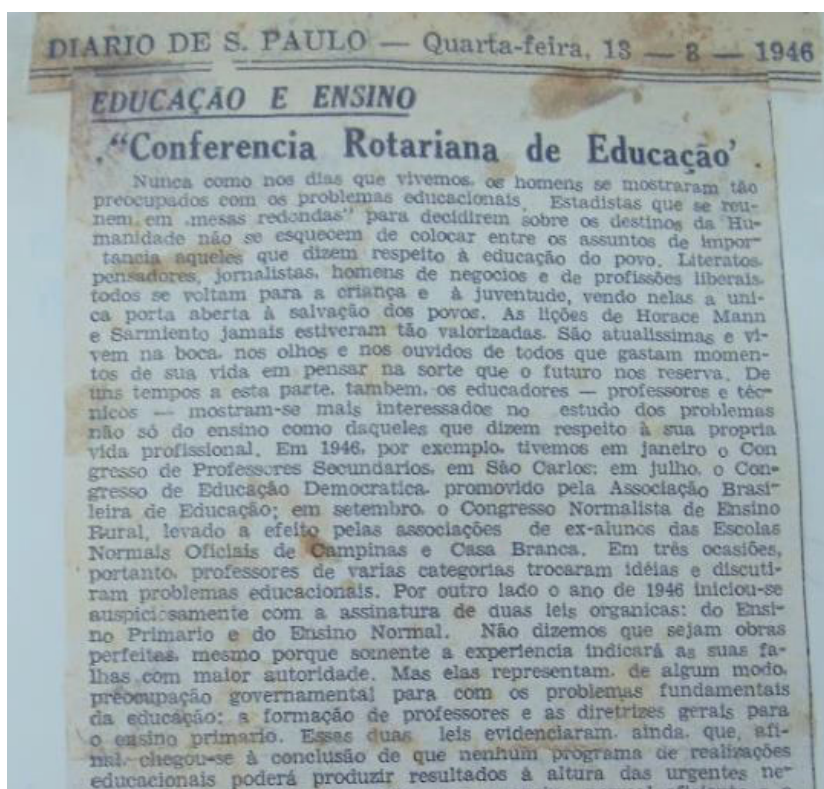


FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro - PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Matéria publicada no Diário de São Paulo, sexta-feira, 22 de fevereiro de 1946.

Percebe-se que os debates sobre a educação eram latentes no período, o assunto foi tema de matéria publicada pelo periódico Diário de São Paulo no dia 13 de março de 1946, onde podia-se ler a notícia sobre a *Conferência Rotariana de Educação*. Segundo informava a reportagem, na atividade deveria ter espaço e ser debatidos pelos estadistas aqueles assuntos que “dizem respeito à educação do povo”. O pedido era para que literatos, pensadores, jornalistas, homens de negócios e de profissões liberais, voltassem suas reflexões para a criança e a juventude, vendo nelas “a única porta aberta para a salvação dos povos.” A educação seria o tema principal da XVII Conferência dos Rotary Clubs do Brasil, realizada na cidade de São Paulo entre 19 e 23 de março, confirmando, portanto, o destaque da questão no cenário nacional.

FIGURA 10 – CONFERÊNCIA ROTARIANA DE EDUCAÇÃO



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro - PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Diário de São Paulo. Sexta-feira, 22 de fevereiro de 1946.

O surgimento do Lar Escola Rotary estava inserido no contexto de consolidação do debate educacional na agenda do estado e das demais instituições que organizavam a sociedade naquele período. Ainda sobre o Lar Escola Rotary, pensá-lo retrospectivamente, é perceber que desde 1946, a despeito de todas as

dificuldades ele cumpriria a obra filantrópica que se destinava. Qual seja, dar instrução primária aos estudantes carentes, ajudando-os, de princípio, a bem adaptar-se ao meio rural de onde provinham. Suas generosas realizações aconteciam em prol da infância e da juventude desassistidas. “O Lar Escola estava preparado para receber seus alunos mais avançados em idade, e atendê-los com assistência médica, odontológica, psicológica.” (BATISTA, 1996, p. 120).

Após o pioneiro Rotary Club de São Paulo, de 1924. Em 1951 apareceram outros Rotary Clubs na cidade paulista, engajados em colaborar com a Fundação, em especial com o Lar Escola¹²⁴. Dentre eles é possível destacar a participação dos rotarianos dos Rotary de São Paulo, Leste, Sul, Santo Amaro, Norte, Pinheiros e Oeste, na própria diretoria da fundação, desdobrando-se em esforço para auxiliar a obra extraordinária em que se empenhava (BATISTA, 1996). A partir dessa ajuda, somada a de outros clubes que foram surgindo, tomou impulso o Lar Escola. Somente em 1959, Niso Vianna e Genuíno, deram por terminada a sua colaboração direta no Lar Escola, dele afastaram-se ambos para realizarem outras atividades.

A partir de 1965, um grupo de freiras passou a se responsabilizar pela direção imediata do Lar Escola. Lá permaneceram por vários anos, atendendo as necessidades mais urgentes. Como resultante imediato do novo enfoque dos objetivos do Lar Escola – a partir da década de 1980, alguns cursos antigos foram desativados, criando-se outros de perfil profissional, como de Datilografia, Desenho Técnico, Reparador de Eletrodomésticos, Instalações Elétricas, Office-boy, Recepcionista e Serigrafia. A esses cursos profissionalizantes, com predominância de conhecimentos técnicos e habilidades específicas, acrescentou-se a preocupação educativa, orientação médica sobre doenças sexuais transmissíveis, e diversos ensinamentos complementares, como educação moral e cívica, Língua Portuguesa e Matemática (BATISTA, 1996). A instituição crescera muito e recebera, com o tempo, profundas mudanças no que tange ao processo de escolarização, exigindo a presença diuturna de um profissional altamente credenciado. O que aconteceu a partir de 1987, quando um Diretor Pedagógico e um representante da Diretoria passaram a gerir a escola.

¹²⁴ Ressalta-se que, em meados da década de 50, o presidente Vargas proíbe todas as organizações internacionais existentes no Brasil, a única instituição preservada é o Rotary Club, o que demonstra a amplitude de seu poder no contexto da política nacional. (MARÇAL, 2012).

Ao longo dessa passagem, podemos verificar que o Rotary Club de São Paulo nutriu esforços para desenvolver projetos no âmbito da educação, principalmente num momento de carência de financiamento e de políticas públicas nessa esfera por parte do Estado. É preciso ressaltar que as realizações no âmbito da educação desenvolvidas pelo clube que contaram com a contribuição de Eurico Ribeiro apresentam relevos diferentes. Enquanto o Colégio Rio Branco era destinado a ser o celeiro de “figuras importantes e de acentuado destaque na vida política, literária, artística, esportiva, empresarial e econômica do Estado e do País” (BATISTA, 1996, p. 58), daqueles que seriam úteis para a condução da pátria. O Lar-Escola Rotary seria uma obra social e assistencial, de modo que as prioridades educativas e pedagógicas seriam outras, elas seguiriam os ideais de instrução rotarianos de higiene e moral, e de orientação profissional, confirmando que para os alunos do Lar-Escola era reservada uma educação que priorizava a dimensão sanitária e de assistência social, enquanto que para os alunos do Colégio Rio Branco, era destinada uma educação vinculada com os princípios da modernização urbana e com uma prática voltada para a formação dos futuros intelectuais e cientistas das elites que, por sua vez, conduziriam a nação.

Assim, é preciso enfatizar que mesmo defendendo um discurso de universalidade do ensino e da educação, realizando projetos que atendessem aos diferentes contextos sociais e culturais, a exemplo do Colégio Rio Branco e do Lar Escola Rotary, tais realizações eram idealizadas pelo mesmo grupo social garantindo a contingência de seus projetos de nação aos moldes da elite burguesa e sua execução nos diversos espaços educativos vistos como instrumentos de legitimação dessa nova ordem social.

Para Setton (2004), a fundamentação moral da prática assistencial desenvolvida pelos rotarianos parece regida pelo princípio da moral. De modo que as causas da pobreza e das desigualdades sociais são individuais; portanto, deve-se recorrer à educação para salvaguardar os princípios morais. Assim, os rotarianos explicam e compreendem os fenômenos sociais como categorias que pertencem à esfera individual, ou, mais propriamente à esfera moral e individual, em detrimento das categorias sócio estruturais e políticas. Os rotarianos passam a ser vistos como guardiães da ordem liberal, pois justificam o infortúnio das desigualdades. Paradoxalmente, os males sociais são vistos como veículos de bondade, nobreza de espírito e sinônimo de amor ao próximo. As desigualdades servem ao progresso da

sociedade como recompensa ou punição dos méritos e deméritos de cada um. As desigualdades não são vistas como injustiças sociais, mas como providenciais fontes de solidariedade (SETTON, 2004)

No Rotary Club a filantropia é uma atividade assistencial necessária. O ideal rotariano de servir tem o compromisso de ser edificante, ou seja, de levar aos necessitados uma proposta de vida. A ética profissional, a moral familiar, a pátria e a prestação de serviço ao próximo são objetos de atenção e preocupação da instituição rotariana. Fazem parte do *habitus* do rotariano, o comportamento disciplinar e a preocupação de servir ao próximo baseados no princípio da moral. Todavia, por não questionarem o modelo de desenvolvimento responsável pela estrutura desigual da sociedade, procuram soluções via solidariedade e benevolência dos ricos frente aos pobres.

Segundo as considerações de Sanglard e Lopes (2018), a assistência das populações pobres na virada do século XIX para o século XX, na América Latina, demarca a relação entre poderes públicos e sociedade civil. O sentido moralizador que o conceito de filantropia abrangia até aquele contexto, envolvia a realização de ações que buscavam prevenir os males, recuperar presos, dar assistência aos órfãos e aos loucos, a higiene pública, preocupações que estavam na agenda dos filantropos. Inspirados nos modelos europeus do fim do século XIX, notadamente franceses e britânicos, os filantropos brasileiros defendiam a coexistência entre a assistência pública e privada, e a necessidade uma ação mais efetiva do Estado (VISCARDI, 2011).

Portanto, o século XX demarcará uma alteração no modelo de assistência, pautado pelas ações de instituições privadas. A filantropia estava, desse modo, sendo pensada como complementar à ação do Estado mínimo, que só atuava nos casos de grandes calamidades (FERREIRA; SANGLARD, 2014, 75). É o que se denomina relação público-privado que estaria em reorganização na virada do século XIX para o século XX. Também era preocupação latente nos questionamentos por parte da sociedade civil com relação aos limites de atuação de cada uma das esferas.

A busca por melhores condições para o bairro e para a cidade, será possível a partir de medidas oficiais adequadas será pelo “clube solicitada com insistência junto às repartições competentes [...]. Se as instituições de assistência, públicas ou privadas, estão precisando de recursos para cumprirem a finalidade social que lhes

competete, o próprio clube poderá dar-lhes o necessário suprimento.” (RIBEIRO, 1959, p. 3). Neste caso, caberia aos rotarianos trabalharem junto aos poderes públicos, diretamente aos interessados, às organizações sociais já existentes para suprir as deficiências da comunidade. Nesse novo desenho da assistência, conforme Robert Castel (2010) salienta, ao Estado caberia às ações mais gerais, de enquadramento, competindo à filantropia as mais pontuais e concretas. Este era o pensamento de médicos como Eurico Ribeiro, que defendiam a atuação da filantropia em determinadas circunstâncias. Era esse modelo de assistência que deveria ser considerado (RANGEL, 2013).

Todavia, a assistência social praticada pelos rotarianos é uma prática que legitima a distinção e consolida a relação entre desiguais. De um lado, o dar de si, o ideal de servir, é uma oportunidade existencial de fazer o bem, algo ligado à compaixão social e aos princípios éticos de ajudar o outro. Por outro lado, segundo a leitura da moral liberal, a assistência social é um caso de política social. Este último será um elemento determinante para o novo perfil da filantropia praticada em meados do século XX, ou seja, caracterizado por uma ação engendrada por meio da implementação de políticas sociais, pois a vida social necessita de instrumentos que viabilizem a sociabilidade de seus integrantes, a exemplo da construção de escolas pela Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Neste sentido, a partir dos textos coletados foi possível verificar os conteúdos que permitiram perceber várias facetas da trajetória da atuação de Eurico Ribeiro como rotariano que ajudou a construir as ações no Rotary Club de São Paulo e na Fundação de Rotarianos de São Paulo¹²⁵, obra filantrópica do Rotary que realizou ações na área da educação como Colégio Rio Branco e o Lar Escola Rotary, todavia não se limitou aos feitos no âmbito da educação, atuou também na revista Vida Rotária, outra obra da Fundação de Rotarianos de São Paulo, mote do debate do próximo tópico.

¹²⁵ Entende-se que a longo prazo a sua participação e contribuição em espaços como o Rotary e a Fundação, foram elementares para a sua aproximação com preceitos que dariam novos contornos a filantropia praticada no contexto brasileiro no âmbito da medicina, exemplo disso seria consubstanciado no Sanatório São Lucas, posteriormente transformado em Fundação Para o Progresso da Cirurgia, assunto a ser trabalhado no quinto capítulo.

5.1.2 A Revista Vida Rotária

Eurico Ribeiro dedicava especial interesse às questões sobre o Rotary. Seus livros traduzem o entusiasmo pela instituição fundada por Paul Harris e sua dedicação à causa rotária era visível mediante seu esforço em propagá-la, defendê-la e aperfeiçoá-la. Sobre o espaço que ocupava na revista Vida Rotária, entre 1949 e 1950 foi diretor do periódico. Nos anos subsequentes assumiria outras funções no corpo editorial do impresso, por exemplo, em 1953 e 1954 foi eleito representante do clube junto ao conselho deliberativo da revista Vida Rotária. Já entre 1955-1956 desempenhou a função de presidente da comissão de revistas rotárias.¹²⁶ (VIDA ROTÁRIA, 1978)

Eurico Ribeiro foi um dos fundadores da *Vida Rotária*, sendo o primeiro redator responsável pelo periódico, além disso foi, por muitos anos, sua responsabilidade direta a publicação da revista. A publicação do primeiro periódico aconteceu em julho/agosto de 1949, com o nome *Realidade Rotária*. O tema da criação da revista foi mote de debates internos, de modo que nem todos eram favoráveis à sua existência. Todavia, mesmo diante de contendas, o parecer da Comissão Especial, constituída por Armando de Arruda Pereira, Eurico Branco Ribeiro e Marcos Gasparin, foi favorável à publicação da revista. A mudança foi sentida no segundo número da revista, que veio a público como Vida Rotária, mantida até seu desaparecimento, em 1988. Vale ressaltar que inicialmente a Revista era editada pelo Rotary Club de São Paulo e depois sua edição ficou ao encargo da Fundação de Rotarianos de São Paulo (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Em novembro de 1952 o Rotary Club de São Paulo transferiu para a Fundação de Rotarianos a revista *Vida Rotária*, editada pelo Club desde 1949. As novas condições do movimento rotário, principalmente o aumento contínuo do número de clubes da capital, adicionava a necessidade da associação compartilhar sua obra com os demais rotarianos. Sobre o contexto de criação, de acordo com Batista (1996) ela foi concebida durante a Conferência Distrital em Poços de Caldas, na reunião de 3 de novembro de 1949.

¹²⁶ Também com assiduidade, Eurico deu colaboração à revista *Brasil Rotário*, editada no Rio de Janeiro, e difundida em todos os Rotary Clubs de nosso país. E em relação ao Boletim *Servir*, do Rotary Club de São Paulo, a presença de Eurico se fazia notar numa constância quase semanal. (VIDA ROTÁRIA, 1978).

A divulgação da ação rotária era assunto de permanente discussão no Rotary, de modo que a ideia de uma revista para divulgar os feitos da associação foi gerada durante aquele ano de 1949. No mês de abril, em uma das mesas do Palace Hotel, onde se hospedava o grupo do São Paulo, reuniram-se Álvaro Machado, Eurico Branco Ribeiro e José Ermínio de Moraes. A divulgação rotária foi assunto naquela reunião ocasional, discutindo-se uma forma de fazer circular o trabalho desenvolvido pelos rotarianos. O momento também foi oportunidade de pontuar a dimensão dos boletins dos clubes e da revista Rotary Brasileiro, editada no Rio de Janeiro, trazendo notícias das ações desenvolvidas pela associação no âmbito nacional. Naquele fim de tarde de 20 de abril de 1949 debatia-se que, se aprovada pelo corpo associativo do Rotary Club de São Paulo, a revista seria editada ainda naquele ano, na presidência de José Ermínio (BATISTA, 1996).

A Revista prestou serviço significativo ao Rotary e à Fundação de Rotarianos de São Paulo, divulgando as mais importantes atividades e se transformou em valioso repositório da história dessas instituições (BATISTA, 1996). Três dos seus primeiros dirigentes, Álvaro Machado, José Ermínio de Moraes e Eurico Branco Ribeiro, eram participantes da roda de café, no fim de expediente rotário de 20 de abril de 1949. Nota-se que esse mesmo grupo foi o responsável pelas ações da Fundação de Rotarianos de São Paulo em prol da recuperação do Colégio Rio Branco em fins dos anos de 1940.

Neste sentido, as páginas da “Realidade Rotária” deveriam servir “de agasalho a tudo que possa contribuir para solucionar o problema máximo do Brasil: a educação.” (BATISTA, 1996, p. 99). Anunciada a revista, e esclarecidos os seus objetivos, as despesas começaram a pesar no orçamento do Club, daí o desejo de transferi-la à Fundação de Rotarianos. A situação incômoda e precária da publicação persistiu até a década de 1960. À época, Sérgio Castro desdobrou-se para atender a publicação, nela contribuindo por trinta e cinco anos. Outros nomes colaboraram com tal feito, como Álvaro Machado, Armando de Arruda Pereira e Eurico Branco Ribeiro, todos intimamente ligados ao periódico. Para Nicolau Filizola, foi por meio da revista *Vida Rotária* que o Rotary “fortificou-se, lançando raízes profundas no espírito de seus leitores.” (BATISTA, 1996, p. 100). Por tal, não resta dúvida de que as edições mensais do periódico foram um marco importante na vida da Fundação de Rotariano de São Paulo.

Sobre o teor das publicações, foi possível localizar no livro *Pelas Avenidas do Rotary*¹²⁷ três contribuições de Eurico Ribeiro, naquele que era o maior veículo de divulgação e informação da associação paulista. Na Revista *Vida Rotária*, publicou, na edição de maio de 1957, artigo intitulado *A escolha de um diretor internacional*. Nele, Eurico Ribeiro fazia menção à campanha que o Rotary Club de São Paulo estava fazendo com o objetivo de colocar o Brasil na cúpula do Rotary Internacional. A campanha visava favorecer os países latino-americanos a conseguirem maior visibilidade na alta administração da associação, de modo que Armando de Arruda Pereira¹²⁸ surgia como nome a preencher o cargo na direção do Rotary Internacional (RIBEIRO, 1961).

Outro texto publicado por Eurico Ribeiro na *Revista Rotária* trata-se de *O médico no plano internacional*. Neste artigo, Eurico Ribeiro expõe as vantagens da classe médica no plano internacional no âmbito da associação rotariana. Segundo ele, as atividades internacionais promovem a oportunidade de se conhecer métodos de trabalho por meio dos intercâmbios que a associação realiza, capazes de aperfeiçoar e estimular o desejo de ser útil ao próximo, dando visibilidade ao próprio negócio ou profissão.

No ambiente internacional, há possibilidade de ampliar a rede de contatos profissionais e firmar relação com outras instituições, a exemplo das sociedades médicas, que notadamente “são um ambiente de grandes possibilidades para a projeção do profissional além das fronteiras do seu país.” (RIBEIRO, 1961, p. 162). Dentre as associações de caráter internacional mencionadas por Eurico Ribeiro – que facilitaram o encontro e dilatação do círculo e das relações profissionais, por meio de intercâmbio epistolar – é possível citar a Associação Médica Mundial, a Sociedade Europeia de Gastroenterologia e da Sociedade Interamericana de Gastroenterologia, o Colégio Internacional de Cirurgiões, e a Sociedade Internacional de Cirurgia (RIBEIRO, 1961).

A ocasião da publicação do artigo em questão foi também oportunidade de compartilhar a informação sobre sua participação na primeira comissão internacional

¹²⁷ Sobre a referida obra, conta com apreciações e exposição das atividades realizadas pelo rotariano durante diversos períodos de sua atuação no Rotary Club de São Paulo. As atividades descritas e que por ele foram realizadas na associação são diversas, tais como palestras, exposição em Fóruns Rotários, comentários em Conferências Distritais, apreciações feitas em atividades do Rotary, Dissertações realizadas em Conferências, textos publicados na *Revista Rotária* e *Brasil Rotário*, e relatórios apresentados ao Rotary Club de São Paulo.

¹²⁸ Foi o primeiro brasileiro eleito presidente do Rotary Internacional. O feito aconteceu na Convenção que se realizou em Havana, Cuba, em junho de 1940 (RIBEIRO, 1961).

nomeada para selecionar candidatos a uma bolsa de estudo. Esta atividade fazia parte do plano da Fundação Rotária, que busca fomentar projetos eficientes que favorecessem a compreensão e amizade entre povos das diferentes nações. Neste caso, a atenção do Rotary Internacional, centrava-se para a difusão de bolsas de estudos avançados, a fim de propiciar uma oportunidade aos estudantes com o propósito de fazê-los melhor compreender “a maneira de viver e pensar de outros povos, visando a compreensão, cooperação e paz entre as nações.” (RIBEIRO, 1961, p. 238)

Outro texto escrito por Eurico Ribeiro para a *Revista Rotária* trata-se de *A sua Cidade tem um Museu?* Neste artigo, a intenção foi divulgar a necessidade de se restaurar, cuidar e destacar nas cidades onde tenham Rotary Club o acervo nacional, por meio da edificação de museus. Segundo Branco Ribeiro,

O Museu Municipal é um centro cultural onde se devem conservar não só a documentação da história de uma localidade como também, em diferentes épocas, as características dos costumes de seus habitantes [...] as vitórias, conquistas e inovações [...] na literatura, artes, música, na vida cívica, na política, nos esportes, jornalismo etc. (RIBEIRO, 1961, p. 112).

Para Di Gianni (2008), os Rotary Clubs muito auxiliaram no desenvolvimento da cultura nacional, cumprindo lembrar a contribuição do eminente rotariano, conceituado clínico em São Paulo, Eurico Branco Ribeiro. A campanha de incentivo à organização de Museus Municipais teve início em 1945. Dado o alcance da campanha, seus resultados foram apresentados à II Conferência Ibero-Americana, reunida em São Paulo em abril de 1954. Além disso, uma proposta foi feita no sentido de lembrar os rotarianos da conveniência de promoverem a criação de museus municipais (RIBEIRO, 1961).

A ampla participação de Eurico Ribeiro nas atividades do Rotary Club de São Paulo demonstra como esse espaço de socialização possibilitou a ele ser reconhecido justamente por ter atuado em diferentes áreas da associação rotariana. Seu trabalho rotariano, como procuramos demonstrar, não se limitava ao exercício da medicina, envolvia também atuações no âmbito da Fundação de Rotarianos, principalmente em atividades educacionais e na produção do impresso periódico da associação. De acordo com Machado (1978), a dedicação de Eurico às coisas do Rotary era integral. Lembra o rotariano que, em determinada época, foi o paranaense radicado em São Paulo, o mais popular dos rotarianos brasileiros. Proferiu centenas de palestras e produziu milhares de artigos em clubes de muitos estados e revistas

rotárias, inclusive estrangeiras como *The Rotarian* e *Revista Rotária*, sendo estas duas publicações oficiais do Rotary Internacional (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Sobre o Rotary Club fica evidente que Eurico Ribeiro não atuou apenas colaborando por meio de sua profissão ou produzindo estudos médicos. O rotariano também cooperou para o cumprimento dos objetivos do Rotary atuando na Fundação em áreas tais como a educativa e a que se relaciona aos impressos periódicos do Rotary, sobretudo na revista *Vida Rotária*, por meio da qual era possível dar visibilidade às questões institucionais da associação rotariana.

5.2 EURICO BRANCO RIBEIRO E A ADMINISTRAÇÃO DO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO

Desde que foi convidado a fazer parte do Rotary Club de São Paulo no ano de 1935, na categoria Medicina-cirurgia, Eurico Branco Ribeiro realizou várias atividades e exerceu múltiplas funções por meio das quais buscou ampliar seu convívio profissional e social em território paulista. Além das atividades relacionadas à Fundação de Rotarianos, como evidenciamos anteriormente, seus feitos na instituição também se desdobram para outros ambientes do clube como a esfera administrativa, onde ocupou vários cargos, colaborou para a reformulação de diretrizes e realizou outras atividades, o que lhe garantiu assumir papel de destaque em relação à unidade social a qual pertencia, chegando a ocupar a sua presidência.

Perceber os aspectos relacionados à contribuição do rotariano no âmbito de sua atuação na gestão do clube paulista foi possível a partir da análise de materiais, os quais permitiram compreender seu desempenho nos assuntos alusivos às questões administrativas da instituição, as sociabilidades tecidas e as principais atividades desenvolvidas nesse processo que corroboraram ao seu reconhecimento social e institucional naquela localidade, bem como no âmbito nacional e internacional.

Para Anthony Giddens (1991), os elementos constitutivos da sociabilidade moderna implicam no reconhecimento das especificidades das relações sociais da contemporaneidade, momento em que o local e o global tornaram-se entrelaçados. Neste caso, os novos contextos sociais fornecem meios de gerar diferentes formas de vida associativa, o que permite considerar que “as instituições como o Rotary Internacional impõem um outro sentido nas relações pessoais e nos grupos.”

(SETTON, 2004, p. 35). A amizade e a confiança em pessoas não derivam mais, obrigatoriamente, dos contextos comunitários, familiares ou locais, isto é, onde ela não acontece espontaneamente, tem que ser conquistada por meio da formação de grupos sociais.

Pierre Bourdieu ajudou a superar as falsas dicotomias tão presentes no pensamento contemporâneo entre indivíduo e sociedade. Sua intenção de observar a conformação do sistema cultural aconteceu pela necessidade de estabelecer uma correlação entre as estruturas culturais e as estruturas sociais. Por isso sua concepção teórica procura conceitualizar a relação entre os sistemas simbólicos e a ação social, ou seja, as condições sociais de produção, circulação e recepção de ideias, representações, classificações e conhecimentos. Para ele, os sistemas simbólicos têm existência prática, isto é, são formas sociais a partir e por meio das quais os atores interpretam o mundo. De modo que, eles não são autônomos em relação aos regimes de práticas sociais (BOURDIEU, 1989).

Em exposição feita aos formalistas¹²⁹ e radialistas em novembro de 1951, quando era presidente da Comissão de Publicidade e membro da Comissão de Revisão e Atualização dos Estatutos intitulada de Singularidades de um Rotary Club (1951), Eurico Branco Ribeiro enfatizava que “um Rotary Club se distingue da generalidade dos núcleos associativos pela singular constituição de seu corpo de sócios, pela sua maneira de trabalhar e pelas finalidades que o animam.” (RIBEIRO, 1951, p. 1). Sobre as singularidades do processo de ingresso,

[...] uma vez organizado o cadastro, o clube vai procurar entre os elementos mais destacados de cada atividade principalmente os que fazem parte das empresas ou organizações de maiores classificações [...]. Não é o indivíduo que se propõe para sócio, mas é o club que o vai procurar. (RIBEIRO, 1951, p. 1).

O ingresso nessas associações é, na maioria das vezes, obtido por votação, depois de uma investigação moral sobre a pessoa do candidato. Para Weber (1982), esse fenômeno é mais presente em segmentos médios da sociedade. Pertencer a alguma dessas organizações pode muitas vezes significar um ritual de passagem, um certificado de ascensão social. Ao decidir pela admissão de um cidadão, não admitem qualquer um: quem quiser ser plenamente aceito, deve conformar-se às convenções. Para Weber (1992), a ordem democrática, que em tese estabelece a

¹²⁹ Formalistas são aqueles adeptos de uma escola de pensamento em lei e jurisprudência a qual assume que a lei é um sistema de regras válido sem referenciar-se a normas externas.

igualdade de condições para todos, permitiria ainda, paradoxalmente, o sentimento de necessidade da distinção dos grupos no interior de uma sociedade igualitária. A organização social feita a partir de pequenos grupos, seletos e distintos, é para ele, uma marca social que sela e garante a distinção e o privilégio de poucos (WEBER, 1992).

A teoria fundamentada por Max Weber, aborda as relações tecidas entre sociedade, indivíduo e produção de comportamento e defende que os costumes são criados no interior de cada indivíduo e que este só ganha sentido quando é exteriorizado e é percebido. Porém, para Norbert Elias, na contemporaneidade essa dicotomia sociedade e indivíduo já não é mais aceitável, por isso propõe que o indivíduo crie a estrutura social e, ao mesmo tempo, o todo dessa estrutura acaba tendo um papel importante na definição dos comportamentos coletivos e individuais. Neste caso, o indivíduo elabora estratégias para alcançar objetivos socialmente validados pelas estruturas sociais construídas historicamente.

Por sua vez, Pierre Bourdieu, a sociedade é palco de uma batalha das forças dos sentidos e a realidade social é um projeto disputado por grupos sociais que buscam validar suas culturas políticas a partir da validação simbólica de suas práticas. Pertencer ao mesmo segmento social reforça ainda mais o *habitus*, sobretudo, entre indivíduos portadores de capital semelhante, sendo estratégica para manutenção de posições sociais. No caso específico de Eurico Ribeiro, sua aproximação com o Rotary Club pode estar associada a necessidade de tecer relações que multiplicasse o potencial adquirido por herança familiar ou escolar e ampliar o volume do capital social e simbólico.

De acordo com Bourdieu, o capital social se configura como um capital relacional, como “o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento.” (BOURDIEU, 1980, p. 2). Assim, o capital social representa o conjunto de contatos, relações, amizades que permite ao agente social maior densidade social e poder de ação em função de suas conexões com outros agentes que detêm um volume de capitais semelhante ao seu no âmbito de uma rede durável de relações. Em suas reflexões Pierre Bourdieu também enfatiza que toda espécie de capital – econômico, cultural e social – tende a funcionar, em diferentes graus, como capital simbólico. Dito de outra forma, o capital simbólico não é uma espécie particular de capital, mas aquilo em que se transforma toda espécie

de capital quando ele é desconhecido enquanto capital, isto é, enquanto força, poder [...] – logo reconhecido como legítimo.” (BOURDIEU, 1997, p. 285). Logo, na perspectiva de Bourdieu, as redes são construídas através de estratégias de investimentos nas relações sociais, não se constituindo, portanto, como algo natural (PORTUGAL, 2007).

Seguramente as relações de amizade e profissional¹³⁰ estabelecida com Benedicto Montenegro, catedrático da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Estado de São Paulo, e seu ex-professor de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental, foi fator especial para sua acolhida nos quadros de sócios do Rotary Club, pois foi escolhido justamente para substituir Benedicto Montenegro na categoria Medicina-cirurgia, a quem considerava como “mestre” e por quem fora reconhecido como sucessor no clube paulista. Sabe-se que Benedicto Montenegro, médico-cirurgião, era um dos representantes da vida econômica da cidade e das organizações civis de ação filantrópica e compôs o quadro de fundadores do Rotary Club de São Paulo, fato que aconteceu aos 13 de fevereiro de 1924.

O Brasil vivia período de grande mobilização política¹³¹ quando o Clube de São Paulo foi fundado, reunindo um grupo seletivo e diversificado, como se constata na lista de seus primeiros membros. Cabe dizer que Benedicto Montenegro também fez parte da primeira diretoria, que ficou definida em Reunião Festiva, no dia 29 daquele mesmo mês, no salão de festas do Hotel Terminus¹³².

O apoio nos estudos da sociologia das elites permite verificar, por meio da contextualização social dos indivíduos e laços tecidos, que a relação estabelecida entre Benedicto Montenegro e Eurico Ribeiro funcionou como via para sua escolha como sucessor de um dos fundadores do Rotary Club de São Paulo.

Além disso, essa união agregaria capital social gerando a probabilidade de nomeações para posições de poder e prestígio, também seria facilitador para a

¹³⁰ A relação profissional e os laços de amizade entre Eurico Ribeiro e Benedicto Montenegro também está associada ao interesse na área de especialidade de seu mestre, a gastroenterologia. A intensa participação de Eurico Ribeiro nos debates sobre o assunto pode ser percebida em sua atuação, quando era presidente da Academia de Medicina de São Paulo como secretário no Congresso de Gastroenterologia, evento presidido pelo Prof. Benedicto Montenegro e realizado em julho de 1954 em São Paulo. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1954).

¹³¹ A criação do clube coincidiu com a Revolução de 1924, quando foram feitas mais de 10 mil prisões, inclusive dos rotarianos Júlio de Mesquita e Macedo Soares, desestabilizando o clube nesse seu primeiro ano (PEREIRA, 2011).

¹³² Compunham a diretoria nomes como os de José Carlos de Macedo Soares, vice-presidente da Cia Paulista de Artefatos de Alumínio; Antonio Gaffré Ribeiro, secretário importador da Standard Oil Company; Irving Henry Gallion, tesoureiro da ACM; Herminio Gomes Moreira, da Escola Remington de Datilografia; Benedicto Montenegro, médico-cirurgião (PEREIRA, 2011).

formação de laços de amizade, o estabelecimento de alianças políticas e profissionais. Para Bourdieu e Monique de Saint-Martin citados por Kluger, a reprodução da relação de poder é reforçada por meio “dos casamentos, das amizades, da formação de clubes etc., do *entre soi* que assegura a coesão e circunscrição das elites.” (KLUGER, 2017, p. 84). As afinidades decorrentes da orquestração do *habitus* e da homogeneidade dos estilos de vida facilitariam os vínculos entre os indivíduos, aumentando a probabilidade dos indivíduos de estabelecer conexões efetivas, além de gerar aumento de capital social, prestígio e poder no campo.

Para Elias (1994), o *habitus* muda com o tempo porque a experiência de uma nação, ou de seus membros, está em processo contínuo de mutação, esta, por sua vez, relacionada com os grupos sociais. O *habitus* é um conjunto de disposições culturais que formam e explicam as condutas dos indivíduos e a estrutura de suas personalidades. Elias retoma o debate sobre sociabilidade na contemporaneidade, introduzindo uma nova leitura sobre os elementos constitutivos de uma identidade social moderna. Além disso, destaca o caráter multidimensional das interações sociais, e as configurações, ou redes de interdependência, nas quais são elaboradas as relações sociais de acordo com os níveis de integração e diferenciação.

Os rotarianos atribuem muita importância à qualificação profissional. É a partir da qualificação técnica e do domínio em um campo profissional que os indivíduos são convidados a participar do podem entrar em Rotary, ou seja, somente enquanto profissionais podem participar dos clubes como representantes de uma área da atividade econômica. Para Setton (2004), tal postura reflete não só o interesse de um inter-relacionamento mais confiável, como também uma valorização do saber como forma de poder. De fato, é através desse conhecimento que muitos deles ascenderam socialmente, como também através de um conhecimento técnico que conseguem “prestar serviços à comunidade” (SETTON, 2004, p. 87). Todavia, para além da prestação de serviço à comunidade e o cumprimento do ideal de servir era por meio da filantropia gratuita que era possível aos rotarianos angariar poder e prestígio social.

Eurico Ribeiro em palestra proferida em São Paulo, em 03 de janeiro de 1964, intitulada *O Rotary e a Conduta Profissional* (RIBEIRO, 1964), afirmava que o Rotary se diferencia das demais sociedades por selecionar os seus membros segundo as atividades profissionais que exercem, aceitando apenas um em cada

classificação, isto é, o seu propósito é reunir homens de atividades diferentes para que eles, imbuídos do ideal de servir, possam difundir suas associações de classe e os princípios que conduzem o indivíduo a ser útil em todas as suas relações com os seus semelhantes e especialmente nas suas relações com outros profissionais. O Rotary procura reunir um grupo de profissionais que estejam dispostos a difundir, os “preceitos legais e morais que devem nortear os homens na sua vida profissional, fazendo com que não se limitem à satisfação de obter lucros, mas que também procurem bem servir o próximo.” (RIBEIRO, 1964, p. 1-2).

No caso do Rotary Club, há uma ação comunal consentida com o caráter de fechamento de imitação compartilhada de um estilo de vida, provocando o desenvolvimento do *status*. Em sua forma característica a organização estamental tem por base estilos de vida, de modo que as distinções estamentais são asseguradas não apenas pelas convenções e leis, mas também pelos rituais. (WEBER, 1982) A honra estamental específica, sempre se baseia na distância e exclusividade, essas preferências consistem no privilégio que os monopólios materiais proporcionam para a exclusividade de um estamento.

O papel decisivo de um estilo de vida na honra do grupo significa que os estamentos são portadores específicos de todas as convenções. De qualquer modo que se manifeste, toda estilização da vida se origina nos estamentos ou pelo menos é conservada por eles.

A atuação de Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo, a partir de uma explicação sociológica, pode ser reveladora do comportamento sócio político das sociedades modernas e democráticas, sobretudo do movimento das elites paulistas que se organizaram em torno do Rotary Club de São Paulo provocando a formação um novo sujeito social. Isto é, o homem burguês e urbano que se constitui com a modernização do país durante as primeiras décadas do século XX, momento em que a formação da ordem burguesa buscava superar o padrão rural escravocrata de acumulação e de sociabilidade (FERNANDES, 2002; FRANCO, 1997). Por isso, é preciso considerar os motivos que concorrem para a formação do habitus em Eurico da prática rotariana, de modo que é necessário compreender o fenômeno social a partir de uma teia articulada de determinações de ordens social, política e econômica que interagem para seu surgimento.

Outro vínculo social estabelecido na capital paulista e que pode justificar a aproximação de Eurico Ribeiro com o Rotary Club de São Paulo foi o contato com

seu tio, o empresário paulista Paulo Ayres, casado com Dona Ana Brígida Ribeiro¹³³ (ROSA, 2021). Esse vínculo familiar certamente contribuiu para o envolvimento junto ao Rotary Club de São Paulo. Seu tio, Paulo Ayres, empresário da indústria farmacêutica e destaque da elite paulistana, foi membro desta e diretor de várias instituições filantrópicas. No que tange à dimensão associativa, em biografia publicada originalmente no jornal *O Pinhão*, órgão informativo do Instituto Pinheiros numa edição especial dedicada ao falecimento de Paulo Ayres em 1958¹³⁴, é possível constatar que ele aceitou o convite para ser sócio do Rotary Club de São Paulo em 1936, se constituindo como membro dedicadíssimo e proeminente.

Notadamente, os elementos da origem social e da formação social de Eurico Ribeiro foram importantes para sua atividade no Rotary Club de São Paulo. Porém, como a perspectiva interacionista acusa, não se deve recair no modelo bourdieusiano do *homo economicus* ao conceber o espaço social como resultante de linhas de forças que aproximam e afastam indivíduos¹³⁵. Para Howard Becker (2006), pessoas concretas e observáveis desenvolveriam suas ações como respostas aos movimentos efetivos daqueles com os quais interagem e à expectativa relativa ao que farão na sequência, não como respostas automáticas a forças misteriosas que as circundam. Assim, as sociabilidades forjadas por Eurico Ribeiro no interior do clube paulista com figuras proeminentes daquele contexto em que estava inserido foram imprescindíveis para a sua realização como rotariano e dizem de sua reação e adesão aos postulados do clube, onde ocupou lugar de destaque e preencheu vários cargos na administração, exercendo ações em múltiplas esferas durante sua trajetória no Rotary Club de São Paulo.

Estudos na área de sociologia das elites mostram que a multiposicionalidade é a capacidade de membros da elite de ocupar posições dirigentes em espaços com

¹³³ Como já dito em outro momento deste estudo, foi na casa de seus tios paternos que Eurico Ribeiro fixou residência em São Paulo, lá permanecendo por mais de 12 anos até finalizar o curso de medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em finais da década de 1920 (RIBEIRO, 1976).

¹³⁴ O artigo é intitulado *Quem foi Paulo Ayres, o homem que comandava o Instituto Pinheiros*, publicado em *O Taboanense*, em 9 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.otaboanemse.com.br/quem-foi-paulo-ayres-o-homem-que-comandava-o-instituto-pinheiros/>. Acesso em: fev. 2022.

¹³⁵ Nas últimas décadas, foram publicados trabalhos que sugerem caminhos para a compatibilização metodológica nos quais as redes que conectam indivíduos concretamente vinculados não são usadas como ferramenta voltada ao estudo de uma ordem social dinâmica, constantemente criada e recriada nas interações, como sugere o interacionismo, mas como um método capaz de iluminar os padrões de efetivação dos laços de estruturas sociais relacionais e desiguais, tal como as concebidas por Pierre Bourdieu. Wendy Bottero e Nick Crossley ressaltam que mesmo que os encontros efetivos entre sujeitos concretos ajudem a explicar as convergências de estilos e *habitus*, Bourdieu não os inclui teoricamente em seu modelo como elementos geradores da estrutura do campo (BOTTERO; CROSSLEY, 2011).

variadas lógicas de funcionamento e distinção. A elite dirigente cria vínculos de solidariedade e familiaridade que ajudam a manter sua coesão (BOLTANSKI, 1973). A caracterização social das clivagens encontradas nas redes é igualmente vantajosa à sociologia das elites, pois faz com que os “agentes retratados nas redes deixem de ser abstratos e intercambiáveis, demonstrando seus envolvimento em relações sociais como casamentos, alianças, amizades, apadrinhamentos, frequentemente investigadas nessa abordagem.” (KLUGER, 2017, p. 93).

Por isso, tal área elenca alguns objetos que poderiam ser estudados com auxílio da combinação metodológica, entre os quais as vias de nomeação para postos de direção, o efeito do capital social e da multiposicionalidade na estruturação de espaços sociais ou a detecção das propriedades sociais comuns a subgrupos de indivíduos efetivamente conectados. Em suma, é possível verificar que laços e redes são observados. Consequentemente, os indivíduos presentes nas redes deixam de ser amorfos e intercambiáveis, e o espaço social deixa de indicar apenas condições teóricas para aproximação de indivíduos, sem que se observe os padrões efetivos de vinculação entre eles. Por isso também é relevante considerar que a proximidade no espaço social engendra convergências de *habitus* que impactam nas relações e interações sociais (KLUGER, 2017). Como clubes de capital social e capital simbólico, o Rotary Club de São Paulo representa, sobretudo, produto de estratégias de investimento social dirigidas para a instituição e reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, onde empreendem um esforço de transformar relações contingentes em relações necessárias (BOURDIEU, 1990).

Para além da relação familiar, o envolvimento e atuação conjunta de Eurico Ribeiro e Paulo Ayres nas atividades do âmbito administrativo do Rotary Club de São Paulo, e por consequência nas causas rotárias, podem ser confirmadas no parecer que elaborou em 30 de novembro de 1953 quando foi relator de uma comissão da

qual também fez parte Armando de Arruda Pereira¹³⁶. A comissão foi nomeada para estudar os pontos de vista do Rotary Club de São Paulo em relação ao pedido contido na edição de outubro de 1953 da *Revista Rotária* e buscava fazer sugestões de melhoria para o Rotary (AYRES, 1953). Os apontamentos foram apresentados ao Rotary Internacional. As opiniões e sugestões incluíam “Dar maior importância as conferências distritais” e “eliminar o privilégio concedido a imprensa de possuir mais de um sócio em um Rotary Club, bem como eliminar a subcategoria de “sócio adicional”, evitando, assim, a pluralidade de sócios numa só classificação (AYRES, 1953, p. 1).

5.2.1 O rosto rotariano na imprensa de São Paulo

A maioria dos encontros promovidos oficialmente pela instituição é utilizada como instrumento de divulgação e consagração do ideal rotário. Nas Conferências Distritais, realizadas anualmente pelos rotarianos, a preocupação é alcançar todos os membros e suas regiões de domínio. O principal meio de divulgação dos eventos promovidos pelo Rotary Club de São Paulo para a sociedade paulistana acontecia, sobretudo, por meio da imprensa periódica. Isso pode ser observado na cobertura dos eventos e atividades realizadas pelo Rotary feita pela mídia.

Segundo Menéndez Lees (1946), delegado do Rotary Club Internacional, em discurso proferido na sessão de abertura da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, realizada em 1946, é por meio das conferências, as quais participam delegados de todas as regiões de um país ou de países de todos os continentes, que é possível ao Rotary prosseguir na “sua obra de unir os homens e os povos” e “trabalhar para a maior aproximação e estreitamento dos vínculos de amizade dos

¹³⁶ Armando de Arruda Pereira nasceu em São Paulo no dia 28 de setembro de 1889. Fez os estudos primários nas escolas Caetano de Campos e Americana, em São Paulo, e em Gênova, na Itália. Transferindo-se para os Estados Unidos, diplomou-se em 1910 em engenharia civil e industrial pela *New York University School of Applied Science*. Membro do conselho técnico de economia e finanças do Ministério da Fazenda de 1944 a 1950, foi vice-presidente da Cerâmica São Caetano e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Em 1951, foi nomeado prefeito de São Paulo sucedendo a Lineu Prestes (1950-1951). Deixou a prefeitura da capital em 1953, sendo substituído por Jânio Quadros (1953-1955). Ingressou no Rotary Club de São Paulo em 1931, do qual foi presidente em 1934-35, tendo sido governador do Distrito 72 (único no Brasil na ocasião) em 1935-36; vice-presidente do RI em 1937-38, eleito na Convenção de Nice, na França. Armando foi eleito Presidente do Rotary International em 1940-41, sendo o primeiro rotariano latino-americano a assumir o posto. Faleceu em São Paulo no dia 18 de março de 1955. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pereira-armando-de-arruda> e <https://abrol-rio.com.br/membro/armando-de-arruda-pereira/>. Acesso em: mar. 2022.

brasileiros, que mais uma vez se congregam fraternalmente com o único objetivo de – “servir”, serem uteis a seus semelhantes, e, assim, a todos os povos e nações do mundo.” O representante do Rotary Internacional também enfatizou a importância dos ideais rotários que visam o espírito do bem servir e trabalhar pela harmonização e compreensão entre os homens¹³⁷, sobretudo naquele contexto pós-guerra.

FIGURA 11– XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 de março de 1946.

Na mesma ocasião, Eduardo Vaz, presidente da XVII Conferência, discursou aos presentes, dentre as quais autoridades estaduais e locais, sobre “o ideal de servir, em torno do qual congregam os rotarianos de todo o mundo”. Também aproveitou a oportunidade para ressaltar que o Rotary “une para que o trabalho coletivo se efetive em uma atmosfera de compreensão, concórdia e de cooperação”¹³⁸, confirmando os princípios do espírito rotariano de priorizar a paz entre as nações.

¹³⁷ Instalados os trabalhos da 17ª Conferência Distrital dos Rotari Clubes. (FOLHA DA NOITE, 20 de março de 1946).

¹³⁸ Foi instalada solenemente, ontem, no Teatro Municipal, a XVII Conferência Rotari do Brasil – Participam do congresso representantes de 168 clubes do país – O Ideal de bem servir (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 20 de março de 1946).

FIGURA 12 – XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Ao lado dois dos oradores da concorrida solenidade, os srs. Abrão Ribeiro, prefeito da Capital, e Eurico Branco Ribeiro, presidente do Rotari Clube de S. Paulo. Folha da Noite. São Paulo, 20 de março de 1946.

Sobre os trabalhos apresentados durante a conferência, eles giraram “em torno do estudo dos meios ao nosso alcance para a boa formação do homem, como fundamento para a formação do mundo”. A tese do distrito 28, do qual Eurico Ribeiro era presidente, foi apresentada no dia 20 de março na 2ª sessão plenária, que aconteceu no Teatro Municipal, na ocasião o relator leu e debateu a tese “Bem formar o mundo, bem formando o homem. Aspecto social”. Nesses debates o principal tema era referente a instrução e educação de crianças, algo que despertou os debates por parte dos rotarianos representantes.

Além de outras questões, a participação e realização deste tipo de atividade se constitui em momento para ampliar o convívio social, e oportunidade para se cultivar as amizades e os assuntos de interesse mútuo entre os Rotary Clubs que poderiam ser debatidos.

FIGURA 13 – O IDEAL DE BEM SERVIR.



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Matéria publicada no Diário de São Paulo em 20 de março de 1946.

A atividade em destaque foi realizada durante o período em que Eurico Ribeiro foi presidente do Distrito 28, o que aconteceu entre os anos de 1945-1946 (VIDA ROTÁRIA, 1976). Naquele ano, o rotariano foi o responsável por organizar a XVII Conferência dos Rotary Clubs do Brasil, evento realizado entre os dias 19 e 23 de março de 1946. A atividade foi amplamente divulgada nos periódicos que circulavam na cidade de São Paulo, tendo cobertura especial de vários órgãos da imprensa paulista¹³⁹.

O *Diário da Noite*, periódico que circulava na cidade de São Paulo, noticiava no dia 18 de março de 1946 que mais de mil rotarianos eram esperados para o congresso. As informações prestadas pelo presidente do Rotary Club de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro ao *Diário*, enquanto aguardava na estação Roosevelt a chegada dos delegados que participariam da Conferência, denuncia suas expectativas: “Estamos satisfeitos, será mais uma animada festa de cordialidade e

¹³⁹ Alguns dos jornais que fizeram a cobertura da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil foram: *O Estado de São Paulo*, *Diário Popular*, *A Hora*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *Diário da Noite*, *A Gazeta*. Estas informações estão disponíveis na Pasta da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubes do Brasil, no CEDOC/UNICENTRO-PR.

confraternização de brasileiros [...]. Na conferência deverão tomar parte mais de mil rotarianos [...] acompanhados de suas famílias.” (DIÁRIO DA NOITE, 18 de março, 1946). Seguramente, a tomada de posse de dirigentes rotários se constituía em momento de fortalecer e divulgar a instituição, bem como estreitar os laços políticos e sociais.

FIGURA 14 – O SR. EURICO BRANCO RIBEIRO FALA AO DIÁRIO DA NOITE



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Ao lado, diretores do Rotary. Diário da Noite, São Paulo, 18 de março de 1946.

A ampla divulgação da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil nos periódicos da capital pode ser indício da proximidade dos membros rotarianos com os dirigentes da imprensa local em seus quadros sociais, o que de certa forma facilitava a circulação de notícias sobre o evento e garantia visibilidade aos feitos e à organização dos rotarianos no contexto da sociedade civil. *O Estado de São Paulo*¹⁴⁰, cujo proprietário era Júlio de Mesquita, que, por sua vez, fazia parte do quadro de sócios do Rotary Club de São Paulo (PEREIRA, 2011), foi outro jornal que fez circular

¹⁴⁰ *O Estado de S. Paulo*, conhecido como *Estadão*, foi fundado em 1875 por um grupo de republicanos. Em 1902, foi adquirido por Júlio de Mesquita, cuja família ainda é proprietária do jornal. As posições liberais do *Estadão* o levaram a muitos embates políticos com autoridades. No Estado Novo, veio a sofrer intervenção federal entre 1940-45. Na década de 60, o jornal incentivou a deposição de João Goulart e, nos primeiros anos da ditadura, manteve uma aproximação com os ideais militares. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/jornal-o-estado-de-sao-paulo/>. Acesso em mar. 2022.

as notícias referentes ao evento rotário, fazendo cobertura e divulgando informações dos acontecimentos durante todo o evento.

Exemplo disso foi a notícia no dia 19 de março de 1946, da chegada do representante do Rotary Internacional, o uruguaio Pedro Menendez Lees¹⁴¹, que “foi recebido no Aeroporto de Congonhas pelo governador do Distrito sr. Eduardo Vaz, do Rotary Club de São Paulo, pelo presidente do Rotary Club de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro e por numerosos rotarianos deste e dos demais Estados ora nesta cidade” e de outras delegações que chegavam a São Paulo para participarem do evento, como o governador do Distrito 29, Rui Cunha, vindo de Porto Alegre pelo avião Cruzeiro do Sul, e que viajou em companhia do rotariano Mario Martinez. Somaram-se a essas, outras delegações de outras regiões do país, de modo que quase todos os estados do Brasil e municípios paulistas enviaram delegados. Ao todo estiveram presentes representantes de 168 clubes rotários, o que diz da amplitude do evento secretariado por Eurico Ribeiro, quando foi presidente do Rotary Club de São Paulo.

A sessão solene, realizada a noite no dia 20 de março, no Teatro Municipal, inaugurou os trabalhos da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs. A ocasião contou com discursos pronunciados pelo prefeito Abrão Ribeiro, e pelos senhores Eduardo Vaz, Eurico Branco Ribeiro e Pedro Menendez Lees. A mesa da conferência distrital contou com figuras proeminentes do cenário político e social da capital paulista, tais como os senhores Cintra Gordinho, secretário da Fazenda, Abraão Ribeiro, prefeito municipal, Cassio Vidigal, secretário da viação, o chefe militar da interventoria, o comandante da força policial, o presidente do conselho administrativo do Estado, o comandante da II Região militar, o secretário de segurança pública, secretário da agricultura. Também Pedro Menendez, representante do Rotary Internacional, Armando Arruda, ex-presidente do Rotary, Eduardo Vaz, presidente da Conferência, governador do distrito 26, 27, 29, 41 43, e o secretário da Conferência, Eurico Branco Ribeiro, então presidente do Clube de São Paulo.

¹⁴¹ Menendez Lees foi presidente da Comissão de Extensão Rotária de Ibero América, região sul. Também foi presidente do Rotary Club de Montevideo e governador do distrito 31 no exercício de 1944-1945. Atuou como professor de agricultura Industrial da Universidade de Montevideo e diretor da sua estação experimental de Refrigeração. Membro de numerosas comissões oficiais relativas à indústria da alimentação à saúde pública, ocupou o cargo de vice-presidente da Associação Agrícola do Uruguai (In. DIÁRIO DA XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL, 20 de março de 1946, n. 2, p. 1-2).

Após agradecer a presença do interventor federal do Estado de São Paulo, bem como as demais autoridades civis e militares presentes e representadas, o conteúdo da fala de Eduardo Vaz, presidente do evento, foi no sentido de enfatizar o seu apoio a fim de que São Paulo fizesse desta Conferência a maior das já realizadas nos distritos do país. O rotariano também fez questão de enfatizar que em

São Paulo não encontramos dificuldades para organizar a nossa bandeira. Tivemos estímulos, apoio do dirigente da terra [...]. As chaves nos foram dadas pelo governador da cidade, o dr. Abrão Ribeiro. [...]. Em todos os setores governamentais o apoio e o prestígio foram unânimes. (DIÁRIO DA XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL, 20 de março de 1946, n. 2, p. 1-2).

Esse cenário colaborava para o sucesso da conferência. Em seu discurso, Eduardo Vaz também confirmou que outro componente fundamental para o êxito da XVII Conferência foi a participação da imprensa, “sem o qual o Rotary se acanha na soma das atividades dos seus componentes. A imprensa prepara o terreno e veicula as sementes. Estende a ação rotária. A imprensa de São Paulo cooperou e pode envaidecer-se com todo o direito se o êxito nos sorrir”. (DIÁRIO DA XVII CONFERÊNCIA DISTRITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL, 20 de março de 1946, n. 2, p. 1-2).

O destaque da atuação da imprensa pode ser sentido pela divulgação em outro jornal de notícias relacionadas ao cotidiano da XVII Conferência, trata-se do periódico *Diário Popular*¹⁴², que se ocupou de revelar aspectos sobre a sessão solene de instalação que aconteceu no dia 19 de março de 1946 no Teatro Municipal¹⁴³. Na manhã seguinte, tal mídia voltou a dar detalhes da solenidade, bem como se ocupou em detalhar o programa do sábado¹⁴⁴. Já no dia 21 de março¹⁴⁵, a

¹⁴² *Diário Popular*, jornal da cidade de São Paulo, fundado em 1884 e extinto em 2018, chamado a partir de 2001 de *Diário de S. Paulo*. O jornal foi considerado mídia oficial do Rotary Club de São Paulo até 1996. Toda segunda-feira um rotariano escrevia notícias sobre seus indivíduos mais notáveis, relata sobre as atividades desenvolvidas pelos clubes e sobretudo fazia uma apologia aos ideais da instituição (SETTON, 2004).

¹⁴³ O Programa da sessão solene de abertura da XVII Conferência dos Rotary Clubs do Brasil previa o seguinte cronograma: abertura, às 21h, com saudação ao Pavilhão Nacional; Hino Nacional do Brasil – Banda Força Pública; Hino Nacional da República do Uruguai; discurso do presidente da Conferência rotariano Eduardo Vaz Boas vindas do Presidente do Club anfitrião, rotariano Eurico Branco Ribeiro; oração do Sr. Prefeito Municipal, Dr. Abrahão Ribeiro; discurso do representante do R.I. rotariano Pedro Menendez Lees. Hino Nacional do Brasil; bailados pelas alunas do Teatro Municipal, sob a direção da professora Maria Olenewa e oferecidos pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

¹⁴⁴ Sessão solene de instalação no Teatro Municipal. O programa de hoje (DIÁRIO POPULAR, 20 de março de 1946).

prioridade do periódico em questão foi dar detalhes do programa de domingo dos rotarianos que participavam do evento, as sugestões incluíam passeios a Campinas, às praias de Santos e Guarujá, e até visitas ao Jockey Club. Além dessas indicações, havia a possibilidade de um passeio a Santo Amaro, ou mesmo um aperitivo no Yacht Club Paulista, além disso também era oferecido um churrasco na Fazendinha 3. O encerramento da XVII Conferência Distrital dos Rotary-Clubes do Brasil ocorreu na tarde do dia 22 de março, no Teatro Municipal, sob a presidência do governador do Distrito, dr. Eduardo Vaz, e contou com a participação de muitos congressistas. Durante o encontro aconteceu a eleição dos governadores distritais e a eleição da cidade para a sede da próxima conferência, na ocasião a cidade escolhida foi Caxambú, em Minas Gerais. Também mereceu destaque do periódico paulista o “jantar de mais de mil talheres no Estádio do Pacaembu”¹⁴⁶.

Segundo notícias divulgadas no jornal *Folha da Manhã*, publicado dia 22 de março, a conferência que se realizava na capital paulista havia atingido até o momento da reportagem 1283 inscritos, sendo 510 rotarianos e 673 convidados.¹⁴⁷ Tais dados indicam o desenvolvimento obtido pelos Rotary Clubes do Brasil, pois na ocasião foi possível verificar que, entre os dados computados, a 17ª Conferência Distrital representou um aumento no comparecimento dos rotarianos que subiu de 83 para 1283¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Neste dia também aconteceu, no Anfiteatro geral da Faculdade de Medicina, o concerto da Orquestra Universitária de Concertos sob a regência do maestro Leon Eanlesky com a participação do Corpo Coral, organizado em homenagem aos rotarianos do Brasil. (O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 22 de março de 1946).

¹⁴⁶ A matéria aparece intitulada da seguinte maneira: “Marcado para amanhã o encerramento do certame – Jantar de mais de mil talheres no Estádio do Pacaembu” (DIÁRIO POPULAR, 22 de março, 1946).

¹⁴⁷ A Conferência mais concorrida. (FOLHA DA MANHÃ, sexta-feira 22 de março de 1946).

¹⁴⁸ Os dados mostram como foi a frequência nas Conferências Distritais realizadas no Brasil até aquele ano de 1946 (DIÁRIO POPULAR, 21 de março, 1946, p. 2).

FIGURA 15 – A MESA DIRETORA DOS TRABALHOS NA PRIMEIRA SESSÃO DA PLENÁRIA



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Unicentro-PR – CEDOC/G (2022).

LEGENDA: Debates em torno da tese referente à publicidade do Rotary, publicado na Folha da Manhã, sexta-feira 22 de março de 1946.

O evento foi finalizado no sábado, dia 23 de março, com o Plantio da Árvore da Amizade no Parque Ipiranga. Durante a última sessão plenária, aconteceu a leitura e discussão de pareceres e conclusões de trabalhos apresentados, também foram discutidas e votadas propostas, moções e resoluções. Após a plenária, foi servido jantar onde estava o representante do Rotary Internacional com os governadores e presidentes de clubes, seguido da refeição realizou-se um baile no Estádio Municipal, onde se apresentou a orquestra de ciganos de Sila y Ifanofi¹⁴⁹.

Apesar das contribuições da imprensa, durante o evento foram debatidas questões referentes ao "exagero na admissão nos Rotary Clubes, de sócios que

¹⁴⁹ Aparece a seguinte matéria: "Marcado para amanhã o encerramento do certame — Jantar de mais de mil talheres no Estádio do Pacaembu — Plantio da árvore da amizade — o baile de gala de amanhã. XVII Conferência Distrital dos Rotary-Clubes do Brasil" (DIÁRIO POPULAR, 22 de março de 1946).

venham ocupar a classificação limitada de imprensa”¹⁵⁰. Uma das principais preocupações era referente ao fornecimento de matéria pronta para a publicação, o que evitaria o excesso de publicações estranhas à instituição evitando que informações indesejadas circulassem na imprensa local e nacional.

5.2.2 REGULAMENTOS DA MENSAGEM ROTÁRIA

Outro exemplo da participação de Eurico Ribeiro em atividades internas foi sua atuação como delegado na XIX Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, em Poços de Caldas, realizada entre 19 e 23 de abril de 1949. Naquele momento, ocupava a presidência da Comissão de Serviços Internos, por isso o evento também foi oportunidade de apresentar sua tese sobre a “Uniformização dos Estatutos e Regimento Interno dos Rotary Clubs do Brasil”. Sobre a proposição de seu trabalho, o enunciado era o seguinte:

O Rotary deve ter uniformidade de organização onde quer que se estabeleça um clube. Poderá ser assim desenvolvida: todos os indivíduos que se agrupam sob a bandeira do ideal de servir devem se nortear pelos mesmos regulamentos, desde nas mais rudimentares normas de administração interna dos seus clubes até nas relações entre os diversos clubes e entre estes e o organismo supervisor que é o Rotary Internacional. (RIBEIRO, 1949, p. 13).

Por seu caráter global, o Rotary Club é uma instituição de perfil centralizador, todos os clubes são regidos pelas normas padronizadas nas convenções internacionais. Todavia o sucesso dessa padronização é um desafio, pois na prática nem sempre isso acontece. Segundo Ribeiro (1949), a simples questão de tradução acarretava a deficiência justa do texto original, por isso enfatizava a importância de se discutir “a respeito dos estatutos padrão para os clubes do Brasil.” (RIBEIRO, 1949, p. 13). Essa questão já havia sido motivo de debate durante a Conferência Distrital de Fortaleza, em 1941. Além da tradução, verificou-se que em outros países não permitiam a transladação para ali de certas regras e usos estipulados pelos Rotary Clubs. Sobre o regimento interno, Eurico Ribeiro apresentou um modelo que seria padrão aos Rotary Clubs do Brasil, fundamentado em três fontes autorizadas, quais sejam

¹⁵⁰ Debates em torno da tese referente à publicidade do Rotary – Prosseguiram ontem, no Teatro Municipal, às reuniões plenárias da conferência distrital reunida em São Paulo (FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, sexta-feira, 22 de março).

[...].1º, o Regimento padrão apresentado pelo Rotary Internacional, 2º o Regimento interno de nosso clube, que traduz o resultado de uma experiência de 25 anos; 3º o Regimento interno para Rotary Clubs do Brasil, discutido e aprovada pela Conferência Distrital de Caxambu, em 1947 [...]. A isso se acrescenta a colaboração prestada pelo governador do Distrito 28 e demais rotarianos especialmente reunidos em Sorocaba para analisar o texto a ser apresentado em Poços de Caldas. (RIBEIRO, 1949, p. 13).

Discussões anteriores a estas já estavam sendo desenvolvidas pelo membro da subcomissão de Informações sobre o Rotary, Eurico Ribeiro, desde 1944, quando então elaborou um estudo que foi levado ao Conselho Diretor do Rotary Club de São Paulo sobre a *Reforma dos Estatutos* (RIBEIRO, 1944). Notadamente, a XIX Conferência Distrital foi oportunidade para recomendar aos clubes do Brasil a uniformidade de adoção de regimento interno respeitando-se “os acréscimos e as demais alterações que os delegados dos clubes reunidos houverem por bem nele fazer.” (RIBEIRO, 1949, p. 13). Sua aprovação era uma forma de reconhecer as vantagens de o Rotary ter uniformidade de organização e adotar uma redação única para os seus estatutos e só fazer no regimento interno “[...] modificações indispensáveis para adotar o texto às suas condições locais de funcionamento.” (RIBEIRO, 1949, p. 14). Na mesma ocasião, apoiando as sugestões sobre alterações dos estatutos e regimentos interno dos clubes, os Rotary Clubs do Brasil resolvem que “elas sejam pelo presidente desta Conferência Distrital devidamente encaminhadas, [...] aos órgãos competentes do Rotary Internacional, a fim de serem considerados na revisão dos documentos constitucionais da instituição, ora em estudos para ser submetida a Convenção Internacional.” (RIBEIRO, 1949, p. 14-15).

Nota-se que um Rotary Club é um organismo dinâmico na vida social do meio em que está inserido e exige dedicação e trabalho do rotariano numa “rotatividade de tarefas que é o encanto do labor rotário.” (RIBEIRO, 1959, p. 1). Como é possível observar por meio da atuação de Eurico Ribeiro, no clube as atividades são intensas, o que garante possibilidade de ampliação das relações sociais e uma aproximação entre os integrantes durante os encontros promovidos pelo clube, o que também pode ser visto como estratégico para a manutenção de posições sociais. Sabe-se que os membros do clube, devem desenvolver atividades rotativas, distribuídos nas várias comissões de trabalhos: as comissões de serviços internos; comissão de serviços à comunidade; comissão dos serviços profissionais; e comissão de serviços internacionais. O sucesso de um Rotary Club “é o reflexo dos seus próprios sócios.” (RIBEIRO, 1959, p. 4).

Subordinado a umas tantas regras estratégicas, o sucesso de um clube depende do cumprimento dos seguintes requisitos: o fato de que o candidato seja do sexo masculino¹⁵¹, dispense de pelo menos 60% do seu tempo profissional na atividade a representar que tenha autonomia de ação para exercer a sua atividade, que possa frequentar regularmente as sessões semanais do clube, que trabalhe dentro dos preceitos da moral e da ética, que tenha, espírito associativo e disposição para dispender esforços em prol do objetivo do Rotary de estimular e fortalecer o ideal de servir (RIBEIRO, 1957).

Por isso, um dos pontos mais sensíveis aos Rotary Clubs e muito trabalhado durante as palestras por seus sócios diz respeito à frequência dos sócios, fato que foi tema discutido pelo 1º vice-presidente do Rotary Club de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro, quando foi convidado por indicação do presidente do clube, o Antônio Bezerra Cavalcanti do Rotary Club do Rio de Janeiro, para ministrar uma palestra durante sessão realizada por este clube em 28 de agosto de 1942. A atividade foi divulgada na XX Edição do Boletim Semanal do Rotary carioca, que fazia circular informações internas do clube. Nas palavras de Eurico,

[...] a questão do baixo nível da frequência nos Rotary Clubs do Brasil não preocupa somente os clubes de grande número de sócios, como o do Rio e o de São Paulo, mas interessa a todos os demais [...] visto que ainda não está generalizado entre nós o conhecimento do conceito de frequência no Rotary. (BOLETIM SERVIR, 1942, p.4).

Durante sua apresentação, reforçou que a presença nas reuniões é oportunidade em que os seus sócios “melhor se conhecem e estabelecem uma maior união, tornando mais eficaz a ação do Clube” (RIBEIRO, 1942, p. 1), além disso, é nestas ocasiões que muitos problemas são tratados com soluções proveitosas. Sabe-se que foi Paul Harris quem instituiu a frequência obrigatória nas sessões dos Rotary

¹⁵¹ Até 1989, os Rotary Clubs eram compostos unicamente de sócios de sexo masculino. Neste ano, o Conselho de Legislação do Rotary Internacional eliminou o dispositivo que requeria que o quadro social dos clubes de rotarianos fosse formado unicamente por homens. Tal decisão foi tomada depois de ação adotada pelos Rotary Clubs dos EUA e do Canadá de admitir mulher a fim de cumprir com as leis das jurisdições locais. (SETTON, 2004). Embora a realidade da filiação de mulheres venha crescendo sistematicamente, a representação que fazem da figura feminina se aproxima de um tipo ideal social. A mulher deve atuar preponderantemente em sua esfera própria, ou seja, a esfera privada (SETTON, 2004). Noventa por cento dos clubes dos EUA e Canadá possuem mulheres associadas. Na região da América Latina, esse percentual é baixo com apenas 15%. Dez por cento do total de sócios dos EUA e Canadá é formado por rotarianas. Na América Latina, esse percentual é 2%. Hoje, no total, temos 68 399 mulheres rotarianas em todo o mundo (SETTON, 2004).

Clubs, para ele esse era um momento de “união” algo imprescindível naqueles tempos de guerra.

O tema da palestra acima apresentada, que consistiu em mostrar o Conceito de frequência no Rotary, foi escolhido pela Comissão de Ação Rotária que, ao estudar as atividades que tinha de traçar ao Rotary Club do Rio de Janeiro durante o período social de 1942-1943, entendeu de colocar no programa das reuniões uma palestra sobre “frequência”, com a finalidade de chamar atenção para esse ponto fundamental na vida do clube de elevar o nível de presenças nas atividades. É por meio da frequência que cada rotariano poderá “desempenhar atividade pessoal no seu clube, dentro do programa traçado, no intuito de alcançar o ideal de servir.” (RIBEIRO, 1943, p. 4). Em síntese, “para aqueles que não cumprem a quota de 60% de frequência, devem se afastar espontaneamente do clube, deixando que a sua classificação seja preenchida por quem se disponha a participar efetivamente das iniciativas da instituição.” (RIBEIRO, 1943, p. 5).

Através do extremo envolvimento de Eurico Ribeiro no contexto do Rotary Club de São Paulo, sendo assíduo participante das reuniões e de atividades na administração da instituição, foi possível verificar como as associações voluntárias e civis podem se configurar como legítimos espaços de tessitura de relações sociais e de aquisição de poder simbólico. As instituições como os Rotary Clubs são estratégicas para os laços de reciprocidade, isto é, diante da dificuldade em afirmar sua individualidade, o indivíduo busca novos laços sociais e de identidade. Neste caso, do ponto de vista das relações sociais, é importante reconhecer que os Rotary Clubs daquelas especificidades da contemporaneidade, onde novas formas de vida associativa foram criadas, impondo um novo sentido às relações pessoais e nos grupos. Aqui, as atividades rotárias podem ser encaradas como ações para reforçar os laços de amizades, mas, também como estratégias de manutenção de posições sociais.

As realizações oficiais do Rotary Club de São Paulo, como as que Eurico Branco Ribeiro participou e em torno das quais se empenhava para a realização dos objetivos do clube quando atuou em cargos administrativos, reforçam seus vínculos de amizades e revelam as redes de relações tecidas por ele nos ambientes rotários. Neste caso, é possível entender os Rotary Clubs não apenas como espaço de circulação e produção de capital simbólico e social, mas também como espaço de

consolidação de redes sociais e lugar que ajudou a moldar a dimensão do Eurico filantropo.

Neste sentido, nosso propósito de discussão foi apresentar alguns aspectos da convivência rotária vivenciada por Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo, buscando destacar que as relações sociais tecidas durante suas ações no âmbito administrativo do clube, além de ser elemento de sustentação desse tipo de associação, permitem aos rotarianos tecer relações sociais bem estruturadas. Socialmente, essas associações também funcionam como produtoras de capital social e simbólico. Embora realizem seu objetivo de congregar indivíduos interessados em se ajudar mutuamente e servir à comunidade, mas a forma como se organizam para pôr em prática seus propósitos acaba por gerar uma nova forma de organizar a sociedade nacional.

Clubes de capital social e capital simbólico congregam um conjunto de recursos atuais e/ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações (BOURDIEU, 1980). Tais grupos ou clubes representam um tipo de prática de associativismo e pode ser visto como instrumento de distinção social. Em um mundo onde o individualismo se apresenta como marca fundamental, impõe-se a criação de espaços institucionais que atestem a idoneidade dos indivíduos e justifiquem sua posição social. Essencialmente podem ser entendidos, como espaços que marcam a identidade social e o estilo de vida de um grupo social.

Neste sentido, o Rotary Club de São Paulo, pode ser entendido como espaço por meio do qual Eurico Ribeiro cercou-se de uma gama de indivíduos e instituições de consagração social e profissional. Ou seja, os encontros, as assembleias, as reuniões, as conferências e outras atividades desenvolvidas entre os rotarianos buscam legitimar e consagrar a mensagem rotária, bem como asseguram, a possibilidade do estreitamento das relações sociais e profissionais forjadas no contexto da realização das atividades no Rotary que posteriormente influenciaram a realização de sua obra filantrópica.

Portanto, ao longo deste capítulo procuramos abordar a dimensão entre Rotary Club e Filantropia apresentando um histórico de surgimento e dos objetivos da associação no contexto nacional. Além disso foi possível realizar apontamentos sobre a atuação de Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo em diversas atividades demonstrando uma dinâmica incomum aos associados, o que fez com que fosse por muitos reconhecido como paradigma rotariano, um dos associados mais influentes do

país. Por isso, a tentativa foi compreender a filantropia médica, por meio do trabalho voluntário, praticada por Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo a partir do papel que assume como sujeito em relação à unidade social na qual está inserido e onde se podem, aos moldes de efetivar diferentes sentidos de ações, estas últimas derivadas de suas múltiplas esferas de existência.

Desse modo a proposta foi destacar que o perfil filantrópico de Eurico pode ser representativo de uma ressignificação da filantropia naquele contexto, pois no exercício de sua prática e em sua interação com diferentes grupos e espaços sociais na capital paulista, assimilou distintas tradições. Neste caso, Eurico Ribeiro configura-se como um indivíduo que reúne características da sociedade em que se formou sendo, portanto, exemplar da nova filantropia que passa a ser difundida no país.

Notadamente, a aproximação de Branco Ribeiro da filantropia médica que realizou através do trabalho voluntário no Rotary Club de São Paulo, local que passou a frequentar, ampliou suas relações sociais e angariou capital simbólico na capital paulista, possibilitou a legitimação da profissão na sociedade. Além disso, possivelmente sua participação na criação e consolidação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, através da realização de atividades nas obras de filantropia dessa instituição, o Colégio Rio Branco, o Lar Escola Rotary e a Revista Rotária foi uma inspiração para executar a sua obra filantrópica no âmbito da medicina. O Hospital São Lucas, além de ser referência em infraestrutura na área da saúde em um contexto em que a cidade de São Paulo dependia das Santas Casas de Misericórdia, também seria reconhecido como um centro de excelência no ensino da medicina tornando-se referência internacional para estudantes e médicos de vários países do mundo colaborando para o ensino e prática dessa ciência no contexto paulista. Depois de fundado, o Sanatório São Lucas, foi transformado na Fundação para o Progresso da Cirurgia, essa realização foi empreendida por Branco Ribeiro, entende-se que nela o médico forjou e realizou seu perfil filantrópico realizando ações no âmbito da medicina e da educação.

6 DO SANATÓRIO SÃO LUCAS À FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA (1939-1959)

Este capítulo busca analisar as experiências de Eurico Ribeiro, especialmente no Sanatório São Lucas e em outros espaços com os quais manteve contato, tais como a Academia de Medicina Paulista, o Rotary Club de São Paulo, a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos e Associação Médico-Espírita, e consiste na tentativa de sugerir reflexões sobre as características que fizeram as criações de um indivíduo sobreviverem ao processo social de seleção de uma série de gerações. Refletir sobre a peculiaridade da consolidação do Sanatório São Lucas mostra que este espaço não foi um acontecimento brusco; teve sua existência vinculada ao desenvolvimento e aprimoramento da ciência médica e da filantropia.

Todavia, o fato de Eurico Ribeiro assumir a medicina como apostolado constituiu um dos elementos determinantes para as realizações que desenvolveu no âmbito social e médico. Neste caso, é preciso compreender que os padrões e métodos sociais pelos quais as pessoas constroem suas vidas não são produzidos deliberadamente (ELIAS, 1994), o que permite pensar as qualidades, os aspectos estruturais da existência social e a ressonância das atividades desenvolvidas no Sanatório São Lucas entre os contemporâneos, bem como compreender que as ações filantrópicas de Eurico Ribeiro são particulares e estão em sintonia com o contexto social específico do qual faz parte.

Para Ferreira e Luca (2011), somente com a República São Paulo foi dotado de um efetivo sistema de saúde. Os pesquisadores enfatizam que um mapeamento sistemático dos espaços de produção, do debate e da difusão do saber médico, em São Paulo, ainda está por ser feito (FERREIRA; LUCA, 2011). Por isso, entende-se que a história do Sanatório São Lucas possa ser reavaliada por meio da trajetória de Eurico Branco Ribeiro. Em Weber (1982), a ação humana deve ser pensada como um fenômeno social; assim, é possível entender que as ações de um indivíduo contêm não apenas o aspecto exterior delas, mas um complexo de significações históricas e sociais que o indivíduo tece em sua relação com a sociedade.

A nova racionalidade médica difundida da sociedade paulista de princípios do século XX leva a comunidade médica à criação de novos espaços de difusão e institucionalização da medicina, como os sanatórios. Os sanatórios podem ser considerados um tipo ideal de instituição que provoca modificações sobretudo em

relação às políticas do cuidado em saúde coletiva, fazendo com que as intervenções diagnósticas, os procedimentos clínico-cirúrgicos e as terapêuticas obtivessem legitimidade institucional. Para Weber, a racionalização é uma característica das sociedades modernas, isto é, um processo com significado para as sociedades humanas e seus desenvolvimentos. Uma atualização crítica do conceito de racionalização foi proposta por Michel Foucault em suas análises sobre a formação e o funcionamento das instituições disciplinares (FOUCAULT, 2006). Considera-se, portanto, a existência de racionalidade nos mais diversos aspectos e domínios das práticas humanas e não apenas no âmbito do saber, senão também nas relações políticas, nas condutas e nas instituições.

Sobre a tentativa de entender a complexidade da vida de Eurico Branco Ribeiro, será importante considerar os apontamentos de Norbert Elias (1994), na relação indivíduo e estrutura social, sendo que essa acaba desempenhando um papel importante na definição dos comportamentos coletivos e individuais¹⁵², ou seja, na internalização de um *habitus*, incutido nas personalidades dos indivíduos durante a sua formação como seres sociais.

A intenção agora é apresentar projetos consolidados por Eurico Branco na medicina e na filantropia, como o Sanatório São Lucas, que estarão no centro das discussões neste capítulo, pois além de ser espaço de prática cirúrgica, ensino e pesquisa de medicina, também se configura como lugar da circulação e das relações sociais que Eurico estabeleceu com a conjuntura social do seu tempo, a exemplo de sua colaboração no suplemento dos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, *Boletim do Sanatório São Lucas*¹⁵³, na Sociedade São Lucas¹⁵⁴, na Academia de Medicina Paulista, no Rotary Club de São Paulo, na Sociedade Brasileira de Escritores Médicos¹⁵⁵ e na Associação Médico-Espírita¹⁵⁶. Esses espaços ajudam a repensar os

¹⁵² Para Norbert Elias (1994), ambas as teorias – a criada por E. Durkheim, que valoriza a sociedade, e a criada por Max Weber, que define os indivíduos como sendo mais importantes no processo de relação entre a sociedade e os indivíduos e suas influências nos comportamentos – são problemáticas, pois na contemporaneidade essa dicotomia sociedade *versus* indivíduo já não é mais aceitável, isto é, não há como conceber indivíduos e sociedade separados, já que os dois são componentes da nossa existência.

¹⁵³ O Boletim do Sanatório São Lucas foi publicado entre os anos de 1939 e 1977 (SILVA, 2011; SILVA, 2019). Alguns exemplares podem ser lidos parcialmente em: https://archive.org/details/pub_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia?query=eurico+ribeiro&sin=TXT. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁵⁴ A Sociedade Médica São Lucas foi instalada em 01 de março de 1939, e tinha por objetivo dar suporte técnico e científico ao Sanatório São Lucas. Além disso, buscava divulgar estudos cirúrgicos, sendo responsável pela publicação do Boletim do Sanatório São Lucas.

¹⁵⁵ Cabe lembrar que o Sanatório São Lucas foi a sede social da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (VIDA ROTÁRIA, 1978).

fundamentos e a dimensão de sua filantropia, pautada na ciência, saúde, educação e na espiritualidade.

O Sanatório São Lucas foi criado na capital paulista pelo médico Eurico Branco Ribeiro no ano de 1939, espaço que se transformaria em conceito e referência em Medicina e ensino cirúrgico. Posteriormente, o Sanatório foi transformado na obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia, criada em 1959 e considerada de utilidade pública pela Lei nº. 6.668 de 4 de janeiro de 1962. É no processo de transformações desencadeadas pelo Estado Republicano que se insere o rol de instituições, atividades e projetos de intervenção social nos quais os médicos desempenham o papel dos mais relevantes. Perseguiram-se a modernidade e o progresso, que alçariam o Brasil à condição de país moderno.

6.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA EM SÃO PAULO: O PAPEL DOS SANATÓRIOS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A institucionalização da Medicina em São Paulo remete à implementação da Santa Casa de Misericórdia em meados do século XVI; no entanto, essa ação na Vila de Piratininga não incluiu inicialmente a construção de um hospital¹⁵⁷ (VOTTA, 1951). Naquele período colonial, a ação médica era realizada por padres jesuítas ou leigos e, sobretudo, orientada pelas concepções de caridade cristã da época (MESGRAVIS, 1976). Todavia, o primeiro núcleo de atendimento conhecido foi criado em julho de 1749 no centro antigo de São Paulo, até a implementação de um hospital na Chácara dos Ingleses, em 1835. Vale ressaltar que as condições de atendimento neste hospital não eram satisfatórias.

Por sua vez, o século XIX foi importante para a fundação de novas instituições que passaram a regular a prática da medicina. No Brasil, as mudanças elementares na institucionalização da medicina ocorreram a partir de 1808, quando foram criadas as duas escolas cirúrgicas: a da Bahia e a do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, 1993). Os médicos paulistas seriam formados nessas escolas e substituiriam os praticantes do ofício naquela época (FERREIRA; LUCA; 2011). Apenas nas décadas finais do século XIX é que se verifica, em São Paulo, a

¹⁵⁶ A fundação da Associação Médico-Espírita foi concretizada na biblioteca do Hospital São Lucas, no ano de 1968. Disponível em: <https://www.amesaopaulo.or.br/quem-somoms/>. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁵⁷ Originadas em Portugal no século XV sob a proteção da coroa, elas se espalharam pelas colônias da América, da África e da Ásia estimuladas pelos privilégios concedidos pelo rei aos membros da irmandade (FERREIRA; LUCA; 2011).

organização de um corpo clínico constituído de profissionais especializados, como cirurgiões (MESGRAVIS, 1976).

Com a ampla reorganização da vida econômica, política, social e cultural de São Paulo no período entre o fim do século XIX e o início do século XX, a profissão médica sofreu alterações tanto no quesito das atividades profissionais quanto nos conhecimentos científicos utilizados. Notadamente, foi uma reorganização ampla das representações sobre a medicina e suas instituições, seus articuladores e das concepções sobre saúde e doença que vigoravam nos espaços do atendimento médico naquele momento. O lugar que tomaram os médicos no cenário social também era outro (SILVA, 2005).

Essa etapa da organização do universo médico, sob a égide da República que se instalava em São Paulo, pode ser percebida também como um momento em que surgem novas instituições médicas. É neste contexto que os hospitais se tornaram sanatórios¹⁵⁸, do latim *sanatorius*, “próprio à cura”; essa transformação da compreensão do hospital como uma “máquina de curar” aconteceu durante século XIX quando ele se tornou um espaço de saúde, de ensino e pesquisa (FOUCAULT, 1995).

Para Guilbert (1992), em termos políticos, a base econômica e conceitual da rede sanatorial paulista foi influenciada por uma visita à Europa feita por Victor Godinho, médico do Serviço Sanitário do Estado, em 1900, quando o governo paulista assume, em conjunto com a iniciativa privada, a construção dos sanatórios (RIBEIRO, 1993), que nesta primeira fase eram essencialmente espaços especializados em cuidado de doenças infecto-contagiosas e no combate da tuberculose.

No Brasil, até o final do século XIX, os sanatórios eram hospitais públicos de isolamento voltados às doenças infectocontagiosas, locais de acolhida e segregação. A maioria possuía uma deficiente estrutura física, incluindo instalações de água e circulação de ar, e funcionava de forma intermitente, sem corpo médico ou de enfermagem permanente. Conhecidos como “antecâmaras da morte”, apresentavam

¹⁵⁸ Sobre a definição do significado de sanatório, pode-se afirmar ser bastante ampla, tendo sido locais privilegiados para o desenvolvimento da tecnologia médica, não somente do clima e da institucionalização da medicina, mas também dos equipamentos e procedimentos invasivos, entre outros procedimentos cirúrgicos, sendo que esses espaços foram impulsionados pelos Códigos Sanitários no período de consolidação do perfil industrial da cidade de São Paulo. De modo mais amplo, devem ser vistos a partir das mudanças econômicas e sociais que a modernização impunha ao país e à cidade de São Paulo, principalmente na entrada do século XX (VIANNA; RIBEIRO, 2011).

elevada taxa de mortalidade, decorrentes da falta de tratamento eficaz, do acúmulo de doentes, da internação tardia e da propagação da doença em razão das condições estruturais. A população atendida era majoritariamente pobre, e o local de instalação de difícil acesso (TELAROLLI JÚNIOR, 1996).

Estes espaços seriam transformados e teriam modificadas as suas concepções, as quais seriam ampliadas e traduzidas em sua arquitetura. Tecnicamente, o discurso médico, legitimado pelo poder público, os justificava afirmando que, desde que bem dirigidos e sob rígida disciplina, os sanatórios eram lugares seguros (GUILBERT, 1993). Os sanatórios construídos até 1967, junto à remodelação urbana, conferiram à cidade não só um perfil específico, mas também uma tipologia arquitetônica (BITTENCOURT, 1998). Ao se basear nas premissas da higiene e exibir, em seu estilo limpo e não-rebuscado, um projeto racional e funcional, o sanatório incorpora o ideário da arquitetura moderna (BITTENCOURT, 2000).

Incluídos na política da saúde higienista e de normalização dos espaços urbanos, os sanatórios são espaços racionalizados pela ciência médica e se inserem no projeto de modernização do sistema sanitário paulista. Não se pode deixar de apontar as vantagens econômicas relacionadas à instalação dos sanatórios, uma vez que cria uma engrenagem de articulação público-privado, algo que é trabalhado junto à opinião pública pelo discurso modernizador da higiene, de defesa da cidade e das formas de relações sociais que as possibilitam.

Para o caso de São Paulo, a caracterização de polo urbano, a concentração das ações em saúde, decorrente, entre outros fatores, do dinamismo econômico, e a relativa concentração industrial justificam a maior proporção de sanatórios no Brasil (VIANNA; RIBEIRO, 2011). Em 1956, havia no Brasil 25.797 leitos distribuídos em 100 sanatórios, localizados em 36 cidades (RIBEIRO, 1956). Destas, 18 eram capitais, e das 18 cidades restantes, 9 localizavam-se em São Paulo e 5 no Rio de Janeiro (VIANNA; RIBEIRO, 2011).

Desse modo, os sanatórios podem ser inseridos no processo da ressignificação local das diretrizes da política de saúde, apropriadas de maneira particular em prol do desenvolvimento da cidade (VIANNA; RIBEIRO, 2011). De modo mais amplo, devem ser vistos a partir das mudanças econômicas e sociais que a modernização impunha ao país e à cidade de São Paulo em princípios do século XX. Neste contexto, os sanatórios são a representação concreta da política de saúde

higienista; sua existência representa a cura fundada nos estudos científicos, na difusão da ciência e modernização da medicina (VIANNA; RIBEIRO, 2011).

Os estudos sobre as instituições e práticas médicas entre nós, estimulados sobretudo a partir da contribuição da abordagem pioneira de Michel Foucault, que em *O Nascimento da Clínica* (1977), obra publicada originalmente em 1963, trata dos deslocamentos do saber médico clássico na Europa do século XIX. No contexto brasileiro, tenderam a ampliar-se progressivamente para várias pesquisas que os tomaram como objeto de suas principais instituições e atores, em momentos determinantes, de modo que “há ainda muito a se pesquisar sobre a história da medicina e das práticas médicas no Estado de São Paulo.” (FERREIRA; LUCAS, 2011, p. 15).

Em São Paulo, por exemplo, foi inaugurado, em 6 de fevereiro de 1906, o Sanatório Santa Catarina (hoje Hospital Santa Catarina), com ajuda financeira da Alemanha e de pessoas caridosas, tendo como diretora a Irmã B. Heinrich, enviada ao Brasil em 31 de dezembro de 1897 e encarregada de fundar um hospital em solo paulista, que teve como seu diretor técnico o médico Dr. Seng (CREMESP, 2006). Neste espaço, como assistente dos serviços cirúrgicos do Professor Benedito Montenegro, Eurico Branco Ribeiro, já nos dois últimos anos da faculdade, trabalhou como cirurgião “adquirindo a prática necessária e acumulando experiência indispensável para poder participar de sociedades médicas e de congressos cirúrgicos tanto no Brasil como no estrangeiro.” (RIBEIRO, 1971, p. 8). Neste contexto, sempre se orgulhou de mencionar o Prof. Benedito Montenegro, do qual foi aluno e posteriormente assistente por longo tempo, como o grande amigo que o orientou na especialidade.

Após dezesseis anos de clínica-cirúrgica, ao terminar uma longa série intitulada de *Dez Mil operações*, Eurico Branco Ribeiro faz menção à recordação da primeira intervenção em cliente próprio. Desta lembrança conta que

Estávamos ainda no 5º ano da Faculdade e alguém lembrou de nos confiar um caso de antras da nuca. Levamos o doente para o Sanatório Santa Catarina e fizemos sozinho a excisão dos tecidos comprometidos, precedida da ainda então usada incisão em cruz e em seguida da temocauterização do fundo e dos bordos da ferida cirúrgica. Fizemos sozinho, sim; mas a anestesia geral indispensável para o ato cirúrgico foi ministrada pelo Prof. Benedito Montenegro. (RIBEIRO, 1949, p. 11).

Nota-se que o Sanatório Santa Catarina foi o espaço onde a clínica cirúrgica era praticada pelos alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de

São Paulo, instituição reconhecida pela qualidade do serviço de enfermagem, além do investimento contínuo em equipamentos de ponta, infra-estrutura física e capacitação de médicos. Cabe lembrar que mesmo antes de terminado o curso da Faculdade de Medicina, no ano de 1927, o estudante Eurico Ribeiro já havia realizado 124 operações, sendo 8 enquanto cursava o 5º ano e 116 enquanto cursava o 6º ano. A transição de estudante para médico “foi apenas o seguimento de uma atividade que já vínhamos exercendo, compenetrado das suas pesadas responsabilidades.” (RIBEIRO, 1949, p. 14).

Após formado, Eurico Branco Ribeiro continuaria atuando no Sanatório Santa Catarina quando a instituição já estava sob a direção da “Irmã Margarete Belhu, e era ali a sede das atividades principais do Professor Benedito Montenegro no campo da cirurgia.” (RIBEIRO, 1971, p. 9). Segundo informa Eurico Ribeiro em *Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil o Prof. Emérito Benedicto Montenegro*, “O Mestre era o diretor do hospital, tive a honra de o substituir temporariamente nessa alta função, durante a revolução de 32, quando ele esteve na Batalha, empolgado pela arrancada cívica, dando cobertura médica ao batalhão ‘14 de julho’” (RIBEIRO, 1971, p. 9). Neste período de ebulição política no Estado de São Paulo, o Sanatório Santa Catarina “transformou-se em asilo de refugiados e funcionou como banco de sangue” (CREMESP, 2006). Foi ali que o Dr. Eurico encontraria seu primeiro companheiro de trabalho, o Dr. João Noel Custódio Caxias von Sonnleithner, anos mais tarde eles atuariam juntos no Sanatório São Lucas¹⁵⁹.

Ainda sobre a colaboração de Eurico Branco Ribeiro no Sanatório, os números da atividade cirúrgica por ele realizada dão melhor ideia de sua atuação nesta instituição da capital paulista e de outras regiões do país. Em quadro exposto por Ribeiro (1949) a respeito dos procedimentos cirúrgicos realizados a partir de abril de 1933 até o ano de 1942, é possível observar que realizou atividades no Sanatório Santa Catarina e nas seguintes instituições e localidades: Beneficência Portuguesa, Santa Catarina, São Lucas, Cruz Azul, Santa Rita, Padre Bento, Pro-Matre, Matarazzo, Liberdade, Maternidade, Pedro II, Santa Casa, Esperança, Curitiba, Ponta Grossa, Santo Amaro, Fortaleza, Rio de Janeiro, Florianópolis, Cons. De Caixas, Cons. Particular, A domicílio do doente, a bordo do Pedro I (RIBEIRO, 1949).

¹⁵⁹ A relevância dos estudos de João Noel Sonnleithner faria com que Eurico Branco Ribeiro publicasse um artigo sobre o Processo Sonnleithner de fechamento do peritônio. (In. ANAIS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA, 1953).

QUADRO 1 – OPERAÇÕES REALIZADAS A PARTIR DE ABRIL DE 1933

Locais	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942 1ºsem	Total
Beneficência Portuguesa	171	177	362	322	363	273	235	213	223	97	2436
Santa Catarina	128	201	371	520	505	326	69	9	13	10	152
São Lucas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	346	823
Cruz Azul	-	-	-	23	2	-	-	-	-	-	7
Santa Rita	1	-	1	6	-	-	-	-	-	-	8
Padre Bento	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Pró-Matre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4
Matarazzo	-	1	1	1	2	-	-	-	1	-	6
Liberdade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7
Maternidade	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Pedro II	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Santa Casa	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Esperança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Curitiba	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	4
Ponta Grossa	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Santo Amaro	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Fortaleza	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rio de Janeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Florianópolis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cons. de Caixas	59	53	-	-	-	-	-	-	58	29	606
Cons. Particular	38	47	-	-	-	-	-	-	-	-	302
A domicílio do doente	24	19	11	26	17	17	1	11	7	5	138
A bordo do “Pedro I”	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Sem Indicação	133	100	-	-	-	-	-	-	-	-	233
Total	555	602	842	1032	1032	755	757	806	879	899	8759

FONTE: Eurico Ribeiro (1949, p. 22).

LEGENDA: Operações realizadas pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro entre abril de 1933 e 1942.

O quadro acima apresenta a dinâmica do trabalho do Dr. Eurico Branco Ribeiro e demonstra as diversas instituições com as quais manteve relação profissional para realizar as 7.759 cirurgias. Oferece, ainda, indicativos não apenas

de sua densa atuação como médico especialista em cirurgia, mas também demonstra a expansão do sistema de saúde em São Paulo, bem como deixa ver a sua atuação em outras localidades do país. Especificamente sobre a sua colaboração no Sanatório Santa Catarina, é possível identificar que foram realizadas pelo médico um total de 2.152 cirurgias entre 1933-1942.

No quadro também é possível observar que a partir de 1939 o Sanatório São Lucas começava a fazer parte do rol de instituições médicas na cidade de São Paulo, de modo que, entre 1939 e 1942, o hospital realizou 1.823 operações. Desde que fora inaugurado, o espaço seria o lugar onde Eurico Branco Ribeiro concentraria a realização de maior parte de suas atividades cirúrgicas.

Nota-se que o surgimento do Sanatório São Lucas se situa entre 1930 e 1945, momento em que a criação do Ministério de Educação e Saúde possibilitou a organização dos programas que passaram a ter âmbito nacional. Entre as diretrizes, o Plano Federal de Construção e Instalação de Sanatórios ampliou, numa parceria entre a filantropia e o Ministério da Saúde, a capacidade hospitalar do país (VIANNA; RIBEIRO, 2011).

Perceber a ação institucionalizada por parte dos médicos com relação às questões sanitárias, sobretudo a partir da exploração de fontes inéditas e com uma articulação teórica com proposições mais recentes de análise, abre caminho para perseguir aspectos pouco ou não estudados sobre a produção de conhecimento e ensino das práticas médicas implementadas ao longo do século XX em São Paulo. Os estudos sobre a criação de instituições de ensino médico em São Paulo voltam-se especialmente para os projetos realizados entre 1890 e 1930, os quais enfatizam a trajetória da primeira escola médica até o início do século XX.

Esse processo procurou caracterizar a produção de conhecimento nos moldes de uma medicina laboratorial, tanto em seu viés terapêutico quanto no experimental. Para Silva (2002), o tema da institucionalização do ensino médico no de São Paulo ainda não foi abordado em sua totalidade, abrindo possibilidades de estudos e debates sobre a história da medicina paulista (MARINHO, 2004). Por isso, será válido recuperar a trajetória e a dinâmica do Sanatório São Lucas, de modo a relacioná-lo ao processo de difusão dos saberes médicos, especialmente os cirúrgicos.

No Brasil, os primeiros cursos médico-cirúrgicos, na Bahia e no Rio de Janeiro, foram criados como parte integrante de um conjunto de medidas

relacionadas com a implantação de serviços públicos durante a transferência da corte portuguesa para o país, em 1808; esses cursos, no entanto, estavam restritos à formação de cirurgiões. Apenas a partir da Proclamação da República novas escolas médicas foram criadas no Brasil. Em 1912, foi instalada a Faculdade de Medicina de São Paulo (FÁVERO, 1980; SCHWARTZMAN, 1979).

Sanglard (2007) afirma que o sistema brasileiro hospitalar era muito dependente das ações da Irmandade da Misericórdia. Após a instalação do curso de medicina, surge outro problema, o da dificuldade de se conseguirem instalações hospitalares para atender ao pretendido curso médico. O único hospital disponível em São Paulo era a Santa Casa da Misericórdia. Arnaldo Vieira de Carvalho (1910) definia a Santa Casa como um feudo da medicina paulista (SILVA, 2002).

Além do Hospital da Santa Casa, surgia no cenário paulistano o Sanatório São Lucas como espaço privilegiado para a medicina experimental e a cirurgia. Todavia, diferente do hospital da Santa Casa, o Sanatório não contava com recursos públicos, apenas com doações de seus sócios e dos pagamentos dos clientes e das demais instituições que para lá encaminhavam seus enfermos para realizarem os tratamentos. Sobre as atividades clínicas e de pesquisa, eram recorrentes a colaboração de professores de instituições universitárias do Brasil e do estrangeiro. Muito embora o ensino cirúrgico ali praticado não estivesse vinculado aos cursos de medicina da capital, apresentava-se como espaço em que os estudantes podiam realizar intercâmbios e estágios na área de cirurgia, bem como desenvolver atividades relacionadas à pesquisa experimental que naquela instituição estavam vinculadas à dimensão do ensino da ciência médica.

Para dar continuidade a essa explicação, passaremos a considerar as ações do Sanatório São Lucas através da atuação de Eurico Branco Ribeiro e de outros profissionais que colaboraram com a instituição desde a sua fundação, em 1939. Desse modo, confirma-se a importância de se considerar as nuances locais e a situação específica dos sanatórios para cada região do país, bem como os usos e as ressignificações que essas instituições passaram a ter no contexto republicano.

A seguir, apresentaremos detalhes do percurso do *Sanatório São Lucas*, que surgiu no fim da década de 1930, como um expoente do processo de difusão dos saberes médicos por meio da atuação do Dr. Eurico Branco Ribeiro, que muito colaborou para a consolidação de novos espaços de institucionalização da medicina no contexto paulista, sendo considerado uma “bandeira do progresso da ciência”,

conduzida pelo “cavaleiro cruzado [...] guiado pela fé, pela constância e sempre pelo idealismo.” (ATA DA SESSÃO SOLENE PARA ENTREGA DO TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE CURITIBA, 1968, p. 6).

6.2 O SANATÓRIO SÃO LUCAS: TRAJETÓRIA E ASSOCIATIVISMO MÉDICO NO CONTEXTO PAULISTA

Fruto dos esforços e do idealismo de Eurico Branco Ribeiro, a fundação do Sanatório São Lucas, no bairro da Liberdade localizado na cidade de São Paulo, no ano de 1939, na Rua Pirantiguy, nº.114, representava a consolidação de um sonho na profissão de médico. O espaço era especializado em Cirurgia, Ginecologia, Obstetrícia e Pronto Socorro, indicando a existência de uma instituição sanatorial vinculada aos novos padrões da medicina moderna, pautada no procedimento clínico-cirúrgico. Até esse momento, o médico operador possuía na capital paulista um consultório na Rua São Bento, nº.45, onde realizava suas consultas e trabalhava como cirurgião geral das Caixas da Sorocabana e da São Paulo Railway; além disso, realizava operações na Beneficência Portuguesa e no Sanatório Santa Catarina, como demonstrado no tópico anterior.

Foi o Dr. Luís Rego, médico de destaque na história da Cirurgia em São Paulo e que deixou seu nome fixado na sociedade pelos serviços que prestou como cirurgião, quem presidiu o lançamento da pedra fundamental do Sanatório São Lucas (RIBEIRO, 1953). Em *À Guiza da Despedida*, carta escrita no ano de 1976 para informar a comunidade médica o fim de suas atividades, Eurico Branco Ribeiro menciona sua inspiração para a realização dessa obra que seria entre os cirurgiões paulistanos considerada de grande vulto para a atividade clínico-cirúrgica, chegando a “realizar mais de mil operações por ano mais de uma vez.” (RIBEIRO, 1976, p. 6).

O Sanatório São Lucas era compreendido como um espaço onde se podia dar “largas ao nosso idealismo de exercer a Cirurgia num ambiente de ampla liberdade de ação, desfrutando de todas as facilidades para o completo desenvolvimento das atividades atinentes à especialidade médica a que nos consagramos” (RIBEIRO, 1961, p. 124). O entusiasmo em fundar uma clínica na cidade de São Paulo anos depois de sua formação em medicina surgiu após tomar conhecimento da existência da Clínica Mayo, localizada em Rochester, Minnesota, nos Estados Unidos, um pequeno “hospital de menos de cem camas e que veio a

transformar-se numa grande organização médica mundialmente conhecida e respeitada” (RIBEIRO, 1976, p.6).

A Clínica dos irmãos Mayo, William James e Charles Horace Mayo, tornou-se muito conhecida por médicos e cirurgiões do mundo. A história de seu desenvolvimento é quase desconhecida. Sua trajetória começa no fim do século XIX, em Rochester, uma remota cidade fronteira. Os irmãos Mayo figuram entre os primeiros médicos que se distinguirão nos diagnósticos da apendicite, assim como da intervenção cirúrgica como remédio para esta enfermidade (WÓLFSSBERG, 1947).

Foi, portanto, a partir do conhecimento da Clínica Mayo que o sonho em fazer um hospital passou a ser cada vez mais latente, porém, várias tentativas fracassaram.

Mas um dia, saindo dos meus projetos procurou-me José Ribeiro de Carvalho, com planos de viabilidade: compraríamos, a longo prazo, a mansão de Alfredo Pujol, no Bairro da Liberdade, e ali instalaríamos um pequeno hospital. Assim nasceu o São Lucas, a denominação por ele escolhida¹⁶⁰. A empresa lutou com grandes dificuldades, crescendo o nosocômio parceladamente, à medida que os recursos apareciam, [...] sempre minguados, mas a vontade do idealismo, amparada por aquele companheiro dedicado e por vários outros que me deram o seu valioso apoio desde o início ou vieram se achegando. (RIBEIRO, 1976, p. 7).

Nota-se que, mesmo sendo o idealizador, tal realização só foi possível mediante o apoio que recebeu dos colegas de profissão, um demonstrativo do associativismo médico, característica latente desse grupo social naquele período. Segundo Eurico Branco Ribeiro, o Sanatório São Lucas foi fundado por uma sociedade de cotas, da qual, além dele, também faziam parte os doutores José Ribeiro de Carvalho e Rubens Souto. Outros colegas também vieram trabalhar ao seu lado, tais como Paulo Giovanni Bressan, José Saldanha Faria, Waldemar Machado e Moacyr Boscardin, considerados “preciosos elementos das primeiras arrancadas” (RIBEIRO, 1971, p. 9). Outros colaboradores viriam depois e exerceriam funções específicas indispensáveis para o bom andamento da vida do sanatório, “ali

¹⁶⁰ A escolha do nome de São Lucas estava relacionada ao fato de ser este o patrono dos médicos. Com relação à vida de São Lucas, Eurico Ribeiro publicou *Médico, pintor e santo* (4 volumes 1969-1971); *O Livro que Lucas não escreveu* (1974); e *Lucas, o Médico Escravo* (1974), por esses estudos foi considerado o maior biógrafo brasileiro do evangelista São Lucas. Além disso, é considerado um dos principais responsáveis pela instituição do dia 18 de outubro como o Dia do Médico no Brasil. Essa data era comemorada no Sanatório São Lucas (In. O TEMPO, 1954, p. 5)

participando das atividades nas lides operatórias, seja no atendimento hospitalar de urgência.” (RIBEIRO, 1971, p.10).

Neste sentido, o Sanatório São Lucas pode ser entendido como um sintoma desse progresso da organização dos serviços cirúrgicos que então se processava em São Paulo, pois com o tempo passou a dispor de serviços modernamente aparelhados, que em nada deviam aos similares dos grandes centros médicos, principalmente porque abrangia uma série de especialidades em seu atendimento.

Nas recordações mencionadas pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro, proferidas na sessão realizada em 31 de janeiro de 1964, na Sociedade Médica São Lucas, quando eram comemorados 25 anos de atividades cirúrgicas no Sanatório, é possível observar que,

Realmente, foi no dia 31/01/1939 que se praticou nesta casa a primeira intervenção cirúrgica. Temos aqui presentes alguns dos que presenciaram esse ato - simples, pequeno, de emergência, num nosocômio que ainda não fora posto em funcionamento. O primeiro doente internado passou 3 ou 4 dias sob a dieta exclusiva de chás, que rigidamente lhe prescreveram o médico assistente, sobre o pretexto ponderável de obedecer às conveniências de sua moléstia do tubo digestivo. Outras operações se sucederam nos dias seguintes e os números se foram avolumando, para ultrapassar, hoje 50000 internações. (RIBEIRO, 1964, p. 115).

Fruto do idealismo de seu diretor, o Sanatório São Lucas simbolizava a concretização do seu grande desejo de fundar um hospital onde, ao lado de uma assistência cuidadosa do enfermo, tivesse o médico um ambiente cômodo para o desempenho de suas atividades profissionais e o aperfeiçoamento de suas inovações na arte de curar. Assim, surgia na capital paulista um dos mais bem organizados e completos hospitais particulares (NOBRE, 1959).

Desde o início de suas atividades Eurico Branco Ribeiro tratou de atender doentes de “todas as moléstias cirúrgicas, à exceção apenas daquelas muito ligadas à especialização, diferenciadas como otorrinolaringologia e oftalmologia” (RIBEIRO, s/a, p.11). Todavia, esboçava uma tendência de especialização pelo tubo digestivo, principalmente pelo grande fluxo de doentes que o procuravam por sofrerem de úlcera gástrica ou duodenal, de apendicite. Naquele período ainda não havia se formado uma especialização, e isso era algo que o movia ao envolvimento com sociedades de classe, principalmente porque entendia ser uma forma de desenvolver a ciência médica e as técnicas cirúrgicas, bem como ampliar as relações sociais desse segmento social.

Uma dessas tratava-se da Sociedade de Medicina de São Paulo, com a qual o Dr. Eurico Branco Ribeiro mantinha estreita relação, chegando a assumir a sua presidência em 7 de março de 1954. Nesta ocasião, foi colocada em votação a mudança de nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo¹⁶¹ para Academia de Medicina de São Paulo, pois se entendia que a agremiação era organizada dentro de uma estrutura acadêmica, com suas portas abertas somente a profissionais credenciados. O certo é que “a veterana Sociedade, agora Academia, vai passar por uma fase de grande interesse no seio da nossa classe médica” (ANAES PAULISTA DE MEDICINA, 1954, p. 454).

Tais apontamentos permitem pensar a necessidade de ampliação das relações sociais dos médicos consolidando-se como segmento da sociedade, que agia com a necessidade real de distinguir-se dos demais grupos sociais, de modo que foi necessário criar estratégias destinadas a reproduzir uma determinada identidade social moderna, que considera o caráter multidimensional das interações sociais (ELIAS, 1990) que passam a ocorrer na cidade, o *locus* legítimo da criação dessas organizações.

Demonstrativo desse movimento de interação política entre as diversas sociedades voltadas para as questões sobre medicina foram algumas atividades realizadas pelas sociedades médicas naquele mesmo ano de 1954 para homenagear o IV Centenário de São Paulo¹⁶². As reuniões foram amplamente divulgadas na imprensa paulista, evidenciando a atuação política da classe médica naqueles festejos.

O envolvimento do Sanatório São Lucas nos festejos do IV Centenário, foi materializado por meio da criação, pela Sociedade São Lucas, do Prêmio São Lucas, que seria conferido em 1954 a um médico brasileiro que, por trabalho original, tivesse contribuído para o Progresso da Cirurgia. Desse modo, fica explícito que o associativismo médico foi estratégico para que a promoção das discussões sobre a ciência e medicina acontecesse nos mais variados lugares e instituições, favorecendo a divulgação dos estudos cirúrgicos e clínicos produzidos na área. Além disso,

¹⁶¹ Em 15 de março de 1895, deu-se a instalação oficial da Sociedade de Medicina, com sua primeira Assembleia Geral, realizada no Salão Nobre da Academia de Direito do Largo São Francisco. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/>. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁶² Outras matérias sobre a classe médica e a comemoração do IV Centenário de São Paulo podem ser encontradas em: *A Classe Médica e o IV Centenário: A sessão solene realizada ontem sob o patrocínio da Academia de Medicina de São Paulo* (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1954); *A Classe Médica vai homenagear o IV Centenário* (O TEMPO, 1954). Em homenagem ao IV Centenário: *As sociedades de medicina reuniram-se em sessão solene* (A GAZETA, 11 de setembro de 1954).

gerava a aglomeração de posições institucionais de pessoas articuladas com os campos da medicina. Por isso, a prática do associativismo pode ser compreendida como uma estratégia de distinção social da classe médica e como um fomento para as realizações do Sanatório São Lucas.

Aqui é importante a validação das propostas de pensadores contemporâneos como Norbert Elias (1994) e Anthony Giddens (1991; 2003) a respeito do associativismo. Elias, a partir de um paradigma original, pensa o associativismo como uma unidade de referência, uma forma de identidade social no mundo atual, enquanto Giddens prioriza o contexto no qual o associativismo pode expressar novas relações pessoais entre os indivíduos. Neste sentido, valendo-se de tais pressupostos, é possível perceber que o comportamento sociopolítico das sociedades modernas e democráticas se constitui como importante ponto de partida para a análise do forjar das relações sociais de um novo sujeito social.

A aposta em estabelecer vínculos institucionais gerava benefícios para a difusão das técnicas e conhecimentos médicos. Os médicos fizeram-se adeptos a uma prática que lhes garantia, a partir de uma rede de relações duráveis, mais uma fonte de poder. Para Foucault, a racionalidade moderna recobrirá, sobretudo, os laços desta com o exercício do poder, de modo que o inter-relacionamento entre formas de racionalidade e estruturas políticas e institucionais é alçado a uma dimensão fundamental para se entender as especificidades das relações de dominação no ocidente. Assim como Max Weber, Foucault concorda que, nas sociedades ocidentais modernas, a racionalidade não é apenas um princípio teórico e de procedimentos científicos. Ela é, com efeito, uma prática social, estreitamente ligada a vínculos muito complexos e circulares com as formas de poder de nossas sociedades (FOUCAULT, 1982).

De maneira especial, a fundação do Sanatório São Lucas se dá num momento de ampla reorganização nas relações sociais e de transformações nas formas de organização da medicina e da prática filantrópica, bem como de modificações nos conhecimentos científicos utilizados, que tem como foco os problemas de saúde decorrentes da urbanização. A resposta a esses problemas exige novas especialidades médicas, bem como a renovação dos métodos clínico-cirúrgicos.

A dimensão do associativismo médico presente nas atividades do Sanatório São Lucas pode ser verificada com a criação da Associação Médico-Espírita – AME,

em São Paulo. A ideia da criação dessa associação deu-se no ano de 1968, por um grupo de médicos que se reunia na casa do médium Spartaco Ghilardi, na Rua Rosa e Silva, em São Paulo: “A 30 de março daquele ano, a instalação da sociedade foi concretizada na biblioteca do Hospital São Lucas, em São Paulo, sob as bênçãos do Dr. Bezerra de Menezes¹⁶³ e Batuíra”¹⁶⁴. Somente em 1995 foi criada a Associação Médico-Espírita do Brasil com o intuito de agregar todas as AMEs existentes no país.

A fundação da AME, contou em seu quadro associativo, nos mais diversos cargos, com espíritos da mais elevada consideração, como, por exemplo, Eurico Branco Ribeiro que se somava a outros diversos colaboradores¹⁶⁵. A AME nascia como um espaço representativo das classes de profissionais liberais interessadas na área da saúde ou em pesquisa afins, mantendo a exigência de que sejam espíritas kardecistas. A busca pela compreensão do paradigma médico-espírita e a intenção de levar a doutrina espírita sem cunho dogmático para o ambiente hospitalar, implicava numa tentativa de aperfeiçoar os conhecimentos em saúde, espiritualidade, espiritismo e a busca pela formação de um profissional que cuida do outro de forma integral, contrariando, em certa medida, o modelo centrado na bacteriologia. Por sua condição de médico adepto ao espiritismo, religião pautada na racionalidade científica, Eurico Ribeiro proclamava a união entre a religião e a ciência, a fé e a razão, sinalizando a prática de uma ciência moderna, mas que incorporava princípios religiosos.

A partir da década de 1940, de acordo com Emerson Giumbell (1997), a tensão entre a medicina acadêmica e o espiritismo parece ter se atenuado. Esforçando-se para alcançar legitimidade frente aos poderes públicos como uma religião, os espíritas, coordenados pela Federação Espírita Brasileira, foram gradativamente abandonando os traços que os identificavam à ciência médica formal e acadêmica e paulatinamente intervindo no campo espiritual e moral, sobretudo

¹⁶³ Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu em Riacho do Sangue, no dia 29 de agosto de 1831, e faleceu no Rio de Janeiro, 11 de abril de 1900. Mais conhecido como Bezerra de Menezes, foi um médico, militar, escritor, jornalista, político, filantropo, filósofo e expoente da Doutrina Espírita. Foi alcunhado como “O Médico dos Pobres”. Disponível em: <https://www.sbebm.org.br/vocabulario/bezerra-de-menezes/>. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁶⁴ Associação Médica e Espírita de São Paulo. Disponível em: <https://www.amesaopaulo.org.br/quem-somos/>. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁶⁵ Dentre os colaboradores encontram-se: Antonio Ferreira Filho, Luiz Monteiro de Barros, Roberto Brólio, Reynaldo Kuntz Busch, Adroaldo Modesto Gil, Eurico Branco Ribeiro, Oswaldo Jesus de Oliveira Lima, Ary Lex, Elisete Santana, Luiz Carlos e Miguel Dorgan, Antonio Godinho de Mônaco, Maria Júlia e Ney Prieto Peres, Marlene Nobre, Abrahão Rotberg, Alberto Lyra, Ney Coutinho, Alfredo de Castro, Homero Pinto Vallada, Elisabeth Rezende Nicodemos, Marco Antonio Palmieri e Sérgio Felipe de Oliveira, somados a outros diversos colaboradores (PASTERNAK *et al.*, 2021).

através de atendimento gratuito aos pobres. Por outro lado, muitos espíritas encontravam na medicina um espaço oficial para realizar suas práticas mediúnicas. Segundo o Dr. José Nilo Freire, Eurico Ribeiro consiste em figura que exige reflexões, sobretudo por seu trabalho médico e espírita, bem como pelo seu respeito pela mediunidade, por isso rememora uma conversa com Eurico Branco Ribeiro, onde seu colega de profissão dizia “não vou cobrar por essa cirurgia porque eu estava mediunizado”¹⁶⁶.

Outra atividade realizada no Sanatório São Lucas, que se insere na dimensão do associativismo médico, diz respeito à sua relação com a fundação da Sociedade Brasileira de Médicos-Escritores. O Sanatório São Lucas, para a Sociedade Brasileira de Médicos-Escritores, tem um valor histórico extraordinário, por ser “o berço” onde esta nasceu nos idos de 1965 (RETRATOS DA HISTÓRIA, 2003). A fundação da Sociedade Brasileira dos Escritores Médicos aconteceu na biblioteca-auditório do Sanatório São Lucas, na cidade de São Paulo, comprovado pelo Artigo 1º do primeiro Estatuto, e sua data definida pelo Boletim da Sociedade Brasileira de Escritores-Médicos, que teve o seu primeiro número editado em fevereiro de 1965, com redação de Eurico Branco Ribeiro (RETRATOS DA HISTÓRIA, 2003).

Sobre a trajetória da Sociedade de Médicos-Escritores no Brasil, em 30 de dezembro de 1963, o Dr. Lucien Diamont Berger, então secretário-geral da Federação Internacional da Sociedade de Escritores-Médicos¹⁶⁷, escreveu ao Dr. Eurico Branco Ribeiro sugerindo a constituição de sociedade similar no Brasil. Em consequência dessa missiva, Eurico Branco Ribeiro mantivera contato pessoal em Oslo com o Dr. Paul Noel, secretário-geral do Groupement des Ecrivains Médecins Français e ficou assente que se criaria a Sociedade Brasileira de Escritores-Médicos nos moldes da agremiação existente na França (Retratos da História, 2003, p. 98). Verifica-se que, diante do seu espírito de associatividade, o médico se engajou neste projeto, convocando, no Brasil, os profissionais da medicina que se envolviam com literatura não científica a se integrarem a sua iniciativa.

¹⁶⁶ FREIRE, José Nilo. O Diário de um médico espírita. O caso de Eurico Branco Ribeiro. min. 05:13-05:21. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K61yOmmwYQM&list=PLPc_dBi7EBmKPjq8aLFv-mkvGUzNfLv4T&index=82. Acesso em: jan. de 2023.

¹⁶⁷ Em 1948, veio a realizar-se, em Paris, na sede da Confederação dos Sindicatos Médicos Franceses, uma exposição de obras literárias escritas somente para médicos. Alguns dos autores presentes tiveram a ideia de fundar uma associação de médicos-escretores, a 21 de fevereiro de 1949, onde foi realizada a primeira assembleia constitutiva (RETRATOS DA HISTÓRIA, 2003). A associação veio a alcançar larga projeção a partir de 1952.

Nas impressões que escreveu sobre o I Congresso Brasileiro de Escritores Médicos, o Prof. João Carvalhal Ribas, da Universidade de São Paulo, afirmava que “em 23 de abril de 1965, por iniciativa de Eurico Branco Ribeiro e outros médicos, instalou-se a sociedade Brasileira de Escritores médicos” (RIBAS, 1967, s/p). A Sociedade Brasileira de Escritores-Médicos (SBEM) teve o seu nome mudado para Sociedade Brasileira de Médicos-Escritores Sobrames na Assembléia Geral realizada durante o VII Congresso, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 27 de setembro de 1979.

A dinâmica que a profissão liberal de médico proporcionava era visível através da promoção dos encontros associativos de outras instituições, porém, o Sanatório também realizava as reuniões periódicas da Sociedade Médica São Lucas, que eram consideradas imprescindíveis para conduzir as discussões técnicas, entendidas como meio de progresso, de aprendizagem e de aproveitamento do que era desenvolvido durante a realização do serviço médico. Eram dedicadas principalmente à apresentação de casos interessantes de doentes, críticas de processos usados, estudos estatísticos, sínteses sobre assuntos em foco, crítica sobre trabalhos em andamento, discussão sobre novidades contidas na literatura médica e ideias sobre diagnóstico e orientação terapêutica de casos que se achavam em tratamento. As reuniões podiam ser dedicadas também aos Conferencistas de fora e aos cursos de aperfeiçoamento sobre qualquer assunto especializado (RIBEIRO, s/a). A importância das reuniões do Sanatório São Lucas pode ser observada na comemoração, em 8 de março de 1960, da 500ª reunião da Sociedade Médica São Lucas, fundada para divulgar estudos cirúrgicos. Seria essa sociedade a responsável pela publicação do Boletim do Sanatório São Lucas (RIBEIRO, 1960).

Por todas essas questões, entende-se que o Sanatório São Lucas fez parte de uma ampla reorganização das representações sobre a medicina, cumpriu um perfil institucional e clínico específico, era um espaço de atendimento em saúde naquele momento em que os médicos tomaram seus novos lugares, fortemente integrados ao cenário social. Nota-se que a multiplicidade de atividades desenvolvidas no Sanatório São Lucas abrangia uma ampla variedade de ações administrativas, associativas, científicas e clínicas, algo que também ficará explícito nas publicações do *Boletim do Sanatório São Lucas*, periódico publicado como suplemento científico dos Anais de Medicina e Cirurgia e que circulou na capital paulista entre os anos de 1939 e 1977. O suplemento divulgava os trabalhos científicos de médicos que

atuavam no Sanatório São Lucas; além disso, também era utilizado para apresentar diagnósticos de doenças. O suplemento, que será analisado no próximo tópico, era atividade relacionada ao projeto de Eurico Ribeiro que buscava transformar o sanatório em um centro de excelência de pesquisas e estudos de assuntos cirúrgicos.

6.2.1 Difundir a ciência e modernizar a medicina: Boletim do Sanatório São Lucas

Ao apresentar as publicações médicas paulistas, Silva (2011) cita o *Suplemento Boletim do Sanatório São Lucas*¹⁶⁸ (1939/1977) como impresso especializado em medicina geral. Uma das características mencionadas pela autora sobre as revistas científicas desse período é o fato de serem compostas por grupos formalizados, geridos pelo Estado, pela Faculdade de Medicina ou outras associações e sociedades médicas. Ferreira e Luca (2011) chamam atenção para a necessidade de identificar diferentes características da medicina paulista, tais como as principais instituições e os indivíduos com projeção e influência para serem responsáveis pela criação, por exemplo, de publicações, as quais permitem que o pensamento médico seja compreendido como um componente da história mais ampla, e também que seja visto como conexão no entendimento da história das atividades de determinada área científica em relação com os processos de produção de conhecimento, de ensino e de institucionalização da ciência médica.

A coleção analisada para a elaboração deste capítulo foi encontrada em repositório online (archive.org), que contém microfilmes dos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia* publicados entre 1932 e 1977. A partir dessa base de dados foi possível localizar exemplares do suplemento *Boletim Sanatório São Lucas*, o que muito contribui para o desenvolvimento desta pesquisa.

O suplemento se constituiu em espaço de publicação de trabalhos científicos realizados por médicos que atuavam no Sanatório São Lucas; os assuntos eram os mais variados, mas a proposta central era divulgar as pesquisas desenvolvidas no interior da instituição, apresentar diagnósticos de doenças, dar visibilidade para a participação em eventos nacionais e internacionais de seu corpo interno, dentre outros. A publicação do suplemento era atividade que estava relacionada a uma

¹⁶⁸ Suplemento científico aos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, um periódico científico publicado no Brasil entre 1913 e 2003, com foco em Ciências da Saúde e Medicina.

preocupação de Eurico: fazer do hospital um centro de estudos e de divulgação de assuntos cirúrgicos. Para isso, desde logo foi fundada a Sociedade Médica São Lucas.

A sociedade foi responsável pela publicação do periódico, aqui compreendido como um ponto de conexão com os processos de produção de conhecimento, ensino cirúrgico e institucionalização da prática médica em São Paulo, tendo em vista a formalização da pesquisa científica e a divulgação de conhecimentos que colaboram ao desenvolvimento cirúrgico. As análises realizadas dos trabalhos publicados no Boletim demonstram que foram, em sua grande maioria, produzidos por profissionais que se destacaram em sua prática e na produção de estudos para a modernização da ciência médica.

Na busca da promoção do aperfeiçoamento técnico e pelo reconhecimento da excelência em cirurgia, a instituição passava a ser percebida pelos serviços realizados, contribuindo para o desenvolvimento da ciência médica. Também se caracterizava como espaço representativo da modernização da infraestrutura da saúde atraindo os médicos das escolas de Medicina, aumentando ainda mais o prestígio do hospital. Eurico Branco Ribeiro menciona em palestra que passaram pelo hospital profissionais provenientes das “Faculdades de São Paulo, do Recife, de Curitiba, de Niterói, de Sorocaba e de Uberaba.” (RIBEIRO, 1961, p. 128-9). Ainda recorreram ao estágio de aperfeiçoamento do Sanatório São Lucas médicos de Pernambuco, de Goiás, de Mato Grosso, de Santa Catarina, de Minas Gerais”. (RIBEIRO, 1961).

Sobre as realizações científicas no Sanatório São Lucas, em explanação feita no Rotary Club de Piracicaba em 17 de fevereiro de 1961, o Eurico Branco Ribeiro mencionava a sua atuação na busca do progresso da cirurgia, na criação de novos instrumentos de trabalho e propondo técnicas operatórias: “Basta que citeamos algumas dessas inovações partidas de cirurgiões que fazem parte do Corpo Médico do Sanatório São Lucas. Dentre o instrumental cirúrgico proposto, assinalemos uma pinça [...] uma espátula [...] um afastador tipo Farabeuf [...]” (RIBEIRO, 1961, p. 127). Além dessas inovações, os médicos do Sanatório São Lucas colaboravam com o desenvolvimento da medicina criando processos cirúrgicos, como, por exemplo,

[...] o fechamento punctiforme do peritônio em laparotomia de média extensão, a invaginação dos cotos das trompas nas salpingostomias, o tratamento da varicocele pineal, tunelização das veias em tromba, o travamento dos queimadores superficiais [...] fechamento do coto duodenal

em cirurgia gástrica por processo que previne a superveniência de fístulas. (RIBEIRO, 1961, p. 127).

A maioria das inovações médicas que surgiam no interior do Sanatório passaram a ser utilizadas em centros cirúrgicos do Brasil e de outros países, demonstrando um esforço em divulgar a racionalidade científica que estava inscrita na prática social dos profissionais da instituição. Uma dessas inovações técnicas que foram utilizadas por outros médicos, foi

[...] o processo da tunelização para tratamento de varicocele, que está sendo usado na Itália e em vários países da América, tendo sido incluído em manuais estrangeiros de Cirurgia publicados na Inglaterra, Argentina e na Itália, sem contar a sua publicação em revistas médicas da França, dos Estados Unidos e de alguns países sul-americanos. (RIBEIRO, 1961, p. 129).

A divulgação desses procedimentos era realizada por meio da participação dos médicos internos do Sanatório São Lucas em congressos nacionais/internacionais e através da circulação de seu Boletim. A excelência nos padrões da cirurgia que praticava a instituição pode ser percebida, por exemplo, em estudo sobre a experiência com a técnica de “tunelização para a cura de varicocele” desenvolvida por Eurico Ribeiro e exposta pelo Dr. Nicola Gabriele, cirurgião da Santa Casa de Bauru, ex-médico interno do Sanatório São Lucas, em trabalho apresentado no Centro de Estudos da Santa Casa de Bauru, em 27 de janeiro de 1954. O evento foi oportunidade para que o Dr. Nicola falasse sobre o tratamento cirúrgico da varicocele já consagrada pelos cirurgiões gerais e urologistas, apresentando seus vários processos e técnicas em casos operados por ele na Santa Casa e na Beneficência Portuguesa de Bauru.

Em sua fala, o Dr. Nicola abordou a técnica de tunelização realizada desde 1936 pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro, portanto, consagrada entre os cirurgiões “pela sua facilidade, foi logo adotada por muitos cirurgiões, e rapidamente ultrapassou as fronteiras brasileiras, para ter uma favorável repercussão, principalmente na Argentina, Uruguai e Peru” (GABRIELE, 1954, p. 13). A técnica de tunelização proposta por Eurico Branco Ribeiro era disseminada pelos internos do Sanatório São Lucas como um procedimento de cura para a varicocele e que trouxe uma grande facilidade e segurança para o trabalho cirúrgico, pois era uma técnica “simples e eficaz” (GABRIELE, 1954, p. 14).

Sobre o alcance internacional das técnicas desenvolvidas por Eurico Branco Ribeiro, cabe lembrar que o tratamento cirúrgico da varicocele pela tunelização foi reproduzido em trabalho realizado pelo Dr. Juan Carlos Guzzetti, do Serviço de Cirurgia Geral e Neurologia do Hospital Rawsson a cargo do Prof. Ricardo Finochietto. O feito foi publicado em Buenos Aires, em *La Prensa Médica Argentina* (XXXV, 2,463, 24 de dezembro de 1948). Outra publicação internacional em que é possível encontrar a reprodução da técnica do Eurico Branco Ribeiro foi publicado sob o título *La tunnellation dans le traitement du varicocèle* na *Presse Médicale*, LIX, 1.687, em 15 de dezembro de 1951. As recorrentes citações em publicações nacionais e estrangeiras de profissionais da medicina que atuavam no âmbito da cirurgia ao redor do mundo sinalizam a amplitude da divulgação dos estudos cirúrgicos realizados pelos médicos internos ao São Lucas, e apontam o nível de aperfeiçoamento técnico promovido pela instituição.

Os eventos e as publicações periódicas, portanto, configuravam-se como momentos em que conhecimentos e experiências cirúrgicas podiam ser compartilhados com a comunidade médica, forjando um espaço para o debate sobre a cirurgia como especialidade da medicina.

Embora não seja a intenção fazer um estudo minucioso sobre a história dos procedimentos cirúrgicos, é importante apresentar alguns estudos publicados por Eurico Ribeiro, tanto na série de *Estudos Cirúrgicos* como no *Boletim do Sanatório São Lucas*, os quais evidenciam o esforço para divulgar, no contexto nacional e internacional, a ciência médica, sobretudo aquela praticada no São Lucas. Na série *Estudos Cirúrgicos* número IV, por exemplo, tem-se um panorama das diversas especialidades clínicas de Eurico Branco Ribeiro; a coletânea também exhibe comunicações feitas à Sociedade Médica São Lucas, espaço onde semanalmente se divulgavam casos clínicos atendidos ou estudados pelos médicos internos do Sanatório. Além disso, é possível encontrar referências sobre a participação dos internos em eventos médicos internacionais¹⁶⁹, palestras¹⁷⁰, comunicações¹⁷¹,

¹⁶⁹ Trabalho enviado à Assembleia Internacional de Cirurgiões reunida no México entre 10 e 14 de agosto de 1941. Contribuição pessoal ao tema Cirurgia de Tireóide do II Congresso Interamericano de Cirurgia, Buenos Aires (RIBEIRO, 1944).

¹⁷⁰ Palestra proferida em 11 de junho de 1941 no Rotary Club; Palestra realizada na Associação dos Médicos de Santos (RIBEIRO, 1944).

¹⁷¹ Comunicação à Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa; comunicação à Reunião Anual do Serviço de Leprosia de São Paulo, em outubro de 1940; comunicação à Sociedade de Gastroenterologia de São Paulo; comunicação feita ao Colégio Brasileiro de Cirurgiões (RIBEIRO, 1944).

trabalhos apresentados às instituições, associações e sociedades¹⁷² às quais pertencia, além de estudos apresentados nos diversos eventos congressos frequentados¹⁷³.

A participação de Eurico Branco Ribeiro em congressos internacionais, com apresentação de trabalhos e procedimentos cirúrgicos, também é confirmada em passagens do volume VI da série *Estudos Cirúrgicos*, publicado no ano de 1952, que abrange trabalhos feitos ou divulgados nos anos de 1946, 1947, 1948 e 1949. A sua participação em eventos internacionais pode ser conferida, por exemplo, em *4 Congressos Médicos dentro de 21 dias em 3 grandes capitais*¹⁷⁴ e *Impressões de um estrangeiro sobre um Congresso Nacional de Cirurgia*¹⁷⁵. Tais experiências de participação em congressos médicos indicam o movimento de integração internacional realizado pelos médicos por meio das sociedades médicas das quais faziam parte e dos contatos políticos que se desdobravam dessa relação.

Em *4 Congressos Médicos*, por exemplo, nota-se que, na qualidade de sócio correspondente, Eurico Branco Ribeiro participou, entre 23 e 26 de setembro de 1946, em Santiago no Chile, do Congresso Nacional de Cirurgia, promovido pela Sociedade de Cirurgia de Chile, no qual contribuiu com as reuniões dos cirurgiões chilenos. Na ocasião, estava escalado no programa oficial do evento para falar sobre “o tratamento da osteomielite aguda pela Penicilina” (RIBEIRO, 1952, p. 12). O III Congresso Nacional de Cirurgia do Chile se atentava para a divulgação de resultados de trabalhos de natureza experimental, de alta significação prática, confeccionados

¹⁷² Trabalho apresentado à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (RIBEIRO, 1944).

¹⁷³ Além dos já citados, também o trabalho enviado ao XIV Congresso Argentino de Cirurgia; trabalho apresentado ao II Congresso Brasileiro de Hidroclimatismo; trabalho apresentado à II Semana Paulista de Medicina Legal (RIBEIRO, 1944).

¹⁷⁴ Palestra feita na Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa em 13 de março de 1947. (RIBEIRO, 1952). O estudo traz detalhes dos quatro congressos dos quais participou Eurico Branco Ribeiro; tratam-se dos seguintes: II Congresso Nacional de Cirurgia do Chile (23-26 de setembro de 1946); III Congresso Interamericano de Cirurgia, Montevideo, Uruguai; Segunda Conferência para o Bem-Estar do Lesado, Buenos Aires, Argentina; Primeiras Jornadas Rioplatenses de Gastroenterologia, organizadas por especialistas de Buenos Aires e de Montevideo e com a assistência também de mexicanos, chilenos e brasileiros (RIBEIRO, 1952).

¹⁷⁵ Comunicação à Sociedade Médica São Lucas em 3 de agosto de 1948. O artigo faz menção à participação de Eurico Branco Ribeiro no II Congresso Peruano de Cirurgia que foi organizado pela Academia Peruana de Cirurgia e reuniu numerosos cirurgiões sul-americanos vindos do Equador, Chile, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil. O evento mereceu o apoio integral do governo. O próprio presidente da República, dr. José Luís Bustamante y Rivero, não se limitou a comparecer à sessão inaugural (RIBEIRO, 1952). “Durante o Congresso, aconteciam as sessões hospitalares de demonstração de técnica cirúrgica realizadas seja nas salas operatórias, seja nos anfiteatros mediante projeção de filmes e exposição oral. Nessas ocasiões, o Dr. Eurico teve a oportunidade de praticar uma gastroduodenectomia parcial num caso de câncer de estômago, tendo, assim, a oportunidade de mostrar a técnica por nós seguida em São Paulo”. (RIBEIRO, 1952, p. 24).

sob rigoroso critério científico (RIBEIRO, 1952, p. 14). A repercussão desta atividade médica pode ser observada pelas matérias divulgadas nos jornais da imprensa chilena¹⁷⁶.

Além dos jornais, a participação dos médicos nos mais diversos eventos e reuniões era divulgada no Boletim do Sanatório São Lucas, que tinha larga distribuição não só entre médicos, como entre as principais bibliotecas e escolas médicas do mundo, “levando para fora de nossa pátria trabalhos médicos que nunca seriam conhecidos se não fora tal iniciativa” (RIBEIRO, 1961, p. 130).

As participações de Eurico Branco Ribeiro nos congressos nacionais foram destaques nas publicações do Boletim do Sanatório São Lucas, que tratou de publicar suas experiências no VI Congresso Brasileiro de Cirurgiões (RIBEIRO, 1960), outro relatório apresentado ao corpo médico em 6 de agosto de 1959, também alguns Aspectos do XI Congresso Nacional de Medicina (RIBEIRO, 1962), e sua participação nos Congressos de Teresópolis (RIBEIRO, 1967). A maioria das publicações era resultado dos debates e das falas apresentadas nas reuniões da Sociedade Médica São Lucas, momentos importantes de trocas entre especialistas, principalmente porque eram oportunidades de ouvir sobre “assuntos de cirurgia e de discutir os mais modernos processos apresentados para resolver casos cirúrgicos” (RIBEIRO, 1961, p. 131). A proporção e a amplitude que o Sanatório São Lucas foi atingindo ao longo de sua existência levou-o a ser cada vez mais requisitado como centro de atendimento de saúde. Isso pode ser verificado, por exemplo, no Quadro 2 que evidencia o movimento cirúrgico do ano de 1955, quando se atingiu 2363 intervenções cirúrgicas, um número significativo para aquele contexto.

¹⁷⁶ Prosiguen las sesiones de trabajo del congreso nacional de cirugía (EL MERCURIO, 1946); Tercer Congreso Nacional de Cirugía (EL DIÁRIO ILUSTRADO, 1946).

QUADRO 2 – SANATÓRIO SÃO LUCAS / MOVIMENTO CIRÚRGICO DE 1955

Meses	Pequenas Operações	Médias Operações	Grandes Operações	Total
Janeiro	56	78	41	175
Fevereiro	53	84	62	199
Março	73	111	76	260
Abril	59	73	57	189
Mai	49	58	48	155
Junho	44	59	37	140
Julho	68	100	81	249
Agosto	53	87	72	212
Setembro	68	88	62	218
Outubro	54	83	72	209
Novembro	55	62	67	184
Dezembro	50	69	54	173
Total	682	952	729	2363

FONTE: Eurico Ribeiro, Anais Paulista de Medicina e Cirurgia, Suplemento Boletim Sanatório São Lucas, v. 18, n. 4 (1956-10, p. 64).

Esse crescente movimento das atividades de atendimento realizadas foi contínuo e no ano de 1960 foram expressivos, de acordo com os dados expostos por RIBEIRO (1961),

O serviço ambulatorio atendeu 1918 curativos, fez 347 aplicações de ondas curtas, de ultrassom, de raios infravermelhos e de injeções, mais 48 imobilizações por pequenas fraturas. O Departamento de Radiologia fez 1501 exames, entre os quais de ossos, tórax, estomago e duodeno, esôfago, aparelho urinário, árvore biliar. Foram feitos de 4731 exames de laboratório. O número de internações atingiu 1028 enfermos. [...] O movimento de operações acusou o total de 3010 intervenções [...] O departamento de Maternidade registou dados parturientes internadas 1462, entre partos normais e partos operatórios. O serviço de anestesia realizou 2055 anestésias gerais e 160 raquianestésias, tendo havido, além disso, 955 operações sob anestesia local. [...] Departamento de Anatomia Patológica, executou 689 preparações, mediante inclusão de parafina, exame microscópico [...] exames [...] materiais congelados [...] montagem de peças cirúrgicas para figurarem no mostruário do museu cirúrgico do hospital. (RIBEIRO, 1961, p. 131-132).

O conjunto de atividades desempenhadas pelo Sanatório São Lucas demonstra as categorias de serviços oferecidos pelo hospital, o crescimento das especialidades médicas e revela a dinâmica cotidiana de seu universo hospitalar. Parte dessas especialidades pode ser observada na densa produção do Dr. Eurico Branco Ribeiro, que colaborou com estudos nas mais diversas áreas, contribuindo para o desenvolvimento da ciência médica. As pesquisas publicadas no suplemento científico Boletim do Sanatório São Lucas, nas décadas de 1950 e 1960, podem ser examinadas nas tabelas a seguir. Os dados foram extraídos dos exemplares localizados no acervo digital consultado para a realização do trabalho aqui proposto.

TABELA 1 – PESQUISAS PUBLICADAS DÉCADA DE 1950

Década de 1950
O processo Sonlleithner de fechamento do peritoneo (1954)
Evolução de um caso de mixosarcoma – Drs Jaime Rodrigues ¹⁷⁷ e Eurico Branco Ribeiro (1954)
O chamado bócio posbranquial – bócio telobranquial – Dr. Eurico Branco Ribeiro e Dr. Ferdinando Costa ¹⁷⁸ (1955)
A varicocele e o trabalho (1955)
Aspectos da divulgação dos conhecimentos médicos (1955)
Colecistendese (1955)
Lipomatose simétrica e I Moléstica de Recklinghausen (1956)
O diagnóstico radiológico de lesões gástricas (1956)
A cirurgia da tireóide no Sanatório São Lucas (1956)
As úlceras gástricas perante a radiologista e o clínico (1956)
A ressecção gástrica fora da úlcera e do câncer (1956)
Conduta na hérnia estrangulada e nos ferimentos por bala (1957)
Um inquérito sobre apendicite crônica (1957)
Nefrectomia parcial: urolitíase gigante (1957)
Hematocele pós-operatória ou hematocele de cicatriz operatória (1957)
Cirurgia Hepática e prahepática (1957)

¹⁷⁷ Cirurgião da Beneficência Portuguesa.

¹⁷⁸ Médico do Departamento de Anatomia Patológica do Sanatório São Lucas.

Inquérito sobre úlceras perforadas (1957)
Hematocele de cicatriz operatória (1957)
Câncer dos colos (1957)
Inquérito a respeito da apendicite crônica (1957)
Conduta na oclusão intestinal (1958)
Mortalidade como um problema de estatística em cirurgia (1958)
Fibradenoma da mama e câncer – Conceito da degeneração maligna – Prof. Carmo Lordy ¹⁷⁹ e Dr. Eurico Branco Ribeiro (1958)
Tumores mixtos da parótida – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro (1958)
Agenésia renal unilateral – Dr. Eurico Branco Ribeiro (1958)
Pseudorredução de hérnia inguinal (1958)
Pseudorredução de hérnia inguinal (1958)
Mioma ou gravidez? Dr. Eurico Branco Ribeiro (1958)
Afeções abdominais associadas (1958)
Cancer do colédoco (1958)
Tumor de Wilms – Adenosarcoma embrionário do rim – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico B. Ribeiro (1959)
Firbradenoma gigante da mama (1959)
Cancer, gástrico limitado a camada mucosa – Dr. Eurico B. Ribeiro e Prof. Carmo Lordy (1959)
Conduta terapêutica diante da apendicite gangrenosa (1959)
A incisão em bigode prussiano (1959)
Surto Hospitalar de Estafilococcias (1959)
O diagnóstico de tumor do abdome (1959)
Surto hospitalar de estafilococcias – III (1959)
Plasmacitoma – Mieloma constituído por plasmócitos – Dr. Eurico B. Ribeiro e Prof. Carmo Lordy (1959)

FONTE: A autora (2023).

¹⁷⁹ Anatomopatologista do Sanatório São Lucas.

TABELA 2 – PESQUISAS PUBLICADAS NA DÉCADA DE 1960

Década de 1960
Ciste Serosa do Rim (1960)
Os casos vêm aos pares – A propósito do câncer papilífero do ovário e de “ulcus sine ulcus” do duodeno (1960)
Mesentério comum (1960)
Conduta de um caso de estrangulamento herniário (1961)
Carcinoma medular do timo – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco (1962)
Aspecto cirúrgico da gôta – bursite crônica tolosa – Dr. Eurico Branco Ribeiro e Prof. Carmo Lordy (1962)
Uma variante no processo da tunelização para o tratamento da varicocele (1962)
Hipertrofia congênita do piloro (1962)
Tumor fantasma do abdome (1962)
Litíase vesicular (1962)
Supurações pós-operatórias (1962)
A agulha como corpo estranho (1963)
Mola hidatiforme (1963)
Estruma pos-branquial – Prof. Carmo Lordy e Eurico Branco Ribeiro (1962)
Rim em ferradura – Prof. Carmo Lordy, Drs. Eurico Branco Ribeiro e José Aude Ferrer ¹⁸⁰ (1963)
A bexiga como causa de tumor fantasma do abdome (1963)
Um caso de pâncreas acessório – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro (1964)
Neurinoma do pescoço (1964)
Sarcoma do músculo reto do abdome – Dr Eurico Branco Ribeiro e Prof. Carmo Lordy (1964)
Reintervenção por hemorragia (1964)
Multiplicidade do câncer (1967)

FONTE: A autora (2023).

¹⁸⁰ Médico interno do São Lucas advindo da Faculdade Medicina do Paraná.

O adensamento e a série de estudos publicados nas mais variadas áreas da medicina por Eurico Branco Ribeiro, no Boletim do Sanatório São Lucas, permite pensar que o hospital passava cada vez mais a ser sinônimo de modernidade, um sanatório diferente dos existentes até o início do século XX, o que lhe garantia uma particularidade no contexto médico paulista, sendo, portanto, motivo de destaque desta observação, sobretudo por ser desdobramento do processo de criação e racionalização de ambientes destinados ao desempenho em difundir a ciência e modernizar a medicina por meio de uma prática renovada, seja por implementação de técnicas inovadoras ou pelo desenvolvimento de pesquisa na área da cirurgia.

A possibilidade de problematizar a construção de uma visão da realidade social pela atividade médico-científica pôde inserir o conhecimento científico no debate intelectual daquele momento de reestruturação administrativa, econômica e social de São Paulo (FERREIRA; LUCA; 2011). A confiança depositada na ciência, porém, não significava que esta se constituísse em um saber unívoco e homogêneo. Aliás, as instituições que configuravam o campo médico paulista daquele momento, cada vez mais diversificadas à medida que se avança século XX, ainda aguardam por um estudo sistemático.

Com o período republicano, a interação da medicina paulista com seus públicos faz nascer novas formas de inserção da linguagem científica no cotidiano da sociedade que favorecem a representação do interesse do grupo médico local, demonstrado através de instituições e atividades científicas exercidas coletivamente, tais como a formação de associações, publicações, eventos e ensino (LATOUR, 1990; KNORRCETINA, 1999).

Os médicos foram responsáveis por grande parcela dessa nova organização e interação entre ciência e cidades (BRESCIANI, 1985; BENCHIMOL, 1999; BOMENY, 1993), relação que se realizou sob um amalgama científico. Em São Paulo, esse processo correspondeu à institucionalização da saúde, comandada por médicos que desempenhavam tanto funções administrativas como de pesquisa (MASCARENHAS, 1949; CASTRO SANTOS, 1993; TELAROLLI, 1996; SILVA, 2004, 2007). Retomamos aqui a preocupação que orientou esta pesquisa, que foi analisar as transformações que caracterizaram a sociedade brasileira e paulista por meio das modificações ocorridas na medicina e na ação de alguns de seus representantes.

Notadamente a criação do Sanatório São Lucas e a publicação do suplemento científico Boletim do Sanatório São Lucas são processos marcados por

relevos específicos da atuação de um grupo da elite médica paulista que não hesitou em atender ao crescimento das demandas do trabalho hospitalar e de transformá-lo em lugar propício para o desenvolvimento do associativismo médico, de ações filantrópicas na área do ensino e da pesquisa na área da medicina e de divulgação do conhecimento produzido.

Organizado no início da carreira de Eurico Branco Ribeiro, para o S. Lucas eram encaminhados seus pacientes e tornou-se logo uma escola de Cirurgia, uma das mais instrutivas, acolhendo estudantes e colegas, nacionais e estrangeiros. O Dr. Eurico passou a ser considerado um expoente na arte cirúrgica, o que chamava a atenção e atraía os estudantes e profissionais da medicina. Posteriormente, o *Sanatório* foi transformado na obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia, o que demonstra a centralidade do Sanatório para a consolidação e cumprimento do seu serviço.

6.3 A FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA: UM PARADIGMA DO ENSINO MÉDICO E DA FILANTROPIA

A Fundação para o Progresso da Cirurgia, nas palavras do Dr. Eurico Branco Ribeiro, em explanação feita no Rotary de Piracicaba em 17 de fevereiro de 1961, significava a realização do esforço de seu idealismo, o mesmo que precedeu seu ingresso no movimento rotário. A realização era inspirada na Clínica Mayo, que os irmãos Charles e William Mayo haviam transformado em fundação, e a pergunta que o Dr. Eurico se fazia era, “por que também aqui no Brasil não se poderia instituir uma fundação baseada na existência de um pequeno hospital?” (RIBEIRO, 1961, p. 125). Assim, passou a sincronizar seus atos à sua prática filantrópica focalizando o campo científico de sua utilidade, transformando o Sanatório São Lucas, estabelecimento hospitalar de sua exclusiva propriedade, em Fundação para o Progresso da Cirurgia.

Ribeiro (1961, p. 126) lembra que “não faltou quem nos aconselhasse dar outros rumos ao Sanatório São Lucas”, principalmente naquele contexto republicano, em que princípios de abnegação da caridade cristã e os pressupostos para a dedicação assistencial e pública desses profissionais seriam substituídos por valores pragmáticos e tipicamente capitalistas (FERREIRA; LUCA; 2011). Vencendo o idealismo, a fundação foi instituída em 26 de janeiro de 1959 e devidamente registrada na Curadoria de Resíduos de São Paulo em 19 de abril do mesmo ano,

“demos-lhe o título de Fundação para o Progresso da Cirurgia” (RIBEIRO, 1961, p. 126). O título da fundação tinha suas razões de ser, exprimia o esforço em marcha do desenvolvimento da cirurgia no Sanatório São Lucas, cujas características seriam a busca do progresso da medicina, além de manter um elevado nível de atendimento aos enfermos e contribuir para a melhoria dos padrões da cirurgia.

A escritura pública foi lavrada no 10º Tabelião da Capital do Estado de São Paulo, livro 783, e registrada no Cartório de Registro de Títulos e Documentos Adalberto Neto (RIBEIRO, 1959). Sobre as finalidades da Fundação, deveria promover e apoiar as seguintes diretrizes: a adoção e divulgação das mais altas normas na prática da cirurgia; a constante melhoria dos padrões técnicos e científicos de assistência aos enfermos cirúrgicos; o incremento da cirurgia experimental como base de progresso; cursos de aperfeiçoamento nos vários ramos da cirurgia; estágios de aproveitamento prático para médicos recém-formados; reuniões periódicas para discussão de assuntos cirúrgicos e estudos em curso; conferências e cursos sobre atualidades cirúrgicas; publicação de livros e revistas sobre cirurgia; manutenção de biblioteca especializada para consulta sobre cirurgia; bolsas de estudo nos centros médicos do país e do estrangeiro, conferidas mediante concurso; bolsas para viagens de intercâmbio cirúrgico, conferidas mediante concurso; prêmios para trabalhos sobre temas cirúrgicos; relações estreitas com instituições congêneres do país e do estrangeiro; e manutenção de um hospital de cirurgia adequada ao desenvolvimento das finalidades da fundação (RIBEIRO, 1959).

Com relação ao patrimônio da Fundação, a dotação inicial foi feita pelo instituidor doutor Eurico Branco Ribeiro e sua esposa dona Maria Emília Ferreira Ribeiro, e ficou definido em seu estatuto que em “caso de extinção seu patrimônio passará a pertencer ao Rotary Club de São Paulo” (RIBEIRO, 1959, p. 14). Com esse gesto ficava nítida a relação entre a filantropia praticada e as orientações advindas do Rotary, instituição da qual absorveu alguns princípios de organização e administração que ajudaram a realizar a sua obra filantrópica na área da saúde. Nota-se que, com a doação ao Rotary Club, da Fundação para o Progresso da Cirurgia, cumpria-se o seu dever enquanto rotariano.

Ainda sobre a aproximação da Fundação para o Progresso da Cirurgia e do Rotary Club de São Paulo, está expressa no Estatuto da fundação onde consta que a instituição teria um conselho formado por um total de oito membros, alguns eram representantes da Academia de Medicina de São Paulo, do Departamento de

Cirurgia da Associação Paulista de Medicina, do Sanatório São Lucas, dentre outros, que atuavam sob a presidência do Presidente do “Rotary Club de São Paulo que terá, além do voto comum o direito do voto a desempate” (RIBEIRO, 1959, p. 10).

Mesmo não sendo uma atividade do Rotary Club, a Fundação para o Progresso da Cirurgia estava intimamente ligada às orientações da instituição rotariana, sobretudo dos princípios da Fundação Rotária, que fomentavam dentre outras questões educacionais, a produção de ciência médica, principalmente através da promoção do conhecimento mútuo que se realizava por meio da “magnífica e vitoriosa iniciativa da distribuição de bolsas para estudos especializados” para que os “jovens possam passar um ano em terras estrangeiras para estabelecer contatos culturais, apreciar costumes e instituições, visitar museus e bibliotecas” (RIBEIRO, 1961, p. 144). A intensidade com que participava, Eurico Branco Ribeiro no contexto do Rotary Club de São Paulo verifica-se através sua participação na primeira comissão internacional nomeada para selecionar candidatos a uma bolsa pela Fundação Rotária¹⁸¹, considerada a perpetuação do movimento rotário¹⁸².

Assim como na Fundação Rotária, a atualização do aperfeiçoamento técnico e científico praticado no Sanatório São Lucas acontecia principalmente através da promoção de bolsas de viagem ao exterior, bem como pela concessão de estágios nos seus serviços para médicos brasileiros e recém-formados provenientes de vários países. Os auxílios concedidos pela Fundação para o Progresso da Cirurgia propiciavam aos médicos do quadro do Sanatório São Lucas a oportunidade de realizarem intercâmbios através de viagens de estudos na Europa e alguns países da

¹⁸¹ Sobre a Fundação Rotária, em palestra feita no Rotary Club de Santo Amaro, em 23 de dezembro de 1959, Ribeiro (1961) lembra que foi lançada, em 1917, quando se temia o fim das instituições mundiais. Era conveniente preservar a existência do espírito rotário, reunindo um fundo monetário capaz de perpetuar o movimento iniciado em Chicago em 1905. Arch Klumph, então presidente do Rotary, justificou a ideia de se obter a dotação de fundos com as perspectivas de se levar avante uma grande obra educacional e caritativa (RIBEIRO, 1961). No ano de 1947, trinta anos após a sua instituição, a Fundação Rotária financiava “os primeiros 40 mil dólares para pagar despesas com os primeiros 18 bolsistas [...] eram rapazes que seguiam para o estrangeiro em busca de aperfeiçoamento de estudos.” (RIBEIRO, 1961, p. 237). A atividade da Fundação foi se intensificando gradativamente, chegando no início da década de 1960 a distribuir 1203 bolsas a rapazes e moças, de 67 países diferentes que estudaram em 44 países, com um gasto total de \$ 3.060.095,00. Os recursos eram provenientes dos rotarianos, dos clubes, de doações, de renda dos fundos já acumulados (RIBEIRO, 1961). A distribuição de bolsas da Fundação Rotária era uma forma de fomentar o bom entendimento internacional e melhor compreensão e amizade entre os povos das diferentes nações (RIBEIRO, 1961).

¹⁸² Segundo os dados demonstrados pelo médico, em uma década a Fundação Rotária distribuiu nada menos de “956 bolsas, 748 para rapazes e 208 para as moças [...] provenientes de 61 países, tendo estagiado em 42 nações.” (RIBEIRO, 1961, p. 227). As finalidades da Fundação Rotária consistiam em patrocinar projetos tangíveis visando uma melhor compreensão e amistosas relações entre povos de nações diferentes (RIBEIRO, 1961).

América (RIBEIRO, 1961). O reconhecimento da importância da atividade pode ser observado pela intenção de seu Diretor de ampliar “em futuro próximo” (RIBEIRO, 1961, p. 129) o valor investido nesse setor; o recurso seria proveniente do aumento do patrimônio da Fundação.

Na tentativa de ampliar as relações internacionais, o contato com médicos de outros países era feito através de conferências em que destacados profissionais estrangeiros transmitiam os mais modernos progressos de suas especialidades; as reuniões contavam com conhecidas autoridades médicas, da Itália, Portugal, Goa, Cuba, Peru, Paraguai, Chile, Argentina, Suíça e Espanha (RIBEIRO, 1961). Muitas dessas conferências eram proferidas por ex-estagiários do Sanatório São Lucas; uma delas foi realizada no Rotary Club de Asunción, Paraguai, no dia 9 de janeiro de 1963, pelo Dr. Emilio Aguero Wagner, que recebeu o convite para fazer breve exposição dos estudos de aperfeiçoamento em Cirurgia (WAGNER, 1967). As impressões apresentadas versavam sobre os estudos realizados na *Fundación para el Progreso de la Cirurgia*, sob a direção do “dilecto rotário” Prof. Eurico Branco Ribeiro, reconhecido por sua personalidade e por seu domínio cirúrgico. Sobre o serviço prestado pelo Sanatório São Lucas, afirmava o Dr. Emilio Wagner que era exclusivamente cirúrgico, mesmo sendo uma instituição privada. O médico pontuava que, mesmo não sendo de caráter universitário, o espaço era local onde se “desarrolla enorme actividad científica que hacen que contintuya un importante centro de aprendizaje y perfeccionamiento.”¹⁸³ (RIBEIRO, 1967, p. 181).

A Fundação, por meio do Sanatório, também realizava eventos internos com a intenção de divulgar as práticas médicas e técnicas cirúrgicas desenvolvidas nas mais diversas áreas da medicina tratadas no interior da instituição. Como a preocupação era criar espaços de divulgação do conhecimento científico, a primeira Semana Cirúrgica organizada pela Fundação foi realizada no dia de sua instalação, entre 26 e 31 de janeiro de 1959¹⁸⁴, concomitante à comemoração da passagem do 20º aniversário do Sanatório São Lucas. A realização do evento era um sintoma da preocupação em tornar o hospital um centro de estudos e de divulgação de assuntos cirúrgicos. Estabelecendo um sistema de estágio a médicos nacionais e

¹⁸³ “Realiza uma enorme atividade científica que a torna um importante centro de aprendizagem e aperfeiçoamento”, tradução nossa.

¹⁸⁴ Folder de divulgação do Evento Semana de Cirurgia promovida pelo Sanatório São Lucas – Fundação para o Progresso da Cirurgia, 1959.

estrangeiros¹⁸⁵, conseguiu o São Lucas atrair elementos que permitissem a troca de experiências clínicas e cirúrgicas (NOBRE, 1959).

Outro relato do presidente da instituição, Eurico Branco Ribeiro, sobre as atividades da Fundação para o Progresso da Cirurgia, foi a realização da III Semana de Cirurgia, evento que visava reunir, em São Paulo, os médicos que fizeram estágio no Sanatório São Lucas, de propriedade da Fundação. A atividade contou com a participação de “cerca de cinquenta médicos de vários estados do Brasil e do estrangeiro” (RIBEIRO, 1964, p. 147), que vieram até a capital paulista para participar do encontro, dentre os quais foram lembrados os nomes dos doutores Manuel Sanchez e Edgar Ibárcena, que vieram do Peru e colaboraram aos trabalhos da semana, o que demonstra o alcance da instituição no contexto latino-americano.

O evento era visto como um “pequeno congresso dos médicos da casa”, e era ocasião em que ocorria a entrega da Medalha do Mérito Cirúrgico São Lucas. Naquele evento, o Dr. Fernando Paulino, do Rio de Janeiro, foi saudado pelo Professor Benedito Montenegro, o primeiro laureado em 1962. Outro fato marcante desta III Semana de Cirurgia foi a organização e instalação da Legião Médica São Lucas, constituída pelos médicos que trabalhavam e pelos que estagiaram no São Lucas; para presidente, foi eleito o Dr. Eduardo Figueroa, de Córdoba, Argentina. Entre as “funções da legião médica está a de se encarregar da organização das Semanas de Cirurgia, promovendo a sua realização em diversas cidades do país e mesmo no estrangeiro nas cidades onde residem os antigos estagiários do Sanatório São Lucas” (RIBEIRO, 1964, p. 147). Um desses encontros realizados foi a III Concentração em Poços de Caldas, realizada entre 7-8 de outubro, de modo que a atividade contou com a presença de 22 legionários (Boletim do Sanatório São Lucas, 1967-12).

O cumprimento do programa de progresso para a cirurgia proposto pela Fundação foi possível graças ao apoio recebido de pessoas e organizações que contribuíram para a sua existência, dentre os contribuintes encontram-se os seguintes: Sociedade Anônima Votorantin; Indústrias Alves & Reis, S.A.; Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais; a poetisa Marcia de Lorena, que deu um

¹⁸⁵ Dentre os médicos estrangeiros que foram estagiários do Sanatório São Lucas é possível citar os nomes dos peruanos Dr. Manuel Sanchez (BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS, 1956-07) e Dr. Guillermo Sevillano Calderon (BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS, 1963-12); do colombiano Dr. Gustavo Ventura (BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS, 1964-03), e do paraguaio Dr. Emilio Aguero Wagner (BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS, 1963-01).

festival literário-musical em Benefício da Fundação; o Sr. José Luís Pacheco Fernandes; o Dr. Frederico Chalbeaud Biscaia; o Sr. Michel Cury; o Dr. Roberto Levy; e um funcionário do Sanatório São Lucas (RIBEIRO, 1961). Assim, a Fundação para o Progresso da Cirurgia, antes de ser a realização de um indivíduo, configura-se como o projeto de um grupo social que interfere na organização política e social.

Para se dedicar totalmente às atividades e aos encargos da Fundação para o Progreso da Cirurgia, Eurico Branco Ribeiro se desligou no ano de 1960 das funções na Fundação Rotarianos do Rotary Club de São Paulo. De acordo com Machado (1978), “a primeira preocupação de Eurico, neste passo acompanhado de Maria Emília, foi instituição uma Fundação, a fim de desvincular o Sanatório de sua pessoa e dar continuidade às obras que encetara, inclusive proporcionando bolsas de estudo e cursos de pós-graduação a médicos estrangeiros, quando não se falava em tais coisas no Brasil” (MACHADO, 1978, p. 6). Essa atitude colocava em prática os preceitos da segunda e da quarta avenidas do Rotary, ou seja, a dos Serviços Profissionais e a dos Serviços Internacionais. Pode-se dizer que, por ser filiado ao Rotary Club de São Paulo, a filantropia de Eurico Branco Ribeiro incorporou um *habitus* próprio a esta instituição.

A Fundação para o Progresso da Cirurgia representava a modernização de um conceito de filantropia praticado até então em que a ação médica estava associada à caridade cristã. A instituição representava uma inovação para a medicina, sobretudo ao criar um espaço da ciência na agenda da Fundação, garantindo a experiência de um novo paradigma filantrópico. Considerada uma filantropia autônoma, genuinamente brasileira, ainda que influenciada pelo modelo de outras organizações associativas, como a Fundação Rockefeller ou mesmo a Fundação Rotária, a Fundação para o Progresso da Cirurgia tinha seus próprios recursos subsidiados pela Sociedade Médica São Lucas.

É possível observar que o seu perfil de filantropo valorizava a ciência médica pautada no princípio ético de ajuda ao outro, o que não excluía a valorização da antiga concepção que relacionava os valores da filantropia aos da assistência, compaixão social e caridade religiosa, mas agregava a esses os novos princípios da filantropia praticada por Eurico Ribeiro. Cabe mencionar que em sua conduta profissional e individual o médico vivenciava os fundamentos do *ethos* cristão, sobretudo aqueles vinculados ao espiritismo, característica que também marcou sua ação filantrópica. Além dessas características, sua filantropia foi pautada na

racionalidade científica, caracterizada pela defesa da ciência, da saúde e da educação. Nesse momento, a ciência estava em plena ascensão por meio das atividades relacionadas à saúde, e a filantropia não se eximiu neste cenário, os médicos e filantropos, aqui representados por Eurico Ribeiro, agiram no sentido de validar práticas modernizadoras para a consolidação da república e o desenvolvimento da nação a partir de outras bases sociais.

A opção por analisar sociologicamente a biografia de Eurico Ribeiro abriu a possibilidade de alcançar o seu envolvimento nas mais diversas instituições e agremiações médico-científicas com as quais manteve contato nas primeiras décadas do século XX. Disto, verificou-se que o associativismo médico fortaleceu a existência não apenas do Sanatório São Lucas, mas se constituiu enquanto característica da obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia, que teve sua utilidade pública reconhecida pela nº. Lei 6.668 de 4 de janeiro de 1962.

A prática do associativismo médico também acontecia através da realização de intercâmbio científico com instituições, campos disciplinares e personagens de outros Estados da Federação, contribuindo para a definição de uma identidade própria da medicina paulista e da cirurgia. Por isso, a nossa tentativa busca demonstrar como as ações desse médico sobreviveram à sua geração, e como a estratégia de fundir sua prática médica ao universo do associativismo o ajudou a consolidar seu projeto filantrópico.

Sempre na vanguarda, a ideia de instituir a Fundação para o Progresso da Cirurgia nos moldes da Fundação de Rotarianos de São Paulo, instituição que também ajudou a consolidar, fez com que materializasse o idealismo de Eurico na área da saúde. Sócio de inúmeras sociedades culturais e científicas, muitas no estrangeiro, onde igualmente era considerado, foi distinguido em muitas com títulos honoríficos e honrosas condecorações pelo cabedal científico e cultural que possuía (CAMPOS, 1978). Nota-se que essa instituição filantrópica elegeu a pesquisa da ciência médica como sua bandeira principal. Também foi por meio da ampliação das relações sociais, da consolidação das teias de interdependência, e da prática de um novo *habitus* que uma nova prática filantrópica no âmbito da saúde foi possível no contexto nacional.

A filantropia científica praticada, em São Paulo, na primeira metade do século XX, foi marcada principalmente por sua relação com instituições norte-americanas, como a Fundação Rockefeller (MARINHO; MOTA, 2013) e os Rotary Clubs. Aqui

entende-se que também a Fundação para o Progresso da Cirurgia se configura como uma filantropia científica, pois atentava para o ensino e a pesquisa na área da medicina, colaborando para o desenvolvimento da ciência médica não apenas no contexto regional, mas também nacional e internacional, permitindo uma validação da dimensão educativa do hospital.

Neste sentido, a Fundação para o Progresso da Cirurgia se caracteriza por voltar sua atenção à produção e divulgação do saber médico, configurando-se como um organismo da sociedade civil organizada. Além de proporcionar prestígio social, a filantropia praticada refletia o comprometimento com o exercício do espírito comunitário de onde se exercita a responsabilidade civil. Neste caso, a discussão entre Medicina e Filantropia remete a uma reflexão sobre o papel das organizações no desenvolvimento da ciência médica e na modernização da medicina, bem como no processo de configuração de novas relações sociais que despontavam naquele contexto.

Foi por meio do contato com instituições sociais e científicas do contexto nacional e internacional que o Diretor do Sanatório São Lucas e o mentor da Fundação para o Progresso da Cirurgia tiveram as condições de forjarem-se enquanto filantropo, colaborando em várias dimensões da vida social, realizando atividades associadas à educação e saúde, principalmente promovendo a pesquisa/ensino na área da medicina. Por isso, é importante pensar a construção de uma biografia sociológica que considere a rede de relações tecidas e as novas linguagens que surgem no contexto urbano e hospitalar, e que colaboram para divulgar o material publicado nesses espaços com os quais interagiu ao longo de sua trajetória social.

A Fundação reúne elementos complexos, que lhe dão singularidade, e que podem se compreendidos e explicados. Esse feito pode ser identificado como algo inédito no âmbito da medicina naquele contexto, confirmando seu alinhamento aos projetos de modernização em voga no Brasil em que a ciência, e sobretudo os médicos, tiveram atuação destacada. Neste caso, o papel dos grupos médicos e sua intervenção na organização da sociedade civil foi fundamental para a consolidação da nova estrutura social republicana.

Logo, a Fundação se configura como uma estrutura consolidada por um grupo da elite médica paulista que buscava se organizar para reproduzir o mundo social que defendiam, principalmente por meio da divulgação dos conhecimentos

científicos que os validava. O Eurico Branco Ribeiro desempenhou importante papel nas mudanças ocorridas em São Paulo no âmbito da filantropia, sendo um dos responsáveis pela prática desse novo perfil filantrópico, principalmente porque esteve preocupado em pensar suas bases com cunho menos assistencialista e mais preocupado com políticas sociais no âmbito da medicina.

Além disso, a Fundação para o Progresso da Cirurgia pode ser percebida como o amálgama, pois une todos os elementos herdados de uma trajetória social (associativa) e profissional, que culmina com a atualização de prática filantrópica, pautada no discurso científico. Muito embora seu feito fosse considerado uma “obra de amor”, a fundação se configurava como uma instituição de vanguarda no âmbito da filantropia científica e médica, todavia era possível manter os fundamentos da caridade e do amor cristão, propagados nas primeiras práticas de filantropia.

A necessidade de consolidar a racionalidade médica no contexto social republicano estava intimamente ligada ao poder local, de modo que a filantropia não foi excluída nesse processo. Nota-se que a construção do Sanatório São Lucas foi primordial para a consolidação de Eurico Branco Ribeiro como nome respeitado no contexto da medicina e para o desenvolvimento da cirurgia como especialidade médica. Anos mais tarde esse hospital seria transformado em uma filantropia médica, que também possui a conduta do bem servir, o *ethos* cristão. Neste sentido, a ação estava mais próxima do exercício da cidadania, do que de uma ação assistencial se distanciando daquelas primeiras práticas filantrópicas.

A Fundação para o Progresso da Cirurgia pode ser compreendida, guardando suas singularidades, como uma continuidade daqueles “projetos modelares” de filantropia científica que colaborou para difundir a ciência médica em São Paulo, como, por exemplo, as ações da Fundação Rockefeller nas primeiras décadas do século XX (MARINHO, 2013), o que confirma o papel de destaque da filantropia médica (MATSUMOTO, 2018) na ampliação do desenvolvimento dos espaços de saúde e da medicina no Brasil.

O estudo da trajetória de Eurico B. Ribeiro evidenciou outra importante característica da filantropia médica por ele praticada, qual seja, a relação estabelecida com o Rotary Club, onde prestava trabalho voluntário e principalmente desenvolvia ações promovidas na Fundação de Rotarianos. A instituição foi criada para garantir que as realizações da instituição não tivessem fins lucrativos, mas amplitude social, o que entusiasmou a transformação do Sanatório São Lucas em

Fundação para o Progresso da Cirurgia. Nesse sentido, a filantropia despontava naquele contexto como um mecanismo utilizado pelos médicos e era considerada relevante na transformação social e da saúde no Brasil. Percebe-se que, ao promover a continuidade dos serviços filantrópicos, Eurico Ribeiro colabora como um membro da sociedade republicana que buscava garantir o desenvolvimento da ciência médica no contexto paulista e brasileiro.

Sendo assim, a proposta destaca que o perfil filantrópico de Eurico Branco Ribeiro pode ser representativo de uma ressignificação da filantropia no contexto sociocultural brasileiro da primeira metade do século XX, pois no exercício da medicina e em sua interação com diferentes grupos e espaços sociais na capital paulista, assimilou distintas tradições filantrópicas na qual convivem elementos científicos, morais e espirituais do *ethos* cristão, da filantropia científica e da filantropia médica. Neste caso, o biografado pode ser entendido como um indivíduo que reúne elementos da sociedade em que se formou sendo, portanto, sua trajetória/biografia reveladora de seu protagonismo na prática da nova filantropia que passa a ser difundida no país. Disto, reconstruir a biografia sociológica desse personagem constituiu oportunidade de verificar, através de sua obra, o papel dos médicos e filantropos para a consolidação de novas práticas filantrópicas no contexto paulista, e perceber o entre lugar em que se localiza o seu pensamento filantropo, um paradigma que passou a ser praticado no contexto brasileiro.

7 CONCLUSÕES

As hipóteses e os objetivos que orientam essa tese tiveram a preocupação de compreender as mudanças que marcaram a sociedade brasileira e paulista na primeira metade do século XX e que se expressam nas transformações ocorridas na medicina e na ação de alguns de seus principais representantes. Eurico Branco Ribeiro esteve no centro desse processo, comprometido em estabelecer um diálogo constante entre os problemas da nação e a promessa de atenção à saúde. Assim, discutir a relação entre Medicina e Filantropia remete à reflexão sobre o papel das instituições no desenvolvimento da ciência médica e na modernização da medicina, bem como no processo de configuração de novas relações sociais que despontaram.

Essa opção nos permitiu aprofundar o estudo apresentado na dissertação de mestrado (SANTOS, 2018), a qual compreendeu o envolvimento de Eurico Branco Ribeiro com a pauta sanitária nos anos de 1920. Assim, a preocupação foi analisar a trajetória e atuação do médico Eurico Branco Ribeiro na história da medicina paulista e o seu *ethos* filantropo.

Os médicos foram responsáveis por grande parcela dessa nova organização e interação entre ciência e cidade (BRESCIANI, 1985; BENCHIMOL, 1999; BOMENY, 1993), relação que se realizou sob o amálgama científico. Em São Paulo, esse processo correspondeu à institucionalização da saúde, comandada por médicos que desempenharam tanto funções administrativas como de pesquisa científica (MASCARENHAS, 1949; CASTRO SANTOS, 1993; TELAROLLI, 1996; SILVA, 2004; 2007). Os médicos, ao se obrigarem ao diálogo constante com os problemas da nação com a atenção à saúde pública e individual, inauguraram ações de combate às doenças e construíram novas formas de inserção da linguagem científica no cotidiano da sociedade, tais como o higienismo, o sanitarismo e o eugenismo.

Foi por meio da realização de atividades relacionadas à medicina que Eurico Branco Ribeiro forjou-se enquanto médico cirurgião e filantropo, colaborando em várias dimensões da vida social, realizando atividades associadas à educação e saúde (com novas técnicas cirúrgicas, residência técnica e supervisão cirúrgica), principalmente promovendo a pesquisa e o ensino da medicina.

A construção de uma biografia sociológica de Branco Ribeiro, que considere a rede de relações tecidas no contexto urbano e no exercício da medicina, colabora para divulgar a atuação de indivíduos em espaços com os quais interagiu ao longo de

sua trajetória social. Concentrando-se na trajetória de vida de Eurico Branco Ribeiro (1902–1978), a opção nesta pesquisa foi realizar um estudo biográfico, aqui elaborado na perspectiva da sociologia histórica (ELIAS, 1994), que privilegia a intersecção do indivíduo com a sociedade, ou seja, a intersecção entre o tempo da história e o tempo da biografia – o tempo biográfico é um recorte no tempo da história. Nesse sentido, entende-se que a experiência de Eurico Braco Ribeiro não esteve dissociada da experiência social da elite paulista.

A proposta metodológica assumida nesta tese privilegiou o campo de estudos da biografia sociológica com ênfase nos aspectos biográficos da vida social do sujeito histórico. O valor em se propor elaborar uma biografia sociológica a partir da trajetória de Eurico Branco Ribeiro está, portanto, na compreensão das experiências coletivas e institucionais deste indivíduo, destacando as singularidades de sua formação familiar e escolar, seu percurso acadêmico-profissional e seus vínculos institucionais ao longo do século XX.

Somente no século XX foi que a pesquisa biográfica tomou importância para os estudos sociológicos (JUNQUEIRA, 2019). Disto, surgiram diversas classificações que procuram debater a pluralidade de acepções que se desdobram da noção de biografia. O método biográfico desenvolvido inicialmente por pesquisadores da Escola de Chicago era utilizado no âmbito dos estudos sociológicos em pesquisas voltadas para o então emergente fenômeno urbano com ênfase na cidade e nas relações sociais com o modo e estilo de vida dos indivíduos (BECKER, 1996; BLUMER, 2020). As relações sociais manifestas em Eurico Ribeiro foram observadas a partir da localização de sua vida social que, por sua vez, se organizava em torno de instituições urbanas. Neste caso, a Fundação Rockefeller, a Faculdade de Medicina de São Paulo e o Rotary Club de São Paulo foram instituições identificadas como espaços de atuação e representação da elite paulista, lugares que marcaram a conformação de seu perfil de médico filantropo.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi fundamental para a escolha do sanitarismo (SANTOS, 2018) e da cirurgia como a especialidade profissional do biografado. Ali, estabeleceu contato com Benedito Montenegro, médico paulista de grande prestígio, que foi um dos mediadores das relações entre a Fundação Rockefeller e membros da elite local, e a quem tomou como mestre ao longo de sua trajetória na capital paulista, sendo fundamental para as ações do médico Eurico Ribeiro no Rotary Club de São Paulo, onde ingressou no ano de 1935

na categoria de sócio representativo, com a classificação de Medicina-Cirurgia, a mesma que havia sido ocupada pelo Professor Benedicto Montenegro (RIBEIRO, 1971). Anos mais tarde, os fundamentos da filantropia empreendida por Eurico Branco confirmariam a aproximação tanto com os valores disseminados pela Fundação Rockefeller quanto pelos divulgados pelo Rotary Club de São Paulo, principalmente os que diziam respeito sobre a utilidade das ações sociais no âmbito da saúde e da ciência médica.

Assim, durante o exercício de construção dessa biografia sociológica o desafio inicial foi o de compreender as configurações sociais das quais fez parte, tornando desafiador e instigante reconstituir sua trajetória como acadêmico da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e como membro do Acadêmico “Oswaldo Cruz” (fundado pela primeira turma de medicina no ano de 1913). Eurico Ribeiro era membro do Centro Acadêmico e a experiência estudantil se deu concomitante ao período em que a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo passava por transformações em decorrência dos acordos estabelecidos com a Fundação Rockefeller.

Atento ao desenvolvimento da ciência médica, Eurico Ribeiro também se preocupava com o ensino cirúrgico. Sinônimo de excelência em cirurgia e em ensino clínico cirúrgico, e reflexo do protagonismo da filantropia científica nas ações do médico, o Sanatório São Lucas, criado em 1939, foi transformado, em 1959, na obra filantrópica Fundação para o Progresso da Cirurgia. Eurico Ribeiro era reconhecido pelas técnicas operatórias criadas e reconhecidas internacionalmente, de modo que seus movimentos sempre atualizados contribuíram para formar no São Lucas um conhecimento altamente sofisticado, aperfeiçoando cirurgias gerais do mais elevado padrão graças à pesquisa e à técnica (VIDA ROTÁRIA, 1978).

Ainda sobre o Sanatório São Lucas, além do atendimento clínico, o hospital se voltava para o ensino e a pesquisa da medicina colaborando para o desenvolvimento da ciência médica não apenas no contexto regional, mas também nacional e internacional, permitindo validação da dimensão educativa do hospital. Neste sentido, foi importante apresentar os projetos consolidados por Eurico Branco Ribeiro no contexto da medicina, com destaque para o Sanatório São Lucas, que além de ser espaço de prática cirúrgica, ensino e pesquisa de medicina, também se configura como lugar da circulação e das relações sociais com as quais Eurico estabeleceu a conjuntura social do seu tempo. A peculiaridade da consolidação do Sanatório São

Lucas mostrou a sua existência vinculada ao desenvolvimento e aprimoramento da ciência médica e da filantropia no contexto paulista.

Entende-se que o espaço fez parte de uma ampla reorganização das representações sobre a medicina, cumpriu um perfil institucional e clínico específico, de modo que era um espaço de atendimento em saúde naquele momento em que os médicos tomaram seus novos lugares, fortemente integrados ao cenário social, algo que também ficou explícito com a criação da publicação do suplemento científico do sanatório nos Anais de Medicina e Cirurgia, o *Boletim do Sanatório São Lucas*. Com essas inovações, o Sanatório São Lucas passou cada vez mais a ser sinônimo de modernidade, um sanatório diferente dos existentes até o início do século XX. Era voltado inicialmente para assistência à saúde, o que lhe garantiu uma particularidade no contexto médico, e também por seu desdobramento no processo de criação e racionalização de ambientes destinados ao desempenho de difundir a ciência e modernizar a medicina através de uma prática renovada, seja por implementação de técnicas inovadoras, seja pelo desenvolvimento de pesquisa na área da cirurgia.

A pesquisa que também buscou enfatizar a prática do médico Eurico Branco se caracteriza como resposta às necessidades da vida urbana que passava a exigir a criação de instituições sociais e culturais, implicando no surgimento de novos comportamentos, novas relações sociais e necessidades das populações. A nova racionalidade médica disseminada no contexto da sociedade paulista culmina com a criação de novos espaços de institucionalização e difusão da medicina, como os sanatórios, um tipo ideal de instituição que provocou modificações especialmente em relação às políticas do cuidado em saúde, fazendo com que as intervenções diagnósticas, os procedimentos cirúrgico-clínicos e as terapêuticas obtivessem legitimidade no seio da população.

A partir da análise foi possível perceber que a medicina exercia papel fundamental na vida das instituições com as quais Eurico Branco Ribeiro estava filiado, o que colaborou para a sua atuação na filantropia. Recuperar a relação com a Fundação Rockefeller foi o caminho encontrado para entender o seu envolvimento com o modo de pensar as questões de saúde, sobretudo articulando ciência médica, filantropia e saúde.

A filantropia praticada por Eurico Ribeiro é um fenômeno que reflete as camadas de um processo de mudança social e do qual se pode observar os efeitos da alteração do estado de determinado sistema social. A inovação social e cultural

que representava a filantropia praticada por Eurico Ribeiro no âmbito da medicina evidencia que sua prática filantrópica está inserida no processo de transformação de hábitos e de formas de vidas ou de configuração de ordem social, manipulada por camadas com posições estratégicas na estrutura de poder das instituições ou das associações no processo de reconstrução da ordem social (FERNANDES, 1979).

O processo de modernização do Brasil desencadeado ao longo do século XX acarretou alterações significativas no tocante às concepções da filantropia, que passou a ser compreendida como instrumento capaz de auxiliar na consolidação do projeto de modernidade idealizado para a nação, cuja mobilização para colocá-lo em prática foi realizada por políticos, profissionais liberais, empresários e intelectuais. Até princípios do século XX, o cenário nacional era marcado pela filantropia de caráter aristocrático, com forte presença do Estado e profundamente próxima à caridade e associado à ética cristã. A renovação da prática filantrópica implicou na alteração da forma como as elites passam a se relacionar com a pobreza. Somente a partir das primeiras décadas do século XX, através de um discurso simultaneamente moral, social e patriótico, a filantropia deixa de ser um sistema de afirmação de princípios humanistas para se constituir em “um modelo de proposições sociais dirigidas à suavização da pobreza ou da doença – o que compreende a mendicância, a assistência, a saúde pública e a segurança.” (SANGLARD, 2015, p. 15).

Assim, lançamo-nos ao desafio de conhecer os diferentes contextos e espaços sociais nos quais Eurico Branco Ribeiro desenvolveu suas atividades filantrópicas. Ao longo da pesquisa foi possível destacar a importância de Eurico Ribeiro para a história da medicina. O perfil filantropo do médico paranaense revela a assimilação tanto dos preceitos cristãos da assistência, quanto da dimensão científica atrelada à filantropia, sobretudo vinculado aos valores anglo-saxões inseridos no Brasil através da Fundação Rockefeller (MARINHO, 2013), com a qual manteve contato quando estudou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Além do contato com a filantropia científica, Eurico também aderiu à filantropia médica, que realizou através do trabalho voluntário no Rotary Club de São Paulo, onde ampliou sua rede de sociabilidades e angariou capital simbólico, que lhe garantiu legitimação na profissão e a projeção na elite médica paulista.

A necessidade de consolidar a racionalidade médica no contexto social republicano estava intimamente ligada ao poder local, de modo que a filantropia não foi excluída nesse processo. A filantropia despontou naquele contexto como um

mecanismo utilizado pelos médicos e era considerada relevante na transformação social e da saúde no Brasil. Percebe-se que, ao promover a continuidade dos serviços filantrópicos, Eurico Ribeiro colaborava como um membro da sociedade republicana que buscava garantir o desenvolvimento da ciência médica nos contextos paulista e brasileiro. Sempre na vanguarda, a ideia de transformar o Sanatório São Lucas na Fundação para o Progresso da Cirurgia aos moldes da Fundação de Rotarianos de São Paulo, instituição que também ajudou a consolidar, fez com que se materializasse o idealismo de Eurico na área da saúde. O sanatório elegeu a pesquisa da ciência médica como sua bandeira principal.

A Fundação para o Progresso da Cirurgia representou a modernização de um conceito de medicina e filantropia praticado até então em que a ação médica estava estritamente associada à caridade cristã. A instituição representava para a medicina algo inovador. Assim, cria-se um espaço da ciência na agenda da Fundação garantindo a experiência de um novo paradigma de ensino da medicina, considerada nesta tese uma filantropia autônoma, embora influenciada pelo modelo de outras organizações, como a Fundação Rockefeller e a Fundação Rotária.

Eurico Branco Ribeiro ressignificou a filantropia no contexto sociocultural brasileiro da primeira metade do século XX, pois no exercício da medicina, conviveram elementos científicos, morais e espirituais do *ethos cristão*, conjugados com a *filantropia científica* e *filantropia médica*. Neste caso, o biografado pode ser entendido como um indivíduo que reuniu elementos da sociedade em que se formou sendo, portanto, sua trajetória/biografia reveladora de seu protagonismo na prática da nova filantropia que passa a ser difundida no país.

Ao valorizar na prática filantrópica, cabe mencionar que, em sua conduta profissional e individual, o médico vivenciava os fundamentos do *ethos cristão*, sobretudo aqueles vinculados ao espiritismo, característica que também marcou a filantropia deste médico. Além dessas características, sua filantropia foi pautada na racionalidade científica, caracterizada pela defesa da ciência, saúde e educação. Nesse momento, a ciência estava em plena ascensão por meio das atividades relacionadas à saúde, e a filantropia não se eximiu neste cenário: os médicos e filantropos, aqui representados por Eurico Ribeiro, agiram no sentido de validar práticas modernizadoras para a consolidação da república e o desenvolvimento da nação a partir de outras bases sociais.

Reconstruir a biografia sociológica desse indivíduo constituiu, portanto, em uma oportunidade de verificar, através de sua obra, o papel do médico filantropo para a consolidação de novas práticas filantrópicas, e perceber o entre lugar localizado em seu pensamento filantrópico do paradigma que passou a ser praticado no contexto brasileiro.

Sua prática filantrópica revela também aspectos da mudança estrutural das relações sociais, com destaque para o papel das ações das elites. Neste caso, da elite médica paulista que num contexto de reorganização do espaço urbano da cidade de São Paulo consolidou espaços que visavam garantir a atuação e atualização desse grupo no processo da nação.

Acompanhar a trajetória de Eurico Branco Ribeiro foi uma oportunidade de verificar e atualizar, através de sua obra, a relação entre medicina, filantropia e ensino médico, mostrando assim o papel dos médicos e filantropos para a realização de atividades e projetos de intervenção social nos quais esses personagens desempenharam o papel dos mais relevantes. Imbuído no projeto de transformações desencadeadas pelo Estado republicano que priorizou categorias como a modernidade e o progresso, Eurico Branco Ribeiro dedicou-se ao desenvolvimento da ciência médica e do ensino da medicina. Sua dedicação o levou a criar o Sanatório São Lucas, e de, posteriormente, transformá-lo em um espaço de referência em infraestrutura na área da saúde, tornando-se referência internacional para o ensino e prática da ciência médica no contexto paulista.

Essa realização permitiu consolidar seu nome na história da medicina nacional. Nela, o médico forjou e realizou seu perfil filantrópico realizando ações no âmbito da medicina, do ensino cirúrgico e da filantropia, práticas que corroboram ao projeto da modernização das estruturas médicas e sociais. Esse cenário revelou um novo perfil filantrópico que passa a existir no Brasil. Sendo assim, a tese enfatizou que o perfil filantrópico de Eurico Branco Ribeiro, por assimilar distintas tradições filantrópicas na qual convivem elementos científicos, morais e espirituais, foi representativa de uma ressignificação da medicina e da filantropia no contexto sociocultural brasileiro da primeira metade do século XX.

FONTES

A admissão à Faculdade. **Folha da Noite**. São Paulo, 03 abr.1928.

A Classe Médica e o IV Centenário. A sessão solene realizada ontem sob o patrocínio da Academia de Medicina de São Paulo. **O estado de S. Paulo**, 1954.

A Classe Médica vai homenagear o IV Centenário. **O Tempo**, São Paulo, 7 set.1954.

A Conferência mais concorrida. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 mar. 1946.

A Nação. Guarapuava. Anno I, n. 17, 12 out. 1912.

A Nação. Guarapuava. Anno V, n. 16, 6 out. 1912.

A Tesoura. São Paulo. Ano II. Jan. 1921.

ANAIS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA. Suplemento Boletim Sanatório São Lucas, v. 24, n. 5, 1962-11. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1962_11_24_supplement/page/n1/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

ANAIS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA. Suplemento Boletim Sanatório São Lucas. v. 16, n. 1, 1954-07. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1954_07_16_1/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. de 2023

AYRES, P.; RIBEIRO, E.; PEREIRA, A. A. Sugestões de melhoria para o Rotary Internacional. São Paulo, 30 nov. 1953.

Biografia de Eurico Ribeiro. **Revista da Academia Paulista de Letras**, v. 25, n. 90, p. 43-44, 1977

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. Ata da Sessão Solene para entrega do Título de Cidadão Honorário de Curitiba ao dr. Eurico Branco Ribeiro realizada no dia 21 mar.1968. p. 6.

Debates em torno da tese referente à publicidade do Rotary: **Folha da manhã**, São Paulo, 22 de mar. 1946.

Diário da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, São Paulo, 20 de mar. 1946, n. 2, p. 1-2.

EDITORES, O. Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz": histórico. **Revista De Medicina**, v. 1, n. 1, p. 5-9, 1916.

EDITORES, O. Centro Academico Oswaldo Cruz. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 46, p. 93-94, 1927.

EDITORES, O. Noticiário. **Revista De Medicina**, v. 8, n. 39, p. 55-56, 1926.

EDITORES, O. Pela Faculdade. **Revista De Medicina**, v. 12, n. 49, p. 529-536, 1927.

EDITORES, O. Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 46, p. 96-97, 1927.

EDITORES, O. Turma de 1926. **Revista De Medicina**, 11(46), p. 97-98, 1927.

EDITORES, O. Vida official. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 46, p. 83-86, 1927.

Em homenagem ao IV Centenário. As sociedades de medicina reuniram-se em sessão solene. **A gazeta**. São Paulo, 11 de set. 1954.

Encerrado o Congresso de Gastreterologia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 de jul.1954.

Instalados os trabalhos da 17ª Conferência Distrital dos Rotari Clubes. **Folha da Noite**, São Paulo, 20 mar.1946.

Jantar de mais de mil talheres no Estado do Pacaembu. **Diário Popular**, São Paulo, 22 mar. 1946.

LEGIÃO MÉDICA SÃO LUCAS. III Concentração em Poços de Caldas. In: **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 29, n. 6, p. 83, 1967-12. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_196712_29_supplement/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

Mais de mil rotarianos participarão do congresso: informações prestadas ao Diário da Noite pelo sr. Eurico Branco Ribeiro, presidente do Rotary de São Paulo. **Diário da Noite**, São Paulo, 18 mar., 1946. Disponível em: Pasta XVII Conferência dos Rotary Clubs do Brasil, CEDOC/G-UNICENTRO/PR.

Marcado para amanhã o encerramento do certâmen. **Diário Popular**, São Paulo, 22 mar. 1946.

O baile de gala de amanhã. **Diário Popular**, São Paulo, 22 mar. 1946

O programa de domingo. **Diário Popular**, São Paulo, 21 de mar. 1946, n. 3.

Participam do Congresso representantes de 168 clubes do país: O Ideal de bem servir. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 de mar. 1946.

Plantio da árvore da amizade. **Diário Popular**, São Paulo, 22 mar. 1946.

REVISTA VIDA ROTÁRIA. São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n. 278, 1978.

RIBEIRO, E. B. (1927). A propósito de um dente heterotópico. **Revista De Medicina**, v. 12, n. 48, p. 379-384, 1927.

RIBEIRO, E. B. **A primeira assembleia do Club**, p. 1-13, s/a. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. As estações climáticas brasileiras. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 47, p. 182-186, 1927.

RIBEIRO, E. B. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 46, p. 1-3, 1927.

RIBEIRO, E. B. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 47, p. 103-105, 1927.

RIBEIRO, E. B. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 12, n. 48, p. 239-241, 1927.

RIBEIRO, E. B. Um caso de medicina negativa. **Revista De Medicina**, v. 11, n. 46, p. 78-80, 1927.

RIBEIRO, E. B. 4 Congressos Médicos dentro de 21 dias em 3 grandes capitais. In: RIBEIRO, Eurico Branco. **Estudos Cirúrgicos**. São Paulo: Editora S.A. Imprimiu, 1952.

RIBEIRO, E. B. 4 Congressos Médicos dentro de 21 dias em 3 grandes capitais. In: RIBEIRO, E. B. **Estudos Cirúrgicos**. 6ª série. São Paulo: São Paulo Editora S.A. Imprimiu, 1952.

RIBEIRO, E. B. **À guisa de despedida**: palavras proferidas perante a Legião médica São Lucas em Ponta Grossa, Paraná, em 16 de janeiro de 1976. São Paulo: Sangiari, 1976.

RIBEIRO, E. B. **A guisa de despedida** [manuscrito], p. 1-11, 1976.

RIBEIRO, E. B. A higiene nos internatos: estudo das condições sanitárias dos internatos de São Paulo. In: COSTA, Maria José F. F. *et al.* (org.). **I Conferência Nacional de Educação** (Curitiba, 1927), p. 478-519, Brasília: INEP, 1997.

RIBEIRO, E. B. **A primeira assembleia do Club**, s/d, p. 1-13. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. **As águas medicamentosas naturais**. São Paulo: São Paulo Editora Ltda., 1927.

RIBEIRO, E. B. Aspectos do XI Congresso Nacional de Medicina. Disponível em: **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 24, n. 6, 1962-12. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1962-12_24_supplement. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 12, n. 49, p. 423-424, 1927.

RIBEIRO, E. B. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 13, n. 50, p. 1-3, 1928.

RIBEIRO, E. B. Considerações sobre 1.890 intervenções sobre apêndice. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. III, n. 3, p. 43, set. 1941.

Ribeiro, E. B. Dez mil operações. In: **Estudos Cirúrgicos**. 5ª série. São Paulo: São Paulo Editora S. A., p. 9-35, 1949.

RIBEIRO, E. B. Dr. A. Luís Rego. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 15, n. 4, p. 57, 1953-10. Disponível

em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1953-10_15_4/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. **Estatutos da Fundação “Edifício Rotary”**, p. 1-4, s/a. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. **Estudos Cirúrgicos**. 2ª série. São Paulo: Sociedade Editora Médica Limitada, 1936.

RIBEIRO, E. B. **Estudos Cirúrgicos**. 4a série. São Paulo: São Paulo Editora Imprimiu, 1945.

RIBEIRO, E. B. **Exposição feita aos formalistas e radialistas em novembro de 1951**, p. 1-3, 1951.

RIBEIRO, E. B. **Fundação para o Progresso da Cirurgia**. São Paulo: São Paulo Editora, 1959.

RIBEIRO, E. B. Meio milhar de reuniões. **Suplemento aos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia**, v. 21, n. 10, 1960-04. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1960-04_21_supplement-10/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. **O Conceito de frequência no Rotary** [palestra], p. 3-5, São Paulo, s/a. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. O que é um Rotary Club [palestra em Ribeirão Pires]. In: **Pelas Avenidas do Rotary**, 1961. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. **O Rotary e a conduta profissional**. São Paulo, 03 jan. 1964. Disponível em: CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. O VI Congresso Brasileiro de Cirurgiões. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 22, n. 1, 1960-07. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1960-07_22_supplement-1/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. **Organização de Serviço Cirúrgico** [manuscrito]. s/d. Arquivo Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação da UNICENTRO.

RIBEIRO, E. B. Os Congressos de Teresópolis. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 28, n. 9, 1967-03. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1967-03_28_supplement. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. Os Congressos de Teresópolis. **Anais Paulistas de Medicina e**

RIBEIRO, E. B. Palavras proferidas na sessão de 31 de janeiro de 1964 da Sociedade Médica São Lucas. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 25, n. 8, 1964-02. Disponível em: htt

ps://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1964-02_25_suplement/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. **Pelas Avenidas do Rotary**. São Paulo: São Paulo Editora S. A., 1961.

RIBEIRO, E. B. Processo Sonneleither de fechamento do peritônio. In: **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 14, n. 8, 1953-02. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1953-02_14_8/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, E. B. Reforma dos estatutos dos clubes. **Estudo levado ao Conselho Diretor do Rotary Club de São Paulo**, 10 out., 1944.

RIBEIRO, E. B. **Rotary para mim é ...**. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1942.

RIBEIRO, E. B. **Serviços à comunidade**, São Paulo, p. 1-5, 1959. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

RIBEIRO, E. B. **Um grande mestre da cirurgia no Brasil**: professor Emérito Benedicto Montenegro. São Paulo: São Paulo Editora Ltda., 1971.

RIBEIRO, E. B. Um Prêmio Diferente: o prêmio São Lucas. Regulamento. In: **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 14, n. 10, 1953-04. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anaispaulistas-de-medicina-e-cirurgia_1953-04_14_10/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO. Boletim Semanal, Ano Rotário XX, n. 10, p. 4, Rio de Janeiro, 1942.

Será Comemorado o “Dia do Médico” no Sanatório São Lucas. **O tempo**, São Paulo, 17 out., p. 5, 1954.

Sessão solene de instalação no Teatro Municipal: o programa de hoje. **Diário Popular**, São Paulo, 20 de março de 1946.

Tercero Congreso Nacional de Cirugía. **El diario ilustrado**. Santiago de Chile, Miercoles, 26 sep. 1946.

XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 mar.1946.

XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil. **O Estado de São Paulo**, 19 mar. 1946.

XVII Conferência Distrital dos Rotary-Clubes do Brasil. **Diário Popular**, São Paulo, 21 mar., 1946, n. 3.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS. Disponível em:

<https://academiacristadeletras.org.br/home/quem-somos.html>. Acesso em: mar. 2023.

ALMEIDA, C. B. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, jul. 2011.

ALTMAN, M. Hoje na História: 370 a.C. Morre Hipócrates, considerado o “pai da Medicina”. **História Ciências Saúde**, Manguinhos, out. 2014. Disponível em: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/hoje-na-historia-370-a-c-morre-hipocrates-considera-do-o-pai-da-medicina/>. Acesso em: mar. 2023.

ANTUNES, J. L. F. **Hospital, instituição e história social**. São Paulo: Letras & Letras, 1991.

ARAÚJO, M. M. L. de. O hospital e a cidade: São Marcos da Misericórdia de Braga (séculos XVII-XIX). In: KORNDÖRFER, Ana Paula *et al.* **História da assistência à saúde e à pobreza: olhares sobre suas instituições e seus atores**. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 147-167.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA. Verbete biográfico. FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pereira-armando-de-arruda>. Acesso em: mar. 2022.

AYRES, J. R. C. M. Prefácio. In: MARINHO, M. G. S. M. C. *et al.* **Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo**. A Fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde (1916-1952). São Paulo: USP, Faculdade de Medicina; UFABC, Universidade Federal do ABC; CD. G Casa de Soluções e Editora, 2013.

BARBOSA, M. T. “Coração do Paraná”: discursos sobre saúde pública em Guarapuava (1920). **Guairacá**. Guarapuava, n. 23, p.111-125, 2007.

BATISTA, Norton A. Severo. **Há muito ainda por fazer**. Cinquentenário da Fundação Rotariana de São Paulo, 1996.

BECKER, H. Conferência da Escola de Chicago. In: **Mana**, v.2, n. 2, p.177-188, 1996.

BEGA, M. T. S. **Letras e Política no Paraná: Simbolistas e Anticlericais na República Velha**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

Begliomini, H. Cadeira n. 6. Eurico Branco Ribeiro. **Revista da Academia Paulista de Letras**, v. 25, n. 90, p. 43-44. 1977, s/a.

Begliomini, H. Eurico Branco Ribeiro Cadeira n. 114: Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo. **Expressão & Arte**: São Paulo, 2014. p. 367-371.

Begliomini, H. Fragmentos de uma vida notável. In: BEGLIOMINI, Hélio. **Tributo à SOBRAMES: 1965-2000**. São Paulo: CLR Baleiro, 1999.

Begliomini, H. O incrível Eurico Branco Ribeiro Fundador e Patrono da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. In: Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. **Jubileu de Ouro 1965-2015**, Belo Horizonte: Editora e Gráfica Usina do Livro, 2015. p. 23-32.

Begliomini, H. **Tributo à SOBRAMES: 1965-2000**. São Paulo: CLR Baleiro, 1999.

Benchimol, J. L. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz: UFRJ, 1999.

Benedicto Montenegro. Capítulo **Colégio Brasileiro de Cirurgiões de São Paulo**. Disponível em: <https://cbcsp.org.br/benedicto-montenegro-ecbc/>. Acesso em mar. 2022.

Beraldo, R. **Ciência e associativismo médico: medicina legal e psiquiatria na terra dos pinheiros (1930-1941)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

Bertaux, D. **Destins personnels et structure de classe. Paris, Presses Universitaires de France**. Paris: PUF, 1977.

Bertaux, D. **Le récit de vie**. Paris: Colin, 2006.

Bertaux, D. **Histoires de vie ou récits de pratique? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie**. Paris: C.O.R.D.E.S., 1976.

Bitencourt, T. M. **Arquitetura sanatorial**. São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1998.

Bittercourt, T. M. **Peste branca, arquitetura branca: os sanatórios e a tuberculose no Brasil na primeira metade do século XX**. Tese (Mestrado Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Carlos, 2000.

Boaes, G.; Oliveira, S. B.; Assis, R. V. Dossiê Sociologia(s) em Escala Individual. **Revista Política e Trabalho**, João Pessoa, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, ano 36, v. 1, n. 50. jan./jun., p. 9-11, 2019.

Boltanski, L. L'espace positionnel: multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe. **Revue Française de Sociologie**, v. 14, n.1, p.3-26, 1973.

Bomeny, H. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 24-39, 1993.

Boschi, C. C. O Assistencialismo na Capitania do Ouro. **Revista de História**. São Paulo, n. 116, p. 25-41, 1984. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/verhistoria/issue/view/5027>. Acesso em: set. 2020.

Bourdieu, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.59-73.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia**. São Paulo: Vozes, 2010.

BRESCIANI, M. S. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 8-9, p. 35-68, 1984-1985.

BULMER, M. A escola de Chicago de Sociologia: o que a tornou uma escola? Tradução de: M. A. Eufrasio. **Cadernos CERU**, v. 31, n.1, p.18-34, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v31i1p18-34>. Acesso em: jun. 2022.

BULST, N. Sobre o objeto e o método da prosopografia. **Revista Politeia: Hist. e Soc.** Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2005.

CAMPANA, C. L. Eurico, o Escritor Médico. In: BEGLIOMINI, H. **Tributo à SOBRAMES: 1965-2000**. São Paulo: CLR Baleiro, 1999;

CAMPOS, C. A viagem de Geraldo de Paula Souza para os Estados Unidos, 1918-1920: fragmentos de uma história da relação entre a Fundação Rockefeller e o Instituto de Higiene de São Paulo. In: MOTA, A.; MARINHO, M. G. S. M. **Caminhos e trajetos da filantropia científica em São Paulo: A Fundação Rockefeller e suas articulações no ensino, pesquisa e assistência para a medicina e saúde (1916-1952)**. São Paulo: FMUSP/UFABC, 2013. p. 36- 56.

CAMPOS, J. M. C. Eurico Branco Ribeiro: do Rotary Club de São Paulo. In: **Revista Vida Rotarya**, São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n. 278, p.9, 1978.

CAMPOS, V. G. **O Bisturi**, São Paulo, ano VIII, n. 35, p. 6, 1940. Entrevista.

CANÊDO, L. B. As metáforas da família na transmissão de poder político: questões de método. **Cadernos CEDES**, v. 18, n. 42, p. 29-52, 1997.

CAPONI, Sandra. **Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

CARVALHO, G. F. **A assistência social no Brasil: da caridade ao direito**. 2018. Monografia (Bacharel em Direito) – Departamento de Direito da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.mawell.vrac.puc-rio.br/11992/11992.PDF>. Acesso em mar. 2023.

CARVALHO, J. M. de. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CARVALHO, J. M. de. A construção da ordem: A elite política imperial; Teatro das sombras: A política imperial. Osvaldo Agripino de Castro Jr. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 8, n. 3, set./dez., p.657- 659, 2003.

CASTRO-SANTOS, L. A. A reforma sanitária “pelo alto”: o pioneirismo paulista no início do século XX. **Dados Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 361-392, 1993.

CASTRO-SANTOS, S. de. O Sanatório São Lucas e sua Herança de Amor. Reportagem com Dna. Sonia Ribeiro e com Dr. Fernando Freire. **Revista Vida Rotária**, p. 39-42, 1978.

CASTRO-SANTOS, S. de; FARIA, L. R. de. **A reforma sanitária no Brasil: ecos da Primeira República**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

CAVALLO, S. Charity, power, and patronage in eighteenth-century talian hospitals: the case of Turin. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. **The hospital in History**. Londres/New York: Routledge, p. 93-122, 1989.

CAVALLO, S. The motivations of benefactors - an overview of approaches to the study of charity. IN: BARRY, J.; JONES, C. **Medicine and charity before the welfare state**. London/New York, Routledge, p. 46-62, 1994.

CERRI, F. L.; SILVA, J. A. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 171-198, jan./jun., 2013.

CHAPOULIE, Jean-Michel *La tradition sociologique de Chicago, 1892-1961*, Paris, Le Seuil, 2001.

CHARLE, C. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, Flávio M. Considerações acerca de uma história das elites. **Logos**, Canoas, v. 11, n. 1, p. 41-52, maio 1998.

CODATO, Adriano. A transformação do universo das elites no Brasil pós-30: uma crítica sociológica. In: HEINZ, Flávio M. (org.). **História social de elites**. São Leopoldo Oikos, 2011.

COHEN, W. B. Epilogue: the European compararison. In: FRIEDMAN, L. J.; McGARVIE, M. D. **Charity, philanthropy and civility in American history**. London: Cambrigde University Press, 2003.

CORREI, K. A. Eurico, que saudades. **Revista Vida Rotária**, p. 32-35., 1978.

DI GIANNI, T. P. **Negociação e convívio cultural: Museu Histórico da sentinela paulista, 1957–1972**. 2008. Tese (Doutor em História) - Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Campus de Franca da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

DIA DO ROTARAY. 23 de fevereiro. Semanário da Zona Norte. Disponível em: <https://www.semanariozonanorte.com.br/noticia/dia-do-rotary-1478143461>. Acesso em: fev. 2022.

DOCUMENTÁRIO 100 ANOS DE CAOC. Produção CAOC, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/80274522>. Acesso em ago. 2021.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes** vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

ELIAS, N.; SCHRÖTER, M. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FALCHI, Hélio. Eurico Branco Ribeiro. In: **Revista Vida Rotária**. São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n. 278, p. 19-20, 1978.

FERNANDES, F. A Revolução Burguesa no Brasil. In: SANTIGADO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, v. III, 2002. p. 1489-1846.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil. Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira**. 3ª edição. Apresentação. CARDOSO, Fernando Henrique. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel. 1979.

FERNANDES, M.; HORST, S.; GIORDANI, R. **100 anos de Imprensa em Guarapuava: veículos, circulações e personagens**. **Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 40º Congresso Brasileiros de Ciências da Comunicação, Curitiba, set., 2017.

FERREIRA, A. C.; LUCA, T. R. de. Medicina e práticas médicas em São Paulo: uma introdução. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. (org.). **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2011.

FERREIRA, L. O. SANGLARD, G. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 71-91, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/pGxhfrq8GCrNr4GFrnNKXKt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em mai. 2022.

FOSDICK, R. B. **La Fundación Rockefeller**. México: Grijalbo, 1957.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos – Estratégias poder-saber** (vol. IV). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **La impossible prisión**. Barcelona, Anagrama, 1982.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.229-249.

FRAIZ, I. C. **Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FRANCO, R. O privilégio da caridade: Comerciantes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1750-1822). In: SANGLARD, Gisele [Org.]. **Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 23-38.

FRANCO, Renato. O modelo luso de assistência e a dinâmica das Santas Casas de Misericórdia na América Portuguesa. **Estudos Históricos**, v. 27, n. 53, jan./jun. Rio de Janeiro, 2014. p. 5-25.

FREIRE, A. T. F. Michel Foucault e o problema da racionalidade. **INTER-LEGERE**. Natal, v. 2, n. 24, jan/abr, 2019.

FREIRE, J. N. **O Diário de um médico espírita**: O caso de Eurico Branco Ribeiro. min. 05:13-05:21. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K61yOmmwYQM&list=PLPc_dBi7EBmKPjq8aLFv-mkvGUzNfLv4T&index=82. Acesso em: jan. de 2023.

GABRIELE, J. J. Comunicação feita no Fórum Cirúrgico de 15 de março de 1962. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 24, n. 5, 1960-04. Disponível em: https://archive.org/details/sim_naais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1962_11_24_supplement/page/n1/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

GABRIELE, N. A tunelização para a cura da varicocele. Experiência com a técnica de Eurico Ribeiro. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 16, n. 1, 1954-07. Disponível em: https://archive.org/details/sim_naais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1954_07_16_1/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

GEREMEK, Bronislaw. **A Piedade e a força: história da miséria e da caridade na Europa**. Tradução de: Maria de Assunção Santos. Lisboa: Terramar, 1995.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Biblioteca Universal. 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIUMBELL, E. A. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997.

GIUMBELLI, E. A. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. In: LANDIN, Leilah (org.). **Ações em sociedade: militância, caridade, assistência**. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

GODIM, L. M. Lições da Escola de Sociologia de Chicago para a pesquisa urbana contemporânea no Brasil. **XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Cidade, Arquitetura e Urbanismo: visões e revisões do século XX. 2016.

GRILL, I. G. As Bases das Heranças Políticas no Rio Grande do Sul: parentesco, partidos e redes. **Sociedade em Debate**, v. 10, n. 2, p. 159-197, 2004.

GUILBERT, F. **Le pouvoir sanitaire: essai sur la normalisation hygienique**. Tese (Doutorado em Direito) – Faculte de Droit, des Sciences Politiques et de Gestion de Strasbourg, Strasburgo, 1992.

HEINZ, F. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HEINZ, F. M. Considerações acerca de uma história das elites. **Logos**, Canoas, v. 11, n. 1, p. 41-52, mai., 1998.

HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. O imaginário moderno no Brasil In: HERSCHMANN, M. M & PEREIRA, C. A. M. (org.). **A Invenção do Brasil Moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HIMMELFARB, G. **La Idea de la Pobreza**. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

HISTÓRIA DO ROTARY CLUB SÃO PAULO. Disponível em: <<https://rotarysp.org.br/pages/rotary-club-sao-paulo/>>. Acesso em set. de 2020.

História do Rotary Club. Disponível em: Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/about-rotary/history>. Acesso em set. de 2020.

HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. **Médicos intérpretes do Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2015.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: Giddens, A. e Turner J. (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

JUNQUEIRA, Lília. Abordagens biográficas de pesquisa e disposicionismo sociológico. **Revista de Ciências Sociais**, nº 50, jan./jun., p. 29-42, 2019.

KLUGER, Elisa. Espaço social e redes. Contribuições metodológicas à sociologia das elites. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 29, n. 3. p. 83-110, 2017.

KNORR-CETINA, K. **Epistemic cultures**: how the sciences make knowledge. London: Harvard University Press, 1999.

KORNDÖRFER, Ana P. A Fundação Rockefeller chega ao Brasil: cooperação no combate ao “mal da terra”. In: MARINHO, M. G. S. M. C.; MOTA, A.; CAMPOS, C. de (org.). **Racionalidades em disputa**: Intervenções da Fundação Rockefeller na Ciência, Medicina e Práticas Médicas do Brasil e América Latina. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina, UFABC, CD. G Casa de Soluções editoriais, 2015. p. 53-68.

KUMMER, C. S. F. **“Não esmorecer para não desmerecer”**: as práticas médicas sobre a saúde da população rural paranaense na primeira República, 1916-1930. 2007. 154f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

LACAZ, C. da S. L.; MAZZIERI, B. R. de. **A Faculdade de Medicina da USP**. São Paulo: EDUSP, 1995.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Franz Kafka**: éléments pour une théorie de la création littéraire. Paris: Éditions La Découverte, 2010.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, B. Drawing things together. In: LYNCH, M.; WOOLGAR, S. **Representation in scientific practice**. London: The MIT Press, 1990. p.19-68.

LAUWE, P.H C. A organização social no meio urbano. Trad. PALMEIRA, Moacir. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. (org.). Rio de Janeiro, 1967.

LEVI, G. 30 anos depois: repensando a Micro-história. In: MOREIRA, P.; VENDRAME, M.; KARSBURG, A. (org.). **Ensaio de Micro-história: trajetória e migração**. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 18-31.

LEVINE, R. M. **A velha usina**: Pernambuco na Federação Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LOVE, J. L. **A locomotiva**: São Paulo na Federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LOVE, J. L.; BARICKMAN, Bert J. In: Por outra história das elites. HEINZ, Flávio M. (org.). Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACHADO, O. P. Médico, Rotariano e Escritor. In: **Revista Vida Rotária**. São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n. 278, p. 5-7, 1978. Edição especial.

MAIOLINI, A.; LAIATE, C.; LIRA, J. L.; YACAR, R. As revistas de estudantes na USP: primeiro mapeamento. In: LIRA, J. T. C. de (org.). **História e Cultura Estudantil: revistas na USP**. São Pulo: Editora da Universidade de São Paulo: Centro de Preservação Cultural da USP, 2012. p. 117-145.

MARÇAL, Josiane Aparecida. A relação público e privado na gênese da escola rotary no interior das geraes (1950-1960). In: **XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG)**, Mariana, Minas Gerais, 24-27 jul., 2012.

MARCONDES, G. G. **Guarapuava**: história de luta e trabalho. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.

MARINHO, A.; MOTA, M. G. S. M. C. **Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo**. A Fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde (1916-1952). São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções Editora, 2013.

MARINHO, G. S. M. C. A Fundação Rockefeller e instituições de ensino e pesquisa em São Paulo. Procedimentos, práticas e personagens no campo biomédico: uma análise preliminar (1916-1952). **Horizontes**, v. 22, n.2, p. 151-158, 2004.

MARINHO, M. G. S. M. C. Difundir a ciência, modernizar a Medicina. Pactos para uma nova racionalidade médica: São Paulo, 1916-1925. In: MARINHO, Maria Gabriela S. M. C.; MOTA, André. **Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo. A Fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora., 2013. p.13-35.

MARINHO, M. G. S. M. C. **O papel da Fundação Rockefeller na organização do ensino e da pesquisa na Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_8d5bd03d2930af4373592bcc538fa302. Acesso em: jan. 2021.

MARINHO, M. G. S. M. C. **Trajetória da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**: aspectos históricos da Casa de Arnaldo. São Paulo, FMUSP, 2006.

MARINHO, M. G. S. M. C.; MOTA, André. **Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo. A Fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora., 2013.

MARTINS, A. L. O lugar das revistas estudantis no periodismo paulista: aspectos exploratórios. In: LIRA, José Tavares Correia de (org.). **História e Cultura Estudantil**: revistas na USP. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Centro de Preservação Cultural da USP, 2012. p. 117-145.

MARTINS, A. P. V. **O poder da benevolência: a participação das mulheres nas políticas sociais do Estado Novo brasileiro**. Curitiba: Departamento de História/Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, 2011.

MASCARENHAS, R. S. **Contribuição para o estudo da administração sanitária estadual em São Paulo**. 1949. Tese (Livre-Docência) – Cadeira de Técnica de Saúde Pública, Faculdade de Higiene e Saúde Pública, USP, São Paulo, 1949.

MATSUMOTO, H. **Filantropia médica e assistência aos pobres: a trajetória da Policlínica de Botafogo**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

MENDONZA, E. S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, ano 7, n. 14, p. 440-470, jun/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/6Y4h6KZbRy6CPJ3z47fzdMC/?format=pdf>. Acesso em: 21 ago. 2014.

MESGRAVIS, L. **A Santa Casa da Misericórdia de São Paulo (1599-1884)**: contribuição ao estudo da assistência social no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MESTRINER, M. L. A intrincada relação histórica entre a assistência social e a filantropia no Brasil. In: STUCHI, Carolina *et al.* [org.]. **Assistência Social e Filantropia**. São Paulo: Veras Editora, 2010, p. 39-40.

MONFREDINI, I. O regime de progressão continuada diante da cultura de uma escola “tradicional”. **Anais da Reunião anual da Anped**, n. 29, Caxambú, 2006.

MONTEIRO, L. M. Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente: método ou técnica de pesquisa? **Pensamento Plural**, Pelotas, n. 14 p. 11-21, jan.-jun., 2014.

MONTOIA, Ana. As revistas acadêmicas e a formação do bacharel na cidade de São Paulo. In: LIRA, José Tavares Correia de (org.). **História e Cultura Estudantil: revistas na USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Centro de Preservação Cultural da USP, 2012. p. 117-145.

MONTOYAMA, Shozo. USP 70 ANOS: **Imagem de uma História Viva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira *et al.* Três tempos de caridade, assistência e filantropia em Goiás (séculos XVIII ao XX). **História: Questões & Debates**, v. 65, n. 1, jan./jun. Curitiba, p.23-53, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/issue/view/2371>. Acesso em set. 2020.

MOTA, A. A Revista de Medicina: entre histórias e registros. **Revista de Medicina**. São Paulo, v. 91, p. 5-12, 2012.

MOTA, A. Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, 1913-1940: primeiros movimentos, primeiras histórias. In: MARINHO, Gabriela S. M. C.; MOTA, André (org.). **Medicina, Saúde e História: textos escolhidos & outros**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD. G Casa de soluções e Editora, 2014. p. 81-106.

MOTA, A. O Bisturi: primeiros fragmentos jornalísticos da visão estudantil da Faculdade de Medicina da USP. In: LIRA, José Tavares Correia de (org.). **História e Cultura Estudantil: revistas na USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Centro de Preservação Cultural da USP, 2012. p. 147-161.

MOTA, A. **Tropeços da Medicina Bandeirante**: Medicina Paulista entre 1892-1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MOTA, A.; MARINHO, M. G. S. M. C. **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas**: a história e suas interfaces. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2011.

MOTA, A; TARELOW, G. Q. O Hospital das Clínicas de São Paulo e a “Política da Boa Vizinhaça” norte-americana, 1938-1944. In: MARINHO, M. Gabriela S. M. C.; MOTA, André; TARELOW, Gustavo Querodia; CAMPOS, Cristina de. **Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo**. A fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde (1916-1952). São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD. G Casa de Soluções e Editora, 2013. p. 57- 77.

MOTTA, M. L. *et al.* Perfil dos médicos e médicas em São Paulo (1892-1943). In: MOTA, A.; MARINHO, M. G. S.M.C. (org.). **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2011.

MUELLER, S. P. M. **O artigo periódico científico como meio de comunicação primária do conhecimento científico**: revisão de literatura de tópicos importantes para o tema. 2013. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/772/Mueller.pdf?sequence=1>. Acesso em: ago. 2021.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Vol. I, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1926.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Vol. II, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1927.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Vol. VI. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1926.

NETO, J. P. S. A concepção dos espíritas sobre assistência social. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 53, n. 1, p. 158-168, 2017.

NICOLAS, M. **Cem anos de vida parlamentar**: Deputados Provinciais e Estaduais do Paraná. Assembleias Legislativas e Constituintes 1854-1954. Curitiba, Paraná, 1954.

NOBRE, A. Semana de Cirurgia. **Anais Paulista de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 20, n. 9, 1959. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_1959-03_20_suplement-9/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

NOBRE, M. Medicine and Spirituality. AME-INT newsletter, p. 1-3, 2003. Disponível em: http://www.amebrasil.org.br/2015/docs/MEDICINE_AND_SPIRITUALITY.pdf. Acesso em: set. 2020.

OLINTO, B. A. **Entre pontes e muralhas**: diferença, lepra e tragédia (Paraná início do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

OLIVEIRA JÚNIOR, F. Amigo Eurico. Rotary Club de São Paulo – Sul. In: **Vida Rotária**. São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n. 278, 1978.

OLIVEIRA, R. C. de; GOULART, M. H. H. S.; VANALI, A. C.; MONTEIRO, J. M. Família, parentesco, instituições e poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11, set.-dez, p. 165-198, 2017.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de (org.). **Família Importa e Explica**: instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArs, 2018. p. 17-25.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Na Teia do Nepotismo**: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil. Curitiba: Editora Insight, 2012.

PARANÁ. Lei n. 42, de 12 de julho de 1892. Trata sobre a instrução primária em geral, torna livre o exercício do ensino particular desde que observados os princípios da moral e os modernos preceitos da higiene.

PARK, R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho, Octávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Guanabara: Rio de Janeiro, 1987. p. 26-67.

PASTERNAK, N.; ORSI, C. **Kardecismo: a doutrina espiritualista marginal que é a alma da pseudociência no Brasil**. 27 de Março. 2021. Disponível em: <https://univ>

ersoracionalista.org/kardecismo-a-doutrina-espiritualista-marginal-que-e-a-alma-da-pseudociencia-no-brasil/. Acesso em: jan. de 2023.

PENEFF, J. **La méthode biographique**. De l'Ecole de Chicago à l'histoire orale. Paris: Armand Colin. 1990.

PEREIRA, M. da S. Localistas e Cosmopolitas: A Rede do Rotary Club International e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935). **Oculum**, Campinas. ENSAIOS 13, p. 12-31, jan. /jun., 2011.

PIMENTA, T. S.; DELAMARQUE, E. V. O estado da Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro, século XIX. In. SANGULARD, Gisele (org.). **Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 39-53.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

Programa Geral da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil. **Rotary Club de São Paulo**, 19 a 23 de mar. 1946.

PYKOSZ, L. C. **A higiene nos grupos escolares curitibanos**: fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932). 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

RANGEL, R. F. **Assistência no Rio de Janeiro: elite, filantropia e poder na Primeira República**. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2013.

RIBAS, J. C. Impressões do I Congresso Brasileiro de Escritores Médicos. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia - Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 28, n. 11, 1967-05. Disponível em: https://archive.org/detail/s/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_196705_28_supplement/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBAS, J. C.. Impressões do I Congresso Brasileiro de Escritores Médicos. **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia. Suplemento Boletim Sanatório São Lucas**, v. 28, n. 11. Disponível em: https://archive.org/details/sim_anais-paulistas-de-medicina-e-cirurgia_196705_28_supplement/mode/2up?q=eurico+ribeiro. Acesso em: jan. 2023.

RIBEIRO, A. Eurico Branco Ribeiro: a convivência familiar. In: BEGLIOMINI, Hélio. **Tributo à SOBRAMES: 1965-2000**. São Paulo: CLR Baleiro, 1999.

RIBEIRO, M. A. R. **História sem fim...** Inventário da saúde pública. São Paulo: Edunesp, 1993.

Ribeiro, M. A. R. Indústria farmacêutica na era Vargas. São Paulo 1930-1945. **Cadernos De História Da Ciência**, v. 2, n. 1, p. 47-76, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2006.v2.34247>. Acesso em: jan. 2021.

RIBEIRO, M. A. R.. Empresas farmacêuticas na industrialização brasileira. **Revista América Latina em la Historia Económica**, n. 30, p. 159-189, jul./dic. 2008.

Ribeiro, Maria Alice Rosa. Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.3, p. 607-626, nov. 2000-fev.2001.

ROSA, F. A. P. **Pequena biografia de Paulo Ayres**, 2021.

Rotary Club São Paulo 90 anos. Associação Comercial São Paulo. 1994. Disponível em: <https://pubhtml5.com/pbxw/kjro/basic>. Acesso em: mar. 2022.

Rotary Club. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/about-rotary/history>. Acesso em set. de 2020.

Rotary no Brasil. Disponível em: <http://www.rotary4420.org.br/1415/pg.asp?id=38>. Acesso em abr. 2022.

RUSSEL-WOOD, A.J. R. **Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755**. Brasília: UNB, 1981.

SANGLARD, G. Médicos e filantropos a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 437-459, jul/dez, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/TGPM4w8QfKSpCMp4yQhWDdS/?lang=pt>. Acesso em: abr. 2022.

SANGLARD, G. A construção dos espaços de cura no Brasil: entre a caridade e a medicalização. Universidade Federal de Santa Catarina, 16, p. 11-33, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/119>. Acesso em: ago. 2020.

SANGLARD, G. *et al.* **Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SANGLARD, G. Hospitais: espaços de cura e lugares de memória da saúde. **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 15, n. 2, p. 257-289, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142007000200020>. Acesso em: ago. 2020.

SANGLARD, G. P. **Entre os salões e o laboratório: filantropia, mecenato e práticas científicas**: Rio de Janeiro, 1920-1940. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/hnadle/iciet/3980>. Acesso em ago. 2020.

SANTOS, C. R. S. A. **Eurico Branco Ribeiro e o sanitarismo na década de 1920**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018.

SANTOS, C. R. S. A. **Eurico Branco Ribeiro: das primeiras letras em Guarapuava à formação em medicina na capital paulista**. Revista NEP-UFPR, Curitiba v.3, n. 3, p. 295-313, ago., 2017.

SANTOS, T. D. L. Borges. A abordagem do fenômeno urbano na Escola de Chicago. **EFDeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires, n.185, 2013.

SÃO PAULO. LEI 6.668/62. Declara de utilidade pública a Fundação para o Progresso da Cirurgia desta capital. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sp/lei-ordinaria-n-6668-1962-sao-paulo-declara-de-utilidade-publica-a-fundacao-para-o-progresso-da-cirurgia-desta-capital>. Acesso ago. 2022.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. **Las Estructuras del Mundo de la Vida**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1973.

SCHWARTZ, L. M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWYZER, I. **Por amor ao outro, por amor a si: Um estudo sociológico das atividades voluntárias em um hospital de ensino de Curitiba**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SETTON, M. da G. J. **Rotary Club: *habitus*, estilo de vida e sociabilidade**. Annablume: São Paulo, 2004.

SETTON., M. da G. J. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 37, p. 711-724, dez., 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/7NZftPqSmGqR7y8DQXcDYfc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: dez. de 2021.

SILVA, C. N. Caridade e ação social das igrejas: a quem se destinam? **Revista da Universidade Estadual de Londrina**, p. 1-12, 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2008/30_Caridade_acao_social.pdf. Acesso em: jun., 2020.

SILVA, C. N. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 15, p. 326-361, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a12v8n15.pdf> . Acesso em jul. 2020.

SILVA, M. R. B. As atividades médicas na história da modernização paulista: a Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Paulo. **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Londrina, p. 1-11, 2005.

SILVA, M. R. B. História da medicina em São Paulo: como o conhecimento dá voltas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.16, n.2, abr.-jun. 2009, p.561-564.

SILVA, M. R. B. O ensino médico em debate: São Paulo 1890 a 1930. **Histórias, Ciências, Saúde Manguinhos**, v. 9, p.139-59, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fddMJj8HNpkxXFqkHp93XTx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: jan. 2023.

SILVA, M. R. B. O mundo transformado em laboratório: ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo de 1891 a 1933. 2004. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01032005-111148/>. Acesso em: ago. 2021.

SILVA, M. R. B. Periodismo científico e a medicina paulista: balizas, temas e especialidades. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, p. 1-10, julho 2011.

SILVA, M. R. B. Revistas médicas paulistas e a nova realidade republicana Márcia. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. (org.). **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces**. São Paulo USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2011

SILVA, M. R. Barros da. História da assistência hospitalar em São Paulo: a subvenção do Estado às misericórdias paulistas. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 26, supl. dez. Rio de Janeiro, 2019, p.79-108. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702019000900079&script=sci_arttext. Acesso em jul. 2020.

SILVA, R. de P. Com piedade rumo à força: a filantropia e as crianças pobres na obra de Bronislaw Geremek. In: PRADO, Eliane Mimesse (org.). **Dimensões da infância na história da educação**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. p. 3-13. Disponível em: <https://sistema.atenaeditora.com.br/index.php/admin/api/artigoPDF/51335>. Acesso em mai. 2022.

SILVA, R. P. da. “La obre nutrior, labore plector”: a filantropia, o trabalho e as crianças pobres na obra de Bronislaw Geremek. **XVII Encontro regional de História da Anpuh**, p. 1-12, 23-25 nov., 2020. p. 1-12. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611018262_ARQUIVO_29c9e2c4a75f7ea3989da890f6ad5f2a.pdf. Acesso em: jun. 2021.

SOARES, R. T. As Associações Médico-Espíritas: Ciências e Espiritualidade em um só paradigma. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, ano 3, ed. 6, jan./abr., p. 169-189, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/csonline/article/view/17106>.

SOUZA, C. M. C. de S.; BARRETO, M. R.; FRANCO, R.; PIMENTA, T. O que há de novo no horizonte historiográfico sobre assistência. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, supl., p. 7-12, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fiocruz.br/pt-br/revista/70309>. Acesso em jul. 2020.

SPOSATI, A. *et al.* Assistência na Trajetória das políticas sociais brasileiras. 7ª ed., São Paulo, Cortez, 1998.

STONE, L. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun., 2011.

TELAROLLI JÚNIOR, R. **Poder e saúde**: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo: Edunesp, 1996.

TEMBIL, M. **Em busca da cidade moderna**: Guarapuava...recompondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

THOMAS W. I., ZNANIECKI, F. **O camponês polonês na Europa e na América: a história de vida de um migrante**, Paris, Nathan, 1998 [1919].

TOMASCHEWSKI, C. Composição social dos irmãos e dirigentes da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil (1847-1922). In: SANGULARD, Gisele (org.). **Filantropos da nação**: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 55-74.

UHLE, À. B. **Comunhão leiga**: O Rotary Club no Brasil. 1991. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

VALLADARES, L. do P. (org.) **A escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

VANALI, A. C. **“Ao Povo Paranaense”**: a vida do cidadão Manoel Correia de Freitas. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e os seus mestres**: a educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VELHO, Gilberto. **“Reflexões sobre a Escola de Chicago”**. In: VALLADARES, L. (org.). **A escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

VEYNE, P. **Quando nosso mundo se tornou cristão** (312-394). Tradução: Marcos de Castro. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

VIANNA, P. V. C.; RIBEIRO, F. A. Sanatórios, tecnologia médica e cultura urbana: uma visita à cidade sanatorial de São José dos Campos na primeira metade do século XX. In: MOTA, A.; MARINHO, M. G. S. M. C. **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2011. p. 259-280.

VISCARDI, C. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro: Fiocruz/Editora Garamond/ FAPERJ, v.18, supl.1, p.179-197, dez. 2011.

VOTTA, R. **A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo nos primórdios de sua existência**: Contribuição para a história hospitalar de São Paulo, 1951.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Tradução: Waltensir Dutra. LTC, Rio de Janeiro. 1982.

WIRTH, J. **O fiel da balança**: Minas Gerais na Federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WÓLFSSBERG, V. La Historia de Clínica Mayo. **Revista Médica Hondureña**, v. 17, n. 3, p.415-20, mar./abr., 1947.

APÊNDICE – CAPÍTULO 1

Quadro síntese das atividades e produções de Eurico Branco Ribeiro por ano de realização

Atividades e Produções	Ano de Realização
Jornais manuscritos produzidos quando ele contava entre oito e treze anos. Le Petit, A Luneta, A Monarchia, Trindade, O Estado do Paraná, O Sul America, A Roseira, O Gaúcho, O Mensageiro, O Brasil, Jornal das Galinhas, O Diario, A Nuvem, O Ar	1910-1915
Redator do jornal <i>A Nação</i> , que passou a ser produzido e a circular semanalmente na cidade de Guarapuava	1912-1913
Membro do Grêmio Estudantil 16 de setembro	1916
Redator da Revista “A Tesoura”	1921
Redator do jornal paulistano Folha da Noite	1921
Artigo: “Guarapuava no dia 07 de setembro de 1822, no dia da Independência Nacional”. O Pharol. Guarapuava.	1922
História de Guarapuava	1922
Matrícula na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo	14 de março de 1922
Primeiro trabalho científico publicado, no “Diário de Medicina” apresentando, de modo geral, um relato sobre a saúde e condições no clima em Campos de Jordão.	1924
À Sombra dos Pinheirais	1925
A Higiene da Imprensa / Estudos apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Higiene	1926
A Higiene nos Internatos: Estudo das Condições Sanitárias dos Internatos de São Paulo / Pesquisa apresentada na I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, 19 e 27 de dezembro	1927
As Águas Medicamentosas Naturaes / Estudos apresentado à cadeira de Farmacologia, da Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo	1927
Gralha Azul	1927
Crônica publicada na <i>Revista de Medicina</i>	1927
Artigo “Um caso de medicina negativa”, publicado na <i>Revista da Medicina</i>	1927
Editor da <i>Revista de Medicina</i>	1927-1928

O Coração do Paraná	1929
Estudos Cirúrgicos, 6 Volumes	1934-1952
A Caseose dos Nervos da Lepra	1934
Ressecção subtotal do estomago por úlcera alta – Comunicação a Sociedade dos Médicos de Beneficência Portuguesa	24 de novembro de 1934
Sócio do Rotary Club de São Paulo	1935
Membro da Comissão de Serviços à Comunidade – Atividade realizada no Rotary Club de São Paulo	1935-1936
Presidente da Comissão de Serviços à Comunidade – Atividade realizada no Rotary Club de São Paulo	1936-1937
1º secretário do Rotary Club de São Paulo	1938
Fundou e Dirigiu o Sanatório São Lucas	1939
Sobre um caso singular de lithiase renal – Boletim Sanatório São Lucas	1939
Myosites ossificantes – Boletim Sanatório São Lucas	1939
Incisões para cirurgia do fígado e das vias biliares – Boletim Sanatório São Lucas	1939
Drenagem em cirurgia abdominal – Boletim Sanatório São Lucas	1939
A appendicite no decurso da gravidez – Boletim Sanatório São Lucas	1939
A Cirurgia no Sanatório São Lucas	1939-1954
Presidente da Subcomissão de Educação Rotária; representante do Rotary Brasileiro no Distrito 28 (São Paulo)	1939-1940
Pesquisa em Alça Junenal em Cirurgia Gástrica	1940
Esboço da História do Oeste do Paraná	1940
Os objetivos do Rotary – Trabalho apresentado à XI Conferência	1940
1º vice-presidente; membro da Subcomissão de Programas	1940-1941
Nova redação para os objetivos do Rotary – Trabalho apresentado à XII Conferência	1941
Divertículo do apêndice em um caso de hernia múltipla – Boletim Sanatório São Lucas	1941
Radiografias sem filmes – Dr. Eurico Branco Ribeiro – Sessão Sociedade Médica São Lucas	28 de fevereiro de 1941
O Síndrome subcostal agudo de Stajano – Comunicação à Sociedade Médica São Lucas	07 de março de 1941
Hemoperitoneo em um caso de quisto dermoide do ovário – Dr. Eurico Ribeiro – Sessão Sociedade Médica São Lucas	07 de março de 1941

Síndrome subcostal agudo de Stajano – Sessão Sociedade São Lucas	30 de maio de 1941
Divertículo do apêndice em um caso de hernia múltipla – Comunicação a Sociedade Médica São Lucas	30 de maio de 1941
Considerações sobre 1890 intervenções sobre o apêndice – Comunicação à Sociedade Médica São Lucas	13 de junho de 1941
Considerações sobre 1890 operações sobre o apêndice – Boletim Sanatório São Lucas	05 de julho de 1941
Consequências da marsupialização em um caso de adenite pneumocócica retroperitoneal – Comunicação feita a Sociedade Médica São Lucas	25 de julho de 1941
O emprego da sulfanilamida por via arterial – Trabalho enviado à Assembleia Internacional de Cirurgiões reunida no México	10 e 14 de agosto de 1941
Úlceras múltiplas do estômago duodeno – Boletim do Sanatório São Lucas	1941
Obstrução pós-operatória pela insinuação do delgado através da janela jejuno-inframesocólica – Boletim Sanatório São Lucas	1941
Versão espontânea reincidente – Boletim do Sanatório São Lucas	1941
Presidente da Subcomissão de Programas – Atividade Rotary Club de São Paulo	1941-1942
A pituitária intramural na operação cesariana – Boletim Sanatório São Lucas	1942
Rotary para mim é...	1942
Um Lema para o Rotary	1942
Hernia estrangulada em um caso de criptorquidia intra-abdominal – Boletim Sanatório São Lucas	1942
Malformações da vesícula – Sessão Sanatório São Lucas	12 de maio de 1942
A pituitrina intramural na operação cesareana – Comunicação a Sociedade Médica São Lucas	12 de maio de 1942
Mama sangrante num caso de mastopatia crônica cística – Dr. Walter Machado – Assistente de Serviço Cirúrgico do Dr. Eurico Ribeiro – Trabalho apresentado a Sociedade Médica São Lucas	09 de junho de 1942
Quisto epidermoide da falangeta – Sessão Sociedade Médica São Lucas	29 de setembro de 1942
Calcificações decorrentes da pancreatite aguda – Sessão Sociedade Médica São Lucas	13 de outubro de 1942

<i>Conceito de frequência no Rotary</i> – Palestra realizada no Rotary Club do Rio de Janeiro	28 de agosto de 1942
O peristaltismo intestinal na peritonite aguda – Trabalho apresentado ao I Congresso Interamericano de Cirurgia, realizado em Santiago no Chile.	Novembro de 1942
1º Vice-presidente Rotary Club de São Paulo	1942-1943
Litiase do Apêndice	1943
Peristaltismo intestinal na peritonite aguda - Boletim do Sanatório São Lucas	1943
Incisões para a operação de apendicite – Sessão Sociedade Médica São Lucas	16 de março de 1943
Etiologia da varicocele – Sessão Sociedade Médica São Lucas	11 de maio de 1943
Desobstrução do colédoco – Sessão Sociedade Médica São Lucas	27 de abril de 1943
Reforma dos Estatutos dos Clubes	1944
Membro da Subcomissão de informações sobre o Rotary – Atividade Rotary Club de São Paulo	1944-1945
A XVI Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, realizada em Belo Horizonte – Atividade Rotary Club de São Paulo	Abril de 1945
Presidente do Rotary Club de São Paulo – Atividade Rotary Club de São Paulo	1945-1946
Varicocele	1946
Participou da criação da Fundação de Rotarianos de São Paulo	3 de outubro de 1946
O Primeiro Bandeirante	1946
XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil – Apresentação da tese do distrito 28 (São Paulo)	1946
Presidente da Subcomissão Pró-Edifício Rotary- Atividade Rotary Club de São Paulo	1946-1947
A Penicilina por Via Arterial nas Osteomielites	1947
Tópicos Rotários	1947
Presidente da Subcomissão de Assistência Social – Atividade Rotary Club de São Paulo	1947-1948
A Convenção no Rio de Janeiro	1948
Rotary, o Legado de Paul Harris	1948
Presidente da Subcomissão de Publicidade; delegado à Conferência de Poços de Caldas – Atividade Rotary Club	1948-1949

de São Paulo	
<i>Uniformização dos Estatutos e Regimento Interno dos Rotary Clubs do Brasil</i> – Texto apresentado no XIX Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, em Poços de Caldas	19 e 23 de abril de 1949
Redator da Revista “Realidade Rotária”, transformada posteriormente em “Vida Rotária”	1949
Perdas e ganhos – no Boletim “Servir”	Fevereiro de 1949
Presidente da Comissão de Serviços Internos – Atividade Rotary Club de São Paulo	1949-1950
Diretor da revista “Vida Rotária”	1949-1950
Correspondente da revista “Rotary Brasileiro”; Relator da comissão para sugestão de um lema em latim para o Rotary	1950-1951
Presidente da Comissão de Publicidade; membro da Comissão de Revisão e Atualização dos Estatutos.	1951-1952
Assim é o Rotary	1952
Catálogo Geral das classificações e Subclassificações para Uso dos Rotary Clubs do Brasil	1952
Representante do Clube junto à Comissão Técnica dos Festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo – Atividade do Rotary Club de São Paulo	1952-1953
<i>Sugestões de melhoria para o Rotary</i> – Texto publicado na Revista Vida Rotária	1953
Contactos com a Cirurgia na Europa – Boletim Sanatório São Lucas	1953
Dr. A. Luís do Rego – Boletim Sanatório São Lucas	1953
Criptoruidia – Boletim Sanatório São Lucas	1953
Evolução de um caso de mixo-sarcoma – Drs Jaime Rodrigues e Eurico Branco Ribeiro – Boletim Sanatório São Lucas	1953
Onde rotário? Onde rotariano – considerações sobre um velho problema – Atividade Rotary Club de São Paulo	1953
Delegado à 44ª Convenção de Paris; delegado à Conferência de Serra Negra; representante do Clube junto ao Conselho Deliberativo da revista “Vida Rotária” – Atividade Rotary Club de São Paulo	1953-1954
O Rotary em Evolução	1954
Sistematização das Classificações em Rotary	1954
O processo Sonlleithner de fechamento do peritoneo – Boletim Sanatório São Lucas	1954
Evolução de um caso de mixosarcoma – Drs Jaime Rodrigues e Eurico Branco Ribeiro – Boletim Sanatório São Lucas	1954

II Conferência Ibero-Americana, reunida em São Paulo – Atividade Rotary Club de São Paulo	Abril de 1954
Delegado à Convenção do Jubileu de Ouro (Chicago); Presidente da Comissão Especial para a Convenção de 1960 em São Paulo – Atividades Rotary Club de São Paulo	1954-1955
Presidente da Academia de Medicina de São Paulo	1954-1955
O chamado bócio posbranquial – bócio telobranquial – Dr. Eurico Branco Ribeiro e Dr. Ferdinando Costa – Boletim Sanatório São Lucas	1955
A varicocele e o trabalho – Boletim Sanatório São Lucas	1955
Aspectos da divulgação dos conhecimentos médicos – Boletim Sanatório São Lucas	1955
Colecistendese – Boletim Sanatório São Lucas	1955
Presidente da Comissão de Revistas Rotárias; membro da Comissão encarregada de apresentar sugestões ao projeto de Emendas e Resoluções à Convenção de Filadelfia – Atividades Rotary Club de São Paulo	1955-1956
O Casamento Ideal	1956
Lipomatose simétrica e I Moléstica de Recklinghausen – Boletim Sanatório São Lucas	1956
Forum Rotário – Trecho de exposição feita no Instituto Rotário de Um Dia, no Lar Escola Rotary – Atividade Rotary Club de São Paulo	04 de fevereiro de 1956
O diagnóstico radiológico de lesões gástricas – Boletim Sanatório São Lucas	1956
A cirurgia da tireóide no Sanatório São Lucas – Boletim Sanatório São Lucas	1956
As úlceras gástricas perante a radiologista e o clínico – Boletim Sanatório São Lucas	1956
A ressecção gástrica fora da úlcera e do câncer – Boletim Sanatório São Lucas	1956
O Colégio Internacional de Cirurgias	1956
Os primórdios da academia de Medicina	1956
O Prêmio São Lucas e os prêmios da Academia de Medicina – Boletim Sanatório São Lucas	1956
Mãos à obra! Companheiros – Boletim Sanatório São Lucas	1956
Criação do Municipal de Guarapuava em conexão com a biblioteca Ruiz de Montoya	09 de dezembro de 1956
Presidente da Comissão Especial para a Convenção de 1960 em São Paulo – Atividade Rotary Club de São Paulo	1956-1957
Museus Municipais	1957
Conduta na hérnia estrangulada e nos ferimentos por bala – Boletim do Sanatório São Lucas	1957

Nefrectomia parcial: urolitíase gigante – Boletim do Sanatório São Lucas	1957
Hematocele pós-operatória ou hematocele de cicatriz operatória – Boletim do Sanatório São Lucas	1957
Inquérito sobre úlceras perfuradas – Sessão Sociedade Médica São Lucas – Inquérito sobre úlceras perfuradas Boletim do Sanatório São Lucas	28 de maio de 1957
Cirurgia Hepática e prahepática – Boletim do Sanatório São Lucas	1957
O Médico no plano internacional – Boletim do Sanatório São Lucas	1957
A Convenção de Lucerna – Explicação feita na Conferência Distrital de Bauru	Março de 1957
Hematocele de cicatriz operatória – Sessão da Sociedade Médica São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	11 de junho de 1957
Câncer dos colos – Sessão da Sociedade Médica São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	25 de junho de 1957
Inquérito a respeito da apendicite crônica – Boletim do Sanatório São Lucas	1957
Museus Municipais – Dissertação feita na Conferência Distrital de Araxá	1957
Delegado da Convenção de Dallas – Atividade Rotary Club de São Paulo	1957-1958
Membro da Comissão para dar parecer projetos emendar e resoluções a serem submetidas à Convenção de Dallas.	1957-1958
Delegado à Conferência de Poços de Caldas – Atividade Rotary Club de São Paulo	1957-1958
Delegado à Conferência do D. 461 (São Pedro)	1957-1958
Sócio Honorário do Rotary Club de Lima Peru	1958
Conduta na oclusão intestinal – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Mortalidade como um problema de estatística em cirurgia – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Fibradenoma da mama e câncer – Conceito da degeneração maligna – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
O segredo médico no hospital – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Considerações sobre as raízes – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Inquérito a respeito da apendicite crônica – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Tumores mixtos da parótida – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Mioma ou gravidez? – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Agenésia renal unilateral – Boletim do Sanatório São Lucas	1958

Pseudorredução de hérnia inguinal – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Cancer do colédoco – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Afeções abdominais associadas – Boletim do Sanatório São Lucas	1958
Fundação Rotária – Perpetuação do Movimento – Publicado em Brasil Rotário	Junho de 1958
Propostas à Convenção – Relatório apresentado ao Rotary Club de São Paulo	23 de novembro de 1958
Presidente da Comissão Especial Pró Convenção em São Paulo – Atividade Rotary Club de São Paulo	1958-1959
Membro da comissão especial pró candidatura Adalberto Netto – Atividade Rotary Club de São Paulo	1958-1959
Palestra - <i>O Conceito de Frequência no Rotary</i>	1959
Honra ao mérito – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Os Rumos do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Cirurgia e cirurgiões no Peru e nos Estados Unidos – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Palestra - <i>O que é um Rotary Club</i>	1959
Tumor de Wilms – Adenosarcoma embrionário do rim – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico B. Ribeiro crônica – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Firbradenoma gigante da mama crônica – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Cancer, gástrico limitado a camada mucosa – Dr. Eurico B. Ribeiro e Prof. Carmo Lordy – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Conduta terapêutica diante da apendicite gangrenosa – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
A incisão em bigode prussiano – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Surto Hospitalar de Estafilococcias – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Surto hospitalar de estafilococcias – III – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
O diagnóstico de tumor do abdome – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
Plasmacitoma – Mieloma constituído por plasmócitos – Dr. Eurico B. Ribeiro e Prof. Carmo Lordy – Boletim do Sanatório São Lucas	1959
A vereda dos Serviços Internacionais – Palestra feita no Rotary Club de Santo Amaro	17 de março de 1959
O sentido de Serviços Profissionais – Comentários feitos durante a Conferência Distrital do Distrito 461, em São Pedro	Abril de 1959

A mulher perante o Rotary – Palestra feita no Rotary Club de São Bernardo – Atividade Rotary Club de São Paulo	Maio de 1959
Relatório sobre o VI Congresso brasileiro de cirurgiões, apresentado na reunião do corpo médico – Boletim do Sanatório São Lucas	06 de agosto de 1959
Colóquio sobre os serviços internos – sabatina conduzida no Rotary Club de São Paulo Oeste	03 de agosto de 1959
Presidente da Subcomissão da Fundação Rotária	1959-1960
Delegado à Convenção de Miami	1959-1960
25 Anos de Rotary	1960
ASPECTOS INTERNACIONAIS DO ROTARY – Palestra proferida no Rotary Club de São Paulo Penha	27 de janeiro de 1960
O Rotary no caminho da paz – Palestra feita no Rotary Club de São Paulo Sul – Atividade Rotary Club de São Paulo	23 de fevereiro de 1960
CONSOLIDEMOS O NOSSO PATRIMONIO – Palestra realizada no Rotary Club de São Paulo Sul – Atividade Rotary Club de São Paulo	24 de fevereiro de 1960
Um Museu da Indústria – Palestra realizada no Rotary Club Osasco – Atividade Rotary Club de São Paulo	29 de fevereiro de 1960
Ciste Serosa do Rim – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Os casos vêm aos pares – A propósito do câncer papilífero do ovário e de “ulcus sine ulcus” do duodeno – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Mesentério comum – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Mesentério comum – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
O VI Congresso Brasileiro de Cirurgiões – Drs. Eurico Branco Ribeiro e Paulo Bressan – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Meio milhar de reuniões – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Entrando em nova etapa – Boletim do Sanatório São Lucas	1960
Comemorou seu Jubileu de Prata Rotário	11 de março de 1960
Aspectos brasileiro da Convenção de Miami – Palestra proferida no Rotary Club de Dracena	Agosto de 1960
Delegado à Convenção de Tóquio – Atividade Rotary Club de São Paulo	1960-1961
Delegado à Conferência dos Distritos 459-461	1960-1961
Palavra aos Novos Médicos	1961
O médico no plano internacional	1961

A Fundação para o Progresso da Cirurgia – Explanação feita no Rotary de Piracicaba – Atividade Rotary Club de São Paulo	17 de fevereiro de 1961
Pelas Avenidas do Rotary	1961
<i>A sua cidade tem um museu?</i> – Artigo publicado na Revista Vida Rotária	1961
- Considerações sobre intercambio cultural – Boletim do Sanatório São Lucas	1961
Conduta de um caso de estrangulamento herniário – Boletim do Sanatório São Lucas	1961
Trabalhar com o Rotary a vista – Apreciações feitas no Forum Rotário realizado em Assis	19 de abril de 1961
Mesentério comum – Boletim do Sanatório São Lucas	1961
Delegado a Convenção de Santos – Atividade Rotary Clube de São Paulo	1961-1962
Conselheiro do Distrito 461 (Porto Alegre) – Serviços Internacionais	1961-1962
Membro da Comissão Especial de Emendas e Resolução do Distrito 461	1961-1962
Fundação para o Progresso da Cirurgia	1962
Carcinoma medular do timo – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Uma variante no processo da tunelização para o tratamento da varicocele – Debate apresentado em reunião do Corpo Médico do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	26 de abril de 1962
Hipertrofia congênita do piloro – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Tumor fantasma do abdome – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Litíase vesicular – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Estruma pos-branquial – Prof. Carmo Lordy e Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Supurações pós-operatórias – Boletim do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Aspectos médico-sociais da Europa de hoje – Boletim do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Aspectos do XI Congresso Nacional de Medicina – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Aspecto cirúrgico da gôta – bursite crônica tolosa – Dr. Eurico Branco Ribeiro e Prof. Carmo Lordy – Trabalho apresentado em reunião do Corpo Médico do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	18 de janeiro de 1962
Carcinoma medular do timo – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1962
Oscar Bruno – Boletim do Sanatório São Lucas	1962

Conselheiro da Governadoria para serviços internacionais – Atividade do Rotary Club de São Paulo	1962-1963
Presidente da Comissão de Revistas Rotárias – Atividade Rotary Club de São Paulo	1962-1963
A agulha como corpo estranho – Boletim do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
Mola hidatiforme – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
Rim em ferradura – Prof. Carmo Lordy, Drs. Eurico Branco Ribeiro e José Aude Ferrer – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
A bexiga como causa de tumor fantasma do abdome – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
Devemos dizer a verdade ao doente? - Considerações apresentadas ao Fórum Cirúrgico – Boletim do Sanatório São Lucas	30 de abril de 1963
Rim em ferradura – Prof. Carmo Lordy, Drs. Eurico Branco Ribeiro e José Aude Ferrer – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
A bexiga como causa de tumor fantasma do abdome – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
Mola hidatiforme – Material do arquivo do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
Estruma pos-branquial – Prof. Carmo Lordy e Eurico Branco – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
A agulha como corpo estranho – Boletim do Sanatório São Lucas	1963
<i>O Rotary e a Conduta Profissional</i> - Palestra proferida em São Paulo	03 de janeiro de 1964
Um caso de pâncreas acessório – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Neurinoma do pescoço – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Sarcoma do músculo reto do abdome – Dr Eurico Branco Ribeiro e Prof. Carmo Lordy – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Reintervenção por hemorragia – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
III Semana de Cirurgia – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
O ano que se inicia – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Neurinoma do pescoço – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Um caso de pâncreas acessório – Prof. Carmo Lordy e Dr. Eurico Branco Ribeiro – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Fundação para o Progresso da Cirurgia – Boletim do Sanatório São Lucas	1964
Membro da subcomissão para dar parecer propostas de emenda e resoluções a serem submetidas à Convenção	1964-1965

de Denver – Atividade Rotary Club de São Paulo	
O Rotary Sexagenário	1965
Atividades Internacionais do Rotary	1965
Presidente da Comissão Distrital de Serviço à Comunidade Mundial	1966-1968
Vice-presidente da Reunião de Médicos, na Convenção de Denver – Atividade Rotary Club de São Paulo	1966-1967
Delegado À Convenção de Denver – Atividade Rotary Club de São Paulo	1966-1967
Multiplicidade do câncer – Boletim do Sanatório São Lucas	1967
Um aspecto dos Congressos Médicos – Boletim do Sanatório São Lucas	1967
As jornadas médicas de Córdoba - Relatório feito na reunião do Corpo Médico – Boletim do Sanatório São Lucas	28-9-1967
Os Congressos de Teresópolis – Boletim do Sanatório São Lucas	1967
XIII Jornada Paulista de Administração Hospitalar - Considerações feitas em reunião do Corpo Médico do Sanatório São Lucas – Boletim do Sanatório São Lucas	19 de janeiro de 1967
Ciste do paraovário – Dr. Waldemar Machado e Eurico Branco Ribeiro– Boletim do Sanatório São Lucas	1967
Delegado à Convenção do México – Atividade Rotary Club de São Paulo	Maio de 1968
Membro da Comissão do Boletim – Atividade Rotary Club de São Paulo	1968
Organização de Museus Históricos Municipais D. 461(Porto Alegre)	1968-1969
A Água da Esperança	1969
O Primeiro Casamento	1969
O Livro que Lucas Não Escreveu	1969
Membro da Subcomissão de Ética Profissional – Atividade Rotary Club de São Paulo	1969-1970
Organização de museus históricos municipais – Atividade Rotary Club de São Paulo	1969-1970
Membro conselho consultivo do Distrito 461 – Serviços Internacionais – Atividade Rotary Club de São Paulo	1970-1971
Médico, Pintor e Santo - 4 Volumes	1969 -1971
Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil: Professor Emérito Benedicto Montenegro	1971
Delegado à conferência de Lindóia – d. 461 – Atividade Rotary Club de São Paulo	1971-1972
Presidente da Subcomissão de Atividades Cívicas	1971-1972
Um Homem que marcou o Dia De Natal	1972
O Livro que Lucas Não Escreveu	1969

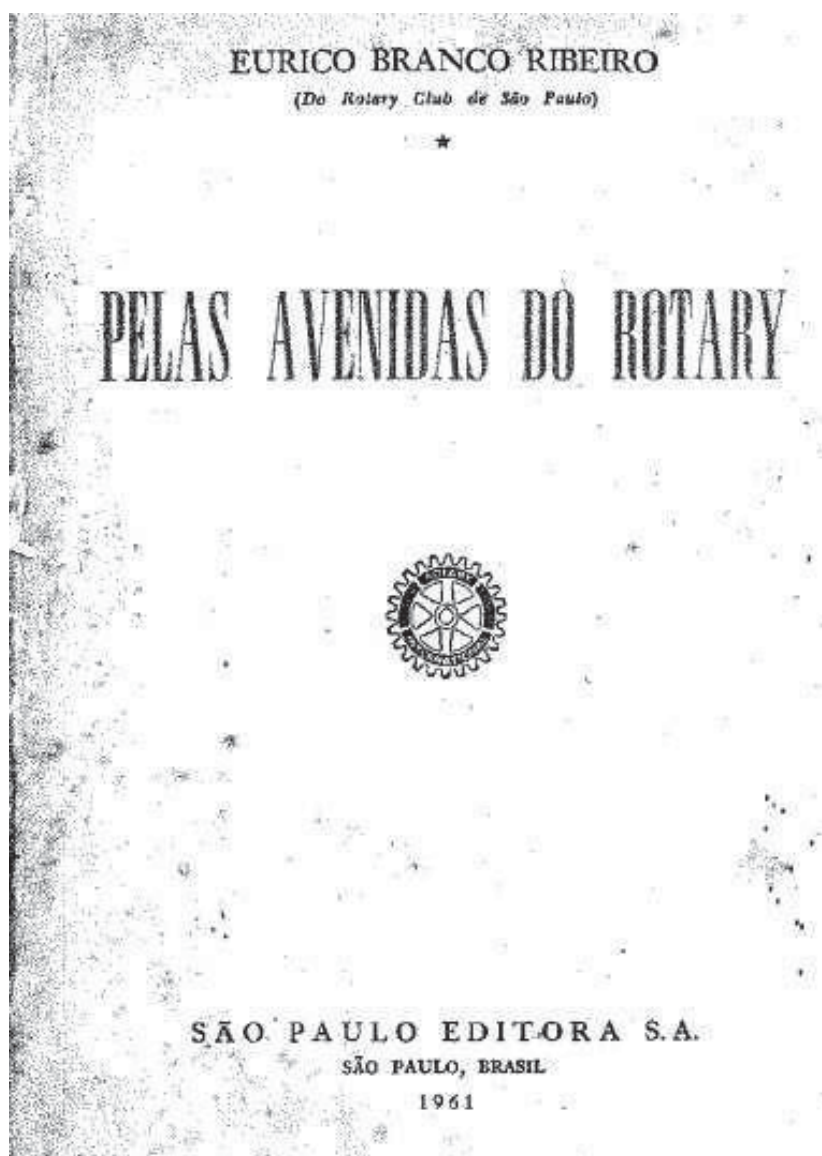
Lucas, o Médico Escravo	1974
Torna-se sócio da Academia Cristã de Letras	27 de novembro de 1975
Representante do Governador no Rotary Club de São Paulo	1975-1976
Presidente da Comissão de Classificação do Rotary Club de São Paulo.	1975-1976
À Guisa de Despedida	1976
Fui um dos Setenta	1977
Lista das instituições, associações, institutos, prêmios, hospitais etc. em que atuou Eurico Branco Ribeiro	
Fundador da Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa	
Fundador da Sociedade Médica São Lucas	
Fundador da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (atual Sobrames)	
Membro da Associação Médico-Espírita (AME)	
Membro da Associação Paulista de Medicina	
Presidente da Academia de Medicina de São Paulo	
Presidente da Seção Brasileira do Colégio Internacional de Cirurgiões	
Sócio do Instituto Nacional de Geografia	
Membro da Academia Paulista de Letras	
Diretor dos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia por 45 anos	
Comendador da Ordem do Mérito Médico do Governo Brasileiro	
Cidadão Honorário de Curitiba	
Prefeito Honorário de San Antonio, Texas (USA) – Rotary Club	
Membro Honorário da União Mundial de Escritores Médicos	
Patrono do Centro Médico de Ponta Grossa	
Diretor da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo por 27 anos	
Membro da Associação Médica Mundial	
Sócio da Sociedade Europeia de Gastroenterologia	
Membro da Sociedade Interamericana de Gastroenterologia	
Membro do Colégio Internacional de Cirurgiões	
Sócio da Sociedade Internacional de Cirurgia	
Um dos fundadores do Partido da Mocidade	
Presidente do Club 21 Irmãos Amigos, de São Paulo	

Prestou serviços médicos a Caixa de Pensões e Aposentadoria dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos
Prestou serviços médicos à Sociedade Beneficente dos Chuafteurs do Estado de São Paulo
Sociedade Paulista de História da Medicina
Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense
Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
Redator da Revista da Associação Médica Brasileira
Sócio honorário da Sociedade dos Cirurgiões do Hospital Santiago
Sócio da Academia Brasileira de Medicina Militar
Sócio da Sociedade de Cirurgia de Madrid
Sócio da Sociedade de Medicina de Uberaba
Sócio da Sociedade de Gastroenterologia do Uruguai
Sócio correspondente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre
Sócio correspondente da Sociedade de Cirurgia do Chile
Sócio correspondente da Associação Médica da Argentina
Sócio correspondente da Sociedade Venezuelana de Cirurgia
Sócio correspondente da Associação Espanhola de Cirurgia
Sócio correspondente da Sociedade de Medicina da Santa Casa do Rio de Janeiro
Sócio correspondente da Sociedade de Ginecologia da Bahia
Sócio correspondente da Academia Peruana de Cirurgia
Sócio correspondente da Academia Paranaense de Letras
Sócio correspondente da Sociedade Paulista de Escritores Médicos
Sócio correspondente da Sociedade de Estudos Bandeirantes de Curitiba
Mestre do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões
Membro da Associação Cavaleiros de São Paulo
Membro honorário da União Mundial dos Escritores Médicos
Medalha do Mérito literário do Pen Club de São Paulo do qual foi um dos fundadores
Medalha Imperatriz Leopoldina, do IHGSP
Medalha Marechal Rondon, da Sociedade de Geografia Brasileira

ANEXO 1 – CAPÍTULO 3

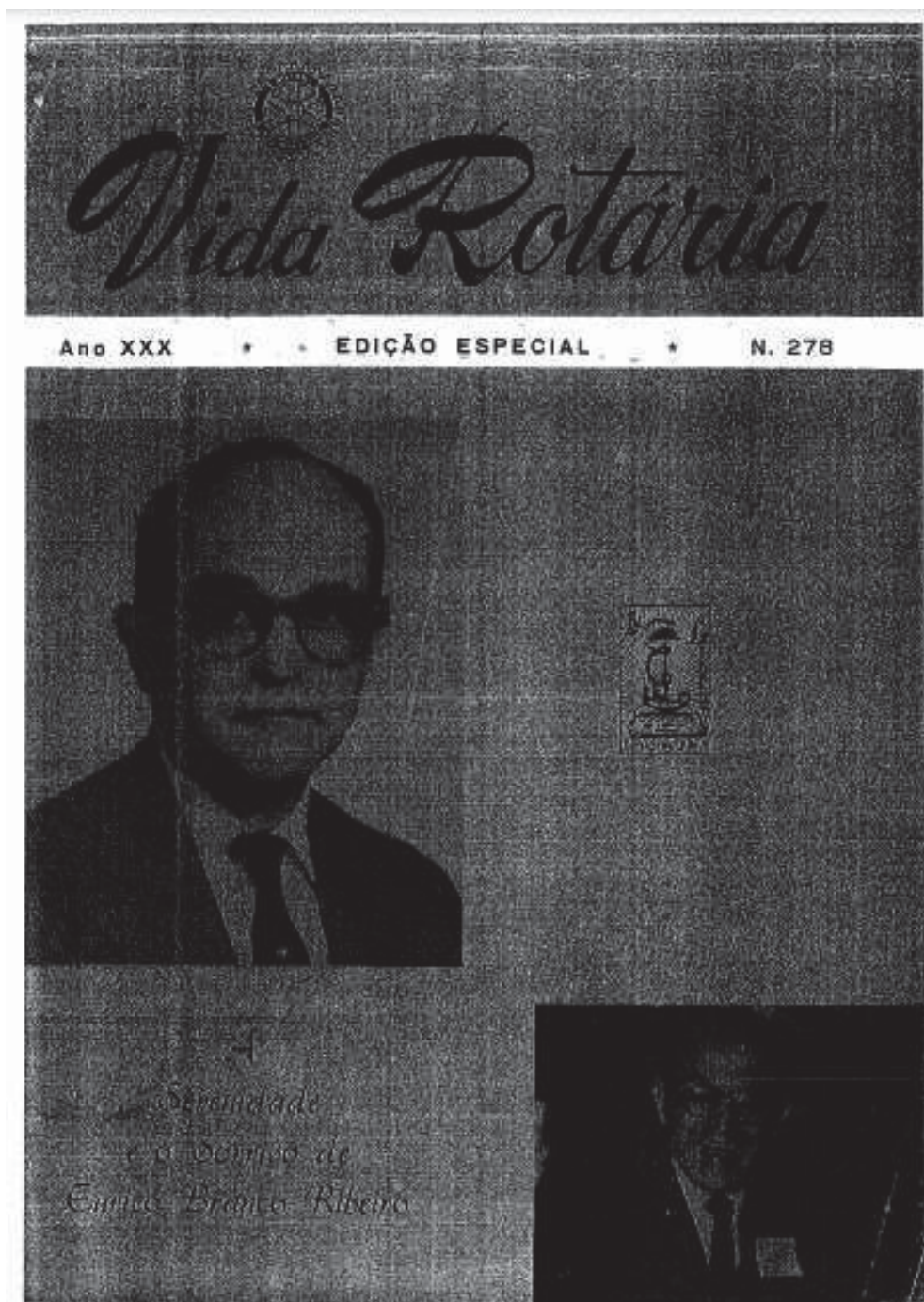
LIVRO

RIBEIRO, Eurico Branco. **Pelas Avenidas do Rotary**. São Paulo Editora S. A.: São Paulo, Brasil. 1961. Centro de Documentação da Fundação de Rotarianos de São Paulo.



REVISTAS

VIDA ROTÁRIA. São Paulo: Fundação de Rotarianos de São Paulo, ano XXX, n 278, 1978. Edição especial. Centro de Documentação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, São Paulo.

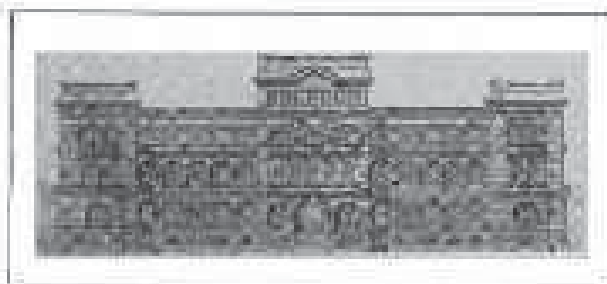


EDITORES, O. (1916). Centro Acadêmico Oswaldo Cruz: histórico. **Revista de Medicina**, v. 1, n. 1, p. 5-9. Acervo Online Revista de Medicina da Universidade de São Paulo.

N. 1 55 S. Paulo, julho de 1916 77 Vol. I

Revista de Medicina

Orgão do Centro Acadêmico
"Oswaldo Cruz"
do Facultade de Medicina e
Ciências de S. Paulo.



COMISSÃO DO JORNAL

Presidente: Dr. João de Sousa Mendes
Procurador: Dr. João de Sousa Mendes
Procurador adjunto: Dr. João de Sousa Mendes
Procurador adjunto: Dr. João de Sousa Mendes
Procurador adjunto: Dr. João de Sousa Mendes
Procurador adjunto: Dr. João de Sousa Mendes

Revista de Medicina

PUBLICAÇÃO DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"
DA FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO - BRASIL
EDITORES: PROF. RUBENS MEIRA - EDITOR: EUGENIO BRANCO RIBEIRO

ANNO XI 2º. TRIMESTRE DE 1927 Nº. 47

CHRONICA

Os jornais passaram em pouco, ultimamente, de magníficos resultados de uma demonstração feita pela Cruz Vermelha da Bélgica. A benemérita associação quis provar à Europa que os "centros de saúde" instituídos pela Cruz Vermelha Norte-Americana simbolizavam perfeitamente a aparelhagem de todo um serviço público de Higiene. E, para fazê-lo, escolheu o pequeno núcleo industrial de Juncos, abrangendo uma população de cerca de 30.000 habitantes, onde montou um "centro de saúde" de acordo com a orientação americana. O programa consistiu na instalação de um posto central com: um serviço de enfermeiras visitadoras; um consultório para as febre tifóide e outro para o estudo de 3 a 6 outras doenças: sífilis anti-tuberculosa, anti-venérea e de higiene mental; um serviço de higiene dentária; um serviço de exame médico preventivo; e educação sanitária da população. Começando a funcionar em outubro de 1925 já no ano passado os resultados colhidos eram de molde a consagrar uma semelhante organização de assistência sanitária. As seguintes palavras de Elmer Mathieu, professor da Universidade de Liège e ex-ministro de Higiene, dão-nos conta disso:

EDITORES. Chronica. **Revista De Medicina**, v. 12, n. 48, p. 239-241, 1927.
Acervo Online Revista de Medicina da Universidade de São Paulo.

Revista de Medicina

PUBLICAÇÃO DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"
DA FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO - BRASIL
EDITORES: PROF. RUBENS MEIRA - EDITOR: EUGENIO BRANCO RIBEIRO

ANNO XII 3º. TRIMESTRE DE 1927 Nº. 48

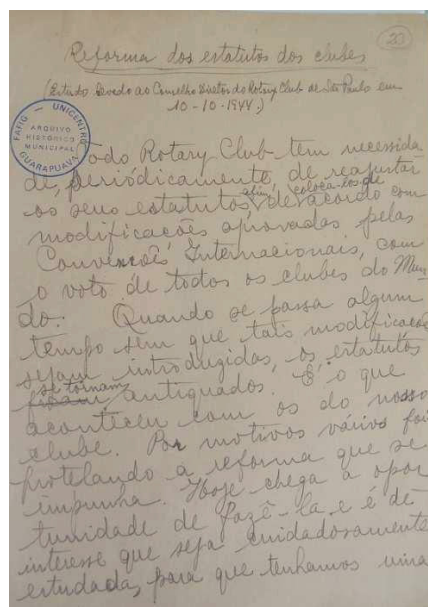
CHRONICA

Os factos se desenvolvem, dia a dia, para afirmar esta grande verdade de que todos os tempos: São Paulo está se tornando um grande centro científico. O nosso pensar pelas sciencias, especialmente as que se referem sob o domínio da Medicina, tem tomado extraordinário incremento nestes últimos três annos, crescendo numa progressão firme e segura, capaz apenas dos realidades de convergência como a dos "bandeirantes".

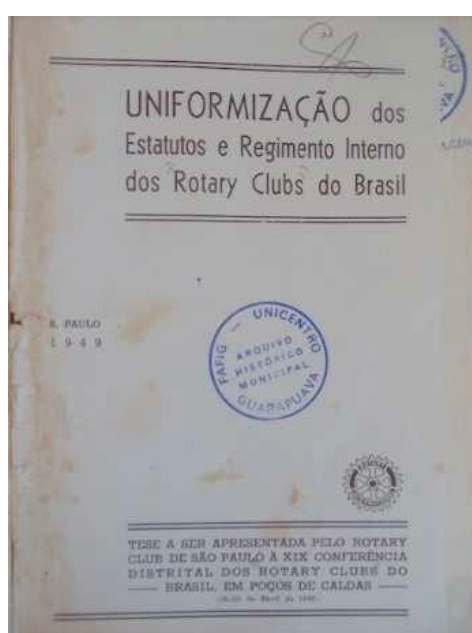
Essa actividade em geral do desenvolvimento da nossa mente científica decorre, em boa parte, do apoio que já agora o governo vem satisfactoriamente amparando a iniciativa e premiando o esforço daquelles que, entre nós, se voltam aos estudos medicos. Sempre tivemos scintillas; os meios de fazer sciencia, porém, é que eram deficientes. De facto, nunca nos faltou esse génio inspirador das grandes conquistas no terreno internacional da Medicina; se, contudo, não muita numerosa têm sido as victorias, certo que isso se deve pela insufficiencia ou mesmo pela privação de elementos de exercicio e nunca pela carencia de boa generacao, tanto que, pela força da sua individualidade, alguns puderam vencer os estorvos do ambiente e enfileirar-se ao lado dos maiores da sciencia.

DOCUMENTOS E PUBLICAÇÕES INSTITUCIONAIS ROTARY CLUB

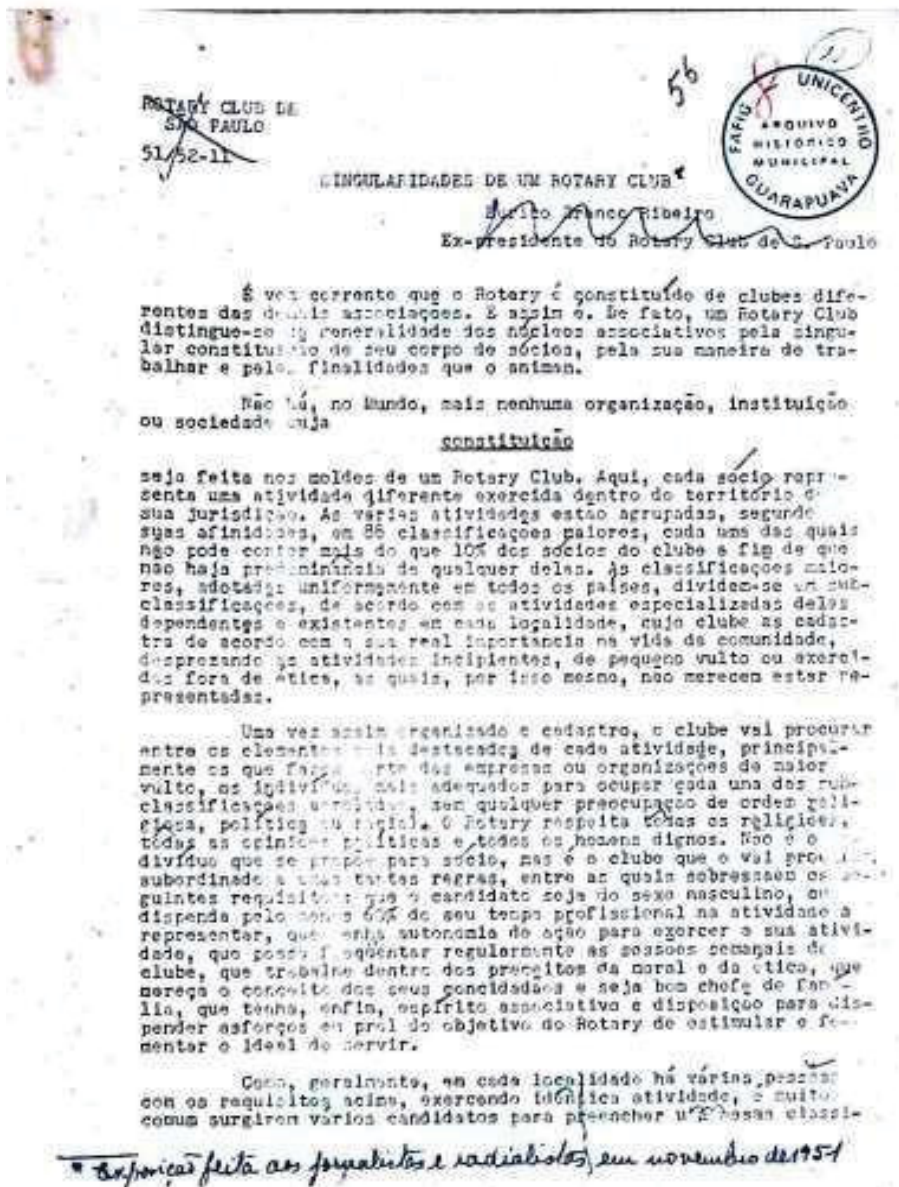
RIBEIRO, Eurico. **Reforma dos estatutos dos clubes.** Estudo levado ao Conselho Diretor do Rotary Club de São Paulo em 10 de outubro de 1944. [Manuscrito]. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



RIBEIRO, Eurico. **Uniformização dos Estatutos e Regimento Interno dos Rotary Clubs do Brasil.** São Paulo, 1949. p. 1-41. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



RIBEIRO, Eurico. **Exposição feita aos formalistas e radialistas em novembro de 1951.** p. 1-3. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



RIBEIRO, Eurico. **O Conceito de frequência no Rotary** – Palestra de Eurico Branco Ribeiro, do R. C. de São Paulo p. 3-5. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO
FOLHIM SEMANAL
310 ROTARIOS
Rio de Janeiro de 1942
NÚMERO 12

Noticia da Sessão realizada em 28 de Agosto de 1942

Uma oportunidade ímpar para todos os membros do Rotary Club do Rio de Janeiro, que se realizou no dia 28 de Agosto de 1942, para ouvir a palestra de Eurico Branco Ribeiro, do Rotary Club de São Paulo, sobre o tema "O Conceito de Frequência no Rotary".

O Sr. Ribeiro, que é um dos mais importantes líderes do Rotary no Brasil, falou sobre a importância da frequência nas reuniões do clube, e sobre a necessidade de cada membro estar presente nas reuniões para que o clube possa cumprir com suas obrigações e realizar suas atividades.

Após a palestra, o Sr. Ribeiro fez uma pergunta ao público: "Quem está aqui hoje?". E a resposta foi: "Todos".

O Sr. Ribeiro agradeceu a todos os presentes e encerrou a sessão com uma oração.

Cartão de E. Branco Ribeiro
E. Branco Ribeiro, do Rotary Club de São Paulo, falando na sessão de 28 de Agosto de 1942.

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO
3

O Conceito de Frequência no Rotary

Palestra de EURICO BRANCO RIBEIRO, do R. C. de São Paulo

Ao estudar as atividades que tinha de trazer ao Rotary Club do Rio de Janeiro durante o período social de 1942-1943, a sua Comissão de Ação Rotária entendeu de colocar no programa das reuniões uma palestra sobre "frequência", com o fim de chamar a atenção para esse ponto capital da vida de um clube, no propósito de elevar o nível baixo da percentagem registrada nos últimos meses. Essa percentagem, que se avizinha dos 60%, dá a ideia de que o clube atravessa uma fase difícil da sua existência, em virtude do

portugueses pretendem que, em todos os deveres que incumbem aos brasileiros, tenham parte em absoluto, com a melhor boa vontade deles, e, mais ainda, só reconhecem para os mandar, para os guiar, o governo do Dr. Getúlio Vargas".

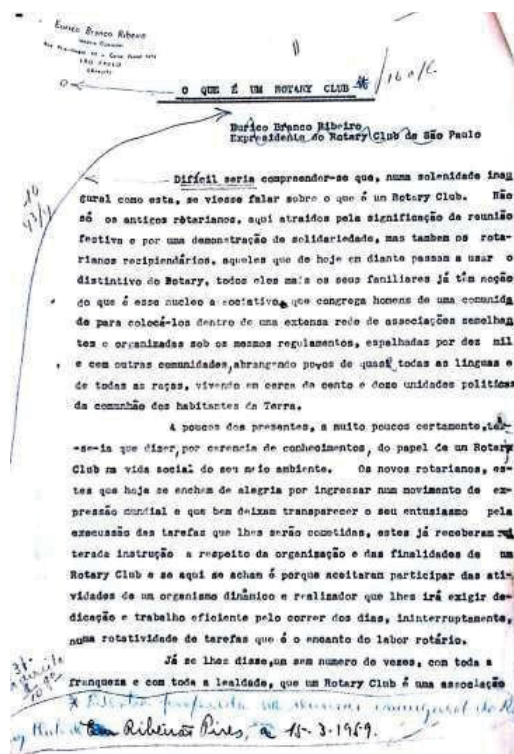
Seguiu-se com a palavra Carlos Luz, que assim falou:

"Meus companheiros:
Recebi desvanecido a indicação do nosso Presidente para coordenar os trabalhos da Comissão ora instituída, no intuito de recolher as contribuições espontâneas dos nossos companheiros e participar da campanha mais alta no momento; a Defesa do Nosso Brasil.

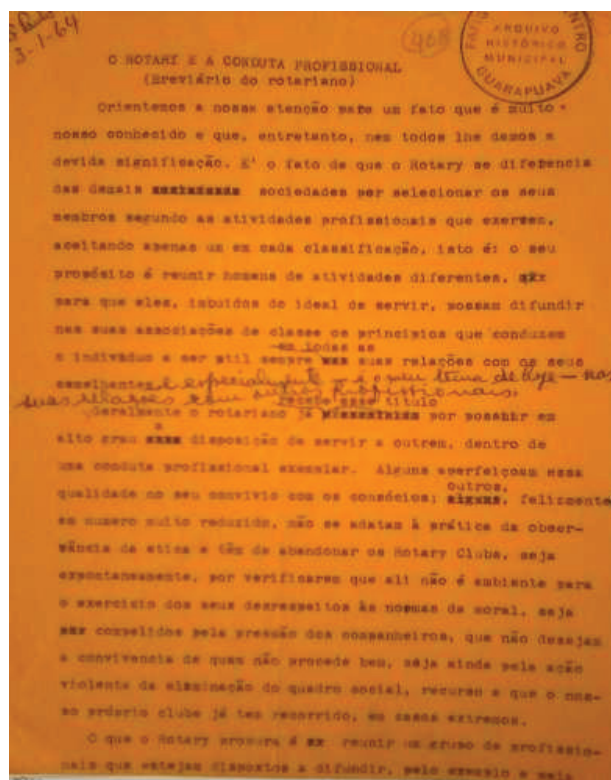
Não fugiria a nenhuma atribuição que me fosse cometida pelo nosso companheiro Cavalcanti, muito menos fugiria desta, quaisquer que sejam os trabalhos, pois, além da presidência da Comissão, eu quero empregar

Disse Paulo Martins:

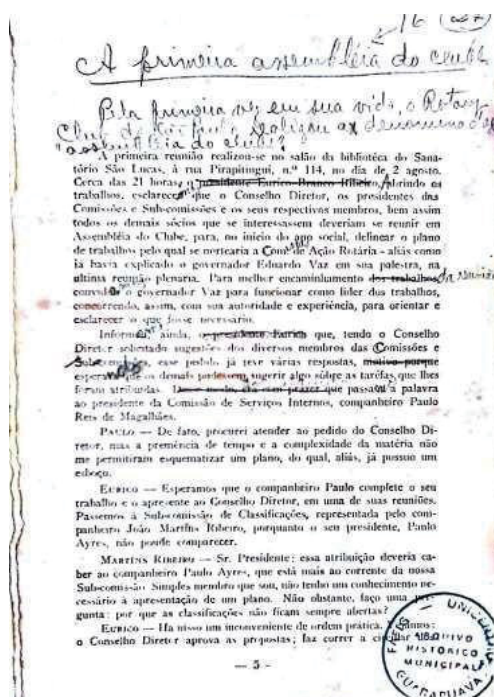
RIBEIRO, Eurico. **O que é um Rotary Club.** Palestra em Ribeirão Pires, a 15 de março de 1959. Texto publicado em Pelas Avenidas do Rotary 1961. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



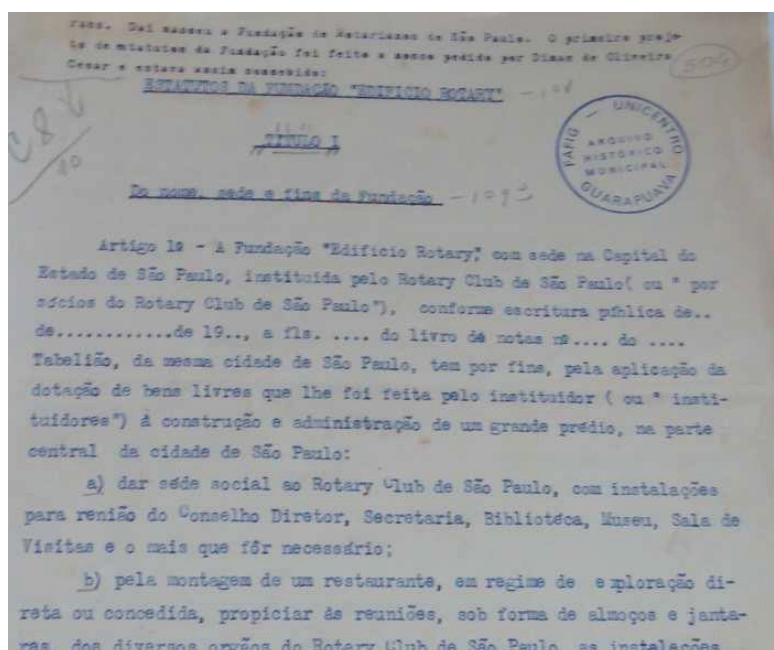
RIBEIRO, Eurico. **O Rotary e a conduta profissional.** São Paulo, 03 de janeiro de 1964. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



EDITORES. **A primeira assembleia do Club.** s/d. p. 1-13. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



EDITORES. **Estatutos da Fundação "Edifício Rotary".** p. 1-4. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



EDITORES. **Serviços à comunidade.** São Paulo, Ipiranga em 8-6-1959. p. 1-5.
CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

A MELHORIA DA COMUNIDADE

Dr. Eurico Brande Ribeiro
Presidente do Rotary Club de São Paulo

De todas as verdades do caminho rotário, a mais trilhada é, sem dúvida, a dos Serviços à Comunidade. ^{Realmente,} natural que o rotariano pense, primariamente, na sua própria organização estrutural, procurando conhecer bem a divisão de sua máquina administrativa e as funções de cada peça, para que não estorve. ^{mas} tes facilite o desenvolvimento dos trabalhos que a instituição se propõe fazer. ^{Na prática,} Atrai-o, desde o início de sua filiação a um clube, o característico principal do Rotary, que é congregar um indivíduo de cada ocupação no propósito de realmente representar as atividades mais importantes do ambiente em que foi constituído. Espolga-o, ^{na prática,} também, e desde o início, a finalidade mais alta da instituição, que é promover o bom entendimento, a cooperação e a paz entre os povos e as nações. Mas onde o rotariano mais de perto sente o valor e a significação do seu clube é justamente na aquela verdade que se convencionou chamar de avenida dos Serviços à Comunidade. Quando a percorre - e tem frequentemente oportunidades de fazê-lo - ele vai observando a soma incalculável de benefícios já prestados, vai vislumbrando outras tantas ocasiões de regular cometimentos tais ao bem estar social, vai tomando cada vez maior amor pela instituição, pois que cada tarefa executada e da qual participou é mais um liame que o prende, é mais uma aproximação e melhor conhecimento dos companheiros de ideal, é mais um reforçamento de velhas amizades ou a conquista de novos amigos.

*Eu fiz o Rotary Club
São Paulo Ipiranga em 8-6-1959*

ANEXO 2 - CAPÍTULO 4

LIVRO

RIBEIRO, Eurico. Rotary para mim é... Editora Anchieta Ltda: São Paulo, 1942.



JORNALS

Encerrado o Congresso de Gastreenterologia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, sexta-feira, 23 de julho de 1954. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

VIDA MEDICA

ENCERRADO O GONGRESSO DE GASTREENTEROLOGIA

Apreciação geral — Os temas ontem debatidos — Conferencia do prof. Kalk sobre o "Ringwall" — Causas da ulcera do estomago e do duodeno — Tratamento clinico e cirurgico — A sessao de encerramento

DURANTE uma semana estiveram reunidos em nossa Capital especialistas em gastreenterologia, discutindo o problema da ulcera peptica, um dos mais importantes temas da moderna medicina. As conclusões mais importantes do IV Congresso Pan-Americano de Gastreenterologia, ontem terminadas, são as seguintes:

1 — A ulcera do estomago e do duodeno, é uma doença que tem como causa muitos fatores. Resulta, entre eles o fator nervoso, inter-relacionado no tecido simples da cárdica diversa, de origem peptica e nervosa, propriamente dita. A complexidade da vida de hoje acarreta numerosas condições de conflito com o ambiente em que vivemos. Surgem, conseqüentemente, estados de excitação, de angústia, de estímulos de luta, que agem sobre o sistema nervoso. Este por sua vez, quer por via nervosa, quer por via hormonal (hormônios da hipófise e das suprarrenais) excita a produção do ácido clorídrico pelo estomago, além de produzir excitação motora e congestão do órgão. O resultado final é inflamação e formação de ulcera peptica.

Firmes, portanto, no IV Congresso a ideia de que a ulcera não é doença local do estomago e do duodeno, mas doença aí localizada por fatores que agem de diferentes pontos.

2 — Sob o aspecto do tratamento, ressalta a importância que os diferentes conferencistas conferiram ao tratamento médico bem orientado pelo clínico e bem executado pelo paciente. Nesse trata-

ma, sobre a necessidade da intervenção cirurgica, porque, repetidas vezes, toda a sua fisiopatologia desaparece.

A evolução especial do "Ringwall"-Carcinoma e a sua fisiopatologia semelhante à de ulcera explicase pelo fato que se trata de uma combinação de ulcera e de carcinoma. O carcinoma primario é continuamente lesado pelo ácido clorídrico e pelos fermentos da estomago, após essa observada especialmente no centro, no momento quando o carcinoma proliferou de tal forma que não recebe mais irrigação sanguínea satisfatória. De fato, em exames histológicos de "Ringwall"-Carcinoma, encontram-se os sinais típicos de cauterização e lesão da superfície da ulcera no fundo da cratera, como são observados na ulcera genuína. Ao lado disso, encontram-se ainda tecidos carcinomatosos localizados nas margens.

E' muito importante reconhecer precocemente esta forma de carcinoma, porque ele evolui muito lentamente e muito tardiamente ocorrem metástases. A intervenção cirurgica, realizada precocemente, permite um bom prognóstico contrario ao da ulcera de degeneração maligna onde se observam as metástases já muito precocemente.

No exame radiológico, o "Ringwall"-Carcinoma revela-se por um nicho, ou melhor, por uma cratera, cercada por uma rígida zona clara, em cujas margens as dobras da mucosa se quebram bruscamente. "Síndrome de "Pneumático de Balão" de Knodler. A convergência das dobras da mucosa em direção ao nicho, como pode ser observada nas ulceras — pelo menos em alguns estadios — falta no "Ringwall"-Carcinoma. Pelo ato de compressão este característico rígido, com a margem bem delimitada, chama especialmente a atenção. Em estudos anatômicos observamos ainda, ao lado do "Ringwall", irregularidades de enchimento, além de irregularidades no fundo da cratera. Esta cratera localizada na maioria dos casos, no angulo e no antro do estomago.

E' de máxima importância recorrer à gastroscopia para fazer o diagnóstico diferencial com ulceras e outras formas de carcinomas. No exame gastroscópico reconhece-se não somente a margem rígida, branca, semelhante à encontrada em tumores, mas também as saliências rígidas dentro e ao lado das margens, além de irregularidades polipiformes no fundo da cratera. A convergência radial das dobras da mucosa, que se observa nas ulceras genuínas quando começam a retroceder, falta no "Ringwall"-Carcinoma.

Em todo caso, recomenda-se realizar o estudo de prova por intermédio da gastroscopia e fazê-la nos lugares onde se suspeita de tumor. E' difícil convencer os pacientes, portadores de "Ringwall"-Carcinoma, a fazer a gastroscopia, pois eles temem a intervenção cirurgica, porque, repetidas vezes, toda a sua fisiopatologia desaparece.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A's 18 horas, no Teatro da Faculdade de Medicina, realizou-se a sessão de encerramento. A solenidade foi presidida pelo prof. Benedito Montenegro, assemelhando-se à mesa o prof. Mario Duguid, presi-

dente da Federação Brasileira de Gastreenterologia; prof. Felício Claira do Prado, secretário-geral do Congresso; prof. Norberto Stapher, secretário da Associação Interamericana de Gastreenterologia; prof. Geraldo Siffert de Paula e Silva, secretário do Congresso e dr. Eurico Branco Ribeiro, presidente da Academia de Medicina de S. Paulo.

Iniciando os trabalhos, o prof. Mario Duguid, novo presidente da Federação Brasileira de Gastreenterologia, agradeceu a participação dos congressistas nacionais e estrangeiros, salientando o fato de estarem representados no certame 11 países da America e 3 da Europa.

O prof. Stapher comunicou aos presentes as principais conclusões da Assembléia da Associação Interamericana de Gastreenterologia: restrição do prof. Benedito Montenegro para o cargo de presidente, notícia que foi recebida com uma salva de palmas; escolha da cidade de Havana para sede do proximo congresso; filiação à Federação Mundial de Gastreenterologia. O dr. Eurico Branco Ribeiro conferiu, em seguida, e todos os relatórios estrangeiros, o título de socio correspondente da Academia de Medicina de São Paulo.

Falaram em seguida representantes dos diversos países participantes do congresso. A. finalizando, o prof. Montenegro salientou a importância de concluir para o tratamento dos laços de amizade entre os diversos componentes da Associação Interamericana de Gastreenterologia.

XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil. Sua instalação solene, hoje, nesta capital – programa geral do certame – chegada do representante do Rotary Internacional – Declarações se s.s. – Outras delegações que encontram em São Paulo. In: **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 de março de 1946. Notícias Diversas. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.

O ESTADO DE S. PAULO – TERÇA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1946

NOTÍCIAS DIVERSAS

XVII CONFERENCIA DISTRITAL DOS ROTARIS CLUBES DO BRASIL

Sua instalação solene, hoje, nesta Capital — Programa geral do certame — Chegada do representante do Rotari Internacional — Declarações de s. s. — Outras delegações que se encontram em São Paulo

Instala-se hoje nesta Capital a XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, servando que haverá em São Paulo algumas sessões de rotarianos, provenientes de todos os pontos da paisagem da representação do Rotary Clubs Internacional.

Os trabalhos desta Conferência, que se prolongarão até o próximo domingo, obedecem ao seguinte programa geral:

Hoje, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, no Teatro Municipal, inscrições e apresentação da cerimoniosa. Às 17 horas, reunião de honrarias de caráter intimista, para apresentação, CMA no Estado Municipal.

Às 18 horas, no Teatro Municipal, com a presença de sr. Abraão Ribeiro, prefeito municipal, secretário de Estado, presidente do Conselho Administrativo, presidente do Tribunal de Justiça e demais autoridades, instalação solene da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil.

A reunião será presidida pelo governador do Distrito 20 do Rotary Clubs, dr. Eduardo Vaz, que fará discurso. A seguir, o dr. Abraão Ribeiro fará, entregando as chaves da cidade em rotarianos do Brasil, as boas vindas sendo feitas pelo presidente do Rotary Clubs do São Paulo, dr. Eurico Resende Ribeiro. Encerrará a sessão o discurso do representante do Rotary Clubs Internacional, engenheiro Pedro Mesquita Leão, que fará o relatório de propostas do Rotary.

Logo depois, o corpo de baile do Teatro Municipal faz uma exibição de balé, oferecida pelo Departamento de Cultura.

Amassã, às 9 horas — 1.ª sessão

corador. Às 14 horas e meia, discurso sobre assuntos a serem discutidos na próxima Conferência Internacional. Às 15 horas e meia, inauguração solene das rotarianas. Enredo da cidade sede da próxima Conferência. Às 20 horas, reunião-jantar do Rotary Clubs do São Paulo, no Estado do Pacífico. Abertura pelo presidente do Rotary Clubs do S. Paulo. Palavras de despedida por elemento de um dos clubes, (Tijão de pampo). Rotari Jullier e sr. José Carlos de Almeida Soares, interventor federal, e Abraão Ribeiro, prefeito municipal, recebem a visita de outros honorários da entidade.

Sábado, às 9 horas, plantio de Árvore do Amizade no Parque da Giranga. Visita ao Museu de Iguatema. Às 12 horas, almoço campestre, servido em Iguatema pela Auto Rotária S. A. Às 14 horas, 6.ª sessão plenária. Terça Municipal. Abertura pelo presidente da Conferência. Comunicações e programas do dia pelo secretário. Às 14 e 15 sessões de movimento rotário do Distrito 20, do governador. Às 14 horas e meia, leitura e discussão de pareceres e conclusões. Os trabalhos apresentados. Discussão e votação de propostas, moções e resoluções. Às 18 horas e meia, encerramento dos trabalhos da Conferência. Às 19 horas, jantar do representante do Rotary Internacional com os governadores e presidentes de clube (atuais e antigos). Às 23 horas, baile no Estado Municipal. (Tijão de pampo ou sauto).

Domingo, visita a Campinas, São Carlos, Jaquei Clube ou Clube de Carvalhos.

CHEGADA DO REPRESENTANTE DO ROTARY INTERNACIONAL

Programa Geral da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil.
 Rotary Club de São Paulo. 19 a 23 de março de 1946. CEDOC/G-UNICENTRO
 / Arquivo Municipal de Guarapuava.

PROGRAMA GERAL DA XVII CONFERÊNCIA DISTITAL DOS ROTARY CLUBS DO BRASIL		
Dia 19 (terça-feira) 9,00 às 12,00 - Inscrições e apresentação de credenciais. Local: Teat. Municipal. 14,00 às 17,00 - Reunião de companheirismo, de carácter íntimo, para apresentação, no Estádio Municipal. 21,00 - Sessão solene de instalação no Teatro Municipal, com exibição do Ballet pelo corpo de danças do Departamento de Cultura, (traje de passeio). Dia 20 (quarta-feira) 9,00 - 1ª sessão plenária. Teatro Municipal. Abertura pelo Presidente da Conferência, assentando a orientação dos trabalhos e fazendo síntese do movimento rotário do Distrito 28. 9,15 - Comunicações do Secretário da Conferência. Designação das Comissões de Pareceres, Resoluções e Eleições. Programa do dia. 9,30 às 10,00 - Leitura e debate da tese do Distrito 26, "Aproveitamento das terras incultas - Localização e fixação do homem na Amazônia - Sindicalização dos trabalhadores na indústria extrativa". Relator: R. C. de Manaus. 10,30 às 11,30 - Leitura e debate da tese do Distrito 27, "Bem		
Presidente da Conferência Comunicações e programa do dia pelo Secretário. 9,15 - Síntese do movimento rotário do Distrito 27, pelo seu Governador. 9,30 às 10,30 - Leitura e debate da tese do Distrito 41, "Como poderíamos promover as relações internacionais em nossos clubes". Relator: R. C. de Pocos de Caldas. 10,30 às 11,30 - Leitura e debate da tese do Distrito 43, "Bem formar o Mundo, bem formando o Homem. Aspecto internacional". Relator: R. C. da Bahia. Almoço livre. 14,00 - 4ª sessão plenária. Teatro Municipal. Abertura pelo Presidente da Conferência. Comunicações. 14,15 - Síntese do movimento rotário do Distrito 29, pelo Governador. 14,30 às 16,30 - Leitura e debate de teses extras: "Redistribuição", R. C. de Uberlândia e "Como os Rotary Clubs podem servir à causa da Instrução Primária", R. C. de Aracatuba. Relatório da revista "Rotary Brasileiro". 17,30 - Recepção nas diversas Associações de classe.		
12,00 - Almoço campestre, oferecido em Interlagos pela Auto Estrada S. A. 14,00 - 6ª sessão plenária. Teatro Municipal. Abertura pelo Presidente da Conferência. Comunicações e Programa do dia pelo Secretário. 14,15 - Síntese do movimento rotário do Distrito 41, pelo Governador. 14,30 às 16,30 - Leitura e discussão de pareceres e conclusões dos trabalhos apresentados. Discussão e votação de propostas, moções e resoluções. 16,30 - Encerramento dos trabalhos da Conferência. 19,00 - Jantar do representante do Rotary International com os governadores e presidentes de clubes (atuais e eleitos). 23,00 - Baile no Estádio Municipal (Traje de rigor ou escuro). Dia 24 (domingo) Visitas a Campinas, Santos, Jockey Club ou Chacara Caravelhas.		
Amigos secretários de Clube! Pede-nos o companheiro Eutrio Branco Ribeiro, conselheiro da "Revista Rotária", para lembrar aos secretários dos Clubes que ele necessita de ter em mãos, com a maior urgência, os dados relativos ao número de assinaturas daquela revista tomadas para instituições e pessoas es-		

XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubes do Brasil. Os trabalhos de ontem. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 de março de 1946. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



Marcado para amanhã o encerramento do certâmen – Jantar de mais de mil talheres no Estado do Pacaembu – Plantio da árvore da amizade – o baile de gala de amanhã. XVII Conferência Distrital dos Rotary-Clubes do Brasil. **Diário Popular**, São Paulo, 22 de março de 1946. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



A mesa diretora dos trabalhos na primeira sessão da plenária. Debates em torno da tese referente à publicidade do Rotary. **Folha da Manhã**, São Paulo, sexta-feira 22 de março de 1946. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



4 mais diretores dos trabalhos, na primeira sessão plenária da entidade.

PUBLICAÇÕES OFICIAIS DO ROTARY CLUB

Diário da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, São Paulo, 20 de março de 1946, n. 2, p. 1-2. CEDOC/G-UNICENTRO / Arquivo Municipal de Guarapuava.



DIÁRIO

da
**XVII Conferência Distrital dos
Rotary Clubs do Brasil**

São Paulo, 20 de Março de 1946 N.º 2

O REPRESENTANTE DO ROTARY INTERNATIONAL

Foi com grande satisfação que recebemos a notícia da designação de representante Uruguaio D. Pedro Menéndez Lees para representante do Rotary International em nossa XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil. Já o conhecemos através do seu longo e intenso trabalho rotário e da sua vasta publicação de serviços ao seu país.

Menéndez Lees ocupa atualmente o alto cargo de presidente da Comissão de Extensão Rotária de Ibero América — região sul — e a sua atividade nesse posto tem sido um verdadeiro exemplo de dedicação e compreensão dos deveres inerentes a uma função rotária.

Ele foi presidente do Rotary Club de Montevideo e governador do Distrito II no exercício de 1944 - 1945. É professor de Agricultura Industrial da Universidade de Montevideo e diretor da sua estação experimental.

Foi vice-presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Uruguai.

É atualmente vice-presidente da União Cultural Uruguaio-Estados Unidos.

D. Pedro Menéndez Lees já esteve em S. Paulo, acerca de dez anos, percorrendo a nossa cidade durante um dia nublado e chuvoso. Desta vez, recebendo-o em caráter oficial de representante.



Comissões de Pareceres e Resoluções

De acordo com os artigos 5 e 6 do Regimento Interno das Conferências Distritais dos Rotary Clubs do Brasil, a Comissão Executiva cabe eleger as Comissões de Pareceres e a Comissão de Resoluções, antes da 1ª sessão plenária.

Foram escolhidos os seguintes companheiros:

Carlos Ribeiro (presidente), Almeida Barbosa, Walter Koch, Hermano Machado, A. B. Cavalcanti, Ciro Lustosa, Gerson Mendonça, Cleo C. Mendes, Arnaldo Figueiredo, Nascimento Brito, Aurino Quintais, Almir Masciel, David Carneiro e Epilogo de Campos, ficando a designação das tarefas a cargo do Presidente.

Artigo 7 — As Comissões de Pareceres serão remetidas as teses, moções e demais trabalhos apresentados à Conferência, de acordo com os assuntos explanados, afim de que sobre eles emitam os seus pareceres.

§ 1. — Nenhuma proposta ou moção poderá ser feita em plenário fora da hora fixada no programa e sua inclusão nos Anais dependerá da Comissão de Pareceres respectiva.

§ 2. — Os pareceres referentes às teses e demais trabalhos apresentados

O programa de domingo. **Diário da XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil**, São Paulo, 21 de março de 1946, n.3. CEDOC/G-UNICENTRO/ Arquivo Municipal de Guarapuava.



DIÁRIO

da
**XVII Conferência Distrital dos
Rotary Clubs do Brasil**

São Paulo, 21 de Março de 1946 N.º 3

O programa de domingo

Temos que organizar com bastante antecedência o programa de domingo próximo, dia 24.

A subcomissão de Festejos resolveu apresentar quatro sugestões.

Para aqueles que vivem nas praias e desconhecem o que é uma fazenda de café, sugere uma visita a Campinas.

Para aqueles que vêm do interior e preferem um passeio às praias de

senhoras, filhos e convidados já devidamente inscritos na Conferência.

Hoje vocês todos encontrarão no saguão do Teatro Municipal as listas de adesão, que já correram ontem entre vários grupos de rotarianos.

As inscrições estarão encerradas às 17 horas de hoje.

Os rotarianos dificilmente encontrarão condução, se não forem inscritos previamente.

O Uruguai está na ponteira!

Durante as nossas Conferências Distritais, tivemos a satisfação de hospedar rotarianos de várias nacionalidades, que compareceram em caráter oficial de representante do Rotary International.

Esses destacados companheiros eram das seguintes nacionalidades:

Uruguaio	7 vezes
Brasileiro	5 vezes
Argentino	2 vezes

Presidente da Conferência